

AUTORA *BESTSELLER* DO
WALL STREET JOURNAL E DO *USA TODAY*

PAMELA KELLEY

O hotel

DEIXE TUDO PARA TRÁS
E FAÇA *CHECK-IN* NUM
CENÁRIO DE SONHO



BERTRAND EDITORA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTORA BESTSELLER DO
WALL STREET JOURNAL E DO USA TODAY

PAMELA
KELLEY

O hotel

DEIXE TUDO PARA TRÁS
E FAÇA CHECK-IN NUM
CENÁRIO DE SONHO



BERTRAND EDITORA

Pamela Kelley é autora *bestseller* do *Wall Street Journal* e do *USA Today*. Escreve sobretudo romances dentro do género da chamada *women's fiction*, sagas familiares com pendor romântico e escapista, por vezes com preciosos, e deliciosos, pormenores gastronómicos. Os leitores descrevem os seus romances como leituras bem-dispostas, recheadas de personagens que gostariam de conhecer na vida real e ter como amigas. Vive numa cidade costeira ao largo de Cape Cod, no estado do Massachusetts, cenário geográfico que serve de pano de fundo a muitos dos seus romances.

Título: O Hotel

Título original: The Hotel

1.ª edição em papel: março de 2023

Autora: Pamela Kelley

Tradução: Ana Mendes Lopes

Revisão: Susana Malagueiro

Design da capa: Ana Monteiro

© Pamela Kelley, 2014

Esta edição é publicada por acordo com Jane Retrosen Agency, LLC, através de Yáñez, parte de International Editors' Co. S.L. Literary Agency

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

editora@bertrand.pt

Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-4538-9

CAPÍTULO 1

— Camarão panado com coco? — O empregado de fraque ofereceu uma travessa prateada com camarões viçosos, ligeiramente envoltos em polme e coco ralado, fritos até assumirem um tom dourado e uma textura estaladiça. Paula nunca dizia que não a camarão panado. Tirou dois e um guardanapo de papel.

— Obrigada, Tony.

O empregado assentiu e dirigiu-se ao hóspede seguinte. Paula comeu os camarões e bebeu um gole de *chardonnay*, enquanto ia observando o ambiente e o hotel em si. Até agora, estava tudo a correr maravilhosamente. As cerca de cento e vinte pessoas convidadas estavam a beber os seus *cocktails* e a mordiscar os *hors d'œuvres* que circulavam nas travessas, antes de serem convidadas a entrar no salão do hotel para o jantar e para a prova de vinhos.

O serão estava a ser perfeito. A noite amena do início de maio era pontuada por uma brisa suave vinda da costa. Se Paula se virasse, ainda conseguia ver o pôr do sol sobre o Porto de Nantucket. Mas a sua atenção concentrava-se nas pessoas que circulavam pelo espaço. Pensou, à semelhança de outras vezes, que os eventos organizados no relvado da frente lhe recordavam o *Grande Gatsby*. Os relvados ondulantes eram tão extensos e verdes. As pessoas presentes no evento estavam vestidas com elegância — as mulheres com vestidos esvoaçantes, os homens com fatos

caros e, ao longe, via-se uma família bem vestida a jogar *croquet*.

Este evento era o mais concorrido de todos os que eram organizados durante o Festival de Vinhos de Nantucket. Os vários jantares e as atividades relacionadas com a vitivinicultura, que ocorriam durante toda a semana, tinham lugar em restaurantes um pouco por toda a cidade de Nantucket. Eram um complemento ao festival de vinhos propriamente dito, que era um evento interessante e no qual as pessoas passavam uma tarde ou um serão a cirandar pelas caves para provarem centenas de vinhos. De todos os jantares com provas de vinhos, o do Hotel Whitley era o mais caro e o que esgotava primeiro.

Paula olhou para as horas no ecrã do telemóvel. Estava à espera de que o avô chegasse. Ofereceu-se para o ir buscar ao aeroporto, mas ele não quis e insistiu para que a neta mandasse um dos motoristas do hotel. Ele sabia que Paula estava muito ocupada com a contabilidade; tinham solicitado a presença de uma espécie de consultor, e o avô pediu-lhe que fosse buscar vários anos de registos financeiros para lhe enviar. Não lhe explicou o que o consultor ia fazer com estas informações, mas isto também já era típico da sua parte. Ela sabia que quando estivesse preparado para o fazer, o avô lhe revelaria os seus planos. Ele sempre tivera queda para o dramatismo. Há cerca de uma hora, enviou-lhe uma mensagem a informar que o voo estava atrasado, e ela voltou a oferecer-se para o ir buscar, mas ele insistiu para que ficasse ali e mantivesse o evento debaixo de olho. Não que fosse uma das suas responsabilidades, não era esse o seu papel no hotel, mas o avô confiava nela para estar presente e ajudar, caso fosse necessário.

Paula percebeu que a empresa de *catering* tinha tudo

controlado. Estava surpreendida por a prima, Andrea, que era a gerente do hotel não estar ali — embora presumisse que fora exatamente por isso que o avô insistira para que ela ficasse. Não percebia bem como, mas o avô sabia sempre tudo o que se passava, mesmo quando não estava presente. Imaginou que Andrea e o avô tivessem estado em contacto ao longo do dia.

Dos muitos primos que tinha, Andrea era aquela de que menos gostava. Era bastante mais assertiva e mandona do que Paula, que tinha uma personalidade mais reservada e se sentia satisfeita com o seu trabalho no escritório do hotel. O escritório de Paula ficava ao lado do do avô e ela encarregava-se de toda a área financeira do hotel. Todavia, como todos os que tinham crescido a trabalhar ali, ao longo dos anos foi fazendo de tudo um pouco, desde limpar os quartos, quando era adolescente, até servir no restaurante e trabalhar na receção, registando a entrada dos hóspedes.

Quando se licenciou em Gestão na Universidade Amherst, passou alguns anos a trabalhar num grande hotel em Boston, no departamento financeiro, antes de regressar a Nantucket. Queria ter começado a trabalhar no hotel da família assim que acabou o curso, mas o avô insistiu em que começasse por trabalhar noutra sítio durante alguns anos e que experienciasse viver em Boston enquanto jovem adulta. Sorriu ao recordar agora como ele se mostrara firme nesta resolução. Paula concordara, mas já naquela altura sabia que acabaria por regressar a Nantucket e ao Whitley. Como podia não regressar?

Agora, era forçada a admitir, como acontecia habitualmente, que o avô tinha razão. Trabalhar num dos hotéis de uma grande cadeia em Boston foi uma boa experiência. À semelhança do Whitley, o hotel onde

trabalhou preocupava-se em oferecer aos seus clientes um serviço superior e de luxo. Aprendeu ali algumas coisas que, mais tarde, vieram a ser implementadas no Whitley. E depois de três anos a viver e a trabalhar em Boston, estava mais do que preparada para regressar a casa.

Boston era uma cidade divertida, mas não era Nantucket. Era difícil explicar a sensação a pessoas que nunca tinham estado em Nantucket, mas Paula soltava sempre um suspiro de alívio quando atravessava o canal de Cape Cod, deixando Boston para trás. Depois voltava a suspirar quando entrava no *ferry* em Hyannis e partia com destino a Nantucket. Ali, o ar parecia mais puro, mais limpo e era simplesmente a sua casa.

A mãe ficara entusiasmadíssima, claro, quando Paula decidiu voltar para casa e trabalhar no Whitley. Os pais também lá trabalharam ao longo dos anos. Inicialmente o pai tratava da gestão e manutenção dos jardins. Foi ali que conheceu a mãe, num certo verão, quando ela estava de férias da faculdade e trabalhava na receção. Para o pai foi amor à primeira vista, mas para a mãe demorou um pouco mais. Porém, quando acabou o curso, já estava loucamente apaixonada por ele e casaram poucos meses depois.

A mãe regressou ao hotel e trabalhou na receção até ter Nick, o primeiro dos três filhos do casal. Paula veio a seguir e por último nasceu Lucy, a bebé da família. Foi nessa altura que o pai deixou toda a gente chocada quando anunciou que ia sair do Whitley e abrir a sua própria empresa de paisagismo. Inicialmente, o avô ficou aborrecido, já que esperava que os seus filhos amassem o hotel tanto quanto ele amava, mas acabou por entender rapidamente que o pai de Paula queria mais da vida. Queria criar o seu próprio negócio. E foi o que fez. A Paisagismo Whitley era a maior fornecedora de relvados de

Nantucket, e o Hotel Whitley um dos seus principais clientes.

Os irmãos de Paula também trabalhavam no hotel. Nick começou como assistente do *chef* Roland, que era chefe de cozinha no hotel desde que Paula era pequena. Era mais ou menos ponto assente que um dia, quando Roland se aposentasse, Nick ficaria com o lugar. Era um rapaz com um talento mágico para a cozinha, e era por isso que Paula não se preocupava minimamente com este evento. Já Lucy era uma outra história. Era uma querida e todos a adoravam, mas parecia ser um pouco aérea e apesar de fazer um trabalho razoável na receção, a receber os hóspedes e a fazer o *check-in*, Paula pressentia que, para a irmã, não passava de um emprego.

Lucy era a artista da família. Gostava de pintar e criar objetos — joias, roupas, copos de vinho pintados à mão e mobiliário de madeira — enfim, as coisas que lhe apetecesse criar. Paula encorajou-a a fazer algo com esta paixão, abrir uma loja virtual no Etsy ou talvez colocar algumas das suas criações nas lojas locais, mas até há pouco tempo, Lucy resistira. Dizia que não estava preparada, que só fazia as suas peças por diversão. Mas Paula tinha a sensação de que a irmã estava a tentar decidir-se a respeito de alguma coisa. E questionava-se se estaria preparada para encarar o seu passatempo como um negócio.

Depois, Paula achou que talvez estivesse a imaginar coisas e a analisá-las em demasia, como era seu hábito, embora o avô o considerasse uma grande virtude. Paula adorava análise, pegar em informações, processá-las e procurar uma solução ou sonhar com as possibilidades. Ao longo dos anos, foi tendo ideias que apresentava com hesitação ao avô, sempre a questionar-se se estaria a

sonhar demasiado alto ou se as suas ideias eram excessivamente tontas e rebuscadas. Mas o avô ouvia-a sempre e considerava as suas sugestões com seriedade. Não as aceitava todas, mas gostava de algumas delas, e ficava sempre muito impressionado quando implementavam alguma e esta se vinha a revelar um sucesso. Por isso, encorajava-a sempre a «continuar a ter ideias».

Por isso, para Paula, este era, de facto, o emprego dos seus sonhos. Gostava de ser invisível, de estar nos bastidores, mas ainda fazer um trabalho que era importante. Apesar de o avô já ter quase oitenta anos, ainda era um homem muito arguto e cheio de energia. Além do Whitley, ainda tinha outros negócios relacionados em Boston e Nova Iorque. Um deles era uma empresa que fazia vestuário especificamente para a indústria hoteleira e outra empresa que alugava estes produtos. Além disso, era proprietário de edifícios de escritórios em Boston e Nova Iorque e tinha muitos arrendatários em ambas as cidades. O avô construíra um grande império, e Paula assumira a função de gestão da contabilidade de todas as empresas. Não fazia a contabilidade diária, mas todos os meses recebia um relatório pormenorizado de cada uma das empresas, e a sua função era analisar e sintetizar os dados para apresentar ao avô.

Ao olhar agora em redor, Paula continuava surpreendida por não ver Andrea no hotel. Normalmente, a prima adorava este tipo de eventos. Adorava conviver com os hóspedes e fazer com que todos soubessem que era uma Whitley e a gerente, que era ela quem mandava. Tratava Paula de uma forma um pouco desdenhosa, como se ela fosse só uma simples contabilista e estivesse muitos degraus abaixo de si. Paula nunca foi pessoa de se impressionar com títulos e nunca aspirou a ter uma posição

como a de Andrea. Era demasiado visível, e ela não ansiava «mandar». Sentia-se muito feliz na sua função. Por isso, questionou-se sobre qual seria o problema de Andrea.

Mas depois pensou que Andrea sempre gostara de implicar com ela. Eram da mesma idade e até podiam ter sido grandes amigas, mas, em vez disso, Andrea conseguia ser um pouco desagradável com a prima. Por motivos que Paula nunca conseguiu entender, Andrea oscilava bastante entre ser uma amiga divertida e ter uns ciúmes tremendos devido a qualquer questão imaginária. Estas oscilações começaram a tornar-se cansativas, por isso, na escola secundária, Paula fartou-se e decidiu afastar-se da prima, à exceção das reuniões familiares, em que não tinha alternativa.

No entanto, Paula admitia que as qualidades mais agressivas de Andrea a ajudavam a ser bastante eficaz enquanto gerente do hotel. Paula mantinha a distância, exceto durante a reunião semanal de direção em que distribuía os dados financeiros a Andrea, Nick e à prima Hallie, que liderava o departamento de vendas. O avô presidia a estas reuniões, e Paula costumava ficar calada a ouvir, enquanto Nick fazia o relatório do restaurante, Hallie falava das novas reuniões e eventos marcados e Andrea fazia uma atualização da receção e das operações em geral.

Paula gostava destas reuniões e era interessante ouvir as perspectivas de todos. O seu relatório consistia maioritariamente na distribuição dos dados financeiros que só ela e o avô entendiam e para os quais Hallie quase nem olhava. Nick não se interessava por números. Hallie gostava de ver o impacto que as vendas tinham no negócio e, por regra, Andrea também não demonstrava muito interesse nas folhas de cálculo, gráficos e relatórios

financeiros que Paula preparava meticulosamente. À semelhança de Nick, a prima parecia aborrecer-se com estes dados.

Mas Andrea gostava de lhes contar acerca dos seus vários sucessos, por muito pequenos que fossem. Paula ouvia-a, mas dava por si frequentemente distraída enquanto ela tagarelava sem parar. Muitas vezes, o avô tinha de a interromper para manter o andamento da reunião. Agora que pensava nisto, Paula não via Andrea desde a manhã do dia anterior, antes de o avô ter ido ao escritório em Nova Iorque. Talvez tivesse tirado o dia de folga. Embora o sentido de oportunidade lhe parecesse estranho, considerando que estava a decorrer um dos maiores eventos organizados pelo hotel. Era algo que Andrea normalmente não perdia.

— Guardaste-me um camarão panado? — A voz familiar e provocadora surpreendeu Paula. O avô aproximara-se sorrateiramente enquanto ela estava a beber vinho e a olhar para o mar, perdida nos seus pensamentos.

— Consegui chegar a tempo! — Puxou-o para um abraço e um beijo no rosto. — Quer beber alguma coisa? Estava prestes a ir buscar outro copo de vinho.

O avô fez uma careta.

— Paula, sabes que detesto essas coisas. — O avô raramente bebia, e vinho, então, ainda menos. Mas de vez em quando acedia a um copo. — Embora me pareça que sou capaz de beber um Kahlua Sombrero, já que temos algo a celebrar. Quando voltares, arranjam os um sítio para nos sentarmos a conversar.

O avô parecia entusiasmado, e Paula questionou-se sobre o que andaria a tramar. Normalmente, as viagens aos escritórios de Nova Iorque eram até bastante rotineiras. Paula dirigiu-se ao bar de serviço que tinha sido instalado

no relvado especificamente para este evento e pediu as bebidas de ambos. Quando regressou, encontrou o avô sentado junto de uma pequena mesa de *cocktail*, longe da multidão, a comer alegremente um cogumelo recheado com vários camarões panados com coco.

» Senta-te. Come mais um camarão. Trouxe mais alguns para ti. Sei que são os teus favoritos.

Paula pegou num camarão e conversaram descontraidamente durante cerca de dez minutos enquanto o avô a atualizava acerca da viagem. Não tinha nada de invulgar. Quando terminou o sumário, fez sinal a um empregado que circulava com uma travessa de *paté* e fatias de pão e tirou uma para cada um. Deu uma dentada, e a seguir deixou Paula chocada com a notícia.

» Ontem, antes de ir para Nova Iorque, despedi a Andrea. Era por isso que queria que estivesse aqui.

— O que aconteceu? — Esta notícia era tão inesperada. Andrea desempenhava a função de gerente há nove anos. Paula e quase toda a gente, incluindo a própria Andrea, presumiam que ali ficaria para sempre.

— Muitas coisas pequenas que se foram acumulando e criaram um problema que não tinha solução. É quem ela é.

— Contou a Paula as queixas que os funcionários fizeram de Andrea ao longo dos anos. Como lhe dera inúmeras oportunidades para mudar, para fazer um trabalho melhor.

» Ela só piorou com o tempo, e isso estava a ter um impacto negativo no negócio. Ontem de manhã, a Cassie veio ter comigo, demitiu-se, e pronto, foi a última gota para mim.

— A Cassie demitiu-se?

Cassie trabalhava no Whitley há quase vinte anos. Toda a gente a adorava. Começou por ser camareira e foi subindo até ser gerente do restaurante e depois diretora de

catering. Era ela quem orientava todas as reuniões e eventos que se realizavam no hotel.

— Bem, tentou demitir-se. Consegui que admitisse finalmente que a razão pela qual o queria fazer era a Andrea. Aceitou um emprego em Boston, porque, claro que em Nantucket não conseguia encontrar outro que se comparasse com a sua função aqui, mas estava destrozada por se ir embora. Disse-me que foi a decisão mais difícil que alguma vez teve de tomar, mas que sentia que não lhe restava alternativa.

— Por causa da Andrea. Que horror! — disse Paula.

— É inaceitável, isso sim. — O avô tinha uma expressão austera, mas ao mesmo tempo desapontada. — Pedi-lhe que reconsiderasse a sua decisão e prometi-lhe que não teria de se preocupar mais com a Andrea. Ela mostrou-se hesitante, mas assim que lhe assegurei que não precisaria de voltar a interagir com a Andrea, concordou em ficar.

— Ela adora Nantucket. Não consigo imaginá-la a ser feliz em Boston — disse Paula.

— E faz um trabalho fabuloso connosco. Não a queria perder.

— Como é que a Andrea reagiu?

— Nada bem. Ela não compreende. E não tens ideia de quantas oportunidades lhe dei. É uma pena. Mas agora, o que está feito está. Claro que lhe ofereci outro emprego. Ela quando quer consegue ser uma pessoa encantadora e adora Nantucket. Ofereci-lhe a posição de chefe de serviços de *concierge*. Se decidir aceitar, vai funcionar lindamente, já que o Harry entregou o aviso de demissão na semana passada. Vai mudar-se para a sua terra, Wellesley, porque a mãe precisa de ajuda e a mulher nunca adorou Nantucket. Há anos que ela se quer ir embora.

— E a Andrea vai aceitar? — Paula também achava que podia ser uma boa função para a prima, porque o *concierge* era uma espécie de embaixador, que respondia a perguntas sobre a ilha e fazia sugestões de restaurantes e outros sítios para os hóspedes visitarem. Era uma posição social, que podia tirar partido dos seus pontos fortes. Mas imaginava que Andrea não ia ficar muito feliz e que consideraria a oferta uma despromoção.

— Não sei. Espero que aceite. Disse-lhe que respeitaria qualquer decisão que ela tomasse. Se ela quiser ir para Boston e continuar na gestão hoteleira, ajudo-a com uma carta de recomendação, mas também lhe disse que seria verdadeiro em relação ao que sinto que são os seus pontos fortes e fracos. Espero que ela perceba que, a longo prazo, isto vai ser melhor para ela. Disse-lhe que não acredito que o seu futuro seja na gestão de recursos humanos. Mas acho que não gostou muito do que ouviu.

— Imagino. O que vai fazer quanto à posição de gerente? Tem alguém em mente ou precisamos de chamar a Elaine?

Elaine Humphrey era recrutadora no ramo hoteleiro, e o Hotel Whitley recorria ocasionalmente aos seus serviços para preencher alguns postos mais difíceis, quando não havia ninguém qualificado na área. Elaine encontrava sempre candidatos ótimos que não se importavam de ir morar para Nantucket.

O avô sorriu-lhe, e o seu olhar tinha um brilho matreiro.

— Já tenho uma pessoa em mente. Gostava de te oferecer a posição a ti, Paula.

Paula achou que tinha ouvido mal.

— O que é que disse, avô?

— Quero que sejas a próxima gerente do hotel. Acho que estás mais preparada para esse papel do que julgas.

— Eu? Mas eu não tenho estofo de gerente. Nunca aspirei a esta posição. Gosto de estar nos bastidores, de tratar dos números.

— Sei bem que gostas. Mas és capaz de fazer mais. Nas nossas reuniões, ouves tudo, já apresentaste ideias bastante boas e, como ambos sabemos, algumas funcionaram bem. És muito mais simpática do que a tua prima. As pessoas gostam de ti e acho que vão gostar de trabalhar contigo.

— Mas eu nunca trabalhei em gestão de recursos humanos — protestou Paula. Sentia-se lisonjeada com a confiança que o avô depositava nela, mas isto ficava muito para lá da sua zona de conforto.

— Sim, também pensei nisso. Enquanto estive em Nova Iorque encontrei-me com um consultor. David Connolly foi a pessoa que me recomendaram. Ele é conselheiro especializado em gestão hoteleira e concordou em vir trabalhar contigo.

— Trabalhar comigo? — O que diabo significava isto? Paula sentia-se um pouco como a Alice no País das Maravilhas, quando esta passou pelo espelho e todo o seu mundo se virou instantaneamente do avesso.

— Ele é um rapaz ótimo e também tem família em Nantucket, por isso já conhece aqui gente. Vais gostar dele.

— Quando é que ele chega? — Isto estava tudo a acontecer demasiado depressa para o gosto de Paula. Ela não era uma pessoa impulsiva. Gostava de digerir e processar as informações antes de tomar uma decisão. Sobretudo quando se tratava de uma decisão desta importância.

— Chega de segunda a uma semana. Tem de organizar primeiro o seu trabalho atual.

— Muito bem. Quando precisa da minha decisão? Tenho de pensar nisto, avô. Talvez devesse ligar à Elaine e

avisá-la do que se passou, pelo sim pelo não.

O avô deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Eu sei que isto parece muito súbito e talvez um pouco avassalador. Mas tenho a certeza de que vais fazer um excelente trabalho. Claro que imagino que queiras pensar na minha proposta. Hoje é sexta-feira. Porque não tiras o fim de semana, fazes uma das tuas listas de prós e contras, ou lá o que costumás fazer, e depois na segunda-feira falamos? Se não gostares mesmo da perspectiva, ligo à Elaine. Mas sei que és capaz de desempenhar esta função.

— Obrigada. Sinto-me muito lisonjeada que tenha tanta confiança em mim, avô. Só não o quero desiludir.

O avô levantou o copo e tocou com ele no copo de Paula.

— Não me parece que isso seja possível. A não ser que recuses a minha oferta. — Sorriu com ar travesso. — Espero que na segunda-feira tenhamos motivos para festejar.

CAPÍTULO 2

Paula não ficou durante todo o jantar de degustação. Ficou sentada ao lado do avô e, depois de servirem o prato principal, estavam ambos prontos para se irem embora. Ele estava cansado e ela ansiosa por chegar a casa e passar o fim de semana a tentar processar o que acabara de acontecer.

Depois de se despedir do avô, foi a pé para casa. Vivia numa casa pequena nos arredores do terreno do hotel. Ficava numa zona considerada demasiado afastada para ser atraente para os visitantes, uma vez que não proporcionava a vista extraordinária que o edifício principal do hotel oferecia.

A vista dali era bastante distante, sobretudo do segundo andar. Todos os netos tinham recebido um quinhão de terreno quando eram pequenos. O avô dera terras a todos os seus filhos e era do conhecimento geral que, um dia, o próprio hotel e todas as propriedades que lhe estavam associadas passariam para os seus filhos e netos. De vez em quando, o avô queria discutir as questões do seu testamento e até do funeral com Paula, mas ela nunca acedia.

— Não quero pensar numa altura em que o avô já não vai estar connosco.

— Bem, não planeio morrer tão cedo, mas gosto de ter estas coisas planeadas. Para me certificar de que está tudo

tratado. Acabei de dizer ao teu pai que ninguém vai ter de se preocupar com o meu funeral.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que hoje fui à agência funerária e paguei o funeral, escolhi a música e tudo o resto. Não quero lágrimas no meu enterro, nem música triste. Só quero memórias felizes. — Enquanto dizia isto, o avô parecia muito satisfeito consigo próprio.

— Bem, é muito atencioso da sua parte fazer isto, avô, mas não quero mesmo discutir o seu testamento nem pensar nessas coisas agora.

O avô soltou uma gargalhada.

— Eu, quando tinha a tua idade, também pensava assim. Mas quando fores mais velha, como eu, vais pensar mais nestes assuntos. Só quero certificar-me de que tudo será tratado como deve ser.

— Tenho a certeza de que será.

Paula sorriu com a recordação desta conversa enquanto se aproximava de casa. A casa ficava numa rua onde existiam outras casas semelhantes, pertencentes ao seu irmão, à irmã e às primas, Andrea e Hallie. Viviam todos muito perto uns dos outros e a dois passos do hotel, onde todos trabalhavam. Na maior parte das ocasiões, era conveniente estarem perto uns dos outros e do hotel. Mas, por vezes, esta proximidade não era confortável. Sobretudo tendo em conta que a casa de Andrea ficava duas portas ao lado da de Paula. A de Nick e a de Hallie ficavam do outro lado da rua.

Paula estava preocupada com a reação de Andrea à decisão do avô. Tentou pôr-se no lugar da prima e imaginou que estaria a sentir-se zangada, magoada e traída, não apenas pelo avô. Paula suspeitava de que a prima pudesse dirigir-lhe um pouco da sua frustração

também. Paula pensara em recusar a oferta do avô exatamente por este motivo, mas também sabia que ele estava decidido em relação a Andrea. Por isso, se Paula recusasse a sua proposta, o avô ia delegar a busca por um gerente à Elaine. Não ia reconsiderar e dar uma nova oportunidade a Andrea, deixara este ponto bem claro.

Paula acendeu a luz ao entrar na cozinha pequena e branca. Tinha-a desenhado ela mesma e adorava os graciosos armários brancos, com os azulejos retangulares e o elegante mármore Carrera que formava as bancadas e a ilha. Serviu um copo de água fria e sorriu quando o seu gato alaranjado, ligeiramente rechonchudo, *Chester*, entrou na cozinha e olhou para ela com um ar cáustico ao ver o seu prato vazio.

— Desculpa. Não tinha planeado chegar a casa tão tarde. — Paula encheu rapidamente o prato com comida húmida, e o gato atacou como se não comesse há dias. Deixou-lhe um prato com biscoitos secos para ele ir comendo durante o dia, por isso sabia que *Chester* estava apenas a ser dramático.

Deixou-se cair no sofá da sala de estar, pegou no comando da televisão e ligou-a. Encontrou um filme da Hallmark que estava mesmo a começar e deixou-se ficar a vê-lo, meia distraída, enquanto pensava em como a sua vida estava prestes a mudar. Queria encaminhar-se nesta direção? Teria realmente escolha? Sabia que se recusasse esta oportunidade, o avô ficaria desiludido com ela. Também sabia que, agora que se via perante a possibilidade, e apesar de nunca ter sido uma aspiração sua desempenhar a função de gerente do hotel, se não experimentasse iria sempre questionar-se sobre como se teria saído.

Chester saltou para o sofá ao seu lado, caminhou em

círculos um punhado de vezes até encontrar uma boa posição para se instalar no colo da dona. Enquanto lhe fazia festas no pelo, Paula tomou uma decisão. Ia aceitar o emprego. Não queria vir a arrepender-se do que poderia ter sido.

* * *

— Algum de vocês sabia que o avô estava a pensar fazer isto? — perguntou Paula à sua família. Estavam reunidos na casa dos pais para o jantar de domingo. Era o único dia da semana em que, normalmente, todos estavam de folga e, sempre que possível, reuniam-se para comerem juntos e porem a conversa em dia. A mãe era uma excelente cozinheira e adorava ter os filhos todos em casa.

Hoje, o jantar era carne e vegetais estufados com puré de batata. Era uma receita da Ina Garten que a mãe de Paula fazia tantas vezes que ela já reconhecia os aromas deliciosos assim que entrava pela porta. Pousou o garfo e olhou em redor da mesa, à espera de respostas. Para o normal, estavam todos estranhamente silenciosos.

Até que Nick falou:

— Estás a falar do despedimento da Andrea? Ou da proposta que te fez para gerente?

— Das duas coisas, mas tenho mais curiosidade em saber se sabias que ele estava a pensar em mim para esta função.

— Bem, ele não me disse nada a respeito da Andrea, mas há pouco tempo perguntou-me se eu achava que estarias interessada no trabalho.

— A sério? O que é que lhe disseste?

Nick sorriu com ar travesso.

— Disse-lhe que ias ficar apavorada com a

possibilidade, mas que provavelmente farias um trabalho extraordinário. Acho que devias aceitar.

Os pais assentiram ambos.

— Ele também falou comigo — admitiu o pai. — E concordo com o teu irmão, disse o mesmo ao avô.

A mãe sorriu.

— Claro que o pai me contou, e eu não podia ficar mais feliz por ti, querida. É um trabalho difícil, mas acho que estás preparada para ele. Já desempenhaste praticamente todas as funções no hotel e tens a vantagem de conheceres o lado empresarial melhor do que praticamente toda a gente, à exceção do teu avô.

— Obrigada. A questão é que nunca pensei em assumir esta função, na verdade. E nunca pensei que a Andrea saísse.

— Não me parece que o tivesse feito voluntariamente — concordou Nick. — Mas o avô tomou a decisão certa. Nunca ninguém me disse nada diretamente, mas ao longo dos anos já ouvi muitas vezes o pessoal da cozinha a resmungar por causa dela. Não era muito fácil trabalhar com a Andrea.

— O que achas, querida? Agora que pensaste nisso, vais aceitar a promoção? — perguntou a mãe.

Paula assentiu.

— Como posso recusar? É uma oportunidade incrível. Só precisei de pensar um pouco e de processar o que ela significa. Mas vou sentir-me constrangida em relação à Andrea. Sinto-me mal com a situação dela.

— Mas não devias. Não tem nada que ver contigo — disse o pai. — A responsabilidade é unicamente da Andrea. Concordo com o teu avô em como o papel de *concierge* é muito mais adequado para ela. Vamos esperar que ela também o entenda e que aceite o cargo. Inicialmente pode

ser um pouco mais desconfortável, mas é uma função que não exige a gestão de outras pessoas, por isso ela já não vai estar presente nas reuniões semanais. Na maior parte do tempo, vais conseguir evitar estar com ela.

Paula suspirou.

— Isso soa tudo muito bem, mas não me parece que a Andrea vá ser fácil de ignorar. Conhecendo-a como conheço, desconfio que deve sentir uma raiva considerável em relação a mim. O mais certo é acreditar que orquestrei isto tudo com o avô.

— Ela devia conhecer-te o suficiente para saber que não o farias, querida — disse a mãe.

— Pois devia, mas acho que nunca se deu ao trabalho de tentar conhecer-me realmente. Ela sempre se mostrou ressentida comigo, por razões que nunca entendi muito bem.

— A Andrea não é má pessoa. Só tem lá as suas coisas. Quando era mais nova, nem tudo lhe correu muito bem. Recordas-te? — comentou a mãe.

A mãe estava a referir-se ao período em que o pai de Andrea desapareceu durante quase cinco anos e a mãe sentiu grandes dificuldades enquanto mãe solteira. Nessa altura, Andrea ainda nem estava no secundário, devia ter doze ou treze anos. O avô quis ajudar, mas a mãe dela não aceitava esmolas de ninguém e insistiu em fazer vários turnos na receção do hotel.

Pensando neste período, foi quando Andrea começou a tornar-se uma pessoa difícil. Só muitos anos depois, Paula veio a saber que o pai de Andrea tinha sido detido, enviado para Cape Cod e sentenciado a cinco anos na Penitenciária do Condado de Barnstable, por posse de droga e intenção de tráfico.

— Eu sei. Mas a Hallie passou pelo mesmo e é uma

querida.

— Toda a gente é diferente, mesmo que passe pelas mesmas experiências. Enquanto irmã mais velha, a Andrea tinha mais noção do que se passava do que os outros. A Tracy contou-me que passou um mau bocado com tudo o que aconteceu. — A tia de Paula, Tracy, era a melhor amiga da mãe. Ela desejava muitas vezes poder ter a mesma relação próxima com Andrea, mas as coisas nunca se encaminharam nesse sentido. Hallie, por outro lado, era como uma segunda irmã para ela.

— Realmente é engraçado como duas irmãs podem ser tão diferentes — disse.

A mãe soltou uma gargalhada.

— É verdade. Olha para ti e para a Lucy; vocês as duas também são como a noite e o dia.

Paula olhou de relance para a irmã, que recentemente pintara a parte de baixo do cabelo de um tom de lilás garrido, tinha um brinco no nariz e vestia umas jardineiras cheias de pingos de tinta e uma camisa tingida por baixo. Paula, por sua vez, tinha um aspeto mais polido e típico de Nantucket, com o cabelo comprido castanho e bem penteado, calças beges e uma camisola de caxemira cor-de-rosa-clara. Quando estava a trabalhar na receção do Whitley, Lucy apanhava o cabelo e tirava o brinco do nariz.

Ela e Lucy eram muito diferentes, mas também eram muito próximas. Ambas tinham uma postura descontraída e eram de trato fácil. Dos três irmãos, Nick era o mais extrovertido e enérgico.

— Eu aposto que ela vai acabar por entender. O meu pai é um homem muito astuto. Acho que ele sabe que a Andrea vai ser mais eficiente e mais feliz nesta nova função. Se estiver disposta a dar-lhe uma oportunidade — comentou o pai.

A alguns quilómetros dali, ocorria uma conversa bastante diferente.

— Sabias disto? — perguntou Andrea à irmã. Estava com Hallie em casa dos pais e apesar de a tarde de domingo estar a acabar, ninguém estava a cozinhar. A mãe abriu uma caixa de *paté* de cebola francês e espalhou batatas fritas à volta do prato, serviu um copo de vinho para si, para Hallie e para Andrea, enquanto esperavam que o pai voltasse com as *pizzas*. Andrea ainda não conversara com ninguém sobre o que tinha acontecido. Depois da reunião com o avô, ficou em choque e fechou-se em casa durante o fim de semana, a matutar sobre o que queria fazer.

Hallie estava constrangida.

— Não, não fazia ideia. Mas não posso dizer que estou surpreendida. A Cassie contou-me que ia apresentar a demissão e eu sabia que o avô não ia querer perdê-la.

Esta opinião magoou-a.

— Então achavas que o avô ia preferir ficar com ela em vez de comigo? Obrigadinha.

— Não é nada disso! Não foi o que quis dizer. Só pressenti que talvez as coisas estivessem prestes a mudar. Mas não sabia em que medida. E ele quer ficar contigo, sim, senão não te tinha oferecido o lugar de *concierge*. Adoraste este cargo quando o desempenhaste naquele verão em que ainda estavas na faculdade.

— Sim, é verdade, gostei muito, mas, como tão bem disseste, na altura ainda era estudante. Isto é uma despromoção gigantesca, Hallie. Tens de admitir que é. — Era o que mais a magoava em toda esta situação, o facto de dar um enorme passo atrás.

Mas Hallie não via as coisas assim.

— Não acho mesmo que tenhas razão. O avô vai manter o teu salário, não vai?

Andrea assentiu.

— Tanto quanto sei.

— Ele não te vai prejudicar depois de aceites. O meu palpite é que considera o papel de *concierge* como algo importante. É como se fosses uma embaixadora do hotel. É um papel bastante visível. E muito social. É algo que pode ser muito divertido para ti, sem a pressão que sentias no cargo anterior.

Andrea pensou um pouco nas palavras da irmã. Esta nova função tinha algumas vantagens, Hallie estava certa quanto a isso. Mas, para Andrea, o aspeto mais visível era que deixaria de ser a gerente do hotel. O que ia o pessoal pensar a seu respeito?

— A Paula está por detrás disto. Ela anda sempre a bichanar ao ouvido do avô. É a sua neta favorita — disse Andrea com amargura.

— Realmente, não me parece nada justo — concordou a mãe.

Mas Hallie não ia deixar que fossem injustas para com a prima.

— A Paula não teve nada que ver com isto. Ela nem sequer sabe se vai aceitar o trabalho ou não. Ficou chocada com a proposta e nunca andou atrás do teu trabalho, Andrea.

— Bem, mas agora anda. E se o que dizes é verdade, ainda me sinto pior.

— Só estou a dizer-te que não deves ficar zangada com ela. Nada do que aconteceu é culpa da Paula. O avô limitou-se a fazer o que achou que seria melhor para toda a gente.

— Quanto a isso não tenho tanta certeza.

— Já decidiste o que vais fazer? — perguntou a mãe.

Andrea soltou um suspiro.

— Não tenho grande escolha, pois não? Pensei em pedir ao avô algumas semanas de férias antes de começar. O Harry entregou o aviso de demissão há uma semana, mas vai ficar ainda durante um mês, por isso ainda tenho três semanas para fazer uma pausa e começar a enviar currículos. Conheço a função, e não vou precisar de estágio em hotel nenhum.

A mãe assumiu um ar preocupado.

— Então, vais tentar encontrar outro cargo de gestão. Vais procurar só em Nantucket ou tentar fora da ilha também?

— Não sei se há grande coisa aqui em Nantucket e toda a gente me conhece como uma Whitley. Mesmo que exista algum emprego disponível, a transição pode não ser muito fácil. Creio que vou ter de me concentrar na zona de Boston, talvez até em Nova Iorque.

— Eu acho que antes disso devias dar uma oportunidade real ao cargo de *concierge*. E se adorares? — perguntou a irmã.

— Não estou a excluir nenhuma possibilidade, mas preciso de manter tudo em aberto.

CAPÍTULO 3

— Que sorte a tua, ires para Nantucket. Recebes sempre as melhores colocações. Talvez precises de uma assistente? Acabei de ficar livre, por isso estou disponível.

David Connolly levantou os olhos do ecrã do computador e viu Bethany, uma das consultoras júnior ali de pé, com uma pasta na mão. Sabia que ela estava a provocá-lo, mas também sabia que tinha um fraquinho por ele e que agarraria sem hesitar qualquer oportunidade de fazer parte da equipa dele em Nantucket. Só que ele não precisava de uma equipa para este trabalho. Ia sozinho e era pouco provável que a viagem fosse agradável — embora estivesse grato que a oportunidade se tivesse apresentado, senão teria sido necessário tirar alguns dias de férias para ir a casa, em Nantucket.

— Receio que este trabalho não me vá deixar com muito tempo livre — disse ele com um sorriso. Bethany era uma boa miúda e uma consultora talentosa. Mas ainda nem tinha vinte e três anos. Ele tinha trinta e seis e preferia sair com mulheres mais próximas da sua idade. Quando saía. Era uma das desvantagens do estilo de vida de um consultor. Era difícil manter um relacionamento quando se viajava tanto quanto ele.

— Oh, paciência. Aqui estão os dados que pediste. A Michelle pediu-me que tos entregasse. — Deu-lhe a pasta.

Bethany foi-se embora, e David abriu a pasta para dar

uma vista de olhos aos documentos. Michelle era a sua assistente no escritório de Nova Iorque e imprimira uma série de dados que David reunira *online*, assim como documentação pormenorizada e *e-mails* que Alvin Whitley lhe enviara.

Quando Alvin estivera na cidade, os dois tiveram uma reunião muito interessante, e aquilo que o senhor procurava encaixava-se perfeitamente no tempo de que David dispunha. Concordou de imediato e bloqueou a sua agenda para os dois meses seguintes, o período acordado para ele trabalhar enquanto consultor do Hotel Whitley e também para ser mentor da neta de Alvin. Questionou duramente o dono do hotel em relação à decisão de nomear a neta para gerente.

Inicialmente, não fazia sentido que estivesse a promover alguém que desempenhava uma função de bastidores — sobretudo quando a pessoa exprimia a sua vontade de continuar nesta função. Mas Alvin era bastante persuasivo, embora tivesse concordado em respeitar a opinião de David quando os dois meses terminassem. Se David achasse que Paula não estava a sair-se bem na função, não ia deixar de recomendar a Alvin que seguisse numa direção diferente. Porém, o senhor manteve-se imperturbável.

— O David não conhece a Paula. Não estou preocupado com ela.

* * *

David voou para Nantucket no sábado. Alvin queria que começasse a trabalhar na terça-feira seguinte. O pai de David tinha ido esperá-lo ao aeroporto. Era bom vê-lo, apesar de lhe parecer exausto.

— Estás a sentir-te bem, pai?

O pai sorriu.

— Agora que já estás aqui, estou ótimo. Foi um longo fim de semana. A mãe teve um par de dias complicado, mas sabe que estás de regresso a casa e já se sente melhor.

— Não quis vir contigo? — Os pais vinham sempre os dois buscá-lo. Não que se importasse, mas fê-lo preocupar-se que as coisas estivessem piores do que o pai queria dizer.

O pai hesitou antes de dizer:

— Ela provavelmente teria adorado vir, mas foi mais fácil para mim vir cá num instante e, para ser sincero, estava a precisar de uma pausa.

— Oh, está bem. Como está a mãe?

— Daqui a pouco já vais ver. — Suspirou. — Ela está bem. Sente-se entusiasmada por te ver e está excitadíssima por ficares algum tempo connosco.

Quinze minutos depois, chegaram a casa. Era uma boa casa, com quatro quartos e uma vista distante da água. Os pais viviam ali desde que David tinha memória. Nascera ali e andara nas escolas públicas de Nantucket. Já tinha tentado lembrar-se de Paula, mas não tinha grande ideia dela. Ela era caloirá quando ele era finalista e apesar de a escola secundária ser pequena, ela era mais nova e os dois não partilhavam o mesmo círculo de amigos.

O pai estacionou na garagem, e David pegou na mala para o seguir para dentro de casa. Ficou surpreendido ao ver que a mãe não estava à porta para os receber. Ouviu o som da televisão e dirigiu-se à sala de estar. Encontrou-a ali, na poltrona reclinável, a ver uma *sitcom*. Quando os viu, a mãe levantou-se.

— David! É tão bom ver-te! Fizeste boa viagem? — Ela parecia, e soava, perfeitamente bem. Era um alívio ver o seu rosto familiar e amigoso. Puxou-a para os seus braços e

deu-lhe um beijo.

— Estás com ótimo aspeto, mãe!

— Oh, muito obrigada. Mas acho que devo estar com o mesmo aspeto de sempre. Tens fome?

— Já comia qualquer coisa. — Desde a hora do almoço que só comera uma banana e já eram quase oito da noite.

— Deixa-me arranjar-te um prato. Hoje comemos frango assado e puré de batata. Adoras essa comida.

— Pois adoro. — Seguiu a mãe até à cozinha, onde ela lhe preparou rapidamente um prato de comida que colocou a aquecer no micro-ondas durante dois minutos. Quando o alarme soou, a mãe abriu a porta do forno e ficou com um ar confuso quando não viu ali o prato.

— Vai ver ao micro-ondas, querida — disse o pai.

Ela obedeceu e tirou o prato.

— Oh, que tonta! Aqui tens, filho. — Pôs o prato em frente de David, que estava sentado na ilha, e ele comeu enquanto os pais tagarelavam atrás dele. A não ser a confusão com o forno, a mãe parecia estar bastante bem, melhor do que esperava.

* * *

Na manhã seguinte, depois de uma ótima noite de sono, David acordou por volta das oito a sentir-se enérgico e esfomeado. Estava um dia muito bonito e ele trouxera as sapatilhas de corrida. Parecia-lhe um excelente plano correr pela praia, voltar para casa e tomar um pequeno-almoço ligeiro. Vestiu-se e desceu até à cozinha onde a mãe estava sentada na ilha, a ler o jornal e a beber uma chávena de café. Levantou os olhos e sorriu.

— Olá, querido. Fiz café, se quiseses serve-te. E posso fazer-te uma omeleta, se te apetecer. O normal, tomate e

cebola?

David sorriu. Era o pequeno-almoço habitual do pai.

— Não, obrigada. Pensei em comer uma taça de aveia num instante e beber um pouco de café antes de sair para correr.

— Mas tu não corres, querido. Então é o teu joelho? Sabes bem que, desde que fizeste a cirurgia, o médico não acha que seja uma boa ideia.

David ficou parado a olhar para a mãe, na mais perfeita confusão. Os seus joelhos estavam ótimos. Mas, há dez anos, o pai fizera uma substituição de ambas as rótulas. O que devia fazer? Corrigi-la? Antes de conseguir dizer o que quer que fosse, o pai entrou na cozinha, viu a expressão de David e olhou de relance para a mulher.

— Então, como estão vocês esta manhã?

Uma expressão pesarosa cruzou o rosto da mãe por um breve instante, antes de sorrir e olhar para David de relance.

— Pareces vestido para correr. Que ótima ideia. Hoje parece estar um dia lindo lá fora.

* * *

Mais tarde naquele dia, quando a mãe estava a dormir a sesta, David sentou-se na cozinha com o pai. Não sabia que a mãe costumava dormir a sesta. Ela ainda nem setenta anos tinha.

— O que dizem os médicos? — perguntou David.

— Acabámos de fazer uma série de exames no Mass General. Voámos para Boston e passámos lá a noite anteontem. Tivemos um jantar maravilhoso em North End e no dia seguinte fomos à consulta com os médicos. É oficialmente Alzheimer.

A mãe tinha Alzheimer.

— O que significa isso, exatamente? Há estádios diferentes da doença? E ela sabe que a tem?

— Sabe, sim. Mais ou menos. Estava ao meu lado enquanto os médicos nos explicaram tudo. Só não tenho a certeza se realmente conseguiu interiorizar o que eles disseram. Mas acredito que, de certa forma, ela sabe que alguma coisa não está bem. Às vezes, quando se esquece de alguma coisa, uma expressão fugaz inunda-lhe o rosto e é de partir o coração. Parece que fica com medo. Imagina o que será saberes que a tua mente te está a fugir? Como é que se lida com uma coisa destas?

— Como é que tu estás a lidar com isto? — perguntou David. Também estava preocupado com o pai, não só com a mãe. Nunca o vira tão stressado como agora.

— Olha, filho, não te vou mentir. Isto tem sido difícil. Mesmo muito difícil. Acho que em breve teremos de tomar algumas decisões difíceis.

— Decisões difíceis como?

O pai levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro.

— Bem, temos poucas opções ao nosso dispor. Podemos pô-la numa instituição com Assistência à Autonomia — uma unidade especial para Alzheimer, coisa que ainda não estou preparado para fazer. Ela ainda não está assim tão mal. Podíamos ir os dois para uma destas instituições e ela teria acesso a todos os serviços se precisasse deles. Ou então posso contratar alguém para vir cá para casa. — Parou de andar de um lado para o outro e olhou para David.

» Ela já está numa fase em que não pode mesmo ficar sozinha durante muito tempo. Se eu for num instante à loja, não há problema, mas se demorar mais de uma hora,

por exemplo, já é potencialmente perigoso. Ainda no outro dia deixou o fogão ligado, mas felizmente eu estava em casa. O alarme de fumo disparou e não houve problemas. Mas se eu não estivesse aqui...

— Como tens conseguido fazer as coisas? O que fazes quando tens de ir trabalhar? — O pai de David era advogado e tinha um escritório na baixa, perto da Rua Principal, junto à água.

— Nos últimos meses tenho trabalho a partir de casa, só me ausento quando tenho de me encontrar pessoalmente com algum cliente e, nesse caso, vou num instante à cidade e volto o mais depressa possível.

Não admirava que tivesse um ar tão exausto.

— O que queres fazer, pai? — perguntou David.

— Quero que as coisas se mantenham o mais normais possível. Acho que não estou preparado para equacionar uma instituição, ainda não. Acho que se conseguisse encontrar alguém que viesse cá a casa todas as tardes dos dias de semana, eu já podia ir para o escritório.

— Parece-me um excelente plano. Posso ajudar-te a encontrar alguém.

O rosto do pai revelou uma expressão de gratidão.

— Tinha esperanças de que dissesses isso.

* * *

O avô de Paula não gostava de desperdiçar tempo. Quando ela lhe disse, logo na segunda-feira de manhã, que aceitava a posição de gerente do hotel, ele ficara satisfeito, mas depois surpreendeu-a ao dizer:

— Ótimo, porque o David Connolly, aquele consultor de que te falei, começa a trabalhar amanhã. E tu também.

Por isso, na manhã seguinte, reuniram-se todos em

redor da grande mesa oval para a reunião semanal de gestão. Paula sentou-se ao lado de Hallie e em frente a Nick.

— Como está a Andrea? — perguntou à prima. Paula sentia-se um pouco culpada por estar a ficar com o emprego de Andrea.

— Está bem. Claro que está desiludida e lixada. No domingo à noite jantámos *pizza* em casa dos nossos pais.

— Ela disse o que pretende fazer?

— Não está preparada para desistir de ser gerente algures. Tem algumas semanas de férias antes de regressar ao hotel, por isso acho que vai procurar emprego e ver como está o mercado.

Todos olharam quando o avô entrou na sala seguido por um homem alto e meio louro que pareceu vagamente familiar a Paula. Ela tinha pesquisado a respeito de David Connolly e reconheceu-o da escola secundária. Fizera parte da equipa de basquetebol e sempre tivera um ar confiante e calmo. Na altura não o conhecia, mas conseguia imaginá-lo a percorrer os corredores rodeado pelos amigos ou pela namorada, Missy. Ela era *cheerleader* e os dois estiveram juntos durante o último ano todo. Paula sabia que se tinham separado pouco depois porque, uns anos mais tarde, Missy casara com um rapaz de Nantucket. Paula também tinha uma vaga ideia de que os dois se tinham divorciado há pouco tempo.

O avô fez as apresentações, depois ele e David sentaram-se nos respetivos lugares. O avô conduziu a reunião e, como de costume, todos fizeram os seus relatórios semanais. Paula distribuiu os exemplares dos dados contabilísticos. Fez uma revisão rápida, oferecendo breves resumos, para não aborrecer ninguém. Toda a gente assentiu e Paula achou que a reunião se aproximava do

fim.

Mas depois David abriu a pasta, tirou uma capa de cartão e procurou por entre as folhas até encontrar uma folha de cálculo. Olhou para ela de relance e depois voltou a observar a que Paula distribuía.

— Parece que estão com cerca de dez por cento a menos na faturação, em relação ao mesmo período do ano passado. Conseguem perceber porquê?

Paula olhou de relance para o avô antes de falar, porque não tinha a certeza se ele queria responder. Ele assentiu, dizendo-lhe para avançar.

— Sim, este ano estamos a descer um pouco mais de dez por cento. Vai variando de mês para mês. Começou quando abriu um hotel novo, há dois anos. O Nantucket Grand fica no centro, e há muita gente que gosta da localização. Achas que devíamos baixar os preços? Ainda não o fizemos.

David abanou a cabeça.

— Não, não acho que devam baixar os preços. Pelo contrário, acho que devem subi-los. — Todos os que estavam reunidos à mesa aparentavam confusão.

— Achas que devemos aumentar os preços? Mas já somos um dos hotéis mais caros da ilha — disse o avô.

— Sim. Vocês não querem ser um dos hotéis mais caros da ilha. Querem ser o mais caro, o mais luxuoso, o hotel mais procurado de Nantucket. As pessoas que cá vêm podem pagar. Quem quiser acomodação menos dispendiosa, tem muito por onde escolher. Mas há muita gente que relaciona o melhor com o que é mais caro.

— Achas que devíamos mesmo subir os preços? — Paula não tinha a certeza quanto a isto.

— Acho. Talvez não drasticamente nos quartos normais. Podemos fazer um levantamento dos preços praticados e aumentar apenas um pouco até ficar acima dos restantes

hotéis. Mas as *suites* ou as *villas*, podemos aumentar entre dez e vinte por cento. Presumo que estas estejam quase sempre reservadas?

Paula assentiu.

— Sim. Não temos muitas e esgotam num instante.

— Ótimo. Então esse é o primeiro passo. Também temos de ver o que estão a fazer em relação ao *marketing* e se é possível fazer alguns ajustes ou melhorias. Ao longo dos próximos meses, vou poder avaliar todos os aspetos do hotel e determinar como podemos ser mais eficientes e rendíveis.

— Excelente, valorizamos muito o teu contributo — disse o avô.

David concentrou a sua atenção em Paula.

— Já contaste ao pessoal que vais assumir a gerência do hotel?

— Não, ainda não. — Paula sorriu. — Só aceitei o cargo ontem.

— Bem, devias fazê-lo quanto antes. Hoje podemos dar uma volta pela propriedade, podes apresentar-me às pessoas e, ao mesmo tempo, apresentar-te como gerente.

— Como sugeres que a mudança seja apresentada? — perguntou o avô.

— Como normalidade. A Andrea já aceitou a posição de *concierge*?

— Sim. Começa daqui a três semanas — confirmou o avô.

— Muito bem, então é isso que vamos dizer. Que houve uma alteração na gestão. A Andrea vai liderar os serviços de *concierge* e a Paula vai passar a assumir a gerência do hotel. E não é preciso dizer mais nada.

— Ótimo. Concorde, vamos fazer isso ainda hoje. — O avô levantou-se. — Muito bem, foi uma reunião muito boa.

Paula, queres mostrar a propriedade ao David?

— Claro que sim.

Paula tinha optado por continuar no seu escritório atual. Era do mesmo tamanho do de Andrea, mesmo do outro lado do corredor. Fazia sentido que David usasse o antigo escritório de Andrea enquanto estivesse a trabalhar com eles. Paula mostrou-lhe o espaço primeiro, David deixou ali a pasta e saíram para dar início à visita guiada.

— A propriedade é lindíssima! — disse David, enquanto entravam no átrio principal, com os seus tetos altos, airoso e o mármore de Carrera branco por todo o lado. As jarras de cristal lapidado espalhadas pelo espaço estavam cheias de flores frescas e davam ao átrio um aroma delicioso, assim como uma sensação acolhedora.

Paula apresentou David à equipa da receção e explicou que ia assumir o cargo de gerente. Estava um pouco nervosa ao dizer isto, mas assim que acabou de falar, todos lhe sorriram e ela soltou um suspiro de alívio.

— Mas isso são ótimas notícias, Paula. Sei que farás um trabalho extraordinário. — Maeve era quase da idade da mãe e trabalhava na receção desde que Paula tinha memória.

À medida que se afastavam, David olhou para ela com curiosidade.

— Tu pareces ficar surpreendida com o entusiasmo das pessoas em relação à tua promoção. Todos pareceram ficar felizes por ti.

— Sim, também achei que sim. Mas não tinha a certeza do que iriam pensar.

— Queres dizer que podiam pôr em causa se estarás preparada para o cargo? Por teres estado muito tempo noutra posição?

— Sim. E gostava muito do que fazia. Como sabes, a

gerente era a minha prima Andrea. E a situação é um pouco confrangedora.

— Não tens culpa de a Andrea não se ter dado bem no cargo. O teu avô tomou a decisão mais acertada ao mudá-la para um papel que se adequa melhor a ela.

— Eu sei. Mas é uma grande mudança e súbita. — Não acrescentou que não sabia se estava completamente pronta para ela.

David olhou atentamente para Paula.

— É uma grande mudança. O trabalho é muito diferente do que fazias antes. Costumavas poder ficar escondida no teu escritório, a fazer a tua magia com os números. Este trabalho é muito visível. Tens a certeza de que estás apta para o desempenhar?

Estaria? Uma coisa era ela ter as suas próprias dúvidas, mas ouvi-lo a verbalizá-las era irritante.

— O meu avô acha que sim — respondeu com rigidez.

Ele soltou uma gargalhada e Paula viu o calor nos seus olhos.

— Sim, eu sei. Ele tem-te em grande conta. Por isso, vamos lá fazer isto. Tens-me aqui durante dois meses. Vamos trabalhar juntos para que fiques preparada e confortável com esta nova função e para vermos o que conseguimos fazer para recuperar esses tais dez por cento.

— Parece-me bem. Então, a seguir podemos ir à cozinha. Podes conhecer o Roland, o nosso *chef* principal; o meu irmão, o Nick, é o seu braço-direito.

Passaram o resto da manhã a fazer a ronda pelo hotel e a falar com as pessoas de todos os departamentos. Paula ficou aliviada ao constatar que todos apoiavam as mudanças. Almoçaram com o avô na sala de jantar e David pareceu ficar impressionado com o *menu* e com a comida.

— Reparei que o hotel organiza bastantes casamentos,

mas não faz muitos encontros de empresas — disse ele.

— Queres dizer reuniões e conferências? — perguntou Paula.

— Sim. Pode ser uma área de grande crescimento. Este hotel é o tipo de lugar que as empresas adorariam reservar para as saídas de grupo ou conferências. Há imensas empresas com poder financeiro — gestores de fundos fiduciários, firmas de investimento, e podíamos entrar mais nesse mercado. Os lucros são tão grandes, se não maiores, do que os de um casamento — e sem as dores de cabeça que estes últimos provocam.

Paula soltou uma gargalhada.

— Ah, era bom não lidar com noivas armadas em divas. Já tivemos a nossa quota parte delas.

— E pode ser uma fonte de rendimento recorrente. Muitos destes eventos empresariais repetem-se ano após ano.

— Essa sugestão é excelente — disse o avô. — Podes trabalhar com a Paula para desenvolverem o projeto?

— Claro que sim. Oh, e outra coisa. O hotel recebe muitas celebridades, mas até isso pode melhorar, assim como a divulgação geral se trabalharmos com *influencers* nas redes sociais. Podemos escolher alguns *instagrammers* altamente influentes e convidá-los para passarem o fim de semana no hotel, com tudo pago e com a condição de transmitirem boas opiniões acerca do hotel, além de publicarem algumas fotografias. É algo que pode gerar um interesse muito rápido.

O avô soltou uma gargalhada.

— Isso para mim é chinês, não percebi nada. Talvez a Paula saiba do que estás a falar. Vocês os dois podem ir atrás desses *influencers*, ou lá como lhes chamaste. Têm carta branca para fazerem o que acharem melhor.

Paula sabia o que eram *influencers* e sentia a cabeça a rodopiar perante tantas possibilidades. Sabia que David a ia ajudar a instalar-se na posição de gerente do hotel. Mas não se apercebera de que ele também era perito nestas áreas. Estava entusiasmada para ver o que podiam fazer juntos.

CAPÍTULO 4

Bella ficou maravilhada ao descobrir como era fácil esconder-se à vista de toda a gente. A única coisa que precisava de fazer era transformar o seu longo cabelo louro platinado, instantaneamente reconhecido em qualquer lugar, num cabelo moreno escuro com o corte a direito pelo queixo. No entanto, por uma questão de segurança, acrescentou óculos de sol e um boné cor-de-rosa dos Red Sox. As calças de ganga eram largas e usava várias camisolas volumosas. Ninguém olhou para ela duas vezes. Foi maravilhoso.

Bella viajou em primeira classe de LA para Nova Iorque; dali foi para Nantucket e dormiu durante quase toda a viagem. Quando aterrou e recebeu a sua bagagem, um *range rover* branco esperava por ela no exterior do aeroporto, o motorista segurava um cartão com o seu nome.

Chamava-se Johnny e falava entusiasticamente do hotel para onde ia levá-la.

— Já estive hospedada no Whitley? — perguntou ele, depois de colocar a bagagem na mala do carro e se porem a caminho.

— Não, nunca. Mas pelo que vi *online* parece ser adorável. Estou ansiosa por lá ficar.

— Oh, vai adorar. É um lugar especial e toda a gente o adora. De onde é a menina?

Bella pensou um pouco nesta pergunta. De onde era ela? Já nem tinha a certeza.

— Nos últimos cinco anos vivi em Los Angeles, mas cresci em Vermont. Numa cidade muito pequena.

— Em Vermont não há praias. Nunca estive em Los Angeles. Alguma vez viu estrelas de cinema lá?

— Não — mentiu ela. — Mas alguns dos meus amigos viram. — Esta parte era verdade.

— Oh, que pena.

Johnny manteve-se em silêncio durante o resto da viagem, e Bella foi a olhar pela janela enquanto o carro avançava. Ainda era de dia e a ilha parecia-lhe ainda mais bonita do que imaginara. A estrada era ladeada por areia e havia rosas cor-de-rosa por todo o lado. Johnny saiu da estrada principal e virou para um caminho de acesso comprido e tortuoso. Quando chegou à última curva, Bella viu o Hotel Whitley à sua frente. Era um edifício longo, baixo, com vista para o estreito de Nantucket e com apartamentos individuais mais perto da água. O relvado era luxuriante e estava muito bem cuidado.

Johnny parou em frente à entrada principal e saiu do carro para tirar a bagagem de Bella da mala. Ela não levava muita coisa, apenas uma mala de viagem grande e um saco de mão. Não era muito, considerando que ia ficar ali durante vários meses. Mas queria viajar com simplicidade e achou que se precisasse de alguma coisa podia sempre comprar nas lojas da cidade.

— Espero que aprecie a sua estadia.

Bella ofereceu-lhe uma gorjeta generosa.

— Obrigada, Johnny. Uma boa noite para si. — Dirigiu-lhe um enorme sorriso, o tal que era tão famoso que ele ficou um pouco corado. Era um rapaz adorável, como um cachorrinho entusiasmado.

— Ob-obrigado!

* * *

Bella ainda estava a sorrir quando um pacote a veio ajudar com a bagagem. Entregou-lhe as coisas e entrou no átrio, parando momentaneamente para admirar a sua beleza. O mármore frio e branco e as flores deslumbrantes que adornavam o espaço tiveram um efeito imediatamente calmante. E calma era uma coisa boa. Bella estava há tanto tempo no olho do furacão que apreciava muitíssimo a serenidade deste lugar. Dirigiu-se à receção, e uma mulher que aparentava ter mais ou menos a sua idade, trinta anos, sorriu-lhe à medida que se aproximava.

— Bem-vinda ao Hotel Whitley. O meu nome é Lucy, em que posso ajudá-la?

— Bella Bryant, para fazer o *check-in*.

Lucy procurou o seu nome no sistema, e Bella viu a surpresa a cruzar-lhe o rosto. Mas só por um instante. Percebeu que Lucy era demasiado profissional para ter uma reação mais expressiva. Bella entregou-lhe o cartão de crédito, aquele que tinha o seu apelido verdadeiro, Lucy registou-o e devolveu-lho, assim como as chaves do quarto.

— Vai ficar na *suite* Siasconset Rose. É no primeiro andar, ao fundo do corredor, por isso é ainda mais sossegada. Acho que vai adorar. De manhã, há bolos e cafés no átrio e também tem uma máquina Nespresso no seu quarto, assim como serviço de quartos, claro, se desejar pedir alguma coisa. O nosso restaurante está aberto até às dez.

— Muito obrigada, Lucy.

Bella entrou no elevador para subir um piso, depois percorreu o longo corredor e dobrou uma esquina até

chegar ao seu quarto. Abriu a porta, entrou e soltou um suspiro de alívio. A *suite* era perfeita. Tinha dois quartos, cozinha, duas casas de banho e uma pequena varanda com uma vista deslumbrante para o mar. Podia tomar o pequeno-almoço ali. Os quartos eram todos brancos, com edredões macios e roupões e chinelos a condizer. Sentiu-se tentada a deixar-se cair na cama, mas sabia que se o fizesse agora, ia adormecer e depois acordar a meio da noite.

Por isso, decidiu tomar um duche quente para lavar o pó da viagem e pedir qualquer coisa para jantar. A água quente soube-lhe maravilhosamente, fazendo, ao mesmo tempo, com que se descontraísse e recuperasse a energia. Meia hora depois, estava vestida e a beber uma chávena de chá quente na varanda, a apreciar a sensação da brisa morna que lhe batia no rosto e o ar cristalino com um ligeiro aroma a sal vindo do mar. De onde estava sentada, conseguia ver duas famílias lá em baixo, a jogar *croquet* no relvado com os filhos. Ao longe, pequenos barcos à vela navegavam juntos em direção ao porto. Sabia que o hotel tinha vários barcos para os hóspedes usarem. Bella nunca velejara antes, mas parecia ser uma atividade divertida.

Pela primeira vez em algumas semanas, estava a sentir-se descontraída, até que o telemóvel tocou. Assim que viu o número da agente no ecrã, todo o seu corpo se retesou. Ainda pensou em deixar a chamada ir para as mensagens, mas decidiu ver o que a agente queria; depois, esperava não ter de falar com ela durante muito tempo.

— Olá, Jean, tudo bem? — Jean McIntyre era agente de Bella desde o início da sua carreira. Bella gostava dela, na maior parte do tempo. Jean era uma pessoa agressiva que não tinha medo de agitar e revirar a indústria. Ela conseguiu fazer alguns bons negócios para Bella. Mas também era impiedosa quando achava que esta precisava

de fazer alguma coisa — como agora. Bella sabia que as suas intenções eram boas, mas não tinha a certeza se os objetivos de ambas continuavam alinhados. Jean queria mais, mais e mais, enquanto Bella queria menos, muito menos. Por isso, quase fugira da agente.

— Sim, era só para ver como estás. Queria certificar-me de que chegaste em segurança e de que já te sentes relaxada.

Bella soltou uma gargalhada.

— Cheguei há cerca de uma hora, mas o sítio é adorável. Acho que é exatamente o que preciso. Nos próximos meses não quero pensar em mais nada. Só quero ler livros e descontraír na praia.

Jean ficou em silêncio durante alguns instantes.

— Bem, também estou a ligar-te por outro motivo. Sei que disseste que durante algum tempo não queres ouvir falar de novos projetos, mas acabou de surgir uma coisa que é uma daquelas oportunidades que só aparecem uma vez na vida. Acho que devias dar-lhe uma vista de olhos.

Bella sentiu de imediato o peito a comprimir-se e uma enxaqueca a formar-se. Já sentia o stresse a formar-se só perante a mera menção de um novo projeto.

— Jean, já te disse. Não posso fazer isso agora. Não posso fazer nada. Qualquer fonte de stresse faz com que a minha Lyme ataque, e o último episódio foi o pior de sempre. Preciso de evitar todas as fontes de stresse e acalmar-me por completo. Só de pensar num projeto novo fico logo cheia de urticária.

— Muito bem. Sou capaz de conseguir adiar a decisão durante algumas semanas. Mas tu és a principal escolha do estúdio. Vou dando notícias. Não ia conseguir perdoar a mim mesma se perdesse a oportunidade de considerar sequer o projeto. É mesmo muito bom, Bella.

Apesar de contrariada e de estar a sentir o stresse a começar a inundá-la, Bella sentiu curiosidade.

— Que projeto é?

— Acho mesmo que podia lançar-te para o nível seguinte — estou a falar de *Óscares*. É a adaptação de uma das escolhas do Clube do Livro de Peggy Marlow e da sua produtora, a Blue Moon. Estão a fazer o *casting* agora. Foi o livro de estreia de uma escritora e foi um sucesso, esteve nos *tops* durante mais de um ano. É a história de uma mulher forte, fixada no sul do país, com segredos familiares sombrios e um mistério que atravessa várias gerações. É um projeto em grande.

— Já tem argumento?

— Não, está em desenvolvimento. Mas posso enviar-te o livro, se quiseres. Podes lê-lo na praia.

Bella suspirou. Jean tinha ganhado esta ronda.

— Está bem, preciso de qualquer coisa para ler na praia. Manda-me o livro, então. Mas até acabar de o ler não vou comprometer-me com nada, e mesmo depois, só estou disponível daqui a vários meses. Não vou abreviar a minha estadia aqui, é demasiado importante para a minha recuperação. — Há cinco anos que Bella andava a trabalhar sem parar, sem fazer uma pausa decente. Mesmo quando estava entre filmes, tinha imensas exigências e pressão para preencher o tempo.

— É como se já estivesse a caminho. Vai no correio de hoje. Agora vou deixar-te descansar...

Assim que pousou o telemóvel, ele voltou a tocar, mas desta feita Bella não se importava de falar com quem lhe ligava. Era a irmã, Julia. Falavam quase todos os dias, nem que fosse apenas por uns minutinhos. Tinha sido ideia de Julia que Bella parasse durante alguns meses e os passasse no Whitley.

— Então, o que te parece? Estás a adorar, certo? — perguntou Julia. Era apenas um ano mais velha do que Bella. Eram parecidas em muitos aspetos, mas a vida de Julia era completamente diferente. Ela era bibliotecária na pequena cidade de Vermont, onde cresceram, e casara com o namorado dos tempos da escola secundária, Jim, que era bombeiro. Ainda não tinham filhos, mas estavam a tentar afincadamente enquanto iam fazendo tratamentos de fertilidade. Entretanto, tinha uma coleção de animais de companhia, dois cães e dois gatos. Julia dizia que viviam quase num jardim zoológico.

— Até agora, estou a adorar. É muito bonito. Quando podes vir visitar-me? — Bella não precisava dos dois quartos, só queria ter espaço suficiente para quando a irmã viesse ficar com ela durante uma ou duas semanas.

— Mal posso esperar por voltar aí. Já se passaram dez anos, mas nunca me esqueci do fim de semana que passei no Whitley, para o casamento da Candace. Estive a ver no trabalho e não posso tirar as duas semanas, mas consigo tirar uma, daqui a duas semanas, se estiver bem para ti.

— Claro que está bem, podes vir quando quiseres. O Jim vem contigo? — Bella adorava o marido de Julia. Ele era divertido e descontraído.

— Não, não vai conseguir tirar a semana. Desta vez vou só eu. Assim temos uma semana só de raparigas.

— Vai ser divertido. Não fazemos isso há séculos. — Há mais de um ano que Bella não via a irmã. Devia ter ido passar as Festas com eles, mas depois o filme que estava a rodar na Irlanda começou a atrasar-se, e Bella acabou por ter de ir diretamente da Irlanda para Itália, onde o filme seguinte já começara a ser rodado. Era uma agitação sem fim e extremamente cansativa. Estava ansiosa por ver a irmã e fazerem de conta que eram apenas turistas, como as

pessoas normais.

— Como te sentes? — perguntou Julia.

— Estou bem. Isto aqui é muito calmo e silencioso. Mas a Jean acabou de me ligar.

— O que é que ela queria? — Julia não era muito fã da agente de Bella. Achava-a demasiado insistente, e não se enganava.

Bella contou-lhe a conversa, e a irmã não ficou nada satisfeita.

— É que não podia dar-te sequer um dia de descanso. Um dia, antes de começar a chatear-te outra vez.

Bella suspirou.

— Eu sei. Mas a verdade é que ela é a melhor e é para isso que lhe pago. Mas disse-lhe que não vou fazer nada agora, vou ler o livro, mas não faço promessas e não vou sair daqui mais cedo do que planeei. Quando muito, até posso querer ficar durante mais tempo.

Julia soltou uma gargalhada.

— E devias ficar, aliás, acho que não vais querer sair daí.

Conversaram durante mais alguns minutos, até que se ouviu uma batida na porta.

— Deve ser o serviço de quartos.

— Vou deixar-te em paz. Amanhã vou marcar os voos e depois digo-te qualquer coisa. Bella abriu a porta e deixou que o empregado entrasse com o seu jantar num carrinho. Pedira o especial da casa, eglefim pescado no dia, grelhado, com limão e molho de manteiga, espargos grelhados e puré de batata. Era simplesmente comida para a alma. Comeu na varanda, enquanto admirava o oceano e sentia a tensão a desvanecer-se. Quando acabou de comer, já estava a bocejar. A cama estava novamente a chamar por si.

Bella rastejou para debaixo do edredão, acompanhada

por um romance que escolhera no aeroporto e leu durante algum tempo. A cama era tão macia e confortável que os seus olhos depressa se tornaram pesados e Bella deixou-se levar para um sono sem sonhos. O último pensamento antes de adormecer foi que mal podia esperar por explorar a ilha no dia seguinte, como uma pessoa normal. Há tanto tempo que não conseguia fazer isso.

CAPÍTULO 5

— A Andrea é uma Whitley e é a gerente do *resort* da sua família, o melhor de Nantucket. Por que motivo havia de mudar de emprego? — A entrevista estava a correr tão bem, até à pergunta inevitável.

Andrea estava em Boston, no Hotel Lennon, um luxuoso *boutique* hotel em Back Bay. Parecia ser o ideal para alguém com a sua experiência. Ela voara para a cidade na noite anterior e ficou alojada no mesmo hotel. Foi Elaine Humphrey, a especialista em recursos humanos com quem o avô trabalhava há anos, quem marcou a reunião.

Andrea caminhou pela Rua Boylston na noite anterior e usufruiu de um jantar delicioso acompanhado de um excelente vinho no Abe and Louie's, o seu restaurante favorito em Boston. Foi para a cama sentindo-se satisfeita, descontraída e entusiasmada com a entrevista do dia seguinte. Mas agora, teve a súbita e desanimadora sensação de que se não respondesse a esta pergunta como devia ser, tudo podia fugir-lhe das mãos. Suspirou profundamente.

— A experiência de trabalhar no Whitley tem sido maravilhosa. Mas, como disse, é um negócio de família e, por vezes, as dinâmicas familiares podem ser..., bem, desafiantes. Senti que podia ser uma boa ideia abrir as asas e ampliar a minha experiência trabalhando noutra empresa. E sempre adorei Boston.

O entrevistador, que também era o dono do hotel, era

um cavalheiro mais velho, mais ou menos da idade do avô. O senhor sorriu.

— É compreensível. Todo o seu percurso profissional parece alinhar-se perfeitamente com aquilo que procuramos. Estamos ainda a considerar um conjunto pequeno de candidatos, mas tomaremos uma decisão ainda esta semana. Assim que tivermos notícias, entro em contacto com a Elaine.

Andrea regressou a casa e passou o resto da semana ansiosamente à espera de notícias. Elaine também tinha marcado mais duas entrevistas em hotéis de Boston, mas ambas foram abruptamente canceladas. A recrutadora disse-lhe que os dois decidiram contratar outros candidatos e não precisavam de se encontrar com Andrea, mas isto deixou-a a pensar. Foram-lhe ambos apresentados como no início da fase de recrutamento, mas, de repente, as oportunidades desvaneceram-se.

Andrea suspeitava de que os dois hotéis tinham feito uma pesquisa por referências e informações. Era uma prática comum as empresas perguntarem a outras para ver se alguém na sua rede de contactos sabia alguma coisa especial acerca dos candidatos a determinado posto. Ao longo dos anos, muitos funcionários que trabalharam no Whitley foram mudando para hotéis de Boston. E Andrea sabia que muitos desses funcionários não tinham gostado de trabalhar com ela. Ela podia ser bastante exigente, mas sempre achou que isso era uma coisa boa, uma forma de obter o melhor das pessoas. Mas nem toda a gente concordava.

Deixou a sua carta de referências com os Recursos Humanos. Todos os nomes que constavam da carta eram de familiares seus — o avô, o primo Nick e a irmã Hallie. Não incluiu a prima Paula. Nunca na vida lhe ia pedir que lhe

desse uma recomendação para um novo emprego. Preocupara-se com o que o avô iria escrever. Sabia que Nick e Hallie se concentrariam em enaltecer os seus pontos fortes. Mas o avô disse-lhe que ia ser brutalmente honesto quanto aos seus pontos fortes e fracos.

Em Nantucket não havia nenhum emprego disponível que fosse adequado a ela. Os cargos de gerente de hotel eram raros e normalmente eram preenchidos internamente, através de referências ou por intermédio de recrutadores como Elaine. Esta disse que, tanto quanto sabia, atualmente não havia nada disponível na ilha. Boston foi a primeira escolha de Andrea, depois de Nantucket, já que era relativamente perto e uma cidade onde se andava bem a pé, muito mais pequena do que Nova Iorque, que era imensa. Ainda assim, disse a Elaine que também ponderava ir para Nova Iorque; no entanto, até agora, Elaine não encontrara nada.

Dali a pouco mais de uma semana, teria de começar a sua função como *concierge*. Estava receosa de assumir o cargo, tinha a certeza de que toda a gente iria murmurar nas suas costas. Com um pouco de sorte, não iria ser demasiado horrível, e em breve encontraria outra coisa. Além disso, não tinha a menor intenção de ir àquelas reuniões semanais sempre tão aborrecidas.

Não iria ser capaz de assistir àquelas reuniões, sobretudo com Paula e as suas folhas de cálculo a sobreporem-se a ela, na qualidade de nova gerente. Andrea planeava lidar o menos possível com Paula. Podia ser que conseguissem ficar longe uma da outra. Não queria ter de recordar constantemente o trabalho que a prima lhe roubou cruzando-se com ela constantemente. Já não precisava de um escritório e podia simplesmente trabalhar a partir da sala do *concierge*.

Recebeu a chamada na sexta-feira à tarde, às cinco menos cinco. Elaine foi breve e deu-lhe a notícia sucintamente:

— Lamento, querida. Eles acabaram por escolher um dos outros candidatos. Mas disseram que foste ótima. Gostaram da entrevista. Parece que foi uma escolha difícil. Quando tiver mais notícias entro em contacto contigo.

— Muito bem. Obrigada, Elaine. Sabes se eles leram as cartas de referência?

Seguiu-se um silêncio desconfortável do outro lado da linha.

— Não tenho a certeza. De qualquer maneira, enviei-lhas, caso fossem necessárias.

— Está bem. Muito obrigada. Por favor, não te esqueças de mim.

— Claro que não, querida. Bom fim de semana.

Andrea desligou a chamada e olhou pela janela, frustrada. Pensou que tinha boas hipóteses de conseguir aquele emprego. Precisava de descontrair um pouco. Ia ver se convencia alguém a beber um copo consigo. Estava na altura de uma *happy hour*, apesar de não se sentir com grande disposição para celebrar.

* * *

Nenhum dos seus amigos estava por ali, mas sabia que a irmã, Hallie, devia estar a sair do trabalho.

— Vens ter comigo ao The Club Car para bebermos um copo? Tive uma semana chata e apetece-me mesmo beber uma margarita forte.

Hallie soltou uma gargalhada.

— Lamento muito que a tua semana tenha sido chata. Aqui também foi uma loucura. Estou com imensa vontade

de ir a uma *happy hour*. Devo conseguir encontrar-me lá contigo às seis.

— Ótimo, eu vou andando já para ver se arranjo lugar ao balcão. Se conseguir, guardo lugar para ti.

Andrea mudou de roupa para a sua camisola cor-de-rosa favorita e as calças de ganga desbotadas e rasgadas que lhe caíam como uma luva. Com o stresse, já tinha perdido quase dois quilos e meio, mas enquanto se virava observando-se ao espelho percebeu que isto até era uma vantagem. Estava com bom aspeto e pela primeira vez naquela semana, sentia-se mais bem-disposta. Há uma eternidade que não ia ao The Club Car. Seria bom descontrair um pouco com a irmã e partilhar alguns aperitivos e uma ou duas bebidas.

Quando chegou, o bar estava agitado, como já previa, mas teve sorte porque estavam duas pessoas a levantar-se quando se aproximou do bar. Sentou-se e pousou a mala no outro lugar. Não ia conseguir guardá-lo durante muito tempo, mas podia tentar. O empregado do bar veio imediatamente ter com ela e Andrea pediu uma margarita.

— Quero uma margarita *on the rocks*, por favor, com sal e uma pitada de Grand Marnier.

— Parece-me muito bem. Acho que vou pedir o mesmo. Esta cadeira está ocupada?

Andrea virou-se ao ouvir uma voz que lhe era familiar. Tratava-se de Marco, um dos muitos brasileiros que trabalhavam no hotel. Marco trabalhava ali há cinco anos e agora já tinha o cartão de residente. Era um ou dois anos mais novo do que ela e também trabalhava nos serviços de *concierge*. Por isso, ela ia ser a nova chefe dele. Questionou-se se ele sabia.

— Está, por ti. — Tirou a carteira e pendurou-a nas costas da cadeira. — A Hallie vem a caminho.

Marco instalou-se e sorriu com ar travesso.

— Muito bem, nesse caso, vou aquecê-la para ela.

Quando o *barman* entregou a bebida de Andrea, Marco pediu uma igual para si.

— Como estão as coisas no hotel? — perguntou ela.

— Estão bem, agitadas. O novo consultor já começou a trabalhar e parece ser um tipo razoavelmente simpático. Explicou-nos que vais ser a nossa nova chefe.

Andrea sorriu. Tinha de ser positiva.

— Sim, embora provavelmente não trabalhemos juntos muitas vezes. — O mais habitual era haver apenas um *concierge* de cada vez, com exceção do fim de semana.

— É na boa, mas como normalmente trabalho aos fins de semana, somos capazes de nos cruzar em alguns. Vai ser divertido. — O seu sorriso descontraído ajudou-a a relaxar. No meio da fúria que sentiu por tudo e por todos, esqueceu-se de que Marco trabalhava nos serviços de *concierge*. Ele era bastante divertido, estava sempre bem-disposto. Às vezes, quando os horários coincidiam, juntavam-se alguns colegas para beber um copo e eram sempre ocasiões divertidas. Mas há muito tempo que não saíam assim. O mais habitual era o primo Nick ser o líder da matilha. O pessoal da cozinha estava sempre pronto para sair depois do turno. Era como se ganhassem um novo fôlego depois do trabalho e precisassem de acalmar e de gastar alguma energia.

Andrea conversou descontraidamente com Marco, pondo-se a par da vida das pessoas que ambos conheciam até que, pelo canto do olho, Andrea viu Hallie a entrar, acenando-lhe. Marco levantou-se imediatamente e puxou a cadeira para que Hallie se pudesse sentar.

— Oh, que cavalheiro, obrigada! — Hallie sentou-se e pediu uma margarita também.

Andrea tinha esperanças de poder queixar-se à irmã acerca do insucesso dos seus esforços em arranjar trabalho, mas com Marco ali não podia fazê-lo. Não se importava muito, na verdade. Ele já tinha ajudado em muito a melhorar a sua disposição. Fê-la rir com histórias engraçadas sobre os pedidos de vários hóspedes. Se tinha de ficar presa nos serviços de *concierge*, pelo menos que tivesse a presença divertida de Marco por perto.

Algum tempo depois, ele pediu licença para ir à casa de banho e, assim que ficou fora do alcance da voz das irmãs, Hallie perguntou a Andrea como iam as coisas.

— Não fiquei com o trabalho. E as outras duas entrevistas que tinha marcadas foram canceladas à última hora. Não há mais nada para mim, pelo menos não por enquanto. Por isso, parece que afinal vou continuar a trabalhar no Whitley.

— Oh, Andrea, lamento imenso. Pensei que o Hotel Lennon ia ser uma ótima opção para ti. Embora, deixa-me confessar, fique contente por não ires a lado nenhum. Gosto de te ter por perto. E continuo a achar que vais acabar por perceber que o serviço de *concierge* é um sítio muito bom para trabalhares. Além disso, vais poder trabalhar com o Marco. Vocês sempre se deram bem. Até pode ser divertido.

— Há muito tempo que o meu trabalho é tudo menos divertido — admite Andrea.

Hallie olha para a irmã com compaixão.

— O trabalho pode ser divertido. Eu adoro o que faço. Sei que agora não consegues ver isto, mas a verdade é que pode ser um mal que vem por bem.

— Hum, quanto a isso já não sei. Então, conta-me como é o tipo novo.

— O David Connolly?

Andrea assente.

— Sim. Lembro-me vagamente dele dos tempos da escola secundária. Eu andava no décimo ano quando ele estava no décimo segundo. Era alto, louro e namorava com aquela *cheerleader*, a Missy qualquer coisa.

— Certo. Também já não me lembro do nome dela, mas sei de quem estás a falar. Ele parece ser simpático. E inteligente. Logo na primeira reunião que fez connosco apresentou algumas sugestões fantásticas. Acho que vai ser bom para a Paula também. Ela estava nervosa por assumir este novo cargo.

— Aposto que estava — disse Andrea com amargura. Em parte, ainda culpava a prima pela decisão do avô.

— Ela não teve culpa de nada — recordou-lhe Hallie.

— Como queiras. Então, qual é a situação do David? Está solteiro? Está em Nantucket só de passagem? A família ainda aqui vive?

— Não faço ideia se está solteiro. O assunto não veio à baila. Sei que tem família aqui, mas acho que este trabalho é apenas temporário. Ele vive em Nova Iorque.

— Claro que vive. Não há homens disponíveis de jeito em Nantucket — disse Andrea sorumbática.

Hallie olhou subitamente para a irmã.

— Isso é um disparate. Há muitos homens disponíveis que vêm a Nantucket. O fim de semana do Figawi está aí à porta, e a ilha vai estar cheia deles.

A famosa corrida de barcos à vela acontecia todos os anos no fim de semana do *Memorial Day*, quando centenas de enormes embarcações com tripulações experientes corriam de Hyannis a Nantucket, regressando no mesmo dia. Era um dos fins de semana mais agitados do ano em Nantucket.

— Sabes o que quis dizer. Estava a falar de homens que

vivam aqui o ano todo. Se calhar, o melhor era mesmo mudar-me para Nova Iorque. A Elaine também está à procura de trabalho para mim na cidade.

Hallie não pareceu ficar muito feliz com isto.

— Nova Iorque é tão longe e tão grande.

— Fica apenas a uma curta viagem de avião e há imensos voos diretos. — Havia muita gente abastada em Nova Iorque que tinha segundas casas em Nantucket e passava ali todos os fins de semana. Muitas delas tinham jatos particulares, e durante os meses de verão havia sempre dúzias deles estacionados no aeroporto de Nantucket. Porém, não obstante Andrea ter dito a Elaine que estava aberta a ofertas de emprego em Nova Iorque, não estava verdadeiramente entusiasmada com a ideia. Tinha esperanças de que acabasse por aparecer qualquer coisa em Boston.

Quando Marco regressou ao bar, um lugar ficou vago ao lado de Andrea e ele sentou-se ali. O telemóvel vibrou e Marco olhou de relance para a mensagem, enquanto abanava a cabeça.

— O meu irmão devia vir ter comigo aqui. E agora acabou de me dizer que teve oportunidade de fazer algumas horas extra e que, por isso, fica a trabalhar.

— Porque não ficas connosco? Íamos agora pedir alguma coisa para comer — disse Hallie.

Marco aceitou alegremente o convite e passaram as duas horas seguintes a comer, a rir e a conversar. De repente, por volta das oito e meia, Hallie não conseguia parar de bocejar.

— Pessoal, eu sei que ainda é cedo, mas acho que vou andando para casa. O dia hoje foi longo e estou a quebrar.

Andrea estava prestes a pedir mais um copo de vinho. Ainda não estava pronta para ir para casa.

— Ainda é tão cedo. Tens a certeza de que não queres ficar para beber mais um copo?

Hallie tentou abafar um bocejo e falhou. Soltou uma gargalhada.

— Sim, tenho a certeza. Mas tu e o Marco deviam ficar.

— Eu fico, na boa — disse Marco.

Hallie sorriu.

— Ótimo! Amanhã falamos, Andrea. Boa noite, Marco.

Ele era uma boa companhia. Andrea estava satisfeita por ter saído e, pela primeira vez desde que perdera o emprego, não estava a stressar muito com a procura de um novo trabalho. Apercebeu-se de que não sabia muito sobre Marco, além de que era originalmente do Brasil.

— Fala-me sobre o teu irmão. Só estão cá vocês os dois?

— A minha irmã, Alana, também aqui está. Vivemos os três numa casa arrendada.

— Os vossos pais estão no Brasil?

Ele sorriu.

— Só a minha mãe. Perdemos o meu pai há quatro anos. Temos andado a tentar convencê-la a vir para cá também, nem que seja só para uma visita. Vieram cá os dois um ano antes de ele morrer. Ela disse que talvez viesse este verão. Vamos obrigá-la a cumprir a promessa.

— Espero que consiga vir. O que fazem os teus irmãos?

— O Sérgio é o mais velho e trabalha numa empresa de construção de telhados. Ele gosta de estar ao ar livre. A Alana é a bebé da família. Trabalha como empregada de mesa num restaurante do centro, o Mimi's Place. Adora trabalhar lá. São todos muito simpáticos.

Andrea assentiu.

— Pois são. Conheci as raparigas que tomaram conta do espaço, a Mandy, a Emma e a Jill. Há coisa de um ano fizeram uma noite aberta para celebrar a reabertura.

Marco sorriu amplamente.

— Eu mando imensos clientes nossos para lá. — Uma das perguntas mais comuns no serviço de *concierge* era sobre restaurantes recomendados.

— O que fazes nos teus tempos livres? Gostas de pescar?

— Andrea estava curiosa em saber mais acerca de Marco. Era tão fácil falar com ele e adorava a sua pronúncia. Nunca tinha reparado como os seus olhos eram escuros, de um castanho profundo e caloroso que se iluminava quando ele falava. Gostava que fossem quase tão escuros como o seu cabelo, ondulado e espesso, e também gostava que não fosse muito curto. Sempre teve uma certa preferência por homens de cabelos um pouco mais compridos. Não que estivesse a pensar em Marco neste sentido. Nunca o fizera e considerando que agora iria ser chefe dele, não era uma boa altura para ter aquele tipo de pensamentos.

— Não gosto muito de pescar e até já tentei algumas vezes. Prefiro surfar.

— Sabes surfar? — Andrea estava impressionada. — Sempre quis aprender.

— E devias. Há algumas escolas de *surf* bastante boas aqui na ilha. Quando vim morar para cá, tive aulas e, agora, sempre que posso vou para o mar. Gosto muito das praias da costa sul, Cisco ou Surfside, normalmente.

— Vivi aqui a minha vida inteira e nunca me dispus a aprender a surfar. Talvez um dia destes...

— Então, o que gostas de fazer?

Andrea pensou durante um instante.

— Isto que estou a fazer agora. Adoro sair para jantar ou beber um copo. E quando o tempo está bom, gosto de estar na praia. No verão passado tentei fazer *paddle*. Foi divertido.

— Se consegues fazer *paddle*, consegues surfar.

— Talvez se me deres uma aula — provocou ela.

Mas ele levou a provocação a sério.

— É quando quiseres. Basta dizeres.

— Mais uma rodada? — O *barman* reparou que os copos estavam vazios. Andrea já tinha bebido dois copos de vinho, que era habitualmente o seu limite.

— O que achas? — perguntou Marco.

— Pode ser, porque não? — ouviu-se ela a dizer. Não queria que a noite acabasse já. Não tinha vontade de ir sozinha para a sua pequena casa de praia e ficar novamente deprimida por causa da procura de emprego. Queria continuar a esquecer-se de tudo durante mais algum tempo.

Andrea e Marco demoraram a beber as suas bebidas, enquanto conversavam e riam. Descobriram que gostavam muito do mesmo tipo de séries de televisão e eram ambos adeptos de basebol. Andrea adorava ir a Boston durante uma ou duas noites para assistir aos jogos dos Red Sox.

Marco insistiu em pagar, mesmo quando ela tentou entregar o seu cartão de crédito ao *barman*.

— Mas nós éramos duas. — Estava a dever uma à irmã e, por isso, planeara pagar as bebidas daquela noite.

— Bem, eu invadi a tua noite com a tua irmã. Vamos considerar isto uma celebração pela tua promoção.

— A minha promoção? — Andrea estava um pouco zozna com o terceiro copo de vinho e estava prestes a corrigi-lo para dizer «despromoção», mas ele falou primeiro.

— Sim, na minha opinião, este trabalho é muito melhor do que o anterior. Ser gerente do hotel parece-me algo muito stressante. Podes dizer com honestidade que o teu trabalho era divertido?

Andrea soltou uma gargalhada.

— Divertido? Não.

— Estás a ver? O trabalho tem de ser divertido.

— Ainda há pouco a minha irmã me disse o mesmo.
Obrigada, Marco.

— Ela é uma rapariga inteligente. — Marco assinou o recibo e encaminharam-se para a porta.

Quando iam a sair, Andrea tropeçou e quase caiu, mas Marco amparou-a.

— Obrigada, mais uma vez.

Marco olhou para ela e hesitou durante um instante.

— Porque não me deixas levar-te a casa? Podes vir buscar o teu carro amanhã de manhã?

— Mas a minha casa não fica em caminho para ti. — Andrea vivia ao lado do Whitley, que ainda ficava a uns bons quinze minutos de distância. Marco vivia a menos de dois quilómetros, mas no sentido oposto.

— Não me importo. Vamos.

Conduziu-a até à sua carrinha e ajudou-a a entrar no lugar do passageiro. Enquanto o carro avançava no meio de um silêncio confortável, Andrea sentiu os olhos a ficarem pesados e percebeu que ia adormecer assim que a cabeça caísse na almofada.

Quando chegaram à sua casa, Marco acompanhou-a até à porta. E ela convidou-o automaticamente para entrar.

— Queres entrar? Posso fazer café para nós.

Ele sorriu.

— Adoraria, mas é melhor não. Tu precisas de dormir.

— Está bem. Boa noite, Marco, e muito obrigada pelo jantar e pela boleia. — Deu-lhe um abraço e ele inicialmente pareceu ficar surpreso, mas depois retribuiu o gesto e deu-lhe um beijo na testa.

— Dorme bem, Andrea. Foi uma noite muito divertida.

CAPÍTULO 6

Paula não sabia muito bem o que pensar acerca de David Connolly. Ele sabia certamente o que estava a fazer. Era tão dotado como ela para trabalhar com folhas de cálculo e conhecia a indústria hoteleira por dentro e por fora. Certa manhã, enquanto tomavam café, ela perguntou-lhe como se tornara um especialista tão competente.

— Assim que acabei a faculdade, fiz o estágio em Gestão do Hotel Four Seasons e trabalhei em diversas propriedades. Depois voltei para a universidade para fazer um mestrado e entrei na área da consultoria. Com a experiência hoteleira que tinha, puseram-me naquele nicho e permitiram-me viajar por todo o lado com alguns dos consultores sénior. Os nossos projetos-tipo duram normalmente dois ou três meses e estamos sempre a deparar-nos com os mesmos problemas, onde quer que trabalhemos.

— Viajas muito, então. Nunca te fartas? — Paula não se imaginava a ter este estilo de vida. Sabia que a maior parte dos consultores saíam ao domingo e só chegavam a casa à sexta-feira. Ela não gostaria de ter um emprego assim durante um período breve, quanto mais a tempo inteiro. Sempre fora uma pessoa caseira. Gostava de estar em casa e próxima da sua família.

— Às vezes, sim. Mas na maior parte do tempo não me importo. O trabalho é interessante. — A seguir, David

mudou de assunto. Era por isto que Paula não sabia ao certo o que pensar dele. Num instante era razoavelmente amistoso, no instante seguinte era distante e quase frio. Por vezes, parecia estar a quilómetros de distância dali. Questionou-se se o Whitley o estaria a entediar, se seria demasiado pequeno para constituir um desafio.

— O nosso hotel deve ser muito pequeno, comparando com aqueles com que costumas trabalhar.

— Sim, é um pouco mais pequeno. Mas nós trabalhamos com hotéis de todas as dimensões. — Sorriu. — Foi muito bom vir para cá. Regressar a casa, a Nantucket. Não vejo os meus pais com muita frequência e eles já estão a envelhecer.

— Como estão eles? Creio que mencionaste que o teu pai continua a exercer advocacia?

Ele assente.

— É verdade. Tem um escritório no centro e também trabalha a partir de casa.

— E a tua mãe?

— Está bem. Ela não trabalha. — David levantou-se, indicando que a pausa para café acabara.

Mais tarde, tiveram uma reunião com o avô para reverem as recomendações de David a respeito de alguns cortes que podiam fazer na gestão do hotel. Ele elaborara uma lista de sugestões e a maior parte fazia bastante sentido. Salientara algumas áreas onde os processos podiam ser simplificados e melhorara a forma como faziam as encomendas, para poderem beneficiar de descontos ao pedirem quantidades maiores de produtos. Mas depois fez uma recomendação que Paula não imaginou vir a ouvir. Era algo de que discordava completamente. Antes de dizer o que quer que fosse, olhou de relance para o avô, mas o seu rosto era difícil de ler. Ele nunca deixava transparecer

muito nas reuniões de trabalho. Há muitos anos, o avô disse-lhe que o sucesso nos negócios era semelhante a um jogo de cartas. Nunca deviam deixar que o adversário os visse aflitos e deviam guardar sempre as cartas na manga.

O avô assentiu na sua direção.

— O que achas destas recomendações, Paula?

— Bem, acho que algumas são sugestões ótimas. Há coisas que podemos implementar de imediato, como a questão das encomendas. Mas devo confessar que não gosto nada da ideia de reduzir o pessoal. Parece-me drástico.

— Reduzir o pessoal tornar-nos-ia mais eficientes e aumentaria os lucros — insistiu David.

— A decisão é da Paula — disse o avô.

Ela olhou para ele, surpreendida.

— Qual é a sua opinião, avô?

Ele dirigiu-lhe um sorriso rasgado.

— Creio que sabes. Faz o que achares mais acertado.

Paula respirou profundamente e olhou para David.

— Ninguém vai perder o emprego. Podemos implementar as outras sugestões e continuar a ter mais lucros de outras formas.

David não parecia muito satisfeito, mas assentiu.

— Muito bem.

O telemóvel tocou e quando olhou discretamente para o número, levantou-se e pediu licença.

— Desculpem, mas tenho de atender esta chamada.

— À vontade. Já acabámos a reunião — disse o avô.

David afastou-se e regressou um instante depois, um pouco mais pálido.

— Preciso de tirar o resto da tarde. O meu pai acabou de me ligar do hospital, a minha mãe caiu.

— Claro que sim, vai — disse o avô.

— Lamento imenso. Espero que ela esteja bem —

acrescentou Paula.

— Obrigado. Vemo-nos amanhã.

Depois de David sair da sala, Paula virou-se para o avô.

— O avô também teria feito o que eu fiz? Tomei a decisão certa?

— Sim, eu teria feito o mesmo. Os lucros são importantes, mas as pessoas também. Nunca tivemos de fazer despedimentos e não planeio começar agora. Se cortássemos no pessoal, outras coisas seriam afetadas. São as pessoas que fazem do Whitley aquilo que ele é.

— Ótimo. Foi o que eu pensei. Foi o que o avô sempre me ensinou. E acho que é o que nos distingue dos outros, aquilo que faz com que as pessoas voltem.

— Exatamente. Então, põe-me a par das novidades. Temos alguém especialmente importante ou famoso connosco?

Paula soltou uma gargalhada. O avô adorava saber de todos os mexericos.

— Por acaso, até temos. A Cami Carmichael chegou na noite passada. Vai ficar connosco durante dois meses.

— A Cami Carmichael? É aquela rapariga loura, bonita, a que faz as comédias românticas e tem um sorriso enorme, não é?

— Sim, essa mesmo.

— Gosto do sorriso dela. Ultimamente aparece em todo o lado. Ainda ontem vi uma fotografia dela na capa da revista *People* e estão sempre a passar o anúncio de um filme qualquer que ela fez e que está prestes a sair. Espero que não a estejam a incomodar muito aqui?

— Ela está um pouco disfarçada. Mudou o cabelo. Agora está curto e acastanhado e acho que se registou com outro nome. Acho que é Bella. A Lucy fez o *check-in* e disse que nem sequer a reconheceu. O cabelo fá-la parecer uma

pessoa completamente diferente.

— Ótimo. Bem, se reservou quarto durante dois meses, é evidente que precisa de um escape. Espero que consiga ter uma estadia descontraída e pacífica.

* * *

Quando David chegou ao hospital de Nantucket, dirigiu-se à secretária das Urgências e, de lá, encaminharam-no para o quarto onde a mãe estava. Encontrava-se recostada na cama, com uma perna em cima de uma almofada. O pai estava sentado numa cadeira ao seu lado, a segurar-lhe na mão.

— Olá, querido! — A mãe parecia bem-disposta, como sempre, não obstante as circunstâncias. O pai tinha um ar nervoso e exausto.

David deu um abraço cuidadoso à mãe e a seguir sentou-se ao lado do pai.

— O que aconteceu?

— A mãe foi à rua buscar o correio. Esqueceu-se do degrau e foi por ali abaixo. Felizmente, eu estava em casa quando caiu.

— Tem algum osso partido?

— Ainda não sabemos ao certo. O médico deve estar por aí a aparecer. Eles fizeram uma série de exames e radiografias.

— Como te sentes, mãe?

— Um bocadinho tonta. Nem acredito que não vi o degrau. Não estava com atenção, mais nada. E até não me dói muito. Se deus quiser, vou para casa em breve. — Parecia estar bem, lúcida e animada.

— Bem, acho que vou buscar um café. David, queres vir comigo? Nós voltamos já, Barbara. Queres um café ou

outra coisa qualquer?

— Não, obrigada. Estou um bocadinho cansada. Sou capaz de fechar os olhos por um bocadinho.

David seguiu o pai para fora do quarto e percorreram a curta distância até à cafetaria. Pediram café para ambos e, no caminho de regresso, o pai atualizou David acerca da procura de uma assistente.

— Acho que já encontrei uma pessoa. Chama-se Meghan. Apresentou-se como Meg e pode começar já na segunda-feira. Pode trabalhar todas as tardes de segunda a sexta e disse que tem flexibilidade, se alguma vez precisarmos dela ao fim de semana.

— Isso parece-me bem. Como é que ela é?

— Está no início dos sessenta, é professora aposentada e anda à procura de um emprego em *part-time*. Acho que a tua mãe ia gostar da companhia dela.

— Ótimo, depois já podes descansar um pouco. Estás com um ar cansado, pai.

— Estou bem. Desde que esteja alguém com ela, vou conseguir ficar mais tranquilo. Tenho saudades de estar no escritório, tenho mesmo.

Quando entraram no quarto da mãe, o médico estava com ela, a ligar-lhe o tornozelo. Quando viu David e o pai a entrarem, o médico levantou os olhos.

— Então, tenho boas notícias. Tirámos uma série de radiografias e não há ossos partidos. Mas a Barbara tem um estiramento feio no tornozelo. Vou ligar-lho e depois podem ir para casa, mas vai ter de usar canadianas e não pode fazer força no pé até o tornozelo sarar. Diria que vai levar umas boas seis semanas.

— Ah, isso são boas notícias — disse a mãe.

Uma hora depois, a mãe recebeu alta e foram os três para casa. Barbara demorou um pouco a entender-se com

as canadianas e a conseguir caminhar até ao carro, mas acabou por se desenrascar.

Quando chegaram a casa, o pai de David ajudou a mulher a sentar-se na sala, na sua poltrona favorita, reclinável, e David mandou vir *pizza* para o jantar.

Quando ela estava confortavelmente instalada, juntaram-se os dois a ela e conversaram animadamente enquanto esperavam pela comida.

— Como vai o teu trabalho no Whitley? É um lugar tão elegante. Há uns anos, o pai levou-me lá no nosso aniversário de casamento. Ao jantar, experimentámos o *menu* de degustação e era maravilhoso.

— Para mim era um pouco finório. Não sabia o que eram metade das coisas que comi, mas era tudo delicioso — disse o pai.

David sorriu. O pai era um homem de gostos simples. Uma das suas refeições favoritas era cachorros-quentes e feijão cozido. Ele e a mãe tinham gostos um pouco mais refinados, e ela já lhe tinha falado daquele jantar. Adorara tudo.

— O trabalho está a correr bem. Há muita coisa para fazer no hotel. E também foi uma boa oportunidade de voltar a casa e estar um pouco mais convosco.

— Não te vemos o suficiente — disse a mãe com tristeza. — Tens mesmo de viajar assim tanto?

— O David tem um bom emprego e a sua vida em Nova Iorque. Não há nada para ele aqui em Nantucket — disse o pai.

O pai tinha razão. As oportunidades profissionais em Nantucket eram bastante limitadas.

— Mas há a família. A família está aqui — respondeu a mãe.

David pressentia uma mudança de disposição na mãe.

Eram cada vez mais frequentes. A não ser que conseguissem redirecionar as suas emoções, ela tornava-se mais agitada. A campainha tocou e ele soltou um suspiro de alívio.

— Olha, a *pizza* já chegou, mãe. Mande vir a tua favorita — a que tem beringela, feta e espinafres.

Os olhos da mãe iluminaram-se.

— Mandaste vir essa? Ai que bom. É a minha *pizza* favorita e das minhas amigas também. Há tanto tempo que não a como. — Ainda há poucos dias tinham mandado vir a mesma *pizza*.

O pai levantou-se.

— Se fores buscar os pratos de papel e os guardanapos, David, eu vou buscar a *pizza*.

Alguns minutos depois estavam os três alegremente a comer na sala de estar. Riram-se e conversaram como se tudo estivesse perfeitamente normal, e a mãe manteve a clareza de espírito durante o resto da noite. Isto deu a David uma certa esperança de que conseguissem lidar com toda a situação, que talvez não tivesse de ser tão triste.

CAPÍTULO 7

— A mesa nove quer a carne de vaca escalada e bem passada. O que quer dizer «escalada»? — Caitlin era uma das empregadas de mesa mais recentes, uma estudante universitária que passara os últimos dois anos a limpar mesas. Agora, deram-lhe a oportunidade de servir também. Passara por um período de estágio intensivo, mas escalar carne não lhe tinha sido ensinado.

Nick soltou um gemido.

— Isto devia ser proibido. Felizmente, não acontece com muita frequência, mas significa que querem cortar a carne ao meio para cozinhar mais depressa e arruinar completamente uma peça que, de contrário, seria perfeita. Mas se é como querem...

Caitlin fez uma careta.

— Também não me parece lá muito bem. Quando era pequena, pensava que detestava carne de vaca porque a minha mãe a cozinhava sempre demasiado. Depois, em certa ocasião, fui jantar com uns amigos da faculdade que me convenceram a experimentar uma costeleta meio passada, e a experiência foi completamente diferente. Há um motivo para lhes chamarem carnes vermelhas.

Nick riu-se.

— Tens toda a razão. — Aceitou o pedido, cortou a maravilhosa peça de *filet mignon* ao meio e colocou-a na grelha.

Era sábado à noite e a cozinha estava agitada. O hotel estava cheio, e o restaurante, apinhado de hóspedes e de outros clientes que gostavam de lá ir. A reputação do hotel crescera ao longo dos anos e havia cada vez mais clientes que vinham do outro lado da ilha só para jantar no restaurante do Whitley. Nick gostava de pensar que uma parte da responsabilidade do sucesso era sua.

Tinha a sensação de que trabalhava ali há uma vida. Começou a lavar louça quando fez dezasseis anos e trabalhava depois das aulas e ao fim de semana. Depois de entrar para a faculdade, voltava ao trabalho durante as férias e passou por todas as tarefas e postos na cozinha. Quando acabou o curso de Gestão, apercebeu-se de que queria continuar a trabalhar para ser *chef* de cozinha. Trabalhou em vários restaurantes em Boston, adquiriu boas experiências de trabalho e a seguir regressou a Nantucket, onde assumiu o atual posto, que ocupava quase há cinco anos.

Gostava de trabalhar para Roland, o *chef* de cozinha. Nos últimos anos aprendera muito com ele e ganhara confiança para experimentar e se dedicar um pouco mais às suas próprias criações. Por isso, quando alguém lhe pedia carne bem passada e filetada, era uma dor de alma para ele. Mas desde que o cliente ficasse satisfeito, Nick fazia-lhe a vontade alegremente.

A cozinha fechava oficialmente às dez e passava um pouco das onze da noite quando Nick conseguiu dar o dia por encerrado. Normalmente, ao sábado à noite, ia beber um copo com um dos colegas da cozinha. Desde que tirassem a roupa de trabalho, podiam ir a qualquer bar ou restaurante da propriedade e beber uns copos. Mas naquela noite não havia ninguém para se juntar a ele. Por norma, quando não tinha companhia ia para casa e pronto. Mas

Nick sentia-se cheio de energia depois de ter andado a noite toda a mil à hora e apetecia-lhe sair um pouco.

Decidiu beber um copo no bar exterior que tinha vista para o mar. Era o bar mais descontraído do hotel, muito bonito à noite, e Nick adorava a vista.

Havia um lugar vago no bar em forma de U e onde cabiam cerca de trinta pessoas. O lugar vazio estava numa das extremidades, ao lado da bancada de *cocktails* onde os empregados de mesa esperavam que o *barman* preparasse as bebidas para transportarem. Era por isso que estava vazio, mas Nick não se importava. Conhecia todos os empregados de mesa, por isso teria sempre alguém com quem conversar enquanto eles esperassem junto ao bar.

Sentou-se no banco, e Frank, o *barman*, foi logo ter com ele. Frank estava a meio dos cinquenta e trabalhava no Whitley desde que Nick tinha memória.

— Olá, Nick, então, o que vai ser hoje?

A noite estava morna e abafada, demasiado quente para fim de maio, e cerveja parecia ser uma boa ideia.

— Pode ser uma whale's tale, de pressão. Obrigado, Frank!

Quando a cerveja chegou, Nick bebeu um gole e descontraiu enquanto olhava em redor para o bar. Eram quase só casais. Ele estava sentado ao lado de uma mulher, mas ela não se virara na sua direção e a única coisa que Nick conseguia ver era o seu cabelo quase preto, pelo queixo. Achou que ela devia estar com o homem sentado do outro lado.

Nick foi bebendo a cerveja e conversando com Sue e Jamie quando estes ali iam buscar as bebidas. Estavam atarefados com as mesas espalhadas pelo grande pátio. Também havia música; dois rapazes tocavam melodias simples de Jimmy Buffett e James Taylor nas suas

guitarras. As pessoas adoravam.

Estava quase a acabar a cerveja e preparava-se para pedir a conta quando a mulher sentada ao seu lado se virou para ele, lhe sorriu e o mundo de Nick sofreu um safanão. Havia qualquer coisa especial no seu sorriso. Iluminava-lhe o rosto todo e era dirigido a si, a Nick. Era tão caloroso. Os seus olhos também eram bonitos — de um tom cinzento-azulado que se destacava contra o cabelo escuro.

— Peço desculpa. Fui extremamente mal-educada por ter estado assim de costas para ti. Pensei que o lugar estava vazio. — Nick reparou que o homem que estava sentado do outro lado já se fora embora.

— Oh, não há problema. Cheguei há uns minutos. Chamo-me Nick.

Ela voltou a sorrir.

— O meu nome é Bella. Estás hospedado no hotel?

— Não. Na verdade, trabalho aqui. Na cozinha.

— A sério? Por acaso não grelhaste uma posta de salmão marinado, há coisa de uma hora? Pedi-o mal passado.

Nick já gostava dela. Quase ninguém pedia salmão mal passado, a não ser que fosse um verdadeiro amante de comida.

— Fui eu, sim. E é a única maneira de comer salmão. Espero que tenhas gostado?

— Foi o melhor salmão que já comi na vida. Estava absolutamente perfeito. Obrigada!

Ele sorriu abertamente.

— O prazer foi meu. Então, estás hospedada no hotel?

— Estou. Vou cá ficar durante algum tempo, numa espécie de férias prolongadas.

— Que bom. E vens de onde?

Ela hesitou por um instante antes de lhe responder.

— De Los Angeles, mas não considero a cidade como a minha casa, sabes? Vivo lá, mais nada.

— Sei perfeitamente o que queres dizer. Foi o que senti durante os anos em que vivi em Boston. Gostava de lá estar, não era mau, mas não era a minha casa.

— És de Nantucket? — Ela parecia surpreendida.

Nick assentiu.

— Sim, nasci aqui há trinta e seis anos. As minhas irmãs também trabalham aqui. A Lucy está na receção e a Paula é a gerente do hotel.

— Já conheço a Lucy, foi ela quem fez o meu *check-in*.

— É a tua primeira vez em Nantucket?

— Sim. Há uns anos, a minha irmã veio cá a um casamento, e agora insistiu que eu viesse para cá. Ela adorou e vem visitar-me em breve.

— Vai ser divertido para ti. Já tiveste oportunidade de brincar aos turistas?

— Um pouco. Ontem apanhei o autocarro até à cidade e fiz algumas compras. Mas pensei em esperar pela minha irmã para explorarmos a ilha juntas.

— Parece-me um excelente plano.

O telemóvel de Bella vibrou com uma mensagem. Ela olhou para o ecrã de relance e ficou imediatamente com uma expressão irritada. Desligou o telemóvel e atirou-o para a carteira.

— Esta é uma das coisas mais irritantes nas pessoas que estão na costa leste. Nem sempre param para pensar que deste lado são mais três horas e quem é que gosta de receber mensagens de trabalho a esta hora? — Suspirou e bebeu um gole da sua bebida.

— Trabalhas em que área? — Nick estava intrigado e queria saber mais sobre Bella.

Ela hesitou e mordeu o lábio inferior antes de

responder.

— Neste momento estou desempregada e aquela mensagem era alguém a dar-me uma dica acerca de um trabalho. O que é simpático, mas neste momento não me apetece pensar em trabalho. Vamos mudar de assunto. O que fazes para te divertires, isto é, quando não estás a trabalhar, claro?

Nick sorriu com ar travesso e levantou o copo de cerveja.

— Faço isto. Normalmente com amigos, mas hoje ninguém quis vir comigo. Se estavas a referir-te a passatempos — bem, adoro pescar. É quase como meditação para mim. O meu trabalho é sempre tão frenético, e eu adoro que seja assim, mas quando vou pescar, consigo passar horas em silêncio, junto ao mar a apreciar a calma. Sei que provavelmente soa um pouco tonto, não?

Bella sorriu.

— De maneira nenhuma. Eu também costumava ir pescar com o meu pai, nas montanhas do Vermont. Mas já se passaram muitos anos desde a última vez que o fiz.

— Bem, se um destes dias te apetecer pescar, estás à vontade para te juntares a mim. Normalmente saio para pescar ao domingo, se não tiver outros planos. Arranjo um farnel, levo um par de cervejas, um rádio e preparo-me para uma tarde bem passada.

Bella agarrou numa caneta que estava no bar e escreveu o seu número de telefone numa base para copos de cartão, que entregou a Nick.

— Da próxima vez que fores pescar, avisa-me, por favor. Como disse, vou passar um par de meses no hotel e fico grata por ter alguma coisa para fazer. E, na verdade, estava com esperanças de conseguir ir pescar.

Nick aceitou a base para copos e guardou-a no bolso.

— Aviso, sim. Neste domingo temos uma reunião de família, mas vamos fazer planos provisórios para o próximo.

Bella tentou abafar um bocejo, mas não conseguiu.

— Desculpa. Este dia foi enorme e deu cabo de mim. Acho que vou andando para o meu quarto. Foi muito bom falar contigo. Conta mesmo comigo para domingo, está bem?

— Combinado. Dorme bem, Bella.

Nick ficou a vê-la a afastar-se e já estava ansioso pela tarde de aventura que iam ter. Ela era uma rapariga bonita, com quem era fácil falar. E tinha qualquer coisa que lhe era familiar. O que não fazia sentido, já que nunca se tinham encontrado antes.

CAPÍTULO 8

A manhã de segunda-feira chegou, e, enquanto se dirigia ao trabalho, Paula sentia-se invadida por uma onda de temor. Era o primeiro dia de Andrea no seu novo cargo na equipa de *concierge*. Esperava que a prima não estivesse demasiado zangada consigo. Paula sabia que não tinha culpa de nada, mas continuava a sentir-se culpada por ter ficado com o cargo da prima. O avô assegurou-lhe que, se Paula não tivesse aceitado, teria despedido Andrea na mesma. Mas Paula sabia que Andrea era pessoa de guardar ressentimentos — sobretudo em relação a ela, embora não entendesse bem porquê.

Só encontrou a prima a meio da tarde, quando teve de ir à receção ajudar com um problema informático. Andrea estava sozinha na secretária do *concierge* enquanto conversava descontraidamente com um casal mais velho. Paula acenou-lhe ao passar, mas Andrea limitou-se a olhar para ela com frieza antes de voltar a concentrar a atenção nos hóspedes. Paula suspirou. Era mais ou menos o que já esperava.

Tratou da questão informática, depois foi para o escritório, para se esconder durante algum tempo e analisar os resultados da semana. Continuava a sentir-se mais confortável quando estava ali sozinha, mas sabia que tinha de ultrapassar esta timidez e fazer um esforço por sair mais do seu espaço, de forma a ser mais visível para os

funcionários e os hóspedes. Mas tinha alguns relatórios para fazer, por isso não se importava nada de ficar algumas horas rodeada por números. Estava quase a acabar o dia de trabalho quando David espreitou pela porta do seu escritório.

— Interrompo? — Ao longo do dia, só se tinham visto de passagem. Ele estava a trabalhar num projeto para o seu avô e Paula andou ocupada a fazer as suas rondas.

— Não, de maneira nenhuma. Estava mesmo a acabar isto. O que andaste a fazer?

— Acabei de me encontrar com a tua prima. Achei-a bastante encantadora e ficámos a conversar durante dez minutos, mais coisa, menos coisa. Mas depois falei em ti e, bem, vi um outro lado da sua personalidade. Ela neste momento não está nada satisfeita contigo.

Paula suspirou.

— Eu sei. Culpa-me por ter perdido o emprego. O mais certo é achar que eu tentei manipular o avô para me dar o cargo dela. A Andrea devia conhecer-me melhor, mas acho que não se dá ao trabalho de pensar um bocadinho e ver as coisas como elas são realmente.

— Tentei explicar-lhe que não tiveste nada que ver com isso. Que o teu avô me tinha contactado e que lhe sugeri a mesma troca de gerente. Não por ti, necessariamente, porque ainda não te conhecia, mas que achava que estava na altura de a Andrea assumir um cargo diferente.

— E o que disse ela?

David soltou uma risada.

— Bem, subitamente parou de namoriscar comigo.

Paula riu-se.

— Ora, aí está a Andrea. Espero honestamente que ela goste do trabalho novo.

— Parecia estar a gostar. Esteve a conversar imenso

tempo com um casal mais velho e deu-lhes algumas sugestões muito boas a respeito de restaurantes. Ela consegue ser muito cativante.

— Quando quer, sim. De nós todos, ela é provavelmente a mais sociável. Está sempre pronta para fazer qualquer coisa.

— E tu, não?

— Oh, eu de vez em quando gosto de sair. Mas sou um pouco mais reservada. Depois de um longo dia de trabalho, adoro descontraír e relaxar, normalmente em casa. E tu?

— Acho que fico algures no meio. De vez em quando gosto de sair depois do trabalho para beber um copo. As pessoas aqui saem muito? Além da Andrea, claro? — Ergueu as sobrancelhas e Paula voltou a rir.

— O meu irmão Nick está sempre pronto para sair depois do trabalho. Um dia destes devias sair com eles. Na maior parte das vezes, ficam aqui pelo hotel para beber um copo. Se o tempo estiver bom, vão para o bar exterior. Também é o meu bar favorito. Nas noites de quinta a domingo há boa animação no pátio.

— Tenho de ver isso. Um dia destes, devíamos ir beber um copo depois do trabalho.

— Pois devíamos — concordou ela. — Como está a tua mãe? Está a habituar-se bem às canadianas?

David ficou um instante em silêncio, antes de responder.

— Sim e não. Ela consegue andar bem com elas, mas recentemente foi-lhe diagnosticada doença de Alzheimer, e temos medo de que se esqueça das canadianas e volte a cair.

Paula ficou triste por ele. O rosto de David espelhava grande preocupação.

— Lamento muito, David. Parece ser uma situação

muito stressante para todos.

Ele assentiu.

— É mesmo. Sobretudo para o meu pai. Mas havemos de encontrar uma solução.

* * *

— Ah, estão aí os dois. Podem vir um instante ao meu escritório? Tive uma ideia e quero discuti-la convosco. — Fosse o que fosse, o avô de Paula parecia bastante entusiasmado.

— Claro que sim. — Paula pousou a caneta e seguiu o avô até ao seu escritório. David foi atrás dela.

— Sentem-se, por favor. — Sentaram-se em duas cadeiras colocadas em frente à enorme secretária de madeira escura do avô. Ele assumiu o seu lugar do outro lado e inclinou-se na direção deles.

— Quero organizar um evento no nosso jardim da frente. Vai chamar-se «Sabor da Cidade»; convidamos uma série de restaurantes locais para participarem e fazemos também uma prova de vinhos. Paula, podes ligar ao Peter da Bradford's Liquors, para ver se nos quer ajudar? Ele pode tratar de organizar os vendedores de vinhos e aceitar os pedidos se as pessoas os quiserem comprar.

— Quer dizer, como é costume fazer-se no Festival de Vinhos de Nantucket?

— Não, não é exatamente como no Festival. Nesse caso, eles centram-se principalmente nos vinhos com alguns petiscos elegantes como acompanhamento. Este evento será tanto sobre comida como sobre bebida. É uma oportunidade para os restaurantes locais exibirem os seus pratos de assinatura. E também podemos atribuir prémios, como, por exemplo, a melhor sopa ou guisado, a melhor

entrada e melhor prato. Os restaurantes podem depois usá-los no seu *marketing*.

— Eu gosto da ideia — disse David. — Parece-me uma estratégia ótima para aprofundar as relações com os restaurantes da região. E eles podem ficar mais dispostos a aconselhar o hotel aos seus clientes.

Os olhos do avô iluminaram-se.

— Sim! Era exatamente o que estava a pensar.

— E quando quer fazer o evento, avô? — Paula sabia que precisavam de algum tempo para organizar uma coisa desta magnitude.

— Estava a pensar na semana a seguir ao quatro de julho. É uma das semanas mais agitadas no hotel e se for numa segunda-feira, vai ser mais fácil para os restaurantes, além de que os hóspedes têm mais uma atividade em que podem participar.

O entusiasmo do avô era contagioso. Paula sorriu.

— Também acho que é uma grande ideia.

— Então, muito bem. Vou deixar que os dois tratem de tudo. Vamos precisar de tendas, naturalmente, daquelas que podem ser fechadas se chover. Há imensos pormenores para considerar. Mas vocês são bons nisso. — Levantou-se. — Muito bem, era só isto. Podem começar os preparativos amanhã, e vamos lá fazer com que aconteça!

CAPÍTULO 9

No dia em que o livro de Bella chegou, o tempo decidiu não colaborar. Não estava, de todo, um dia de praia e ela não tinha vontade de ficar o dia inteiro dentro do quarto, por isso aventurou-se a ir até ao centro da cidade. Vestiu a sua roupa para «afastar os outros» — calças de ganga largas, camisola de Nantucket grande demais para si, óculos de sol e um boné dos Red Sox. Com esta roupa ninguém olhava duas vezes para ela. A ideia deixava-a feliz. Guardou num saco de tecido o livro grosso de capas de papel que a sua agente lhe enviara, agarrou na mala e na chave do quarto e preparou-se para dar um passeio pela cidade.

Uma paragem rápida na secretária do *concierge* ajudou-a a arranjar um carro para a levar.

— Basta ir lá para fora que o Johnny vai buscá-la daqui a uns instantes. Procure por um *range rover* branco — disse-lhe Andrea.

— Muito obrigada.

Um momento depois de Bella sair do hotel, Johnny encostou e parecia satisfeito por vê-la.

Bella entrou para o banco de trás e meteram-se a caminho. A viagem até à cidade demorava cerca de quinze minutos, e Johnny foi a tagarelar durante quase todo o caminho.

— Está a gostar da estadia até agora? — perguntou ele.

— Estou, sim. É um sítio maravilhoso e muito relaxante. Exatamente o que esperava encontrar.

— Ótimo. E muito menos agitado do que Los Angeles, não é?

Ela ficou impressionada por ele se recordar.

— Sim, é muito mais agradável.

— Vai fazer algumas compras?

— Acho que sim. Mas antes talvez procure um café agradável para me sentar a ler um pouco. A chuva estava a deixar-me agitada, não me apetecia ficar o dia inteiro fechada no quarto.

— Compreendo perfeitamente. Há um café perto do cais, o The Corner Table. E se mais tarde tiver fome, se lhe apetecer uma *pizza*, há um restaurante de *takeaway*, o Oath, que é muito bom. Se lhe apetecer alguma coisa doce, pare na loja de chocolate, a Sweet Inspirations. Toda a gente adora o chocolate negro com arandos que eles têm.

— A sério? Já os provou? Parece-me uma combinação um pouco estranha, para dizer a verdade.

Johnny soltou uma gargalhada.

— Sim, já provei. Eles dão-lhe um pouco para provar e vai ver que fica viciada. Vai ver.

— Bem, agora fiquei intrigada. Vou lá experimentar.

— Se quiser, posso deixá-la no café.

— Seria perfeito.

Alguns minutos depois, Johnny encostou junto ao The Corner Table. Bella deu-lhe uma gorjeta generosa e entrou no café. Estava concorrido, mas ela não se importava com a fila. Dava-lhe tempo para ver o que havia no *menu* e escolher o que queria. Quando chegou a sua vez, decidiu-se por um *latte* de caramelo e um queque de banana e nozes, e quando os recebeu, sentou-se numa poltrona confortável. Observou as pessoas que passavam do outro lado da janela

enquanto comia o queque e bebericava o café. Depois abriu o livro e leu a primeira página.

Duas horas depois, o que restava do café estava gelado e Bella sentia um entusiasmo enorme que muitas vezes a inundava quando se deparava com um livro mesmo muito bom que não tinha vontade de largar. Detestava admiti-lo, mas a sua agente tinha razão. A história era incrível e seria uma oportunidade que podia consolidar a sua carreira. Sentia-se simultaneamente excitada e nervosa. Sabia que não podia deixar passar esta oportunidade, porque acabaria por se arrepender. Mas não precisava de ligar à sua agente naquele preciso instante. Ainda tinha algum tempo. Queria acabar de ler o livro e certificar-se de que continuava a sentir-se assim. Mas o seu instinto dizia-lhe que sim. Conseguia perceber por que razão o livro se manteve tanto tempo nos *tops* de vendas. A sua fama era imensa. Mal podia esperar por contar à irmã.

Mas estava a começar a ficar com as pernas rígidas e tinha de se levantar para caminhar um pouco. A chuva parara e o sol espreitava por entre as nuvens. Passava pouco das onze da manhã, uma hora perfeita para ir às compras.

Caminhou em direção ao cais onde atracavam os *ferries*. Naquele instante, estava a chegar um catamarã gigante vindo de Hyannis chamado *Grey Lady III*. Bella observou enquanto o barco atracava e as pessoas saíam, muitas delas com cães de todos os tamanhos e feitios.

Bella entrou em algumas lojas de lembranças, cheias de todo o tipo de bugigangas para turistas, como camisolas, chapéus, chinelos de dedo, canecas e muitas coisas mais. Bella usava a camisola de Nantucket que comprara na sua última incursão pelas lojas, por isso não precisava de mais coisas turísticas. Uma das montras tinha um vestido leve

que lhe chamou a atenção e pouco depois, entrou numa outra loja, *Nantucket Threads*.

A loja era adorável e tinha todo o tipo de roupa e calçado. Tinha uma mistura eclética de camisolas para turistas, peças mais descontraídas e algumas de qualidade superior mesmo muito bonitas. Teria mesmo de vir aqui com a irmã para comprarem uma série de coisas. Bella não planeara comprar nada durante esta manhã, mas depois viu as botas de cowboy. Eram de pele castanha mesmo muito suave com flores bordadas em tons de azul e cor-de-rosa. Eram lindas.

— Essas chegaram esta semana e têm sido muito populares. Quer experimentar?

Bella virou-se para olhar para uma senhora que, quando entrou na loja, estava atrás do balcão a acabar uma venda. Era baixinha, com o cabelo louro comprido que lhe caía em ondas largas sobre os ombros; usava umas botas semelhantes, calças de ganga e um *top* que caía em suaves camadas. Todo o *look* era muito bonito. Bella questionou-se se seria a dona da loja.

— Sim, por favor, gostava muito. Calço o trinta e nove.

— Ótimo, volto já. O meu nome é Izzy, já agora. Bem-vinda à minha loja!

Voltou um instante depois com as botas para Bella experimentar. Serviam-lhe na perfeição, e Bella suspirou de felicidade quando viu o seu reflexo ao espelho e constatou como lhe ficavam bem.

— O que lhe parece? — perguntou Izzy.

— Adoro-as. Vou levar.

Izzy levou as botas, embrulhou-as e pô-las num grande saco, que entregou a Bella.

— Está cá de férias? — perguntou Izzy enquanto entregava o talão a Bella.

— Estou, mas vou ficar alguns meses. A minha irmã vem visitar-me para a próxima semana e vou definitivamente voltar aqui com ela. Não estava a planear comprar nada hoje, mas quando cá voltar quero passar mais tempo a ver as coisas que tem. A sua loja é maravilhosa.

Izzy sorriu, muito satisfeita.

— Obrigada! Fico ansiosamente à espera da sua próxima visita, e da sua irmã também.

Bella saiu da loja e passeou pelo centro durante mais uma hora. Passou a maior parte desse tempo na Mitchell's Book Corner, uma livraria onde encontrou mais dois livros ideais para ler na praia. Quando saiu da livraria estava cheia de fome. Seguiu a sugestão de Johnny e encaminhou-se para a Oath Pizza, onde se deixou ficar na fila para comer uma *pizza* caseira sem glúten com uma das melhores crostas que já tinha comido na vida.

Quando acabou de comer, sentou-se num banco de jardim a ler novamente. O Sol brilhava agora alegremente e o ar também aquecera um pouco. O tempo estava perfeito para ler na rua. Bella ficou ali a ler durante cerca de uma hora e depois decidiu que estava na altura de voltar para o hotel. Enviou uma mensagem para o *concierge* informando que estava pronta para a boleia de regresso e, quinze minutos depois, Johnny apareceu com o seu *range rover* branco junto ao The Corner Table.

— Então, teve um bom dia de compras? — perguntou Johnny enquanto guardava o grande saco com as botas na bagageira do carro.

— Sim. E, já agora, obrigada pelas sugestões, todas ótimas. Tinha razão quanto à *pizzaria* Oath. E, quando a minha irmã vier visitar-me, vamos experimentar a loja de chocolates.

Ele parecia satisfeito.

— Que bom, fico contente que tenha gostado.

Conversaram descontraidamente durante a viagem de regresso e, pouco depois, Bella já estava de volta ao seu quarto no Whitley. Quando se preparava para voltar a abrir o livro e ler um pouco mais antes do jantar, o telemóvel tocou. Olhou para o ecrã e, ao ver que era a sua agente, ainda ponderou se devia atender ou não. Mas a curiosidade acabou por ganhar.

— Olá, Jean.

— Bella, como estás? Estás a gostar da ilha? É relaxante?

— Era. Até me ligares — disse Bella, com tom provocador.

Jean soltou uma gargalhada.

— És muito engraçadinha. Ouve, sabes que só te ligo se for por alguma coisa importante. É a respeito do livro que te enviei.

— Comecei a lê-lo hoje e tinhas razão. É muito bom.

— Eu sabia que ias adorar! — Jean soava triunfante. O que não era invulgar.

Bella esperou que lhe explicasse por que motivo estava a ligar.

» Então, estou a ligar-te pelo seguinte. Sei que querias ter algumas semanas para decidir, mas há um pequeno senão. Estão a ponderar também outra atriz. Alguém que acharam que não iam conseguir contratar, mas, segundo consta, ela leu o livro, adorou-o e contactou, ela mesma, os produtores.

Bella sentiu uma onda de desilusão e percebeu que queria realmente fazer aquele filme.

— Então, está decidido? Vão escolhê-la a ela?

— Bem, ainda não é certo. Tu continuas a ser a primeira

escolha, mas não se sentem confortáveis em deixar escapar esta outra atriz sem que tu assumas o compromisso. Têm receio de, caso esperem por ti, decidas não aceitar e que a outra atriz fique ofendida.

— E querem uma decisão agora, é isso? Eu digo que quero fazê-lo e o papel é meu?

— Sim. Se aceites o papel, eles vão dizer-lhe que já está atribuído. Mas precisam de saber o mais depressa possível. No máximo até amanhã — o que achas?

Bella sorriu.

— Podes dizer-lhes que aceito. Mas só posso começar a rodar daqui a dois meses, não antes. E esta condição não é negociável.

— Excelente. Vou dizer-lhes já. Muitos parabéns, Bella! Isto vai ser ótimo para ti.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte, depois de tratar de alguns assuntos mais urgentes, Paula reuniu-se com David no seu escritório para trocarem algumas ideias a respeito do evento «Sabor da Cidade».

— Podemos usar a mesma tenda que usamos para os casamentos, por isso aí não teremos dificuldades — disse Paula.

— E gosto da sugestão do teu avô para contactarmos a loja de bebidas no sentido de serem eles a lidar com os vendedores de vinho. Com as vendas que o evento vai gerar, será provavelmente muito bom para eles, compensa o trabalho — acrescentou David.

— O Peter é um tipo simpático, fico muito contente por poder dar-lhe o negócio a ele. Já fez eventos semelhantes a este noutras ocasiões.

— Tens alguns restaurantes em mente? — perguntou David.

Paula assentiu.

— Estive a pensar nisso. Qual achas que devia ser o nosso limite?

— Diria alguns entre vinte e trinta, acho que seria agradável. Nem toda a gente vai dizer que sim. Em termos de bens e de pessoal para servir, isto é uma despesa extra para os restaurantes. Mas é um excelente investimento em publicidade.

— Sobretudo para quem ganhar os prêmios «Melhor...»
Acho que nunca vi nada assim aqui em Nantucket. O mais parecido que temos é o festival de vinhos.

— Achas que os restaurantes locais vão demonstrar interesse em participar? Será que podem pensar que já têm movimento suficiente e que não precisam disto este verão?
— perguntou David.

— Acho que ajuda se conseguirmos assegurar um ou dois restaurantes antes de abordarmos os outros. Estava a pensar em perguntar primeiro ao Mimi's Place. Elas reabriram há mais ou menos um ano com nova gerência e talvez ainda estejam interessadas em anunciar a atividade.

— Também servem almoços ou só jantares?

— Sim, também servem almoços.

David sorriu.

— Então vamos lá agora. Podemos almoçar e falar com elas pessoalmente. É mais difícil dizer que não quando estamos frente a frente com as pessoas. Sobretudo se te conhecem.

Paula soltou uma gargalhada.

— Está bem, vamos lá.

* * *

David foi a conduzir e chegaram ao centro, ao Mimi's Place, ainda faltava um quarto para o meio-dia. Mandy, uma das donas do restaurante, estava na receção e sorriu-lhes quando os viu.

— Olá, Paula, que bom ver-te. Almoço para dois?

— Sim, obrigada.

Mandy conduziu-os a uma mesa para dois, à janela, de onde tinham uma vista bonita para a rua principal e podiam ver as pessoas que por ali passeavam. Entregou um

menu a cada um.

— Já soube da tua promoção. Muitos parabéns!

Paula ficou surpreendida e satisfeita.

— Obrigada. Como é que soubeste?

— A Mia esteve aqui no fim de semana e contou-me. Disse que estava a lidar com uma noiva difícil que vai fazer o casamento no Whitley.

Mia era a organizadora de casamentos com quem trabalhavam frequentemente, e dizer que a sua noiva atual era uma pessoa difícil era um eufemismo. Davina, assim se chamava, era um pesadelo.

Paula sorriu.

— Pois é. Mas acho que agora já está mais satisfeita. Pelo menos, é o que espero. Apresento-te o David Connolly. É consultor e vai trabalhar connosco durante alguns meses.

— Muito prazer em conhecê-lo. A Stacy já vem dizer-vos quais são os pratos do dia.

— Obrigada, Mandy, mas tens um minuto? Queríamos falar contigo sobre um assunto — disse Paula.

— Claro, o que é?

— Então, eu e o David estamos a trabalhar num evento que vai ter lugar no hotel, em meados de julho. Estamos a organizar um «Sabor da Cidade». Vai acontecer numa segunda-feira à noite. A nossa ideia era reunir vinte ou trinta restaurantes que apresentassem amostras dos seus pratos, ou algo que queiram destacar — um prato de assinatura, um prato novo, uma sopa ou uma sobremesa. Teremos também uma prova de vinhos.

— Parece-me uma ideia interessante.

— E também vamos atribuir prémios — acrescentou David. — As pessoas que forem às provas vão votar em diversas categorias; estávamos a pensar em: melhor entrada, melhor sopa, melhor prato principal e melhor

sobremesa. Os restaurantes podem entrar com vários pratos a concurso, se quiserem.

— Isto pode ser uma boa oportunidade de fazer publicidade, quer estejam apenas presentes, quer ganhem algum dos prêmios — disse Paula.

— Bem, a mim parece-me lindamente. Vou ter de falar com a Emma e com o nosso *chef*, o Paul. Estão os dois na cozinha, vou falar com eles e já vos digo alguma coisa.

— Ótimo, obrigada, Mandy.

Assim que Mandy se afastou, a empregada de mesa, Stacy, veio ter com eles para os informar sobre os pratos do dia.

— Temos *tortellini* de cogumelos com molho de gorgonzola com nozes tostadas e também peixe-espada grelhado com molho de manga. E temos o creme de lagosta.

— Eu quero os *tortellini*. — Paula adorava tudo o que tivesse molhos e nozes.

— E eu quero o peixe-espada e um creme de lagosta — disse David.

Alguns minutos depois, Stacy regressou com um cesto de pão e a sopa para David. Começaram ambos a comer. Paula adorava o pão do Mimi's Place. Compravam-no numa padaria local e era servido quente com a côdea estaladiça e o miolo macio. Estava a espalhar alegremente manteiga sobre o pão quando levantou os olhos e viu que David a fitava com curiosidade.

— O que foi? — perguntou.

Ele sorriu.

— Nunca vi ninguém tão entusiasmado com um pedaço de pão.

Paula soltou uma gargalhada.

— Isso é porque ainda não o provaste. — Deu uma

dentada no pão e suspirou. Era mesmo bom.

Esperou que ele provasse.

» E então?

— Tens razão. É bastante bom.

— Há quanto tempo vives longe da ilha? — perguntou Paula. Questionava-se se seria estranho para ele estar de regresso a casa, ou se estava a gostar.

— Oh, há muitos anos. Saí assim que acabei a faculdade e mudei-me para Manhattan.

— Tens saudades? Ou estavas ansioso por sair daqui? — Muitos dos miúdos com quem tinha andado na escola mal podiam esperar por sair da ilha e arranjar um trabalho no «mundo real». Nantucket era como uma pequena bolha e, para alguns deles, uma bolha sufocante.

— Acho que um pouco dos dois. Não havia muitas oportunidades aqui para fazer aquilo que eu queria, por isso ficar nunca foi verdadeiramente uma opção. Mas, sim, tenho saudades de estar com a minha família. E adoro Nantucket. Não é difícil adorar esta ilha. E tu? Alguma vez quiseste viver noutro sítio?

Paula abanou a cabeça.

— Não. Nunca. Fui para fora quando entrei para a faculdade, por isso sei o que é viver longe de Nantucket. Depois de quatro anos, estava mais do que preparada para voltar. Mas, mesmo assim, antes ainda vivi uns anos em Boston. O meu avô achou que era importante para mim. Que devia ver como era trabalhar noutro grande hotel e ter alguma experiência, assim como experimentar viver noutro local. E Boston não é assim tão longe. Continuava a vir a casa com frequência.

— Nunca te sentiste tentada a ficar em Boston?

— Não, nem um pouco. Viver em Boston foi ótimo, diverti-me imenso enquanto lá estive, mas não é Nantucket.

É aqui que quero estar e tenho a sorte de ter boas oportunidades de trabalho.

— Talvez um dia eu também volte. Tenho mesmo saudades de estar com a minha família. Principalmente agora, com tudo o que se passa com a minha mãe. É difícil estar longe deles.

— Os teus pais devem estar a adorar ter-te aqui?

— Acho que sim. Sobre tudo o meu pai, que precisa de algum apoio. Acho que agora que encontrou uma senhora para ficar com a minha mãe durante a semana, as coisas vão ser um pouco mais fáceis para ele.

Alguns minutos depois, os pratos de ambos chegaram e ficaram calados durante algum tempo. Como já era habitual, a comida estava deliciosa. A massa de Paula era soberba e uma vez que só comeu metade, pediu para levar o que restava. David comeu tudo o que tinha no prato.

Stacy veio perguntar-lhes se estava tudo bem e se pretendiam sobremesa.

— O que achas? Queres alguma coisa? — perguntou David.

— Eu adoraria comer sobremesa, mas já estou demasiado cheia. Mas pede tu alguma coisa. O tiramisu aqui é maravilhoso.

— A sério? É uma das minhas sobremesas favoritas. Se pedir um, comes pelo menos uma garfada?

Paula soltou uma gargalhada.

— Claro que sim.

Pouco depois, Stacy voltou com uma sobremesa e dois garfos. Paula comeu duas garfadas pequenas e deixou David apreciar o resto. Quando estavam quase a terminar, Mandy aproximou-se da mesa.

— Então, estive a conversar com a Emma e o Paul, e ambos adoraram a ideia do «Sabor da Cidade». Por isso,

contem com o Mimi's Place!

— Oh, muito obrigada. Isso é maravilhoso! — Paula estava deliciada. Agora podiam dizer aos outros restaurantes que já tinham o Mimi's Place confirmado.

Stacy trouxe a conta e David pegou imediatamente na carteira, mas Paula impediu-o e pousou o seu cartão da American Express sobre a mesa.

— Este foi um almoço de trabalho, por isso fica por conta do Whitley.

David guardou novamente a carteira no bolso.

— Muito bem, então. Obrigado. Eu diria que foi um almoço bastante produtivo. E delicioso.

* * *

Enquanto iam de carro para o hotel, o telemóvel de Paula vibrou com uma mensagem de texto da prima, Hallie.

Onde estás? Por favor, vem ter comigo quando voltares. A Davina está aqui e estou com vontade de a matar.

— Oh. A nossa noiva infernal está outra vez desagradada com alguma coisa.

— Aquela que mencionaste ao almoço? Danielle?

— Davina. Sim, a própria. Nós temos a nossa quota-parte de noivas armadas em divas, mas esta está no topo da lista.

— O que é que se passa?

— Não sei. Agora quem está com ela é a Hallie, e assim que chegarmos tenho de ir ver o que aconteceu. Até agora, ela já teve problemas com quase toda a gente.

David soltou uma risada.

— Então diverte-te.

Quando chegaram ao hotel, Paula foi diretamente para o escritório de Hallie. A prima estava ali com Mia e Davina, e as três mulheres apresentavam um ar bastante desconfortável.

— Entra, Paula — disse Hallie. — Estava mesmo a dizer à Davina que vinhas a caminho. Davina, a Paula é a nossa nova gerente.

Paula sorriu.

— Olá, Davina. Ouvi dizer que vai fazer o seu casamento no nosso hotel.

— Bem, estava a pensar nisso, sim. Mas agora já estou com dúvidas. Nunca pensei que isto fosse tudo tão complicado.

— O que se passa? Em que posso ajudar?

— A Davina quer que, no sábado do seu casamento, o Whitley só reserve quartos aos seus convidados — explicou Mia.

Isto podia fazer sentido, se fossem muitos convidados. Paula não se lembrava de quantas pessoas tinha Davina, mas não tinha ideia de ser um casamento assim tão grande.

— Quantos convidados vai ter no seu casamento?

— Cento e cinquenta.

Pois, não ia dar. O Whitley tinha mais de duzentos quartos. Paula decidiu optar por uma abordagem diferente.

— Bem, podemos certamente fazer como a Davina quer. Não me importo nada que reserve todos os nossos quartos, mas acho que ficará com mais quartos do que aqueles de que precisa realmente. Nós temos um total de duzentos e vinte quartos. Os seus convidados vão preencher mais de metade. Já tivemos casamentos que reservaram o hotel inteiro. Fica inteiramente ao seu critério. Se é isso que

quer, podemos reservar-lhe todos os quartos, claro.

Davina ficou com um ar confuso e a seguir começou a fazer contas.

— Então, teria de pagar os quartos todos, mesmo aqueles que não usarmos?

— Sim, claro. Se não quer que os reservemos para outras pessoas.

— Não pode simplesmente não os reservar e pronto?

— Lamento, mas não. Se o fizéssemos, quem ia pagar esses quartos seríamos nós, e não me parece que isso fosse uma boa decisão de negócio para o hotel. Espero que consiga compreender isto.

— Bem, então talvez eu leve o meu negócio para outro lado! — Davina levantou-se indignada e fitou Paula furiosamente. Mas esta não se deixou enganar pelo *bluff*.

— É uma opção sua, naturalmente. Esperamos que decida ficar. Quando tomar a sua decisão, informe por favor a Hallie e a Mia.

— Obrigada, Paula — disse Hallie.

Paula voltou para o seu escritório e tentou não sorrir. Sabia que Davina não ia cancelar o casamento no Whitley. Não havia outro sítio onde o pudesse marcar com tão pouca antecedência. Pelo contrário, o mais certo era continuar por ali a aterrorizá-los a todos. Mas quando tudo acabasse, nunca mais precisariam de a ver.

Hallie apareceu no seu escritório vinte minutos depois.

— Então, o que é que a Davina decidiu?

Hallie sorriu.

— Adivinha? Não vai a lado nenhum, claro. Assim que saíste, acalmou-se de imediato. Disse que pensou no que disseste e entendeu.

— Ótimo. Ela já veio fazer a prova? — Todos os noivos eram convidados para uma prova formal das opções do

menu. Normalmente era uma noite divertida para ambos e para os seus acompanhantes, por norma a mãe da noiva e talvez uma das damas de honor e o padrinho do noivo.

Hallie fez uma careta.

— Não. É na próxima quinta-feira à noite. Coitadinho do Nick.

Paula soltou uma gargalhada.

— Pode não ser assim tão mau. A comida do Nick é maravilhosa. Talvez a Davina consiga descontrair um pouco e aproveitar o jantar.

— A esperança é a última a morrer — disse Hallie.

CAPÍTULO 11

— Bom dia, minhas senhoras. Então, onde acabaram por jantar ontem? — Na noite anterior, as duas mulheres mais velhas tinham pedido a Andrea sugestões de restaurantes.

— Fomos ao Mimi's Place, e tinha razão, é maravilhoso — respondeu Beverly Higginbottom.

— Comi o melhor peixe-espada da minha vida — acrescentou a irmã, Jane. As duas vinham do norte, do estado de Nova Iorque, para passar a semana em Nantucket.

— Fico contente que tenham gostado. Em que posso ajudá-las hoje?

— Queríamos saber a sua opinião sobre o Museu Baleeiro. Vale mesmo a pena a visita? Vamos passar a tarde na cidade e estamos a tentar planear o dia.

Andrea sorriu.

— O museu vale mesmo muito a pena. É um dos locais que sugiro sempre a toda a gente que visita Nantucket. Reservem umas boas horas para o conhecer, há muito para ver e é verdadeiramente fascinante.

— Muito bem. Obrigada, Andrea.

À medida que as duas senhoras se afastavam, uma mensagem apareceu no ecrã do computador de Andrea. Era de Paula.

Hoje quando acabares o trabalho, podes dar um saltinho ao

meu escritório? Eu e o David precisamos da tua opinião acerca de um projeto novo em que estamos a trabalhar.

A primeira reação de Andrea foi irritação. A última coisa que tinha vontade de fazer era ajudar a prima. Mas, ainda assim, estava curiosa com o que ela podia querer. Respondeu que passava lá no fim do turno.

Cerca de uma hora depois, quando Marco veio substituí-la, Andrea subiu as escadas e dirigiu-se ao escritório de Paula. A porta estava aberta e David encontrava-se ali com ela. Estavam profundamente embrenhados a conversar e Andrea não quis interromper. Bateu levemente à porta. Paula levantou os olhos e quando a viu fez-lhe sinal para entrar.

— Obrigada por vires, Andrea. — A prima parecia nervosa.

Andrea teve vontade de lhe responder mal, de dizer que até parecia que tinha outro remédio. Mas com David ali sentado, mordeu a língua e, em vez disso, respondeu:

— O que se passa?

— Então, o avô quer organizar um evento chamado «Sabor da Cidade». Eu e o David estivemos a trabalhar nisso hoje. Almoçámos no Mimi's Place, e eles concordaram em participar. Também já falei com o Peter da Bradford's Liquors, e ele vai tratar das provas de vinhos. Estamos a elaborar uma lista de restaurantes que queremos convidar e gostávamos que a visses e que nos desses mais alguma sugestão que possas ter.

— Deixa-me ver a lista. — Andrea achava a ideia excelente e era algo em que adoraria participar, mas não ia admiti-lo em frente a Paula.

Observou a lista. Tinha todos os suspeitos do costume, os restaurantes mais conhecidos que todos frequentavam há anos.

» São todos bons restaurantes, mas vamos acrescentar alguns dos mais novos. Há alguns lugares recentes que são bastante bons e de que talvez ainda não tenhas ouvido falar, mas que valem muito a pena. — Mencionou alguns nomes e Paula anotou-os. — Também acrescentaria a Oath Pizza e o restaurante do aeroporto.

— Oh, esqueci-me desses — disse Paula.

— O que achas da ideia, Andrea? — perguntou David. Parecia genuinamente curioso em saber a sua opinião. Andrea gostara de conversar com ele quando se apresentou, pelo menos até David mencionar Paula. Andrea suspirou.

— Acho que é uma boa ideia. Tenho a certeza de que será um sucesso enorme. Boa sorte com a organização. — Virou-se para sair.

— Andrea... — chamou Paula.

Virou-se novamente para olhar para a prima.

— Precisas de mais alguma coisa? — perguntou.

— Não, era só para te agradecer a ajuda.

— Não tens de quê. Boa noite.

* * *

Andrea foi a pé para casa, vestiu umas calças de fato de treino e foi correr para a praia. Nada a ajudava mais a aliviar o stresse do que uma boa corrida. Estava a ter um dia relativamente bom até a prima pedir para falar com ela. Ainda a magoava que o avô achasse que Paula, o ratinho pequenino que gostava de se esconder no escritório que mais parecia uma caverna, seria mais indicada para o papel de gerente do hotel. Ela parecia ter medo até de se dirigir a Andrea. Correu ainda mais depressa, com mais vigor, e quarenta e cinco minutos depois, quando regressou

a casa, estava exausta e mais calma. Depois de tomar um duche quente iria sentir-se ainda melhor. Talvez desafiasse Hallie a comer qualquer coisa no centro da cidade. Não estava com disposição para cozinhar.

Depois de um longo duche, Andrea sentia-se relaxada e muito mais bem-disposta. Vestiu-se, secou o cabelo e foi até à cozinha. O telemóvel estava em cima da bancada e tinha uma notificação de chamada não atendida. Ouviu a mensagem que Elaine Humphrey, a recrutadora, lhe deixou.

Olá, Andrea. Tenho uma vaga ótima para ti! Um boutique hotel em Manhattan precisa de um gerente, o mais depressa possível. Liga-me.

Era em Nova Iorque, não em Boston. Andrea ficou um pouco desiludida, mas mesmo assim ligou a Elaine. Ela atendeu ao primeiro toque.

— Olá, Andrea. Esta vaga é mesmo a tua cara. O Hotel Alexandria é um hotel pequeno, muito luxuoso, numa zona fantástica da cidade. Quando podes encontrar-te com eles?

Andrea ficou espantada.

— Não querem começar com uma entrevista por telefone?

— Não. Adoraram o teu currículo e querem encontrar-se pessoalmente contigo. Quando podes lá ir?

Andrea pensou no seu horário. Tinha domingo e segunda de folga.

— Posso lá ir na segunda-feira.

— Muito bem. Fica atenta. Vou ligar-lhes e depois digo-te alguma coisa.

— Obrigada, Elaine.

Andrea foi ver a página *online* do hotel. Era, de facto, excelente. Era um hotel pequeno, só tinha cem quartos, e a localização era fantástica, perto de tudo. Achou que seria

interessante ir a Nova Iorque ver o hotel pessoalmente, mesmo que acabasse por não querer aceitar o lugar depois de se encontrar com os responsáveis. E quem sabe, talvez até se apaixonasse por ele... Não tinha de ficar eternamente em Manhattan. Talvez um ano ou dois, e seria bom para o seu currículo.

Elaine telefonou-lhe quando Andrea estava mesmo a sair. Tinha uma entrevista marcada com o Hotel Alexandria, na segunda-feira seguinte.

* * *

Hallie concordou em ir com ela ao Millie's, o restaurante favorito de ambas quando lhes apetecia comida mexicana. Ficava mesmo junto à praia e a comida era muito boa.

Ficaram no piso de cima, onde a vista era melhor. Andrea pediu uma margarita e Hallie pediu um *chardonnay*. Depois pediram pratos semelhantes — taco com vieiras e *bacon* e taco com peixe — um pouco de *guacamole* e tortilhas estaladiças para partilharem enquanto esperavam pela comida.

— Então, como foi o teu dia? — perguntou Hallie enquanto estendia a mão para um pedaço de tortilha.

— Foi ótimo até a Paula pedir para falar comigo. Tive de me apresentar no escritório dela antes de me vir embora.

— Porquê? Está tudo bem?

— Tudo ótimo. Ela queria a minha opinião acerca de um evento que estão a organizar. Já sabes o que é? O «Sabor da Cidade», em meados de julho?

Hallie ficou com um ar surpreendido.

— Não, ainda não sei de nada. O que é?

Andrea explicou-lhe.

— Pois, a Paula queria a minha opinião sobre a lista de restaurantes que vamos convidar a participar.

— Foi por isso que quis falar contigo?

Andrea assentiu.

— Então, isso é uma coisa boa. Ela queria a tua opinião. Talvez tenha sido uma forma de quebrar o gelo contigo. Sei que ela detesta a ideia de estares zangada com ela.

Andrea suspirou.

— Eu não estou zangada com ela, não de verdade. Mas é frustrante, percebes?

— Percebo, sim, e lamento.

— Não tens culpa de nada. Eu sei que vai acabar por me passar. O que achas da ideia do evento?

— Do «Sabor da Cidade»? Para dizer a verdade, acho uma ideia fantástica. Aposto que vai trazer imensa gente ao *resort* e chamar ainda mais a atenção. Envolver os restaurantes da cidade também vai ajudar a espalhar a palavra e para eles também parece ser uma boa estratégia de *marketing*. Foi ideia do avô?

— Sim, foi o que a Paula me disse.

— Ele é mesmo muito perspicaz. Sobretudo para um homem da sua idade — disse Hallie.

Andrea bebeu um gole da sua margarita e ignorou o comentário da irmã.

— Então, tenho novidades. No domingo à noite voo para Nova Iorque. Tenho uma entrevista na segunda de manhã.

— Tens? Para gerente?

Andrea assentiu.

— No Hotel Alexandria. Já ouviste falar?

— Olha, por acaso, já. Se bem me lembro é um hotel bastante exclusivo.

— Sim, é muito luxuoso, superior — confirmou Andrea.
— Fui vê-lo *online* e é lindo, com o mesmo nível de qualidade do Whitley.

Hallie sorriu.

— Bem, isso é bom! Acho que não faz mal dares uma vista de olhos à proposta, não é?

— Foi o que pensei. Voo para lá no domingo à noite e fico no hotel, para ficar com uma ideia do lugar e depois na segunda, depois da entrevista, volto para casa. Ninguém vai sequer dar pela minha falta.

— Espero que corra bem, mas detesto a ideia de te mudares para tão longe — disse Hallie enquanto o empregado de mesa trazia os tacos.

— Para ser sincera, também não sei bem o que sinto em relação a isso. Mas vou só lá ver e depois volto para casa. Para mudar de assunto, como vão as coisas com a tua noiva dos infernos?

Hallie soltou uma gargalhada.

— A Davina é realmente o diabo em pessoa. Tive de chamar a Paula para ela lhe explicar o motivo por que não podemos recusar-nos simplesmente a reservar o hotel inteiro para a noite do casamento dela.

— Ela pediu mesmo que o fizéssemos? Uau.

— Sim, e ameaçou desistir de fazer o casamento no hotel. Mas a Paula chegou para ela. Disse-lhe que não era de todo possível e pronto. E, claro, a Davina não cancelou coisa nenhuma. Para onde havia de ir, à última hora?

— A Mia deve ter ficado horrorizada — disse Andrea. Mia organizava imensos casamentos com o hotel, e Andrea não sabia como conseguia aturar pessoas como esta noiva.

— Não estava nada satisfeita com a noiva, não. E sentiu-se mal por termos de envolver a Paula no assunto. Mas a Davina não dava ouvidos a nenhuma das duas. Foi

uma loucura.

— Bem, se correr tudo bem, será a última vez que temos problemas com ela. Agora já está tudo tratado, não está?

— Nem por isso. Ainda temos a prova da ementa. Mas vai correr bem, de certeza. Toda a gente adora a nossa comida.

Pela primeira vez, Andrea sentiu-se aliviada por não ser a gerente e não ter de lidar com clientes verdadeiramente infernais, como era Davina. Quase todos os que se dirigiam à secretária do *concierge* iam bem-dispostos e ficavam gratos pela ajuda prestada.

— Boa sorte com isso — disse Andrea.

— Obrigada. Olha, por falar na Mia, ela disse que no sábado à noite vai organizar um churrasco com a irmã e convidou-nos a ir também. Acho que vai lá estar uma boa multidão...

— Parece-me divertido. Não tenho planos para sábado. Elas vivem perto da água, não vivem? Naqueles condomínios perto do cais?

— Sim. A casa é da Mia, mas a Izzy está a passar uns tempos com ela. Teve um bebé há pouco tempo e está a expandir a loja, a Nantucket Threads.

— Adoro a loja dela. Aposto que se vai sair muito bem.

— A Mia contou-me que está a correr melhor do que ela previa. Ela tem estado a colaborar com um consultor para construir a loja *online* e acho que tem tido muito sucesso.

— Não me surpreende. As vendas *online* estão a aumentar e as pessoas adoram Nantucket. Já pensei muitas vezes que também podíamos fazer mais no Whitley. Podíamos vender roupões de banho e chinelos com monograma numa loja *online*, assim como as camisolas que vendemos na loja de lembranças.

— Isso é uma excelente ideia. Devias falar disso com a

Paula — disse Hallie.

— Não vou falar de coisa nenhuma com a Paula! — disse Andrea bruscamente.

— Pronto, está bem. Desculpa. Talvez possas falar com o avô, então. Aposto que ele ficaria interessado. É uma ótima ideia.

— Hum. Talvez fale. Logo se vê. — Neste momento, Andrea não se sentia particularmente generosa em relação ao avô ou à prima. A sua boa ideia podia esperar.

CAPÍTULO 12

— Vamos ao churrasco da Mia? Não precisamos de ficar muito tempo. Está um dia tão bonito e devem estar lá algumas pessoas que conhecemos. — Lucy estava sentada na cozinha de Paula, a beber café e a comer um *donut* de maçã. Apareceu em casa da irmã para pôr a conversa em dia, como fazia tantas vezes ao sábado.

— Não sei se estou com disposição para grandes multidões — disse Paula. Sentia-se frequentemente intimidada em ambientes com muita gente.

— Não sejas tonta. Vais fazer o quê? Além disso, eu estou lá, sempre me conheces a mim.

— Eu sei. Mas tenho a certeza de que a Andrea também lá vai estar. Não sei se me apetece lidar com ela agora.

— Se fosse a ti, não me preocupava nem um pouco com a Andrea. Ela não te vai ligar nenhuma. Conheces bem a nossa prima. Ela adora uma boa festa e vai andar por ali a namoriscar com toda a gente.

— Isso é verdade. — Paula olhou de relance pela janela. O dia estava realmente perfeito. O Sol brilhava e não se via uma nuvem no céu, além de que estava calor.

— Está bem, pronto, vou contigo. Tens razão, de certeza que vai ser divertido. Mas devíamos levar alguma coisa. O que tinhas em mente?

— Ia fazer salada de batata. Normalmente as pessoas gostam de a comer com churrasco.

— Então sou capaz de fazer *brownies*.

— Parece-me bem. Passo por aqui por volta das seis e depois vamos juntas.

* * *

Paula não parou o resto do dia, lavou roupa, fez os *brownies* e por volta das cinco e meia começou a preparar-se para o churrasco. Decidiu-se por vestir calças de ganga e um *top* bonito com flores em tons de cor-de-rosa e azul. Lucy apareceu alguns minutos antes das seis e saíram.

Era sempre um desafio encontrar lugar para estacionar no centro da cidade, sobretudo aos fins de semana. Lucy teve de andar algum tempo às voltas antes de encontrar um lugar um par de ruas acima da casa de Mia. O centro estava cheio de gente a passear e a fazer compras, a entrar nos vários restaurantes ou a dirigir-se ao cais, para os *ferries*. Lucy estacionou e depois foram para o condomínio de Mia, que ficava mesmo junto ao cais. Paula já tinha visto os edifícios do condomínio à distância e sempre os achou bonitos, mas nunca tinha entrado em nenhum.

À medida que se aproximavam da casa de Mia, começaram a ouvir vozes. Lucy bateu à porta e uns instantes depois a irmã de Mia, Izzy, veio abrir.

— Paula, Lucy! Entrem. — Olhou para a comida que elas traziam. — Obrigada pela contribuição. Podem pousar na cozinha. São *brownies* caseiros? Têm um aspeto excelente.

Paula sorriu.

— São, sim, obrigada. Fiz a partir de uma receita da Ina Garten, têm montes de manteiga e de chocolate.

— São os meus favoritos. — Izzy levou-as até à cozinha e arranjaram algum espaço na bancada para pousar a

salada de batata e os bolos. — Temos vinho e cerveja, sirvam-se do que quiserem. O Will está lá fora no pátio a tratar dos grelhados, por isso quando tiverem fome, é só irem lá para fora. Ele está a fazer os seus famosos hambúrgueres Jucy Lucy e cachorros-quentes.

— O que é um hambúrguer Jucy Lucy? — perguntou Lucy.

Izzy sorriu amplamente.

— É uma loucura de tão delicioso. Carne temperada com montes de queijo no meio do hambúrguer.

— Acho que vou ter de provar um desses — disse Lucy.

Paula e Lucy serviram-se cada uma de um copo de *chardonnay* e foram para o pátio cumprimentar Mia. Hallie também ali estava, assim como Marco. Paula olhou em redor, mas não viu sinais de Andrea.

— O Nick também veio? — perguntou Paula à prima.

Hallie abanou a cabeça.

— Não, ele trabalha esta noite. Sabes como os sábados à noite são agitados no hotel.

— Isso é verdade. Sei que ele tem alguém para o substituir de vez em quando.

— Tem, sim, mas tenta sempre guardar para alguma ocasião em que precise mesmo de folgar. Ele ia divertir-se aqui, mas a verdade é que não conhece a Mia e a Izzy tão bem como nós.

— Quem é aquele rapaz alto que está a falar com a Mia? — O rosto dele era familiar a Paula, apesar de não o conseguir situar exatamente. Tinha o cabelo escuro e um sorriso que lhe iluminava todo o rosto.

— O vizinho do lado, o Ben. Ele esteve no hotel no ano passado, no casamento da irmã. Foi um dos maiores que alguma vez organizei. Eles vivem em Manhattan, no Upper East Side. Foi um casamento em que não olharam a

despesas.

— Certo. É por isso que me parece familiar.

Mia levantou os olhos e viu-as; acenou-lhes para se aproximarem. Abraçou ambas e apresentou-as a Ben.

— A Paula e a Lucy trabalham no Hotel Whitley, onde a tua irmã casou — disse ela.

Ben sorriu e cumprimentou-as com um aperto de mão.

— Muito prazer em conhecer-vos. O casamento da minha irmã foi qualquer coisa. O hotel é muito bonito.

Paula assentiu.

— Obrigada.

— Eu sou vizinho da Mia — bem, pelo menos, durante uma parte do ano.

— Também vives em Manhattan? — perguntou Paula.

— Sim, mas adoro estar aqui. Durante os meses de verão trabalho principalmente a partir de Nantucket e só regresso a Manhattan de vez em quando, quando tenho alguma reunião a que não consigo mesmo escapar-me.

— Trabalhas em quê? — perguntou Lucy.

— Sobretudo no ramo imobiliário. Tenho alguns edifícios que comprei e arrendei, ou então que comprei para renovar. Além disso, também dou formação. Mas isto posso sempre fazer *online*, por isso foco-me mais nesta área quando estou aqui.

— E agora estás cá para a época toda? — quis saber Lucy.

— Sim. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para não ter de sair da ilha nos próximos meses.

— Ben! — Alguém gritou da sala de estar. — Tens de ver isto!

Mia soltou uma gargalhada.

— Foste convocado.

Ele sorriu amplamente.

— Pois, parece que sim. Venho já. — Foi até à sala para ver o que queria o amigo, e Lucy virou-se imediatamente para Mia.

— Qual é a história do Ben? É solteiro?

Mia pareceu deliciada com a pergunta.

— É, sim. Acabou recentemente a relação que tinha com a namorada, em Manhattan. Ela queria casar, mas parece que não gostava da ideia de passar alguns meses por ano aqui. Por isso, está bastante disponível e é um tipo fantástico. Tornámo-nos bons amigos.

Lucy sorriu.

— É bom saber.

Paula ficou intrigada. Ben não era o tipo de homem pelo qual Lucy normalmente se interessava. Os seus namorados costumavam ser mais artísticos — músicos, escritores, pintores. Mia e Paula conversaram um pouco sobre a iminente prova do *menu* de Davina e sobre outro casamento que Mia acabara de marcar. Quando Paula levantou os olhos, a irmã tinha desaparecido.

— A nossa conversa de trabalho deve ter afugentado a Lucy — disse Paula.

— Ou então encontrou alguém mais interessante com quem falar — disse Mia.

Paula seguiu o olhar da amiga e viu que Lucy estava embrenhada a conversar com Ben, na sala de estar.

— E tu, Paula? Tens saído com alguém? — perguntou Mia.

Paula detestava esta pergunta, embora soubesse que as pessoas não perguntavam por mal. Só estava cansada de dar sempre a mesma resposta.

— Neste momento, não. Tenho andado demasiado ocupada com o trabalho. Namorar não tem sido o meu foco.

— Hum. Sabes, no outro dia a Izzy falou-me do Jason, um dos amigos do Will, e ele está solteiro. Não está aqui, mas deve estar a chegar. É um tipo mesmo simpático. A namorada deixou-o quando lhe ofereceram emprego em Boston.

— A sério? Boston não é assim tão longe.

— Ela disse que não queria investir numa relação à distância. E que a oferta de emprego era um sinal de que estava na hora de avançar com a sua vida.

— Bolas, é um pouco duro, não é? Como é que ele encarou a separação? — Paula já se sentia mal pelo pobre rapaz e ainda nem sequer o conhecia. Mas sabia o que ele estava a passar. A única relação séria que ela teve acabara há cerca de dois anos, por motivos semelhantes. Ryan aceitou um trabalho em Nova Iorque — o trabalho dos seus sonhos — e sentiu que estava na hora de deixar Nantucket e Paula. Nunca lhe ocorreu sequer perguntar-lhe se queria ir com ele. Paula não sabia se teria ido, mas mesmo assim, teria sido bom poder escolher. Desde então, era simplesmente mais fácil evitar coisas mais sérias, para não ter de passar pelo mesmo tipo de separação.

— O Will disse que no início foi muito difícil para o Jason, porque foi apanhado de surpresa. Mas depois apercebeu-se de que se livrou de boa. Ela não era a pessoa certa para ele.

— Ele é de Nantucket? — Se fosse, o mais certo era conhecê-lo.

Mia abanou a cabeça.

— Não. É de Duxbury. Mudou-se para cá com o Will e outro amigo depois de acabarem a faculdade. Ele tem uma empresa de pinturas e, pelo que ouvi dizer, o negócio corre-lhe muito bem. Ele e o Will recomendam as empresas um do outro. — Will era construtor.

— Isso é ótimo. Como estão as coisas contigo e com o Sam? — Paula achava que Mia e o namorado formavam um casal fantástico. Tinham começado a namorar há pouco tempo, depois de se conhecerem num grupo de apoio para enlutados. Mia tinha perdido o noivo num acidente de moto e Sam perdera a mulher para o cancro. A amizade entre os dois crescera lentamente até se tornar uma ligação romântica.

Mia sorriu ao ouvir o nome de Sam.

— Ele deve estar a chegar. Ia jantar em casa com as filhas e depois vem para cá.

Alguns minutos depois, Mandy e Emma aproximaram-se para a cumprimentar, e Paula ficou a conversar com elas durante algum tempo. Sentia-se agradavelmente surpreendida por se estar a divertir tanto. Conhecia mais pessoas do que esperara. Quando o copo estava quase vazio, foi até à cozinha para o voltar a encher. Depois de o fazer e quando se preparava para voltar ao pátio, Mia chamou-a e acenou-lhe para que se aproximasse.

Mia estava na sala de estar a conversar com um homem alto com o cabelo louro escuro.

— Paula, já conheces o Jason? É amigo do Will. — Com que então, este era o Jason. Ele sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Prazer em conhecer-te.

— Igualmente — disse Paula, cumprimentando-o.

— Estava mesmo a dizer ao Jason que ultimamente tenho feito muitos casamentos no Whitley e que também lá trabalhas — disse Mia.

— O que fazes no hotel? — perguntou Jason.

Paula hesitou por um instante.

— Sou a gerente. Assumi o cargo há poucas semanas, por isso ainda não me habituei a dizer isto em voz alta.

Jason sorriu amplamente.

— Parabéns pela promoção.

— Dão-me licença por um segundo? Tenho de ir cumprimentar uma pessoa — disse Mia, enquanto se afastava velozmente, deixando-os a conversar. Nesse momento, Paula sentiu-se um pouco nervosa. Preocupava-se sempre em ficar sem assunto, o que em festas como esta era por vezes muito stressante.

Procurou alguma coisa para dizer.

— A Mia disse-me que tens uma empresa de pinturas?

— Sim, a Nantucket Pinturas. Mantém-me ocupado — respondeu ele com modéstia.

— Já comeste alguma coisa? Estava a pensar experimentar um dos hambúrgueres do Will. — Assim, se ele não tivesse vontade de continuar a conversar com ela, tinha uma forma fácil de fugir e, na verdade, Paula estava mesmo com fome. Reparou que Lucy ainda estava profundamente embrenhada na conversa com Ben, que parecia muito interessado em tudo o que ela dizia.

— Ainda não. É verdade, os hambúrgueres do Will são lendários. Vamos, eu sigo-te.

Paula saiu para o pátio e Jason foi atrás dela. Will estava mesmo a tirar alguns hambúrgueres da grelha e pousou-os numa travessa cheia de uma variedade de acompanhamentos. Serviram-se de hambúrgueres e de um pouco de salada de batata de Lucy, que alguém, provavelmente Mia, trouxera para a rua. Depois de encherem os pratos, sentaram-se numa pequena mesa no pátio. O hambúrguer com o queijo quente derretido no centro era realmente delicioso. O seu rosto deve ter mostrado o entusiasmo que sentiu, porque Jason soltou uma gargalhada.

— Vês, eu bem te disse que eram mesmo bons.

Conversaram um pouco enquanto comiam e como se veio a revelar, tinham vários conhecidos em comum. Isto não surpreendeu Paula, já que Nantucket era uma cidade pequena. Percebeu que os seus nervos se desvaneciam e que era fácil falar com Jason. Ele tinha um bom sentido de humor e fê-la rir quando lhe contou uma história sobre um dos seus clientes mais difíceis.

— Presumo que também tenhas a tua responsabilidade no hotel — disse ele.

Paula pensou em Davina e sorriu.

— Sim, pode dizer-se que sim. Sobretudo quando organizamos casamentos. Algumas noivas conseguem ser... desafiantes.

— Estes hambúrgueres têm mesmo bom aspeto — disse Lucy quando se sentou à mesa com eles. Paula apresentou-a a Jason.

— Eu venho já — disse Paula quando se levantou para ir à casa de banho. Quando ia a sair, deparou com Ben.

— A tua irmã foi-se embora? — perguntou ele.

— Não, está no pátio, a comer um hambúrguer.

Ele pareceu aliviado.

— Ah, muito bem, ótimo. Tive de ir num instante ao meu apartamento e quando voltei já não a vi, pensei que se tinha ido embora. Já agora, ela por acaso é solteira?

Paula sorriu.

— É, pois. — Pressentiu que alguém estava a olhar para ela e viu que Andrea os fitava com interesse.

— Quero certificar-me de que não se vai embora sem me dar o número de telefone.

— Posso ajudar-te com isso. — Paula tirou uma caneta da mala e escreveu o número da irmã num pedaço de papel que entregou a Ben. Reparou que Andrea tinha uma expressão extremamente desagradada no rosto.

— Obrigado. Tens a certeza de que ela não se vai importar?

Paula assentiu.

— Tenho a certeza. Mas ela está lá fora, por isso ainda podem conversar mais um pouco.

— Boa. Vou fazer isso mesmo. E tu? Estás a divertir-te?

— Estou. Até agora, tem sido uma noite muito divertida. Vemo-nos lá fora. Estamos sentados ali no pátio.

— Já lá vou ter. Acabei de ver alguém com quem preciso de conversar primeiro.

* * *

Andrea observou a conversa entre a prima Paula e o vizinho jeitoso de Mia, Ben, e sentiu o sangue a ferver. Ela estava a dar-lhe o seu número? Como é que um homem daqueles podia interessar-se por Paula? Ben era talvez o único tipo giro da festa com quem Andrea ainda não tivera oportunidade de conversar. Ele parecia conhecer toda a gente e estar sempre a falar com alguém.

Mas depois de Paula ir para o pátio, ele ficou sozinho durante um instante e Andrea aproveitou a oportunidade. Atravessou a sala em dois segundos e estendeu a mão.

— Olá, sou a Andrea. Acho que ainda não nos conhecemos.

Ele cumprimentou-a com um aperto de mão e ela gostou do seu toque firme.

— Chamo-me Ben. Sou vizinho da Mia. De onde conheces a Mia? A tua cara não me é estranha.

— Conheço-a do Hotel Whitley. Trabalho lá, nos serviços de *concierge*. Deves ter-me visto lá quando a tua irmã casou. Foi um evento e tanto.

Ele soltou uma gargalhada.

— Pois foi. Para a minha irmã tem de ser tudo em grande. E a Mia fez um trabalho fantástico.

— Sim, é verdade — concordou Andrea. — Vives aqui o ano todo? — Tinha ideia de ouvir dizer que eras apenas residente de verão.

— Quem me dera. Mas ainda não. Divido o meu tempo entre Nantucket e Manhattan.

— Estás a brincar? Gostas de viver lá? Eu divirto-me sempre quando visito Manhattan, mas é tão diferente de Nantucket.

Ele soltou uma gargalhada.

— Manhattan é uma selva de betão. É um lugar ótimo, mas quando estou aqui não tenho saudades nenhuma da cidade. Quando estou em Manhattan, estou sempre a contar os dias até poder voltar para cá.

Andrea olhou para ele com curiosidade.

— Se gostas tanto de aqui estar, não podias viver cá o ano todo?

— Já tentei encontrar uma maneira de fazer com que isso funcionasse em relação ao meu trabalho, mas estou no ramo imobiliário e preciso de estar fisicamente na cidade para uma boa parte do trabalho que desenvolvo. Talvez pudesse mudar um pouco e passar mais tempo aqui, não sei. O meu objetivo é esse.

Andrea sorriu.

— E o que gostas de fazer quando aqui estás?

— Bem, jogo golfe com frequência. A minha família faz toda parte do novo clube de golfe. Depois, quando saio vou aos sítios do costume, no centro, ao Club Car, ao The Gaslight.

— Também gosto desses bares. Nunca joguei golfe. E já pensei muitas vezes em aprender.

O rosto de Ben iluminou-se.

— Oh, devias aprender mesmo. É um desporto que podes praticar durante anos. Os meus pais ainda jogam e há um aspeto social muito interessante no golfe.

— Gostava muito de tentar. — Andrea debruçou-se na direção dele, olhou-o diretamente nos olhos e disse com ar sedutor: — Não queres dar-me umas lições um dia destes?

Os olhos de Ben tremeluziram de uma forma que Andrea não conseguiu interpretar com precisão. Mas depois ele riu-se:

— Claro que sim. Quando quiseres. Ainda no ano passado dei umas dicas à Mia e ela agora adora jogar.

— O que te parece terça à tarde?

— Esta terça?

Andrea assentiu.

— Tudo bem. Pode ser. Porque não nos encontramos no campo por volta das três e depois podemos bater umas bolas?

— Perfeito. — Andrea tirou um cartão de visita do bolso e entregou-lho. — Tens aí o meu número de telemóvel, caso precises de falar comigo.

Ele guardou o cartão no bolso.

— Ótimo, vai ser divertido.

— Estava mesmo a ir para a rua — disse Andrea.

— Também vou para lá.

Andrea saiu para o pátio e viu a irmã, Hallie, a conversar com Paula, Lucy e um tipo qualquer que não reconheceu. Estavam sentados numa das mesas. Decidiu aproximar-se e Ben seguiu-a.

— Aqui estás tu. Estava a pensar que daqui a pouco podíamos ir embora. Estás pronta? — perguntou Hallie.

— Sim, claro que sim. — Andrea olhou de relance para Ben, depois para Paula e sorriu. — Na semana que vem, o Ben vai ensinar-me a jogar golfe, não é divertido? Sempre

quis aprender.

Andrea viu a expressão de surpresa no rosto de Paula enquanto esta trocava olhares com Lucy. Até que enfim, conseguira roubar alguma coisa a Paula, para variar.

— Não sabia que te interessavas por golfe — disse Hallie.

— Sempre tive curiosidade em aprender. O Ben disse que joga imensas vezes e que ensinou a Mia a jogar também.

Ben assentiu.

— É verdade, ensinei mesmo. E agora a Mia é uma boa jogadora.

— Acho que preciso de mais um copo de vinho — disse Lucy, levantando-se e entrando em casa para encher o copo.

— Muito bem, está na nossa hora. Até amanhã, pessoal — disse Hallie.

— Boa noite a todos. — Andrea olhou em redor da mesa e cruzou o olhar com o de Paula por um instante, antes de entrar. Paula estava com um ar aborrecido, o que a deixou feliz. Sabia que era mesquinho da sua parte, mas mesmo assim, fê-la sentir-se melhor.

Seguiu Hallie para o interior e estavam a encaminhar-se para a porta quando encontrou Marco, que vinha a sair da cozinha.

— Já te vais embora?

— Já aqui estamos há algum tempo, e a Hallie quer ir-se embora.

— Divertiste-te? Estás com aquela expressão, como se estivesses a tramar alguma.

Andrea soltou uma gargalhada.

— Quem, eu? Não faço ideia do que estás a falar. E, sim, diverti-me muito. Vemo-nos depois, Marco.

Quando Lucy entrou em casa e Hallie e Andrea saíram, Paula ficou sozinha com Jason à mesa. Paula esperava que a irmã estivesse bem. Quando entrou em casa parecia ir um pouco aborrecida.

— Quando a tua irmã regressar, talvez seja melhor eu entrar e falar com outras pessoas — disse Jason.

— Oh, não precisas de esperar por ela. — Paula sentiu-se mal por ele pensar que não podia deixá-la sozinha.

Ele sorriu.

— Não sejas tonta. Eu prefiro ficar aqui a conversar contigo, mas acho que podia ser um pouco inconveniente. Fico contente por podermos ter uns minutos a sós, porque assim posso pedir-te o teu número — pode ser que um dia destes queiras sair comigo... — Ele parecia um pouco nervoso com a pergunta, que também apanhou Paula de surpresa. Gostara muito de falar com ele também, mas não estava à espera de que a situação desse em alguma coisa.

— Claro, adoraria sair contigo.

Jason pegou no telemóvel.

— Muito bem, podes dizer...

Paula deu-lhe o número, ele inseriu-o nos contactos e enviou-lhe uma mensagem a dizer *Teste*.

— Agora também tens o meu número. Ligo-te esta semana e talvez possamos jantar ou sair no próximo fim de semana?

Paula sorriu.

— Parece-me ótimo.

Lucy voltou para a mesa um instante depois e parecia menos irritada, mas não se sentou.

— Não queres ir para casa? Acho que esgotei a minha capacidade para pessoas.

Esta frase era habitualmente a que Paula dizia quando iam a algum lado.

— Sim, pode ser.

Lucy olhou de relance para Jason.

— Foi um prazer conhecer-te.

Ele levantou-se também.

— Igualmente, Lucy. Boa noite.

Despediram-se de Mia e de Izzy e foram para o carro. Lucy tinha trazido o seu carro, e assim que arrancaram, Paula disse:

— Então, isto foi divertido, não foi? Divertiste-te?

Lucy olhou para ela bruscamente.

— Diverti-me, sim. Pelo menos até a Andrea deitar as garras ao Ben. Uma aula de golfe? A sério?

Paula soltou uma risada.

— Sim, realmente foi um pouco demais. Mas tu e o Ben pareciam estar a dar-se muito bem. Ele perguntou-me se estavas solteira e dei-lhe o teu número de telefone.

— Deste? Obrigada. Estávamos a dar-nos bem, tens razão. Foi por isso que fiquei tão aborrecida com a Andrea, se bem que não me parece que ela nos tenha visto a falar antes. Talvez estivesse no pátio. O Ben explicou-me que ela lhe pediu uma aula de golfe e que ele ficou um pouco constrangido. Convidou-me para jantar na quinta à noite. Mas não sabia bem o que pensar. Não sabia se era um daqueles homens que se atira a todas. Não quero andar com o mesmo homem da Andrea.

— Eu acreditaria nele. Parece-me exatamente o tipo de coisa que a Andrea faz. Ela de tímida não tem nada.

— Não tem, não — concordou Lucy.

Subitamente, Paula percebeu.

— Tenho a sensação de que sei o que aconteceu. A Andrea viu-me a falar com o Ben quando lhe dei o teu

número de telefone. Aposto que ela pensou que quem estava interessada era eu. Por isso, o seu lado competitivo entrou em ação. Se ela soubesse que ele estava interessado em ti, duvido de que tivesse feito isto.

— És capaz de ter razão. Mas mesmo assim, ele vai dar-lhe uma aula de golfe. Ela é uma pessoa extrovertida e ele também. Talvez até venham a dar-se bem. — Lucy parecia triste perante a possibilidade.

— Não estejas a projetar demasiado. Ele convidou-te para jantar. Janta com ele, diverte-te, conhece-o um pouco melhor. Ele não é muito o teu tipo habitual de homem, pois não?

— Não, não é. Normalmente gosto mais de homens como aquele com quem estavas a conversar, o Jason, certo?

— Sim, Jason. Na verdade, ele também me convidou para jantar — admitiu Paula.

— A sério? Isso é ótimo! Estás entusiasmada? Ele é giro.

— Não sei se «entusiasmada» é a palavra certa. Ele é simpático. Acho que vai ser divertido jantar com ele e depois logo se vê.

— Bem, feitas as contas até foi uma noite bastante boa. Ambas conhecemos pessoas novas e temos encontros marcados. Acho que é a primeira vez que nos acontece, conhecermos alguém na mesma noite. Talvez seja um bom sinal... — Lucy via sempre sinais em tudo. Desta vez, Paula sentia-se inclinada a concordar com ela.

— Talvez.

CAPÍTULO 13

No domingo de manhã, Nick tomou duche com especial cuidado, mudou de roupa e pôs um pouco de perfume. Normalmente não usava perfume quando saía para pescar, mas aquele dia era diferente. Na noite anterior, enviara uma mensagem a Bella perguntando-lhe se ela ainda queria ir pescar com ele. Não a voltara a ver desde a noite em que se encontraram no bar exterior do hotel, por isso não sabia se ela ainda estava interessada. Mas a sua resposta demonstrava que sim, continuava interessada e combinaram encontrar-se junto à entrada principal, ao meio-dia.

Nick carregou a carrinha com tudo o que podiam precisar — canas de pesca, iscos, um balde para o peixe, se conseguissem apanhar algum, e uma mala térmica cheia de petiscos que preparara naquela manhã. Também levava um rádio portátil, uma garrafa de vinho e algumas cervejas. Não tinha a certeza do que Bella gostava de beber, se é que bebia. Normalmente, ele bebia uma ou duas cervejas durante uma tarde de pescaria.

Ficou satisfeito quando viu que o tempo ia colaborar. O céu estava limpo e a temperatura suficientemente quente para não precisar de levar casaco. Tinha uma camisola, só para o caso de ser preciso. Era comum a temperatura descer subitamente na praia, sem se fazer avisar.

Nick sorriu quando viu Bella à espera do lado de fora da

porta principal e ficou satisfeito ao constatar que se vestira de forma apropriada com uns calções pelos joelhos, sapatilhas e uma *sweatshirt*. Também levava um saco de tecido, onde presumia que tivesse uma camisola mais grossa ou um casaco. Ele acenou-lhe enquanto parava a carrinha, e ela aproximou-se, para entrar.

— Bom dia! — cumprimentou Bella com alegria, enquanto punha o cinto de segurança e pousava o saco no chão.

— Trouxeste uma camisola, pelo sim, pelo não? — perguntou Nick.

Ela sorriu amplamente.

— Trouxe. E também trouxe o meu isco da sorte.

— Será que ouvi bem? — Sabia que ela tinha dito que gostava de pescar, mas tinha um isco favorito? Nick era capaz de estar a apaixonar-se por Bella.

Ela soltou uma gargalhada.

— Eu disse-te que gostava de pescar. E tinha esperanças de conseguir fazê-lo enquanto aqui estivesse. Já não o uso há anos, para dizer a verdade, desde que vivia em Vermont, mas mesmo assim trouxe-o comigo.

— Também trouxeste a tua cana de pesca?

— Não, era demasiado grande e desajeitada. Achei que podia simplesmente alugar ou pedir uma emprestada. Mas o isco é pequeno.

— Bem, esperemos que nos traga sorte a ambos!

— Então e vamos para onde?

— Gosto de Eel Point. Normalmente não está muito apinhado de gente e, para mim, a pescaria é a melhor de todas. Também tem uma praia linda e se gostares de colecionar conchas é a melhor praia da ilha para as apanhaves.

— Parece-me maravilhoso.

— Tens fome? Trouxe algumas coisas para petiscarmos.

— Para dizer a verdade, estou faminta. Tinha esperanças de que tratasses da comida. Eu também trouxe queijo e tostas, e aquela cerveja que disseste que gostavas.

— Oh, obrigado! Também gostas de cerveja?

— Normalmente, não. Sou mais amante de vinho.

— Ainda bem, porque trouxe uma garrafa de *chardonnay bread and butter*. As minhas irmãs gostam muito deste vinho.

— Eu também gosto. E trouxe uma garrafa térmica com café, para bebermos agora. Bebes café?

— Sempre. Hoje de manhã bebi uma chávena, mas estou capaz de beber mais. Não tens de estar de regresso a nenhuma hora específica, pois não?

Bella abanou a cabeça.

— Não. Hoje sou toda tua. Não tenho pressa para nada.

Nick sorriu amplamente.

— Ótimo, porque normalmente fico por lá durante toda a tarde. É uma maneira fantástica de passar o domingo e se conseguir apanhar alguma coisa, melhor.

— Pois eu pretendo apanhar peixe — declarou Bella.

— Ah, que bom! Espero que apanhes. Se conseguirmos pescar algum, eu preparo-o para o jantar.

— Estou ansiosa pelo jantar, então.

Nick também estava. Esperava mesmo que um dos dois conseguisse pescar qualquer coisa. Se não conseguissem, quase de certeza que tinha peixe congelado que podia descongelar e grelhar. Mas, com sorte, não ia ser preciso.

— Das últimas vezes que lá fui tive bastante sorte — disse Nick, enquanto virava para o parque de estacionamento da praia. Tirou a mala térmica e o equipamento de pesca da parte de trás da carrinha, assim como duas cadeiras e o rádio. Bella agarrou numa das

cadeiras e percorreram o carreiro até à praia, a seguir colocaram as cadeiras junto à linha da água.

Nick entregou uma das canas de pesca a Bella e ficou a olhar com admiração enquanto ela tirava o isco da sorte da mala e o prendia à linha na cana. Quando acabou de o fazer, deram mais alguns passos para dentro de água e lançaram as linhas. Ficaram ali parados durante alguns minutos. Bella tirara os sapatos para molhar os pés, mas dois segundos depois afastou-se.

— Esta água é muito mais fria do que a da Califórnia.

— Pois é, mas a pescaria aqui é melhor.

Bella soltou uma gargalhada.

— Isso é o que vamos ver.

Nick moveu as coisas todas um pouco para cima do sítio onde estavam, e os dois sentaram-se nas cadeiras que ele trouxera. A seguir, abriu a mala térmica e tirou várias caixas com comida.

— Gostas de *guacamole*?

— Claro. Foste tu que fizeste?

— Sim. E também fiz um *paté* de queijo e pimentos. Podíamos comer com as tostas que trouxeste.

— Também trouxe um pouco de queijo, só umas fatias de *cheddar* e de queijo suíço. Também podemos comer agora.

— Claro, vamos a isso. — Nick dispôs tudo em cima da mala térmica e começaram a comer. Bella serviu um copo de café quente para cada um.

— Nunca comi *paté* de queijo e pimentos. — Bella espalhou um pouco sobre uma tosta. Ele esperou ansiosamente pela sua reação ao provar. Era o *paté* mais pedido no restaurante e Nick misturara a quantidade exata de maionese cremosa para unir o queijo e os pimentos. Antes de formular qualquer comentário, Bella já estava a

servir-se da segunda tosta com *paté*. Depois de comer a segunda tosta, olhou para ele.

— Este *paté* é espetacular!

Ele dirigiu-lhe um sorriso brilhante e sentiu uma onda de felicidade a abater-se sobre si. Era uma coisa tão simples, mas disserem-lhe que gostavam da sua comida tinha um significado enorme para ele.

— Fico contente por gostares.

Bella também elogiou imensamente o *guacamole*, mas Nick já esperava que o fizesse. Sabia que o seu *guacamole* era bom e ficou feliz por ela gostar.

— Uma vez, saí com uma rapariga que odiava *guacamole*.

Bella riu-se.

— Era, obviamente, uma relação destinada ao fracasso.

— Pois era, acho que chegámos a ter um segundo encontro. Foi quando ela me disse que, na verdade, não gostava muito de comer. Como é que uma coisa destas é sequer possível?

— Há pessoas que não gostam mesmo de comida. A minha colega de quarto na Califórnia era assim. Muito esquisita com tudo e não sentia prazer nenhum a comer. Não consigo imaginar viver assim.

— Nem eu. Adoro fazer as pessoas felizes com a minha comida. A verdade é que grande parte do que fazemos gira em redor da comida. As reuniões de família, as celebrações, os encontros.

Bella assentiu.

— Adoras o teu trabalho, vê-se bem. Sempre quiseste ser *chef*?

Ele pensou na pergunta durante um instante.

— Acho que sim, embora não me tenha apercebido durante muito tempo. Trabalhei na cozinha, passei por

todos os postos, e depois fui para a faculdade, tirar um curso de gestão. Mas quando acabei o curso, a ideia de ficar a trabalhar num escritório não me agradava nada. Mal podia esperar por voltar para a cozinha. E é o que tenho feito desde então. E tu? Acho que não me disseste o que fazias.

Bella revelou um ar desconfortável por instantes e hesitou durante algum tempo antes de responder. Nick pensou que tinha metido a pata na poça e dito alguma coisa errada. Era evidente que ela não queria falar de trabalho.

» Ouve, não importa. Não temos de falar de trabalho. Além disso, estás aqui de férias e a última coisa que te deve apetecer é falar do trabalho.

— Obrigada. Sim, tive um ano muito stressante. E também alguns desafios em termos de saúde. Nada demasiado sério, mas sabes o que é a doença de Lyme?

— É quando as pessoas são picadas por uma carraça?

Ela assentiu.

— Essa mesma. Por vezes, quando somos picados, a pele fica com um exantema que parece um alvo, e se consultarmos um médico rapidamente, não há problema. Há medicação e o problema desaparece logo. Mas nem toda a gente repara nestes exantemas. Eu nem sequer sabia que tinha sido picada, não fazia ideia de há quanto tempo tinha aquilo, mas, de repente, comecei a sentir-me doente e não conseguia perceber o que era. Depois de fazer montes de exames, descobriram que era doença de Lyme e no último ano tenho andado a fazer tratamentos. Recupero ligeiramente, mas depois basta um episódio mais stressante para desencadear mais uma crise. Como tem sido um ano muito exigente, decidi fazer finalmente alguma coisa e tirei dois meses de férias, para desligar completamente e

relaxar.

— Parece ser uma doença difícil. E quando estes dois meses acabarem, vais conseguir evitar o stresse? — Nick questionou-se sobre o que seria tão stressante e presumiu que estivesse relacionado com o trabalho, qualquer que fosse. Começava a perceber o motivo por que Bella não queria falar do assunto, já que a fazia sentir-se mais agitada.

— Vou tentar. Estou a fazer algumas mudanças na forma como trabalho e tenho esperança de que isso me ajude.

— Espero que sim. Detesto pensar que te sentes doente. Neste momento estás com um ar tão feliz e descontraído.

Bella sorriu.

— Porque estou feliz e descontraída. Até agora, estou a adorar Nantucket. É um sítio lindo e as pessoas são todas muito simpáticas.

— Tentamos ser! Acho que a maior parte de nós, pelo menos na minha família, sentimos uma sorte tremenda em ter crescido aqui e podermos agora trabalhar e viver cá durante todo o ano. Muitos dos meus amigos acabaram por se mudar para fora da ilha quando acabaram a universidade. As oportunidades de trabalho podem ser um pouco limitadas aqui.

Bella sorriu.

— A não ser que trabalhem em hotelaria ou no comércio...

— Exatamente. E também há outras profissões necessárias, mas não a uma escala semelhante à que existe fora da ilha.

— Quem me dera poder viver aqui o ano todo — disse Bella com desejo. — Deve ser como estar de férias o ano inteiro.

Nick soltou uma gargalhada.

— É mais ou menos isso, sim. Quando não estás a trabalhar, claro.

A conversa deslizou para um silêncio confortável, e Nick gostou do facto de Bella não se forçar a encher o silêncio com conversa fiada. Uma das coisas que sempre apreciara na pesca era a solidude, a união com a praia, a observação da maré que sobe e desce, a sensação da brisa a roçar o rosto e o sol a aquecer-lhe a pele. Era uma boa altura para refletir, ou para não pensar em nada e deixar a mente vaguear.

Beberam o café lentamente e observaram as pessoas a caminhar pela praia. Cães a correr para as ondas que se quebravam na areia. Outras pessoas a preparar-se para pescar também.

De repente, Bella deu um salto, e Nick percebeu que a sua linha estava a puxar.

— Acho que apanhei qualquer coisa! — Enrolou lentamente a linha no carroto e ambos se riram quando viram o que apareceu — uma sapatilha coberta de algas. Bella tirou o isco e voltou a lançar a linha para a água, sentando-se novamente na cadeira.

— Foi falso alarme! Por um instante fiquei tão entusiasmada. Pensei que tinha acabado de apanhar o nosso jantar.

Nick riu-se baixinho.

— Ainda é cedo. Temos muito tempo.

— Fala-me um pouco da tua família. Tens duas irmãs, certo? A Paula e a Lucy?

Ele assentiu.

— Sim, eu sou o mais velho. A Paula é a do meio e é capaz de ser a mais séria dos três. É bastante organizada e ótima com números. Este cargo de gerente do hotel é uma

novidade para ela. Acho que vai fazer um trabalho extraordinário, mas é algo que está definitivamente fora da sua zona de conforto. A Paula é um pouco mais tímida e com este trabalho tem de lidar com mais gente.

— Então parece que vai ser bom para ela — comentou Bella.

— Eu acho que sim, também. A Lucy é a mais nova e a mais criativa dos três. Trabalha na receção, mas não é essa a sua verdadeira paixão.

— E qual é?

— Ela gosta de pintar coisas.

— Queres dizer quadros? Arte?

— Mais ou menos. Ela gosta de recuperar coisas. Imagina, vai a uma venda de garagem qualquer e encontra uma secretária antiga ou uma carteira ou talvez uma mesa de apoio. Leva as coisas para casa, lixa tudo, pinta e depois decora com desenhos feitos à medida para o objeto em questão. Pinta flores, ou paisagens marítimas diretamente sobre a madeira.

— Parece ser muito fixe.

— Sim, o trabalho dela é bonito. Por vezes expõe as peças em festivais de arte. As pessoas vão andando e vendo o seu trabalho, e a verdade é que vende quase sempre tudo. Ainda há pouco me disse que arranjou uma maneira de vender as peças *online* também, através de uma loja no Etsy, o que quer que isso seja.

— O Etsy é espetacular. É como um festival *online* de trabalhos manuais e artes. Já lá comprei algumas coisas maravilhosas. Vou ter de procurar a loja da Lucy. Sabes como se chama?

Nick pensou durante um instante. Sabia que a irmã lhe dissera o nome da loja. Mas como se chamava, caramba? Até que lhe ocorreu:

— Lucy Looks.

— Oh, que nome giro. E é fácil de lembrar.

— Então e tu? Só tens uma irmã? — Lembrou-se de que ela mencionara a irmã que a viria visitar em breve.

— Sim, sou só eu e a Julia. Ela é um ano mais velha do que eu. É bibliotecária e tem um casamento muito feliz com o seu namorado de infância. Vivem na cidade pequena onde nós crescemos. Somos muito próximas. Ela só tem um ano a mais do que eu, mas gosta de se armar em mãe-galinha. Mas, como foi ela quem insistiu para eu vir para cá, tenho de confessar que até não me importo.

— Ela vem visitar-te em breve, não vem?

— Sim! Chega amanhã e depois fica até ao fim de semana. Mal posso esperar.

— Já tens alguma coisa especial planeada?

— Só as coisas que os turistas fazem habitualmente. Vamos fazer compras, vamos visitar o Museu Baleeiro, porque ela não teve oportunidade de lá ir quando cá esteve e, claro, queremos ir a vários restaurantes diferentes. Somos ambas amantes de comida.

— Tens de a trazer ao restaurante do Whitley também, e avisa-me quando lá fores. Faço um *menu* de degustação especial para as duas.

— A sério? Seria maravilhoso. A minha irmã ia adorar, e eu também.

Passou-se mais uma hora até que Bella sentiu um novo puxão na linha e, um instante depois, Nick sentiu também. Levantaram-se os dois e puxaram as respetivas linhas. Eram dois robalos riscados e Nick fez uma medição rápida. Os peixes tinham de ter pelo menos setenta centímetros para os poderem pescar. O de Nick não tinha este tamanho, por isso devolveu-o ao mar. Mas o de Bella tinha quase setenta e cinco centímetros, e pôde guardá-lo no balde que Nick

trouxera, onde puseram também alguma água salgada.

— Parece que esta noite vais ter de cozinhar! — exclamou alegremente Bella.

Nick também estava bastante feliz com a possibilidade.

— Pois vou. Queres ficar mais um pouco, para ver se apanhamos mais alguns?

— Claro! — Voltaram a lançar as linhas e a sentar-se.

— Estás preparada para uma sandes de lagosta? — ofereceu Nick.

— Sim, por favor.

Nick procurou na mala térmica e tirou as sandes de lagosta que tinha preparado antes. Tinham grandes pedaços de lagosta fresca e doce, misturada com um pouco de limão e maionese, tudo colocado num pão macio. Entregou uma das sandes a Bella e abriu um pacote de batatas fritas, que pousou entre ambos.

— Eu também estou preparado para uma cerveja. Queres um copo de vinho?

— Adoraria, obrigada.

Nick abriu o vinho e serviu-o num grande copo de plástico. Abriu uma cerveja para si, uma das que Bella trouxera, e deliciaram-se com as sandes.

— Isto é tão bom. Na Califórnia não temos sandes como estas — disse ela.

— Nunca fui à Califórnia. Como é?

Bella ficou em silêncio durante um instante.

— É diferente. É bonita, à sua maneira. Malibu tem praias muito bonitas. Mas é um estilo de vida completamente diferente.

— Vais voltar para lá? — Bella não parecia adorar viver lá.

Ela assentiu.

— Provavelmente. É onde faço a maior parte do meu

trabalho. Mas talvez possa lá passar menos tempo. Seria o ideal. Estou à procura de uma maneira de fazer isso acontecer.

— Parece-me um bom compromisso. Faz o que te deixa feliz. É o meu lema de vida.

Bella sorriu.

— É uma boa forma de encarar as coisas. Não me vou esquecer.

Ficaram na praia durante mais uma hora, mais coisa menos coisa. Bella pescou outro peixe, mas era demasiado pequeno para levarem. Nick apanhou um com o tamanho adequado, por isso pô-lo no balde. A seguir arrumaram as coisas e saíram da praia.

Quando chegaram ao hotel, Nick parou junto à porta da frente.

— Estamos combinados para jantar hoje? Temos um monte de peixe para cozinhar.

— Sim, claro que estamos combinados. Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Era simpático da parte de Bella oferecer ajuda.

— Traz só apetite. Posso vir buscar-te às seis, se estiver bem para ti, e depois vamos a pé até à minha casa. Não é longe daqui.

— Perfeito. Espero aqui por ti às seis em ponto.

CAPÍTULO 14

Assim que voltou para o quarto, Bella tomou um duche quente e demorado. Passava pouco das quatro da tarde, por isso tinha bastante tempo para descansar antes de se encontrar com Nick. Desembaraçou o cabelo molhado e estendeu-se na cama vestida apenas com o confortável roupão de banho do Hotel Whitley. Sentia-se descontraída e um pouco ensonada por ter passado várias horas ao sol e ter bebido um copo de vinho. Decidiu pôr o alarme no telemóvel para daí a vinte e cinco minutos e assim poder fechar os olhos para uma curta sesta.

Enquanto se deixava cair no sono, pensou em como aquela tarde tinha sido perfeita. Não estava à espera de gostar tanto de passar tempo com Nick. Sentia-se satisfeita por ter feito um novo amigo, porque ainda ia ficar hospedada no hotel durante mais um mês e meio. Para dizer a verdade, não conseguia evitar questionar-se como seria ter algo mais do que uma amizade com Nick. Depois de o conhecer um pouco melhor, ainda se sentia mais atraída por ele. E apaixonou-se completamente pela comida que ele preparava. Era um *chef* seriamente talentoso. Além de também não ser nada feio, claro.

Ao adormecer, entrou num bonito mundo de sonho onde ela e Nick dançavam no bar de praia onde se encontraram na outra noite, os dois corpos a ondular ao som da música suave. Bella adorou a sensação dos braços

dele à sua volta. Quando os olhares de ambos se cruzaram, susteve a respiração com ansiedade enquanto esperava que os lábios de Nick se aproximassem dos seus. Mas mesmo antes de os lábios de ambos se tocarem, Nick começou a desvanecer-se e o som do alarme do telemóvel aumentou de intensidade, arrancando-a do seu sonho. Carregou no botão para adiar o alarme e tentou regressar àquele lugar feliz, mas este já desaparecera.

Assim, balançou as pernas para fora da cama, levantou-se e secou o cabelo. Mudou para um bonito vestido leve azul-claro e calçou umas sandálias de couro novas que comprara numa das lojas do centro. Ainda tinha algum tempo, por isso pegou no livro e foi para a varanda do quarto, para ler um pouco.

O tempo continuava maravilhoso. Quente com uma ligeira brisa. Bella via as pessoas lá em baixo, algumas a regressar da praia, uma família a jogar *Boccia* e um casal mais velho a passear de mãos dadas. Tentou ler um bocadinho, mas não conseguia concentrar-se, por isso voltou a observar as pessoas que por ali andavam. Sorriu quando viu um rosto familiar — Nick, que atravessava o relvado com passadas largas, lindo de morrer com uma camisa de padrão havaiano e uns calções beges. O cabelo parecia húmido e ondulado, como se tivesse acabado de tomar banho. Entrou no edifício e olhou para as horas. Faltavam dez minutos para as seis. Bella tinha de se apressar.

Escovou o cabelo para o alisar. A certa altura, pensou que ia sentir falta do cabelo louro comprido que era a sua imagem de marca, mas estava a começar a gostar muito deste estilo mais curto. Acentuava-lhe os olhos, que eram a sua melhor característica. Pôs um pouco de batom cor de pêssego e um salpico de Yves St. Laurent, o seu perfume

favorito.

Bella desceu para o átrio às seis menos cinco e reparou que alguns hóspedes elegantemente vestidos se dirigiam para o restaurante do hotel. Quando a irmã chegasse, também lá iriam jantar. Dirigiu-se à rua e Nick já ali estava, a conversar com um dos porteiros. Reparou que ele tinha na mão um saco de plástico com qualquer coisa verde, talvez um vegetal ou uma erva aromática.

À medida que se aproximava, ele levantou os olhos e sorriu-lhe. Era o sorriso radioso que Bella já vira no seu sonho e que agora a deixou sem fôlego. Recuperou rapidamente e retribuiu o sorriso.

— O que tens aí? — perguntou, olhando de relance para o saco nas mãos de Nick.

Ele sorriu com ar travesso.

— Fui num instante à cozinha buscar um pouco de funcho para o nosso peixe. Estás pronta?

— Estou pronta!

Ele indicou o caminho estrada abaixo, até um pequeno bairro de pequenas casas brancas bastante similares.

— As minhas irmãs e primas também têm casas aqui. Este bairro está completamente habitado por Whitleys.

— Isso é muito giro. Podem ir a pé para o trabalho e tudo.

Ele soltou uma gargalhada.

— Sim, acho que, em parte, foi o que motivou o meu avô a dar-nos uma casa a cada um, já que todos trabalhamos no hotel, numa área ou noutra.

Passou pelas duas primeiras casas e parou em frente à terceira. Todas tinham um alpendre na parte da frente.

— Esta é a minha.

Nick abriu a porta da frente e entraram. A casa tinha um ar costeiro, com soalho de madeira clara, de tábuas

largas, e muito branco e azul espalhado por todo o lado. O sofá da sala de estar era azul-escuro com almofadas amarelas e brancas que pareciam ser muito confortáveis. Em frente à televisão havia também uma poltrona reclinável de couro e com aspeto de já ter sido muito usada. Bella presumiu que fosse o lugar habitual de Nick.

Seguiu-o pela sala de estar até à cozinha, que era luminosa, arejada e ampla, com um recanto para refeições mesmo virado para o mar. Mesmo ao longe, Bella conseguia ver uma faixa de água azul. A cozinha tinha um ar comercial, com muito aço inoxidável e bancadas em cimento fino cinzento. A peça de destaque da divisão era o fogão, com seis bocas e forno duplo.

Nick abriu as portas de correr que davam aceso ao pátio das traseiras, onde estava o grelhador. Ali também havia uma mesa de tampo de vidro redondo e quatro cadeiras acolchoadas que pareciam ser muito confortáveis e bem usadas. Bella esperava que jantassem ali naquela noite.

— Então, esta é a minha casa. Os dois quartos ficam lá em cima. É pequena, mas também não preciso de mais espaço.

— Não acho que seja pequena. Parece-me mesmo perfeita. — Bella adorava o ar da casa de Nick. Era descontraído, calmante e muito acolhedor.

— Espero que estejas com fome. Temos imenso peixe. Claro que podia congelar uma parte, mas depois terias de cá voltar para me ajudar a comer tudo.

Bella soltou uma gargalhada.

— Faça-o com todo o gosto. Em que posso ajudar agora?

Nick pensou durante um instante.

— Podias tratar da salada. Talvez lavar um pouco de alface e cortá-la para a taça com mais alguns vegetais

cortados.

— Sim, posso fazer isso.

Voltaram para a cozinha e Nick mostrou-lhe onde estavam as coisas. Enquanto ela fazia a salada, ele pôs o peixe e alguns espargos na grelha, depois de acrescentar o funcho fresco à marinada. Quando o peixe já estava a grelhar, Nick voltou à cozinha.

— Queres beber um pouco de vinho? Eu vou beber cerveja. — Ela assentiu, e Nick serviu-lhe um copo, enquanto Bella acabava de cortar os vegetais para a salada.

Quando ficou tudo pronto, comeram no pátio e Bella pensou que aquele talvez fosse o melhor peixe que já comera na vida. Nick sorriu ao ver a expressão dela depois de comer a primeira garfada.

— O peixe está bom? — perguntou-lhe.

— Está espantoso. Não há nada que se compare a comer peixe pescado por nós, e a forma como o temperaste... ficou tão bom. — Ele pareceu ficar satisfeito com o elogio.

Quando acabaram de jantar, Bella ajudou Nick a levantar a mesa e a limpar tudo, e voltaram para a rua, para acabarem as bebidas, mas desta vez foram para o alpendre da frente, para as duas cadeiras de baloiço viradas para o mar. Beberam as respetivas bebidas lentamente, balançando-se enquanto assistiam ao pôr do sol, e Bella não se lembrava da última vez em que se sentira tão descontraída e feliz.

— Tens tanta sorte por viveres aqui. Esta casa é perfeita. Sentas-te aqui muitas vezes? Era o que eu faria, se aqui vivesse.

— Não venho para aqui todos os dias, mas venho frequentemente, sim. Quando acordo mais cedo, por vezes vou dar uma corrida e depois venho para o alpendre beber o meu café.

— Parece-me maravilhoso.

Nick olha para ela, pensativo.

— Nantucket fica-te bem, sabes? Talvez devesse pensar em mudar-te para cá. Podias ter uma casa de praia e um alpendre só teus?

— Quem me dera poder fazer isso. Parece-me a descrição exata do paraíso. Talvez um dia...

— Bem, até esse dia chegar, estás completamente à vontade para me visitar sempre que quiseses. Adoraria ter companhia. É muito mais agradável estar aqui sentado com alguém ao meu lado — disse Nick.

Bella olhou para ele de relance.

— Aposto que não faltam candidatas que adorariam sentar-se aqui fora contigo.

Subitamente, Nick assumiu uma expressão muito séria.

— Eu não convido qualquer pessoa para vir a minha casa. É um lugar muito especial para mim. E para ser franco, estou farto de sair à toa.

Bella teve dificuldade em acreditar nele.

— Nick, és um homem bonito e encantador. Deves ter imensas mulheres a morrer para sair contigo.

— Oh, já saí com bastantes, sim. Mas a verdade é que só quero encontrar alguém com quem tenha uma ligação mais profunda.

— Queres dizer que estás pronto para assentar? — provocou-o Bella.

Mas ele não se riu.

— Se calhar, estou. Se conhecer a pessoa certa, era algo que não me importava de fazer.

Parecia-lhe tão natural estar sentada no alpendre da casa de Nick, a balançar na cadeira, com ele serenamente ao seu lado. Bella desejou poder ser aquela pessoa certa, mas sabia que era impossível. As vidas de ambos eram

demasiado diferentes. A sua passagem pela ilha era temporária. Mais uma vez, Bella desejou poder criar raízes noutra sítio que não fosse LA, mas não via como podia fazê-lo. A não ser que desistisse da sua carreira, mas, apesar de por vezes ser muito stressante, ainda não se sentia pronta para o fazer.

Ficaram ali até o sol se pôr e o ar começar a arrefecer. Bella bocejou e disse finalmente as palavras que estava a adiar até então:

— Acho que é melhor regressar ao hotel.

Nick assentiu e levantou-se.

— Eu acompanho-te.

— Oh, não é preciso. Agora já sei o caminho.

— Mas está a escurecer. Eu vou contigo. Não me importo nem um pouco.

— Está bem, obrigada!

Nick acompanhou-a de regresso ao hotel. O caminho não demorou muito tempo a percorrer, dez minutos, se tanto. Enquanto caminhavam, conversaram descontraidamente, e o tempo passou depressa demais. Antes de se aperceber, Bella já estava à porta do hotel.

— Muito obrigada pelo jantar. Pelo dia todo, na verdade. Diverti-me muito — disse Bella.

Nick sorriu — aquele sorriso fácil que lhe chegava aos olhos e fazia surgir minúsculas rugas que dançavam em redor deles.

— Obrigado por teres passado o dia comigo. Se quiseres repetir, basta dizeres.

— Digo, sim. Boa noite, Nick.

CAPÍTULO 15

— Olha quem está aqui! — exclamou a mãe. Paula tinha acabado de entrar em casa dos pais para o jantar de domingo. Sentados à mesa da cozinha estavam já os pais, a irmã e uma convidada surpresa, a tia Vivian. Espetacular... Paula não via a tia há mais de seis meses. Questionou-se sobre que tipo de drama acontecera agora. A tia Vivian adorava dramas. Da última vez que soube dela, Vivian e o tio Freddy andavam a viajar pela Europa. Mas agora, o tio não estava ali.

— Vem cá dar um abraço à tia! — exclamou a tia Vivian.

Paula obedeceu e deu-lhe o mais breve dos abraços, esgueirando-se a seguir quando esta tentou puxá-la mais para si.

— Que bom ver-te, tia. Como foi a viagem pela Europa?
— Paula reparou que todos tinham um copo de vinho à frente. Ainda nem eram cinco da tarde, mas Paula decidiu juntar-se a eles e serviu um copo para si antes de se sentar à mesa.

— Estava mesmo a contar o que se passa. Pedi o divórcio ao teu tio!

Paula suspirou. A tia pedia o divórcio a cada punhado de anos, mas depois nunca avançava com o processo.

— Lamento saber isso. — Não perguntou o que tinha acontecido, porque conhecia a tia suficientemente bem

para saber que ela ia contar, e com grande pormenor, tudo o que se passara.

— Então, estava a dizer aos teus pais e à Lucy o que se passa. Estou fartinha do Freddy. Ele estava a limitar-me, a arrastar-me com ele. Eu queria ver tudo e ele só queria ficar parado, onde quer que fôssemos. Até que cheguei a um ponto em que não aguentei mais. Principalmente quando ele me disse que estava a ser dramática. Eu! Dramática. Dramático é ele!

Paula nem sequer conseguiu olhar para a irmã. Sabia que se o fizesse ia desatar a rir. A tia não tinha noção de quão ridícula era.

— Então, onde está agora o tio Freddy? — perguntou Paula.

— Continua na Toscana. Disse que precisava de um tempo longe de mim. Já viste, que rude? Diz que vem para casa na semana que vem. Estou a pensar mandar trocar as fechaduras. Que é para ele ver o que é bom para a tosse.

— Eu, se fosse a ti, esperava um pouco. Para ver se, até lá, te acalmas — aconselhou a mãe de Paula.

— Hum. Não, desta vez estou mesmo determinada — insistiu a tia.

— Bem, também temos notícias para te dar — começou por contar a mãe. Paula sabia que a mãe estava a tentar mudar de assunto. — A Paula é a nova gerente do hotel. Começou há poucas semanas.

A tia ficou com um ar confuso.

— Então e a Andrea?

— Está à frente dos serviços de *concierge*.

A tia processou a informação durante alguns instantes e a seguir sorriu.

— Bem, parece-me ser uma boa mudança. Muitos parabéns, Paula!

— Obrigada!

— Amanhã vou estar no meu escritório. Se precisares de ajuda com alguma coisa, diz — ofereceu a tia. Paula arrepiou-se de imediato perante a ideia.

A tia Vivian tinha um escritório no Whitley e, embora oficialmente não assumisse nenhum cargo, ia lá de tempos a tempos e agia como se fosse um membro da realza que estava de visita e trazia consigo a solução para todos os problemas. Gostava de ser reconhecida pelo pessoal e ia às reuniões de direção. Apesar de não fazer ideia do que se passava no dia a dia do hotel, tinha sempre uma opinião para dar. Algumas semanas depois, porém, aborrecia-se do trabalho e desaparecia mais uma vez. Mas Paula temia pelas semanas que se avizinhavam — a tia a cirandar por ali e a meter o bedelho em tudo era uma fonte de stresse de que realmente não precisava enquanto tentava adaptar-se à sua nova função. No entanto, divertia-a pensar como David iria reagir à tia metediça.

Paula sorriu.

— Digo, sim — mentiu.

— Então, onde está o teu irmão? A trabalhar? — perguntou a tia Vivian.

— Não, está de folga hoje — respondeu Lucy. — Disse que ia pescar.

— E com quem foi pescar? Vi-o quando ia a caminho de casa, vinda do cais — disse a mãe. — Ia de carro com uma rapariga bonita de cabelos morenos.

— Cabelos compridos? — perguntou Paula. Pensou em todas as raparigas que Nick conhecia. Não tinha a certeza se o irmão namorava atualmente com alguém.

— Não, tinha o cabelo pelo queixo, um corte a direito. A cara dela pareceu-me vagamente familiar, mas posso tê-la confundido com alguém.

— Oh! — Assim que a mãe descreveu o corte de cabelo de Bella, Paula percebeu de quem se tratava. — Penso que é uma rapariga que está hospedada no hotel.

Lucy arregalou os olhos, e Paula percebeu que a irmã também chegara à mesma conclusão. Questionou-se se Nick sabia quem Bella era de verdade. Ela, David e Lucy eram os únicos a par da verdadeira identidade de Bella. E o avô também, já que Paula o informou. Por norma, tentava limitar o número de pessoas que sabiam destas situações para assegurar que os hóspedes famosos tivessem tanta privacidade quanto possível. Quando a notícia se espalhava pelo pessoal todo, muitos comentavam com as suas famílias e mal davam por si, tinham o hotel cheio de imprensa. Até agora, isto não acontecera, e Paula sabia que os jornais andavam muito intrigados a especular para onde Bella podia ter desaparecido.

— Então, meninas, contem-me as novidades das vossas vidas. Algum homem interessante? — perguntou a tia Vivian.

Outra pergunta que Paula detestava. Não estava preparada para partilhar que Jason a convidara para sair. Estava prestes a dar a sua resposta evasiva habitual quando Lucy se antecipou.

— Na verdade, acabei de conhecer uma pessoa. Chama-se Ben e parece ser um tipo às direitas. Vamos jantar mais para o fim desta semana.

— Oh, mas isso é maravilhoso — disse a mãe.

A tia inclinou-se para a frente e levantou o copo de vinho.

— Fala-nos mais dele...

Andrea bebeu um copo de champanhe na viagem de avião para Nova Iorque e olhou pela janela, profundamente imersa em pensamentos. Tinha sentimentos contraditórios em relação a esta viagem. Por um lado, estava entusiasmada por ir para Manhattan. Era sempre um local divertido para visitar. Mas será que conseguia imaginar-se mesmo a viver ali? Assim que o avião aterrou, Andrea apanhou um táxi para o hotel, instalou-se no seu quarto e depois aventurou-se a ir jantar a um restaurante próximo.

Quando saiu e caminhou ao longo do passeio agitado, sentiu uma certa atmosfera entusiasmante à sua volta. As pessoas apressavam-se a caminho de casa vindas do trabalho, ou em direção aos restaurantes para jantarem e via-se tanto betão por todo o lado, sem uma única árvore à vista. Relativamente a Nantucket, era como a noite para o dia.

O hotel ficava a alguns quarteirões de um restaurante que ela adorava e onde já tinha ido várias vezes, o Becco. Ficava na rua dos restaurantes no bairro dos teatros, e Andrea era uma grande fã de uma massa tripla especial que ali se servia. Os empregados de mesa andavam pela sala a oferecer três tipos diferentes de massa, todas deliciosas e diferentes todas as noites. As massas eram praticamente ilimitadas e o cliente podia repetir duas ou três vezes.

Andrea começou o jantar com uma salada verde simples e um copo de *chianti* italiano. À sua volta, as pessoas estavam vestidas para irem ao teatro. Era divertido observá-las enquanto bebia o seu vinho. A massa era tão boa quanto se recordava, e depois de comer até não poder mais, foi a pé para o hotel.

Quando entrou no hotel, olhou novamente em redor do átrio. Era todo em tons contrastantes de branco e preto, chão de mármore preto polido e sofás brancos macios. O

pessoal usava fato formal e o aspeto geral era sofisticado e elegante.

À esquerda do átrio havia um bar com apelativas poltronas de couro castanho. Andrea sentiu-se tentada a beber um segundo copo de vinho, mas em vez disso, decidiu subir para o quarto e dormir uma boa noite de sono. A entrevista era às nove da manhã em ponto, e depois Andrea planeava ir diretamente para o aeroporto.

Entrou no quarto e tirou os sapatos, aliviada. Eram de pele preta, lindos, mas como eram novos ainda lhe apertavam um pouco os pés, que começaram a protestar. O quarto de hotel era um oásis de calma. A roupa de cama completamente branca, um edredão macio e lençóis franceses luxuosos.

Andrea dormiu bem e acordou bem cedo no dia seguinte. Teve grande cuidado ao preparar-se para a entrevista e aplicou um pouco mais de maquilhagem do que normalmente usava. Num dia normal usava apenas batom e talvez um pouco de máscara de pestanas. Mas naquele dia também pôs uma sombra discreta nos olhos, corretor de olheiras e uma pincelada de *blush*, com pó fixante por cima. Vestiu o seu melhor fato azul-escuro e esticou o cabelo com o secador.

Enquanto se encaminhava para os escritórios da administração, sentia-se confiante. A primeira conversa seria com os Recursos Humanos e só depois se reuniria com o presidente da empresa. Ambas as reuniões correram bastante bem. Andrea ficou com uma sensação melhor em relação a esta oportunidade do que sentira na entrevista para o Hotel Lennon. Não houve momentos constrangedores, e o presidente, um senhor muito distinto no início dos sessenta, tinha uma conversa interessante e pareceu entender a sua motivação para trabalhar num

hotel que não pertencesse à família.

— Estou impressionado com o seu currículo, Andrea. Penso que, com a experiência que tem do Whitley, pode vir a ser uma excelente aquisição para nós. Temos mais alguns candidatos que vamos entrevistar durante esta semana e depois gostaríamos de selecionar dois candidatos para uma última entrevista com a direção. O que pode demorar algumas semanas a acontecer, já que alguns membros da direção não se encontram no país. Estes planos encaixam-se na sua agenda?

— Sim, sem problema. — Andrea não estava com pressa, não para um emprego em Manhattan. Assim sempre tinha algum tempo para ver se surgia alguma coisa em Boston.

— Nesse caso, no início da semana que vem entraremos em contacto consigo para lhe comunicarmos a nossa decisão.

— Muito obrigada.

Andrea fez o *checkout* depois da entrevista e apanhou um táxi para o aeroporto. Dali a uma hora havia um voo para Nantucket, por isso não teria de esperar muito. Comprou um café e sentou-se descontraída junto ao portão, à espera de que o avião chegasse. Tinha um bom pressentimento em relação a esta entrevista. Ficaria surpreendida se não recebesse uma chamada a convocá-la para a última entrevista. Depois via o que acontecia. Talvez viver em Nova Iorque durante alguns anos fosse uma aventura divertida.

CAPÍTULO 16

Paula fez a ronda na segunda-feira de manhã, verificou todas as áreas do hotel e, enquanto percorria o corredor entre o escritório do *catering* e o átrio, reparou numa senhora de pé junto à porta do quarto com uma toalha na mão e a olhar em redor, como se estivesse à espera de alguém — tinha um ar irritado.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — ofereceu Paula.

— Trabalha aqui? — A senhora não parecia mesmo nada feliz.

— Sim, sou a gerente do hotel.

— Bem, estou aqui há quase dez minutos à espera de que os serviços de limpeza me tragam mais toalhas. Ontem pedi-lhes que me deixassem toalhas extra e, em vez disso, deixaram-me apenas uma!

— Peço imensa desculpa. Eu mesma vou buscar-lhe mais toalhas. Volto já. — Paula percorreu o corredor, dobrou a esquina até à lavandaria e pegou em quatro toalhas que ainda estavam quentes da máquina de secar. Acrescentou um punhado de chocolates e regressou o mais depressa possível para junto da senhora. Esta continuava de pé à entrada do quarto, a fitar Paula à medida que se aproximava.

— Aqui tem. E, mais uma vez, peço desculpa pelo percalço. — Entregou-lhe as toalhas, e a expressão da senhora suavizou-se quando viu os chocolates.

— Obrigada! E obrigada também pelos chocolates. Já vimos para este hotel há anos e nunca nos aconteceu nada semelhante.

— Vou certificar-me de que não volta a acontecer. Aceite as minhas desculpas, por favor.

— Tudo bem. Obrigada por resolver tudo pessoalmente.

Paula levou a mão ao bolso e tirou um vale para duas bebidas no bar exterior. Entregou o vale à senhora.

— Aceite também uma bebida, oferta da casa.

A senhora sorriu.

— Oh, muito obrigada!

Paula virou-se e quase embateu em David. Não o tinha ouvido a aproximar-se atrás de si. Deixou-se ficar muito quieto até a senhora fechar a porta do quarto e já estarem os dois a meio do corredor.

— Os serviços de limpeza meteram água?

— Parece que sim.

— E o que vais fazer a respeito disso?

— Vou falar com eles, obviamente.

— Certo. Importas-te que vá contigo?

— Claro que não.

Percorreram outro corredor e viram dois carrinhos de limpeza no exterior dos quartos. Paula bateu levemente à porta e pediu às camareiras que saíssem para o corredor. Uma das funcionárias, Marie, já trabalhava no hotel há anos. A outra, Michelle, era relativamente nova e bastante mais jovem também.

— Há pouco ia a atravessar um corredor quando vi a hóspede do quarto 200 à espera de toalhas extra que nunca chegaram. Disse-me que havia poucas toalhas no quarto. Alguma de vós sabe o que aconteceu?

— Eu não sei, lamento. Esse quarto não é meu — respondeu Marie.

— É meu. Fui eu que fiz asneira. Devia ter lá ido levar mais toalhas, mas esqueci-me completamente. Peço desculpa. — Mas Michelle não parecia nem um pouco pesarosa, soando até desinteressada.

— Pronto, tudo bem, mas para a próxima, por favor, seja mais cuidadosa. Essas coisas não devem acontecer num hotel como o nosso.

— Entendido — respondeu a rapariga.

Paula sorriu a Marie.

— Ouvi dizer que acabou de ser novamente avó?

Os olhos de Marie iluminaram-se.

— Sim! — Levou a mão ao bolso e tirou uma fotografia de um bebé adorável, que mostrou a Paula.

— Oh, que amor! — Paula devolveu-lhe a fotografia. — Tenham um bom dia, minhas senhoras. — Marie continuava a sorrir quando guardou a fotografia no bolso, enquanto Michelle se limitou a virar costas e a regressar ao quarto que estava a limpar antes.

David permaneceu em silêncio enquanto caminhavam em direção aos respetivos escritórios. Quando chegaram, virou-se para Paula.

— Presumo que esta seja uma boa altura para a nossa reunião de atualização. Tens uns minutos?

— Claro que sim. — Paula não fazia ideia do que ele queria atualizar, mas seguiu-o até ao escritório dele e sentou-se na cadeira em frente à secretária.

— Então, já trabalho contigo há algumas semanas e o teu avô queria que lhe entregasse uma avaliação quando tivesse uma opinião sobre quão adequada és para este cargo. Pensei que talvez fosse bom conversarmos um pouco e discutirmos como está a correr a tua experiência, assim como as áreas em que creio existir espaço para melhoramentos.

— Está bem. — Subitamente, Paula sentiu-se um pouco nervosa e na defensiva.

— No geral, e tendo em conta que desempenhas esta função há pouco tempo, acho que estás a fazer um bom trabalho. As pessoas gostam de ti e isso é a característica que faltava na Andrea. Mas reparei que algumas delas parecem aproveitar-se um pouco dessa relação de proximidade. Pressentem que és mais simpática do que a Andrea e que contigo podem safar-se com mais do que se safariam com ela. Este exemplo com a Michelle é perfeito.

Paula sentiu que acabara de chumbar num teste. E ela nunca chumbava em teste nenhum. A sensação não era nada agradável, mas sabia que ele tinha razão.

— E como posso corrigir essa falha?

— Basta teres um pulso um pouco mais forte. Deixar bem claro aquilo que esperas das pessoas e que não vais aceitar nada menos do que isso.

Paula sentiu o estômago às voltas. Detestava conflitos. Talvez tivesse sido uma má ideia aceitar este trabalho. Talvez não fosse demasiado tarde para voltar para o esconderijo que era o seu escritório e concentrar-se apenas nos números. O avô podia ligar à recrutadora e contratar alguém que tivesse mais experiência e que não fosse um saco de pancada, como ela.

— Estás bem? Pareces estar a quilómetros de distância.

— David olhou para ela com preocupação.

— Estou bem. Há mais alguma coisa?

— Acho que, por agora, é tudo. Mas pensa no que eu te disse.

— Vou pensar.

Paula foi para o seu escritório e fechou a porta. Sentiu que os olhos se inundavam de lágrimas, que limpou de imediato. Não ia chorar por causa de uma coisa destas. A

verdade é que achava que estava a fazer um trabalho bastante bom. Por isso, ouvir David dizer-lhe que não era o caso, enfim, era um pouco desanimador. Sobretudo porque reconheceu a verdade nas suas palavras.

Andrea nunca teve este problema, mas também intimidava muito os funcionários que ficavam pouco tempo no trabalho. As pessoas não gostavam de trabalhar para a prima, mas tinha de haver um meio-termo entre ambas. No entanto, encontrá-lo implicava que Paula saísse da sua zona de conforto. Seria capaz? Fungou e pegou noutro lenço de papel.

A seguir ligou para os serviços de limpeza. Foi Marie quem atendeu.

— Não se importa de pedir à Michelle que venha ao meu escritório, por favor?

— É para já.

Cinco minutos depois, Michelle bateu à porta, a sua expressão um misto de enfado e culpa.

— Queria falar comigo?

— Sim, entre e feche a porta, por favor. Sente-se. — Michelle sentou-se numa cadeira do outro lado da secretária.

— Há quanto tempo trabalha aqui, Michelle?

— Há cerca de três meses.

— E gosta de cá estar?

— Gosto.

Paula observou-a atentamente. Michelle estava a meio dos vinte, e Paula duvidava de que sonhasse com uma carreira enquanto camareira. Era apenas um emprego.

— Escute, sei que fazer limpezas não é o emprego mais glamoroso do mundo. Mas é um bom emprego. E este hotel é um bom local para se trabalhar. Dependendo daquilo que deseja para a sua vida, certamente haverá outras

oportunidades de emprego no hotel. Já tivemos algumas pessoas que mudaram para áreas diferentes — aquelas que fazem um bom trabalho e que se esforçam arduamente. — Ficou em silêncio durante um instante e Michelle também.

— O que aconteceu hoje de manhã não pode voltar a acontecer. Não sei se fui suficientemente clara em relação a esta questão quando falámos há pouco. Os nossos hóspedes esperam um nível de serviço no hotel que hoje não foi cumprido. Pode assegurar-me que não voltará a acontecer? Porque se voltar, não teremos outro remédio senão dispensá-la. Não podemos correr o risco de perder clientes devido a um serviço pobre. Não o admitirei. Compreende? — Paula falou com calma, mas com firmeza também.

Michelle assentiu.

— Peço desculpa. Compreendo, sim. Não voltará a acontecer.

— Obrigada, Michelle. Fico-lhe muito agradecida. Pode ir.

Michelle saiu e quando Paula se levantou para ir fechar a porta, David estava a sair do seu escritório. Viu Michelle a passar e depois cruzou o olhar com o de Paula. Sorriu-lhe. Ela ignorou-o, fechou a porta e voltou a sentar-se atrás da secretária. Estava a tremer. Não tinha sido fácil para si falar com Michelle daquela forma. Esperava que ela tivesse realmente interiorizado as suas palavras. Não queria mesmo ser forçada a despedir ninguém, mas estava a ser sincera no que lhe disse.

* * *

Naquela manhã, o avô tivera uma reunião no centro da cidade, por isso remarcaram a reunião de segunda-feira para o início da tarde. Pouco depois da uma, reuniram-se

todos na sala de reuniões — Nick, Hallie, David, Paula e o avô. Paula estava prestes a começar a falar quando a porta da sala se abriu de rompante e a tia Vivian entrou, muito apressada.

— Peço desculpa pelo atraso. Não se incomodem comigo. — Sentou-se numa cadeira vazia e olhou em redor da sala até os seus olhos pousarem em David. Estendeu a mão e apresentou-se: — Sou a Vivian. Ajudo no hotel quando estou na cidade.

David parecia um pouco confuso enquanto a cumprimentava. Era evidente que o avô se esquecerá de lhe dizer que a tia Vivian estava de regresso.

— Muito gosto em conhecê-la — disse ele.

Paula começou a reunião e distribuiu as folhas de cálculo habituais com os valores da semana.

— A Hallie confirmou uma nova conferência para esta semana, o que fez aumentar um pouco os valores. Hallie, queres falar-nos um pouco sobre este evento?

Hallie inclinou-se para a frente na cadeira.

— Claro. Na verdade, foi graças a uma sugestão do David. Uma gestora de fundos de Manhattan ligou-nos para saber se conseguíamos acolher a empresa para um fim de semana no fim de setembro. Reservaram todas as nossas *suítes*, incluindo as quatro presidenciais. — As *suítes* presidenciais eram os melhores quartos e também os maiores, com quase cento e oitenta metros quadrados. Tinham três quartos, uma varanda enorme, uma cozinha completa, sala de jantar e sala de reuniões.

O avô ficou satisfeito.

— Mas que notícia fantástica. Bom trabalho, Hallie. E obrigado pela referência, David.

David sorriu.

— Fico contente por ter corrido bem.

Paula percorreu o resto da agenda e acabou com uma atualização acerca do evento «Sabor da Cidade».

— Eu e o David fomos almoçar ao Mimi's Place, e eles foram os primeiros a confirmar. Depois, pudemos usá-los como incentivo para os outros restaurantes que contactámos. Até agora, vinte novos restaurantes concordaram em participar e ainda estamos à espera de resposta de mais um punhado deles, sendo que ainda nos falta entrar em contacto com alguns. Acho que devemos acabar por ter entre vinte e cinco e trinta participantes no fim.

— Bom trabalho, Paula e David! — elogiou o avô.

— Vamos promover um evento chamado «Sabor da Cidade»? O restaurante do Whitley também vai participar?

— perguntou a tia Vivian.

— Estou a contar com isso, sim — respondeu Nick.

— Têm a certeza de que é uma boa ideia? — Era evidente que ela não concordava.

— Bem, sim. Afinal, somos nós os anfitriões do evento — disse Paula.

— Exatamente. Por isso, talvez não devêssemos também ser participantes... — argumentou a tia Vivian.

— Pois eu acho que a nossa participação é uma excelente ideia e estou muito entusiasmado com o evento — disse Nick. — Vai ser uma ótima oportunidade de publicidade para nós — é bom termos pessoas a experimentar a nossa comida e a voltar depois para comer aqui.

— Hum. Bem, as pessoas já nos conhecem. Acredito que existe aqui um conflito de interesses — insistiu a tia Vivian.

— Vivian, a ideia de realizar o evento «Sabor da Cidade» foi minha, e o principal objetivo é mostrar a nossa propriedade — toda ela, incluindo o restaurante — disse o

avô.

— E não haverá nenhum conflito de interesses — disse Paula. — Todas as pessoas que vierem podem votar em todos os restaurantes. O vencedor será uma escolha do público e todos partem em igualdade de circunstâncias.

— Pronto, está bem, já vi que tenho mais votos contra mim — disse a tia Vivian.

— Não houve votação nenhuma. Estamos todos de acordo quanto à realização deste evento — disse David.

— Sim, está resolvida a questão. O que se segue na agenda? — perguntou o avô.

Paula sorriu.

— Nada. Já acabámos.

* * *

— Presumo que a tua tia seja uma Whitley? — perguntou David a Paula, enquanto voltavam para os respetivos escritórios. O avô e a tia Vivian tinham ido na direção oposta.

Paula assentiu.

— Sim, é a minha tia Vivian. Ela é uma personagem e tanto. Acabou de regressar de seis meses de viagem pela Europa, com o meu tio. Ele continua lá. Diz que precisava de umas férias dela.

David soltou uma risada.

— Então agora ela trabalha aqui a tempo inteiro? E qual é a sua função?

— Ninguém sabe exatamente o que ela faz, a não ser moer-nos o juízo a todos. Tem um escritório aqui e aparece quando lhe apetece. Normalmente, aguenta algumas semanas, depois aborrece-se, vai-se embora e ficamos mais um punhado de meses sem a ver.

— Muito bem. Então, ela não tem um papel formal?

— Não. Ela gosta de «ajudar» em todas as áreas, consoante a disposição com que acordou naquele dia. Por isso, nunca sabemos muito bem o que esperar. Só espero que não se meta muito no «Sabor da Cidade». Não me pareceu muito entusiasmada com a ideia.

— Já não há muito que possa fazer quanto ao evento. Ele vai realizar-se — afirmou David.

— Sim, presumo que sim... — Mas David não conhecia a tia Vivian.

CAPÍTULO 17

Na quinta-feira à noite, já iam a meio da prova do *menu* de Davina quando Paula conseguiu finalmente descontraír um pouco. Davina trouxe consigo a mãe, a sua melhor amiga, que também era dama de honor, e o noivo. Hallie e Paula estavam sentadas numa mesa separada e faziam também uma pequena prova dos mesmos pratos. Normalmente não o faziam quando os noivos vinham experimentar o *menu*; mas a ideia tinha sido de Nick e, considerando que Davina fora até agora uma noiva tal difícil, Paula achou por bem aceitar a sugestão do irmão.

O primeiro prato era de aperitivos, e Paula não conseguia imaginar que lhe encontrassem algum defeito. Nick preparou-os pessoalmente e Paula adorou-os a todos. Havia pequenos tacos de atum — feitos com atum amanteigado próprio para *sushi* com vinagre de manga, creme de abacate e coentros frescos, bolos de vieiras, lagosta de Newberg em copos de massa filo, ostras Rockefeller, *ravioli* de costeleta de boi, tâmaras recheadas com queijo gorgonzola envoltas em *bacon* estaladiço e o famoso colosso de *cocktail* de camarão, característico do Hotel Whitley.

Paula e Hallie foram até à mesa de Davina, depois dos aperitivos, para saberem a opinião do grupo e todos estavam a sorrir. Sobretudo Davina.

— Quero isto tudo no meu casamento. Pode ser? Os

copos de lagosta estavam maravilhosos — disse, desfazendo-se em amabilidades. Paula nunca a vira tão feliz.

— Claro que pode — assegurou Paula. Não acrescentou que iria provavelmente duplicar o custo das entradas, mas se era o que a noiva queria, então era como ia ser.

Para o prato principal tinham quatro opções: peixe-espada marinado e grelhado, lagosta escalfada, *filet mignon* com redução de vinho tinto e frango assado com risoto de cogumelos selvagens.

No fim da degustação do prato principal, as primas foram saber a opinião de Davina, que estava menos entusiasmada.

— A lagosta, a carne e o frango estavam excelentes. Mas não consigo provar o peixe-espada. Nunca comi e não imagino os meus convidados a gostarem do prato.

— É um dos mais populares da nossa carta — disse Paula.

— Eu disse-lhe que devia ter uma opção de peixe. Há muitas pessoas que preferem peixe — disse a mãe de Davina.

— A Davina gosta de peixe? — perguntou Hallie.

— Claro que gosto. Gosto de peixes brancos que se desfazem em lascas, como bacalhau, eglefim ou até alabote.

— Se gosta desses peixes, pode ser que se surpreenda ao descobrir que gosta de peixe-espada também. Para dizer a verdade, até me faz recordar frango — disse Hallie. — No outro dia, o Nick estava a fazer experiências e fritou pedaços de peixe-espada em manteiga temperada e o resultado foi delicioso, os pedaços eram muito semelhantes a frango. Sugiro-lhe que experimente pelo menos uma garfada, antes de tomar uma decisão.

Davina estava com um ar desconfiado.

— Sabe a frango?

Hallie soltou uma gargalhada.

— Bem, não exatamente. Mas não tem aquele sabor característico do peixe, se é isso que a preocupa.

— Prova só um bocadinho — encorajou a mãe.

— Está bem. — Davina cortou uma fatia finíssima de peixe e levou-o à boca. Estava com ar de quem queria tapar o nariz enquanto o comia. Mas, um instante depois, a sua expressão mudou e experimentou uma garfada maior. E sorriu.

— Pronto, têm razão. Não é nada como imaginei. Porque não servimos então o peixe-espada e o frango — há sempre alguém que quer frango, depois a lagosta e a carne em conjunto, num prato terra e mar?

— Parece-me perfeito. Podemos fazer isso — disse Hallie.

Quando a degustação terminou, Nick e Roland saíram da cozinha para conhecer o grupo de Davina, e Paula nunca vira a noiva ser tão graciosa e simpática. Não fez exigências loucas e não se queixou de nada.

Depois de o grupo de Davina se ir embora, Hallie e Paula decidiram beber um copo de vinho no bar exterior. A noite estava maravilhosa e ambas queriam descontrair e celebrar o facto de terem saído incólumes da prova de *menu* de Davina. Nick tinha ido trabalhar só para ajudar na prova e, por isso, disse que, dali a pouco, se juntaria a elas no bar.

O bar estava agitado, mas ainda havia vários lugares vazios. Paula e Hallie aproveitaram e sentaram-se. Frank, o *barman*, nem sequer lhes perguntou o que queriam. Cumprimentou-as e pousou dois copos de *chardonnay* J. Lohr à sua frente, já que era o que normalmente pediam.

Ao lado de Paula estava uma mulher que lhe parecia vagamente familiar, embora achasse que nunca se encontrara com ela antes. Era muito bonita, com a pele clara e o cabelo escuro, quase preto, cortado a direito por baixo do queixo. Tinha uma bebida muito intrigante à sua frente, cremosa e azul.

— O que é isso? — perguntou Paula.

— É um Blue Hawaiian. Ainda não provei, mas o Frank disse que era parecido com pina colada. Pedi-lhe que me preparasse uma bebida característica das férias. — bebeu um gole. — Oh, é mesmo bom! — Sorriu, e Paula voltou a ter a sensação de que a conhecia de algum lado.

— Está aqui de férias? — perguntou Paula.

— Sim, umas boas férias prolongadas. Na verdade, vou ficar aqui durante dois meses e o tempo já está a passar depressa demais. Também está aqui de férias?

Paula sorriu.

— Não, eu trabalho aqui. Chamo-me Paula Whitley, sou a gerente do hotel.

— Oh, és a Paula! Eu sou a Bella e esta é a minha irmã, Julia. No domingo fui pescar com o teu irmão e divertimo-nos tanto.

Então, era por isso que o rosto dela lhe era familiar. Paula olhou de relance para Hallie e viu que estava a conversar com Frank. Mesmo assim, baixou ligeiramente o tom de voz.

— Já alguém te reconheceu? Se não me tivesses dito o teu nome, não saberia quem és. E, já agora, ninguém do pessoal sabe, só eu e a Lucy, a minha irmã que fez o teu *check-in*.

— Já me tinha questionado a esse respeito. Não contaram ao Nick? — perguntou Bella.

— Não. Acho que devias ser tu a contar-lhe, se quiseses,

claro.

— Obrigada. Para dizer a verdade, até é agradável ele não saber quem sou. Tudo muda quando as pessoas descobrem. — Uma centelha de tristeza invadiu brevemente os olhos de Bella.

— O Nick deve estar a aparecer por aí, na verdade. — Paula não achava que o irmão mudasse de atitude se soubesse da verdadeira identidade de Bella. Mas talvez ficasse desiludido porque, sendo ela quem era, provavelmente não fazia parte dos seus planos ter uma vida normal, viver algures fora de LA.

— Oh, ainda bem. Quero que a minha irmã o conheça.

— Queres que a tua irmã conheça quem? — perguntou Nick com um tom provocador. Aproximara-se do bar sem que nenhuma das duas desse por ele.

— Nick, estás aqui! Quero apresentar-te a minha irmã, Julia. Ela veio passar a semana comigo.

Julia sorriu.

— Muito prazer. A Bella disse que se divertiram muito a pescar.

— É verdade. Passámos um dia fantástico e ainda apanhámos uns robalos.

— O Nick cozinhou-os para o jantar e estava tudo tão bom — acrescentou Bella.

Paula chamou a atenção de Frank, e Nick pediu uma cerveja. Quando a bebida chegou, levantou-a no ar e propôs um brinde a Hallie e Paula:

— Um brinde a termos sobrevivido à prova da Davina. — Tocaram com os copos uns nos outros.

— Quem é a Davina? — perguntou Bella.

— É uma noiva que veio hoje fazer a prova do *menu* para o casamento. Ela tem sido um pouco... desafiante com todas as suas exigências. Por isso, hoje não sabíamos bem o

que esperar, mas felizmente correu tudo muito bem — explicou Nick.

— Para dizer a verdade, nunca vi a Davina tão bem-disposta. Afinal, é uma amante de comida e gostou de tudo — acrescentou Paula.

Bella soltou uma gargalhada.

— Como podia não gostar? A comida do Nick é maravilhosa.

— Obrigado! — Nick olhou para Bella e Julia. — Vocês deviam aparecer uma noite destas enquanto cá estás, Julia. Eu disse à Bella que preparava um *menu* de degustação especial para as duas. Vai ser divertido.

Julia sorriu.

— Sim, a Bella já falou disso e estou muito ansiosa por experimentar os teus pratos. Vou-me embora no domingo, por isso estávamos a pensar em fazê-lo no sábado à noite.

A cadeira ao lado de Hallie ficou vaga, e ela e Paula chegaram-se para o lado para que Nick se sentasse ao lado de Bella. Paula percebeu que o irmão estava interessado em Bella e não exatamente como amiga. Esperava que ele não se apaixonasse demasiado depressa e não acabasse de coração destroçado quando os dois meses de Bella no Whitley acabassem.

— Eles ficam giros juntos — disse Hallie. — Ela é de onde? Achas que há possibilidade de nascer aqui um romance?

Paula abanou a cabeça.

— Não acredito que seja algo duradouro. Ela vive na Califórnia.

— Oh, que pena. — Hallie bebeu um gole de vinho. — Como estão a correr as coisas com o David? Ele parece simpático.

— Estão a correr bem. Quero dizer, eu achei que

estavam a correr melhor do que estão. Hoje de manhã, o David reuniu-se comigo e disse-me que sou demasiado branda. Que preciso de ser mais firme, para as pessoas não me passarem por cima.

Hallie ficou em silêncio durante um instante.

— E o que achaste dessa opinião?

Paula suspirou.

— Achei que provavelmente tinha razão. Só não gostei muito de a ouvir.

— Pois, é capaz de haver aí um fundo de verdade. Tu és o oposto da Andrea e abordas as pessoas de uma forma completamente diferente. Ela era um pouco direta e brusca demais.

— Eu só não gosto de conflitos — admitiu Paula. — Mas vou trabalhar nisso e melhorar.

— Vais sair-te lindamente. As pessoas gostam de ti. Então, e qual é a história do David? Ele é solteiro?

— Porquê, estás interessada? — Hallie saía com várias pessoas, mas não tinha ninguém e há muito tempo que não estava numa relação séria.

— Não, acho que não. Ele é um pouco empresarial demais para mim. Mas parece-me simpático e é giro que se farta.

— Pois é. Não sei mesmo qual é a situação dele. Nunca calhou em conversa e nunca mencionou uma namorada.

— Estava só curiosa. Quando é o teu encontro com o Jason? Estás entusiasmada?

— Vamos jantar no sábado à noite. Ele sugeriu irmos ao The Gaslight. Diz que nessa noite vai tocar uma boa banda de *blues*.

— Parece-me divertido. Adoro esse restaurante — a comida é boa e têm sempre música ao vivo muito interessante.

— Se queres que seja sincera, estou um pouco nervosa
— admitiu Paula. — Há tanto tempo que não saio com ninguém. Sinto-me um pouco enferrujada.

— Fico contente que recomeses a sair. Vai correr bem. Pensa que é só um jantar com um novo amigo. E depois logo vês no que dá. Não cries demasiadas expectativas.

— Obrigada. É um conselho muito bom, Hallie.

Hallie sorriu amplamente.

— Vais sair e divertir-te. Além de apreciares um bom jantar.

— Acho que consigo fazer isso, sim.

CAPÍTULO 18

— Tens alguma coisa divertida planeada para hoje à noite? — Passavam cinco minutos das duas da tarde de terça e Marco chegara para substituir Andrea nos serviços de *concierge*.

Andrea sorriu amplamente.

— Vou ter uma aula de golfe.

— Estás a gozar? Vais ter aulas? Não sabia que jogavas golfe.

Ela soltou uma gargalhada.

— Nunca peguei num taco em toda a minha vida. Mas já há algum tempo que queria aprender e agora um amigo recente vai dar-me uma aula.

Marco ergueu as sobrancelhas.

— Ah, estou a entender. Tens um encontro.

— Não sei bem se é um encontro. Por enquanto, é só uma aula de golfe, depois logo se vê. — Adoraria que fosse um encontro de verdade, mas não sabia o que Ben pensava acerca da ocasião. Ele estava apenas a ser simpático. Mas talvez depois de passarem algum tempo juntos...

— Bem, diverte-te.

— Vou divertir-me, obrigada, tu jogas golfe? — Sabia que Marco gostava de surfar.

— Adoro jogar golfe. Eu e o meu irmão gostamos de dar umas tacadas sempre que os nossos horários coincidem. Quando quiseres jogar, é só dizeres.

Andrea sabia que jogar golfe com Marco seria, certamente, divertido.

— OK. Assim que souber o que estou a fazer...

* * *

Andrea foi para casa para tomar duche e mudar de roupa. Combinara encontrar-se com Ben no campo de golfe às três e meia. Já tinha até comprado um conjunto de tacos para principiante e levou-os para o carro.

O dia estava quente e escolheu vestir um polo de golfe azul-claro, sem mangas, e calções beges. Não tinha sapatos de golfe, e não pensou que fosse importante para praticar as tacadas, por isso calçou umas sapatilhas normais. Apanhou o cabelo num rabo de cavalo e pôs uma viseira cor-de-rosa para bloquear o sol. Um pouco de brilho nos lábios e estava pronta para sair.

Chegou ao campo de golfe à hora marcada e Ben já lá estava. Ele acenou-lhe enquanto ela se aproximava. Estacionou rapidamente, agarrou nos tacos e caminhou na direção dele.

— Espero que não estejas há muito tempo à minha espera — disse Andrea.

Ben dirigiu-lhe o seu sorriso amplo e fácil que tanto a encantara no churrasco.

— Cheguei há poucos minutos. Chegaste mesmo a tempo. Estás pronta para começar?

Ben foi à frente e encontraram um bom lugar de onde podiam praticar as tacadas.

— Fico surpreendida por não estar aqui mais gente — comentou Andrea. Havia apenas mais algumas pessoas.

— O dia está demasiado agradável. A maior parte das pessoas está no campo. E as manhãs costumam ser mais

agitadas do que as tardes.

— Faz sentido.

— Muito bem, lição número um: é assim que se segura no taco. — Ben demonstrou a forma correta de segurar o taco de golfe. Verificou a posição de Andrea e ajustou-lhe as mãos um pouco mais para baixo.

— Os braços devem ficar direitos, mas não demasiado tensos e retos, se é que me faço entender. — Mostrou-lhe como posicionar os braços, e ela tentou imitar a sua postura.

— Boa! Pronto, agora, tentamos acertar na bola. — Bateu algumas bolas para ela ver a forma como se balançava o taco, e a seguir encorajou-a a tentar.

— Nunca te esqueças, cabeça para baixo, braços direitos. — Andrea moveu o taco, falhou a bola e sentiu-se uma idiota.

— Não te preocupes com isso. Toda a gente falha. Mantém a planta dos pés assente no chão. Há pouco puseste-te em bicos dos pés. Sentiste?

Andrea experimentou uma vez, depois outra e outra ainda. Quando achava que estava a apanhar o jeito à coisa, a tacada seguinte saía terrivelmente mal.

— Este jogo é muito frustrante — disse ela.

Ben riu-se.

— Pode ser um pouco frustrante, sim. É um jogo tanto mental quanto físico. Quantas mais bolas bateres, quanto mais jogares, mais fácil se tornará e melhor será o teu jogo.

Continuaram a praticar tacadas durante cerca de uma hora e, no fim, Andrea estava bastante melhor. As bolas que batia não se aproximavam nem um pouco das de Ben, mas estavam a sair mais direitas, coisa que ele disse que era bom sinal.

— Agora vamos trabalhar nas tacadas curtas e em

acertar no buraco. Ben mostrou-lhe como bater com tacos diferentes e como fazer as diferentes jogadas para aproximar a bola do buraco: *chip*, *pitch* e *putt*. Era muita coisa para assimilar ao mesmo tempo, mas Andrea estava a divertir-se a aprender e Ben era muito encorajador.

Quando acabaram, Andrea reuniu coragem e perguntou-lhe se queria ir comer qualquer coisa.

— Pago eu, claro. Gostava de te agradecer pela aula.

Ben hesitou por um instante antes de sorrir e concordar:

— Como posso dizer que não a um convite assim? Estiveste mesmo muito bem hoje. Não estamos muito longe do clube de golfe que frequento. Queres ir lá beber um copo? — sugeriu ele.

— Pode ser. — Andrea já tinha passado mil vezes pelo novo clube de golfe de Nantucket, mas nunca lá entrara. Sempre sentiu curiosidade em saber como era. Sabia que era muito caro e que tinha uma joia de inscrição louca, tipo um milhão de dólares, o que estava muito para lá do seu orçamento. Em certa ocasião, sugeriu ao avô que se inscrevesse para que a família pudesse frequentar o clube, mas ele riu-se da ideia. Era um homem rico, mas fez-lhe ver que era uma quantia ridícula e que, de qualquer maneira, nem gostava de golfe.

Andrea seguiu Ben pela estrada até ao clube. Estacionaram, e ele conduziu-a até à zona do restaurante/bar. Sentaram-se no pátio porque era um sítio muito agradável. Quando o empregado de mesa chegou, Andrea pediu uma margarita e Ben uma cerveja de pressão.

— O que te apetece comer? — perguntou Ben. — Eles aqui fazem uns nachos e umas sandes maravilhosas.

— Ambos me parecem bem. — Decidiram partilhar um prato de nachos e pediram uma sandes de peru para cada um. Era imensa comida. Enquanto comiam, conversaram

descontraidamente sobre as pessoas que ambos conheciam.

— A Mia e a Izzy são ótimas vizinhas. Quando aqui cheguei, tive uma paixoneta pela Mia, mas acho que ela nunca olhou para mim dessa forma. Depois conheceu o Sam e os dois deram-se logo muito bem.

— Tens saído com alguém? — perguntou Andrea. Estava curiosa para ver se ele falava de Paula.

— Antes de vir para cá para passar o verão, acabei a relação que mantinha. Vou saindo aqui e acolá, mas nada sério. E tu?

— Estive noiva, até há cerca de um ano. Namorei com o Steve durante seis anos e ficámos noivos porque já estávamos fartos de que as pessoas andassem sempre a perguntar-nos quando dávamos o próximo passo. Era o mais lógico, mas acho que nenhum dos dois queria realmente casar. Ele é um tipo fantástico. Mas acho que devíamos ter acabado muito antes. Às vezes é mais fácil deixarmo-nos andar do que ter de lidar com uma separação.

Ben assentiu.

— Compreendo perfeitamente. Até onde chegaram nos planos para o casamento?

— Não fizemos planos nenhuns. Quando comecei a fazer as listas de tudo o que tínhamos de tratar, apercebi-me de que não estava nada entusiasmada com a ideia. Estou sempre a ver noivas obcecadas com todos os pormenores dos seus casamentos. E eu não sentia nada daquilo. Para ser sincera, até temia ter de tratar de alguma coisa. Foi quando percebi que seria um erro avançar com o casamento. Conversei com o Steve e inicialmente ele mostrou-se surpreendido, mas, na verdade, ficou aliviado.

— Ainda bem que perceberam antes que fosse tarde demais — disse Ben.

— Eu sei. O mais engraçado é que o Steve se casou no mês passado. Conheceu outra pessoa poucos meses depois de nos separarmos e seis meses depois estavam noivos.

Ben sorriu amplamente.

— Bem, acho que quando encontramos a pessoa certa, sabemos e pronto.

Andrea riu-se.

— Certo. Não devíamos era ter demorado seis anos a perceber que não éramos a pessoa certa um para o outro.

Conversaram descontraidamente enquanto acabavam as bebidas. Ben era engraçado e fê-la rir com algumas das suas histórias. Era aventureiro e adorava viajar e velejar.

— No ano passado, participei na corrida Figawi no barco de um amigo. Foi tão divertido. Já alguma vez participaste?

— Já, uma vez. O patrão do Steve corre todos os anos na Figawi e no primeiro ano de namoro fomos com ele. Foi realmente emocionante. Também foste este ano?

— Não. O meu amigo não participou este ano. Mas fui a todas as festas, o que também foi divertido.

— Tenho a certeza de que foi. É sempre um fim de semana de diversão. — Era outra das coisas de que gostava em Ben. Ele era extrovertido e sociável, como ela. Estava mesmo contente por ter sugerido a aula de golfe. No entanto, não conseguia perceber se ele se sentia atraído por ela ou não. Tinha aquele tipo de personalidade que é encantador e sedutor para todas as mulheres com quem se cruza, mas de uma forma divertida. Esta postura fazia com que fosse mais difícil para Andrea perceber se ele a via apenas como uma amiga.

Quando acabaram de comer, o empregado foi limpar a mesa e Andrea aproveitou para pedir a conta. O homem pareceu ficar espantado com o pedido e olhou de relance

para Ben.

— Não é necessário pedir a conta. O Ben tem conta aberta no clube.

— Oh, está bem. — Quando ele se foi embora, Andrea virou-se para Ben. — Eu queria oferecer-te o jantar.

Ele dirigiu-lhe o tal sorriso.

— Desculpa. Mas a verdade é que estás a fazer-me um favor por vires aqui comigo. Tenho de gastar uma certa quantia por mês no restaurante, faz parte da mensalidade. Por isso, este jantar é descontado daí.

— Está bem. Bem, nesse caso, obrigada.

Saíram e quando chegaram aos carros, Ben perguntou:

— Então, achas que em breve queres tentar jogar um verdadeiro jogo de golfe?

— Achas que estou preparada para um jogo? — Andrea sentia-se um pouco nervosa e questionou-se se precisaria de praticar mais antes de jogar com ele.

— A melhor forma de aprender a jogar golfe é jogando. Posso acompanhar-te e dar-te algumas dicas ao longo do jogo. Se estiveres interessada, claro.

— Oh, sim, estou definitivamente interessada!

CAPÍTULO 19

David reparou que Paula andava um pouco mais fria com ele desde que lhe tinha dito que precisava de ser mais firme com as pessoas que trabalhavam no hotel. Percebeu imediatamente que a deixara perturbada e sabia que Paula era uma pessoa sensível que já andava preocupada com o novo cargo que estava a assumir. Mas David pensou que estava a ajudá-la, para ela poder tentar melhorar e desenvolver as suas capacidades de liderança.

Sentiu-se animado quando viu Michelle no escritório de Paula pouco depois da conversa entre ambos, e encarou-o como um bom sinal de que ela já estava a fazer um esforço para melhorar. Assentiu e sorriu-lhe, mas Paula limitou-se a virar costas e a regressar ao escritório. E, desde então, andava um pouco mais distante dele, coisa de que David não gostava.

Apercebera-se de que apreciava a interação com Paula. Ela era inteligente, e ambos gostavam de analisar dados e de os usar como guia nas decisões que precisavam de tomar. Além disso, estavam a trabalhar juntos na organização do evento «Sabor da Cidade». Ela fizera-o rir com as histórias sobre noivas terríveis e apesar de David não falar muito acerca da situação da mãe, quando o fazia, Paula era uma boa ouvinte.

Por tudo isto, estava determinado a voltar a cair nas suas boas graças. A oportunidade surgiu quando encontrou

o irmão de Paula, Nick, na cozinha. David tinha uma dúvida em relação à logística para o «Sabor da Cidade», e Nick era o homem indicado para o esclarecer. Ele estava a acabar o turno do dia e não trabalhava naquela noite.

— O que fazes esta noite? Vou com alguns colegas beber um copo depois do trabalho. Devias juntar-te a nós.
— sugeriu Nick.

— Parece-me bem. Onde e quando? — David ainda não tinha ido beber um copo com colegas de trabalho desde que chegara à ilha.

— Vamos encontrar-nos por volta das cinco e meia no bar exterior.

— Vou lá ter, então. E sou capaz de perguntar à Paula se não quer ir também.

Nick soltou uma gargalhada.

— Boa ideia. Há demasiado tempo que ela não sai connosco.

— Vou dizer-lhe isso.

David voltou para o escritório e acabou aquilo em que estava a trabalhar. Às cinco e um quarto, bateu à porta de Paula.

— Entre.

David empurrou a porta. Paula tinha uma folha de cálculo aberta no ecrã do computador, um lápis na mão e outro espetado no cabelo. Fizera um carrapito rebelde e trespassara-o com o lápis.

— Gosto do penteado — disse ele a brincar. Ela nunca usava o cabelo assim quando estava fora do escritório.

Paula riu-se.

— Pois, devo ter um ar ridículo, mas quando estou concentrada em alguma coisa, nem me apercebo de que o faço. Torço o cabelo todo para o afastar do rosto e agarro o que estiver mais à mão para o prender.

— Ficas gira.

— Obrigada. Precisas de alguma coisa?

— Sim. Há pouco cruzei-me com o teu irmão e ele convidou-me para ir beber um copo com ele e outras pessoas. Disse que também devias vir porque não saís com eles há demasiado tempo.

Paula sorriu.

— É verdade, já não saio há demasiado tempo. Acho que posso beber um copo, sim. A que horas?

— Saio daqui a um quarto de hora. Posso vir ter contigo quando sair.

— Perfeito.

Às cinco e meia em ponto, David voltou a bater à porta de Paula. O carrapito desalinhado já desaparecera e o cabelo estava agora caído, liso e brilhante. O computador já estava desligado. Paula levantou-se, pegou na mala e desceram os dois para o piso de baixo.

Nick já estava no bar, sentado ao lado de Marco e Andrea. David sentiu Paula a hesitar quando viu a prima, por isso fez questão de se sentar ao lado de Nick, para Paula ficar o mais afastada possível de Andrea. Esta fez só um leve aceno de cabeça quando os viu e, a seguir, regressou à conversa com Marco.

Quando Frank, o *barman*, se aproximou, David pediu uma cerveja de pressão e Paula, um *chardonnay*.

— Então, como foi o vosso dia? — perguntou Nick. — Nós tivemos um dia agitado na cozinha. Ultimamente, os almoços têm sido uma loucura. Hoje também não foi um grande dia de praia, o que ajudou ainda mais.

Nos dias em que o tempo estava melhor, os hóspedes do hotel pediam almoços para levarem para fora, porque normalmente saíam, fosse para irem à praia ou para visitarem a ilha. Nesses dias, a hora de almoço no

restaurante não era tão agitada. Mas nos dias nublados ou de chuva, a conversa já era outra.

— Nós temos andado a trabalhar em algumas coisas. O «Sabor da Cidade» tem-nos ocupado bastante. Acho que vai ser um evento divertido e proveitoso para o hotel. — explicou Paula.

Nick assentiu.

— Também estou muito entusiasmado. O Roland deixou-me gerir tudo e decidir que pratos vamos oferecer. Tenho andado a ponderar algumas ideias para as entradas. Vamos fazer a nossa sopa de marisco, claro.

— Também vais fazer um prato principal? — perguntou Paula.

— Sim. Estava a pensar em costeletas com alecrim e puré de batata. E talvez um pouco de marisco para entrada.

— Parece-me uma excelente combinação — concordou David. — Há pessoas que não gostam de marisco, mas quase toda a gente gosta de carne.

— É um dos nossos pratos mais populares — acrescentou Nick.

— A irmã da Bella, a Julia, parece ser muito simpática. Vais fazer alguma coisa especial para o *menu* de degustação? — perguntou Paula.

— A irmã dela é espetacular. Ontem à noite ficámos até o bar fechar. São as duas muito divertidas, é bom conversar com elas.

— Conversei com a Bella durante algum tempo antes de apareceres. Ela parecia muito entusiasmada por te ver novamente — acrescentou Paula.

David reparou que Nick parecia simultaneamente envergonhado e feliz por ouvir isto.

— Sim, eu também. Ainda estou a pensar no que hei de fazer para o *menu* de degustação, mas vai ser

impressionante.

Paula soltou uma gargalhada.

— Sei que sim. O que será que vão fazer esta noite?

— A Bella disse que iam à cidade fazer algumas compras e jantar algures perto da água. Talvez ao Straight Wharf.

— Nick, o que achas disto? — perguntou Andrea.

Nick concentrou a atenção na prima e em Marco, e David virou-se para Paula, que estava a beber o vinho lentamente, enquanto olhava em redor. Os dois rapazes que iam tocar naquela noite pareciam estar prestes a começar.

— São bons músicos? — perguntou David.

— São. Quero dizer, é música de férias, tocam muito Jimmy Buffett e esse tipo de coisas.

— Este bar é mesmo um sítio fixe. Sentado aqui fora quase sinto que também estou de férias. — Ficou satisfeito por ver que conseguiu arrancar um sorriso a Paula.

— É, não é? Eu sinto-me uma sortuda por viver aqui o ano todo. É um sítio muito bonito.

— E para onde vais de férias? Tens alguma viagem divertida já planeada?

— Há algum tempo que não vou para lado nenhum. No ano passado, deixei-me ficar em casa a descansar e a pôr a conversa em dia com amigos que já não via há muito tempo. Mas pensei em fazer uma viagem à Europa. Nunca lá estive e como tenho família em Londres, pensei que seria uma boa ideia.

— Londres é uma cidade fantástica. Na verdade, toda a Europa é maravilhosa. Adorava voltar, principalmente a Itália. A comida e os vinhos são qualquer coisa.

— Também me parece divertido. Se calhar devia prolongar as férias, tirar duas semanas e ir a mais sítios.

— Quando estás a pensar tirar férias?

— Só no outono, provavelmente. Em outubro as coisas aqui acalmam um pouco e é capaz de ser uma boa altura. Até lá, vou tirando um dia ou outro, para ter fins de semana prolongados. E tu?

David ainda nem pensara em ter férias. Até Alvin lhe propor este trabalho de consultoria, David pensara usar alguns dias de férias para ir visitar a família.

— Não faço ideia. Gosto de esquiar, por isso sou capaz de ir esquiar algures, lá mais para o fim do ano.

— Paula? És tu? — David e Paula viraram-se para uma senhora mais velha de cabelo curto prateado e vestida com elegância, parada mesmo à frente de ambos.

— Senhora Ferguson? Sentimos a vossa falta no ano passado. É tão bom voltar a vê-la.

— É bom estar aqui novamente. No ano passado tive umas chatices de saúde, mas agora já estou como nova e muito feliz por voltar ao Whitley. — Um homem mais velho juntou-se a ela. Trazia na mão uma caixa de cartão com um farnel.

— Oh, fico muito contente por saber. Já jantaram?

— Já, e estava tudo maravilhoso, como sempre. Encontrei o teu avô hoje de tarde e ele contou-me da tua promoção. Muitos parabéns, minha querida. Ambos achamos que vais fazer um trabalho fabuloso.

— Muito obrigada aos dois. David, estes são o senhor e a senhora Ferguson. Vêm todos os anos para o Whitley, desde que tenho memória. O David está cá a trabalhar como consultor.

— Muito gosto em conhecê-lo — disse a senhora Ferguson. — Bem, vamos voltar para o nosso quarto. Vimos-te aqui e quisemos só dizer olá.

— Obrigada. Foi muito bom ver-vos.

O casal foi-se embora, e David sorriu a Paula.

— Parece que tens alguns fãs por aqui.

Ela soltou uma gargalhada.

— Eles são muito queridos e vêm cá desde sempre. Quando não os vi, no ano passado, por acaso fiquei preocupada.

— Conheces muitos hóspedes? — David estava impressionado por ela se lembrar tão bem das pessoas.

— Conheço. Foi das primeiras coisas que o meu avô me ensinou. Queremos sempre tratar as pessoas como se fossem hóspedes na nossa própria casa. É uma coisa fácil de fazer, porque são quase todos tão simpáticos como os Fergusons. Há pessoas tão interessantes, sabes, que vêm de todos os cantos do globo para ficarem connosco.

— Esses pormenores, como lembrares-te do nome das pessoas, causa muito boa impressão — comentou David. — Acho que são a chave do sucesso de qualquer indústria de serviços. Quando as pessoas se sentem valorizadas e bem-vindas, querem sempre regressar e contar aos amigos onde estiveram.

— Exatamente. — Paula sorriu e pegou no copo de vinho. — Como está a tua mãe, David? — perguntou.

— Está melhor, tanto física como mentalmente. O meu pai contratou uma senhora mais ou menos da idade dela para lhe fazer companhia durante as tardes, para assim ele poder ir ao escritório. Ela gosta da companhia, e ele precisava mesmo de ter esta folga.

— Deve ser tão difícil para ele; e para ti também, claro. Nem consigo imaginar — disse ela.

David assentiu. Era terrível ver a mãe naquele estado e também se sentia muito mal pelo pai. Mas estava contente porque, desde que voltara a casa, o pai parecia andar menos stressado e sentir-se mais otimista sobre toda a situação. David desejava poder estar mais vezes por perto,

mas dali a pouco mais de um mês, a sua missão no Whitley chegaria ao fim e teria de regressar a Nova Iorque. Normalmente, estaria ansioso por voltar para o seu apartamento de Manhattan, mas desta vez não sentia a menor pressa. Adorara passar o verão em Nantucket e estar mais tempo com a família; era aqui que precisava de ficar, tanto tempo quanto possível.

Reparou que o copo de Paula já estava quase vazio.

— Queres mais um copo de vinho?

— Não, mas obrigada. Um copo está perfeito para mim. Acho que vou andando para casa.

— Está bem. Então, vemo-nos amanhã. Gostei muito que tivesses vindo. — Ela parecia mais descontraída, e David teria gostado de conversar mais um pouco com ela. Estava contente por já não parecer tão fria com ele.

Paula sorriu.

— Também gostei muito de vir. Até amanhã.

CAPÍTULO 20

Andrea estava muito bem-disposta. Ao início da tarde recebera uma mensagem de texto de Elaine, a recrutadora. Dizia que Andrea tinha passado à fase final com outro candidato e que o Hotel Alexandria a queria convidar para ir conhecer a direção. A reunião só aconteceria dali a três semanas, devido a alguns constrangimentos com viagens de administradores, mas ela não se importava nem um pouco com isso. Continuava sem ter muita certeza se queria mesmo mudar-se para Manhattan, mas era agradável estar um passo mais perto e ter a opção.

Apesar de jamais o admitir perante o avô e Paula, a verdade é que estava a gostar do seu novo trabalho. Não tinha praticamente responsabilidades de gestão nenhuma, além de tratar dos horários e escalas dos funcionários, assim como transmitir quaisquer informações vindas da direção, o que era pouco comum. Como Marco lhe dissera há algumas semanas quando se encontraram no The Club Car, o trabalho era divertido. E, pela primeira vez na vida, Andrea divertia-se a trabalhar. Era um cargo realmente adequado aos seus pontos fortes. Ela adorava Nantucket e partilhar o que sabia sobre restaurantes e as diferentes opções para os hóspedes conhecerem a ilha e as suas paisagens.

Os turnos de fim de semana quando coincidia com Marco eram os mais divertidos. Ele fazia-a rir e

partilhavam um sentido de humor muito semelhante. Marco estava a tornar-se rapidamente um bom amigo. Também não a aborrecia o facto de ele ser um homem bastante atraente, com o cabelo e os olhos escuros, e aquele sorriso caloroso. Ele fazia com que todos se sentissem bem-vindos e namoriscava com as mulheres todas independentemente da idade, coisa que elas adoravam, claro.

Andrea não podia deixar de reparar que nas poucas vezes em que as mãos de ambos se tocaram ao procurarem alcançar alguma coisa ao mesmo tempo, o toque produzia nela uma sensação eletrizante imediata. Por isso, sim, sentia-se atraída por Marco e por vezes tinha a leve sensação de que ele sentia o mesmo, mas de cada vez que um destes momentos surgia, ele dizia rapidamente uma piada e o feitiço quebrava-se. Andrea suspeitava de que ele partilhava da sua opinião em como seria um erro tremendo se se envolvessem em algo que fosse para lá dos *flirts* amistosos. O currículo de Andrea não era o melhor, e a última coisa de que precisava agora era de passar por uma separação desconfortável e ainda ter de continuar a trabalhar tão perto dele. Além disso, não queria perder a amizade que estava a crescer entre ambos. Ganharam o hábito de ir beber um copo depois do trabalho uma ou duas vezes por semana e ela ansiava por estes momentos.

Ficou surpreendida quando viu Paula juntar-se a eles no bar exterior. A menina aprumada e perfeita raramente saía para beber um copo depois do trabalho. Até o irmão pareceu ficar surpreendido de a ver. Andrea não deixou de reparar que o cabelo de Paula parecia mais bem cuidado e penteado do que era habitual e que até usava batom, algo que raramente fazia. E David, o consultor, estava com ela.

Andrea questionou-se se Paula estaria interessada nele?

Talvez estivesse e nem se apercebesse, o que não a surpreenderia, sobretudo porque a viu a dar o número a Ben. Andrea presumiu que se não tivessem saído já, deviam estar para sair em breve. Paula não era o tipo de mulher que saía com todos. Não ficou surpreendida quando a prima bebeu um copo de vinho e decidiu ir para casa. E reparou, com interesse, que David acabou a sua cerveja e também se foi embora.

Quando conheceu David, achou-o atraente, mas depois da conversa inicial percebeu que ele concordava com a decisão do avô em substituí-la por Paula, e, por isso, classificou-o logo como emproado e aborrecido. Afinal, talvez David e Paula fizessem um bom casal.

— Estás mergulhada nos teus pensamentos. Devo ficar assustado? — provocou Marco.

Ela soltou uma gargalhada e voltou a concentrar-se nele e no primo, Nick.

— Desculpem, viagem para longe durante um instante. Estamos a falar de quê?

— O Nick estava a dizer que no domingo vai pescar e convidou-me a ir com ele.

— Pensei que não gostavas de pescar? — disse ela.

— Tens boa memória. Foi o que disse ao Nick, mas ele é muito persuasivo.

— Também devias vir, Andrea. Quando foi a última vez que saíste para pescar? — perguntou o primo.

— Já foi há tanto tempo que nem me lembro.

— Não é tanto pela pesca em si, mas porque é divertido passar uma tarde bonita numa praia. Vai ser giro. Estava a pensar em voltar a convidar a Bella para vir também. Ela gosta muito de pescar e sei que a irmã se vai embora no domingo de manhã.

— Quem é a Bella? É alguém com quem tens saído? —

perguntou Andrea. Reparou que Nick corou um pouco.

— Não posso dizer que temos «saído»... Levei-a a pescar uma vez. Gostei muito da companhia dela, mas é uma hóspede nossa. Sei que não vai cá ficar durante muito tempo.

Andrea fez um sorriso maroto.

— Mas gostas dela. Consigo perceber que sim. Vou convosco. Estou curiosa para a conhecer.

— Tudo bem, o plano é sairmos por volta do meio-dia.

* * *

— Tinhas razão. Estava um pouco cética, mas os arandos cobertos de chocolate negro são mesmo deliciosos — disse Julia. Ela e Bella estavam a provar doces na Sweet Inspirations, a loja de chocolates que Johnny, o motorista do Whitley, lhe aconselhara.

— Devias levar uma caixa para casa. Eu também vou levar uma — disse Bella.

— Ótima ideia. Não acredito que hoje é o meu último dia. Tenho um pouco de inveja que possas ficar aqui durante mais um mês, ou algo do género. Mas sei que precisas de aqui estar. Já consigo perceber que te está a ajudar.

— A sério? É bom saber. Quem me dera poder cá ficar ainda mais tempo.

— Pareces estar muito mais descontraída e, pela primeira vez em muito tempo, sinto-te feliz em vez de stressada. Como te sentes tu?

— Sinto-me bem. Desde que aqui cheguei que não tive nenhuma crise de Lyme e a verdade é que me sinto mais forte de dia para dia. Também gostava que pudesses ficar mais tempo. Esta semana passou a voar. — E tinha sido

uma semana fantástica. Conseguiram fazer imensas coisas, visitar o Museu Baleeiro e fazer uma visita guiada a pé pelos bairros mais antigos de Nantucket, onde se dizia que havia fantasmas; também comeram em muitos restaurantes fantásticos.

Fizeram bastantes compras e Bella certificou-se de que levava a irmã à loja Nantucket Threads. Julia apaixonou-se por vários *tops* e por um maravilhoso par de sandálias de couro. Eram tudo coisas que chegaram depois de Bella visitar a loja pela última vez. Izzy falou-lhes da loja *online*, para o caso de Julia querer comprar alguma coisa quando regressasse a Vermont.

— Não posso agradecer-te o suficiente por aquela publicação no Instagram. As minhas vendas *online* dispararam, sobretudo das botas. — Bella tinha publicado uma fotografia dos joelhos para baixo, quando estava a usar as botas que ali comprara. A legenda era «A navegar *online*, apaixonei-me completamente por estas botas da Nantucket Threads. São lindas e bastante confortáveis.» Certificou-se de que inseria a referência à loja *online* para as pessoas não ligarem as coisas e acharem que estava na ilha.

Mas a publicação acabou por despertar a curiosidade acerca do seu paradeiro. Desde que viera para Nantucket que estava afastada das redes sociais — nada de Facebook, Twitter ou Instagram. Mas há alguns dias, fez esta publicação das botas e depois entrou no Facebook. Saiu imediatamente, depois de ver publicações, umas atrás das outras, em que as pessoas se questionavam onde ela estava e com quem, como se a conhecessem. Sabia que isto fazia parte do estatuto de celebridade, mas ainda assim, era um pouco perturbador.

A rapariga que estava a trabalhar na caixa era jovem,

parecia ter cerca de dezasseis anos. Fez-lhes a conta e enquanto entregava o talão a Bella, fez uma pausa.

— A sua cara não me é estranha. Estava a tentar perceber de onde a conheço e, de repente, lembrei-me. Já alguma vez alguém lhe disse que é muito parecida com a Cami Carmichael? Acho que é o sorriso.

Bella assentiu.

— Sim, de vez em quando dizem-me isso. Mas ela é muito mais bonita, e tem o cabelo mais claro.

— Pois é. O cabelo dela é lindo. De qualquer maneira, muito obrigada por terem vindo.

Quando saíram da loja, Julia murmurou.

— Bem, foi por um triz. Foi a primeira vez que alguém quase te reconheceu?

— Sim. Mas acho que acreditou que não era eu.

— Talvez, sim, mas já não tenho tantas certezas em relação às pessoas que estavam atrás de nós. Vi pelo canto do olho que alguém tirou uma fotografia com o telemóvel. Pode não ter sido a ti, mas... Não deve ter sido.

Bella sentiu um nó a formar-se no estômago. Estava a gostar tanto de ser uma turista anónima que andava livremente pela ilha sem se preocupar que alguém a reconhecesse.

— Espero que não.

Pediram um carro para as levar de regresso ao hotel e descansaram um pouco no quarto. Ambas tinham comprado alguns livros novos na livraria e ficaram a ler durante algum tempo antes de tomarem um duche e começarem a arranjar-se para descer para jantar.

Era a primeira vez que Bella descia para comer no restaurante, normalmente pedia as refeições através do serviço de quartos. Nunca quisera comer sozinha e atrair as atenções.

Tinham reserva e foram conduzidas até à sua mesa, que ficava à janela e oferecia uma vista deslumbrante para o mar.

— Está tão perto que quase sinto que estamos num cruzeiro... — disse Julia quando se sentaram.

A sala era muito bonita e elegante, com cortinados requintados de seda azul-escura e alcatifas azul-escuras e douradas. Tudo o resto era branco — as toalhas, os pratos e as flores dispostas em jarras de vidro quadradas.

O empregado de mesa que as ia servir era um senhor mais velho; Bella estimou que tivesse cinquenta e poucos anos. Chamava-se Ramon e disse-lhes orgulhosamente que acabara de celebrar o vigésimo aniversário enquanto funcionário do Whitley.

— Segundo sei, o nosso *chef*, Nick, tem preparado para as meninas um *menu* de degustação especial. Ele também escolheu os vinhos que acompanham cada um dos pratos, se acharem bem? Também podem pedir *cocktails*, se preferirem.

— Parece-me uma boa ideia beber os vinhos — disse Bella, e a irmã assentiu, concordando consigo.

— Nesse caso, volto já com a primeira escolha, um frisante *rosé*.

Quando Ramon regressou, pousou dois copos de vinho rosado borbulhante e um pequeno prato com uma espécie de *paté* e fatias de baguete. Também havia pequenos pepinos em *pickles*, mostarda em grão e geleia de pimenta doce.

— Este é o *paté* de *foie gras*, especialidade do Nick, e alguns acompanhamentos. Bom proveito!

As horas seguintes passaram velozes numa sucessão de pratos deliciosos e um sortido de vinhos que complementavam cada prato na perfeição — tudo, desde

tártaro de atum com especiarias a um creme de lagosta suave como seda, pato confitado e *chateaubriand* fatiado com lagosta escalfada em caldo de laranja. A refeição acabou com um leite-creme infundido com aromas de chocolate negro e café.

Quando acabaram de comer, Nick foi até à mesa.

— Espero que tenham gostado do *menu* de degustação...

— Estava tudo espantoso, incrível. Muito obrigada — disse Julia.

Bella sorriu.

— Absolutamente delicioso, uma loucura! Esta foi verdadeiramente a melhor comida que alguma vez comi, Nick. Muito obrigada.

Ele sorriu amplamente.

— Fico tão feliz por terem gostado. Diverti-me muito a preparar tudo. — Olhou de relance para Julia. — Lamento que já tenhas de ir embora amanhã.

— Gostava mesmo de ficar mais tempo. Mas vou sair logo de manhã.

— Vou ter saudades dela — disse Bella, pesarosa. Habituar-se à companhia da irmã. Quando se fosse embora, tudo ia parecer mais vazio e tranquilo.

— Amanhã vou pescar com a minha prima Andrea e o Marco, que também trabalha nos serviços de *conciierge*. Vamos ao sítio onde te levei. Porque não vens connosco? Parece que vai estar um dia bonito.

Bella sorriu.

— Adoraria. Estava mesmo a perguntar-me o que havia de fazer amanhã.

— Perfeito, então. Vem ter connosco à entrada, ao meio-dia e não te esqueças de trazer o teu isco da sorte!

CAPÍTULO 21

— Acho que devias sair com ele pelo menos mais uma vez. — Lucy passara pela casa de Paula no domingo à tarde antes de saírem para o habitual jantar de família em casa da mãe. Nenhuma das duas queria ver a sua vida amorosa dissecada à mesa, especialmente se a tia Vivian lá estivesse. Ela conseguia ser implacável com tanta pergunta.

— Não sei se isso é uma boa ideia. — Não que Paula não tivesse gostado de Jason. Era um rapaz bastante simpático. Mas quando saiu com ele na noite anterior, não sentiu a menor ligação. Tinham ido ao The Gaslight, que era um sítio ótimo para encontros, com boa comida e música ao vivo. Foi uma noite divertida, mas Paula sentiu que estava a jantar com um amigo, por isso não sabia se seria justo estar a desperdiçar o tempo de Jason saindo mais uma vez com ele.

— Bem, eu já saí com imensos rapazes por quem não me senti atraída no primeiro encontro, mas mesmo assim dei-lhes mais uma ou duas oportunidades, porque por vezes a atração surge depois. Não sempre, claro, mas por vezes. Lembras-te do Bill? — Lucy namorou com Bill durante mais de um ano e, mesmo depois de acabarem, os dois conseguiram ficar amigos.

— Inicialmente não te sentias atraída por ele, pois não?
— Paula não se recordava disto.

Lucy soltou uma gargalhada.

— Nem remotamente. Mas ele era tão simpático e divertido, divertíamos-nos sempre muito juntos. No terceiro encontro, pareceu-me muito mais querido, porque já o conhecia melhor, e a atração surgiu então. Também pode ter tido qualquer coisa que ver com o facto de ter ouvido alguém dizer que o achava um pão.

Paula também se riu.

— É engraçado como isso funciona sempre. Como foi o teu encontro com o Ben?

— Divertimo-nos! Ele não é o meu tipo habitual de homem, mas é simpático e extrovertido. Fomos ao The Club Car jantar e beber um copo, e acho que ele conhecia meia dúzia de pessoas lá. Gostei o suficiente dele para sairmos mais uma vez.

— Bem, isso é bom.

— Sabes, tive uma ideia. Ele propôs que no próximo sábado à tarde fôssemos ver umas bandas de *blues*. São cinco ou seis bandas diferentes que vão tocar no Cisco Brewers ao longo de toda a tarde. Vai ser na rua, com imensa cerveja, claro, mas também há vinho e toda a espécie de petiscos, como cachorros-quentes e assim. Tudo muito descontraído. Tu e o Jason podiam vir connosco, porque não? Se formos num grupo pequeno até pode ser mais divertido.

— Por acaso, até nem é má ideia. Se ele me ligar durante a semana, vou fazer a sugestão.

* * *

Bella ficou triste ao ver Julia partir no domingo de manhã. Depois, ficou mais assustada com a mensagem que a irmã lhe mandou quando estava no aeroporto. Enquanto esperava para entrar no avião, Julia entrou no Facebook e

ali estava uma fotografia sua com Bella na loja *Sweet Inspirations*. A legenda dizia: *A Cami Carmichael está de férias em Nantucket? Se não for ela, esta sócia só tem o cabelo diferente.*

Bella sentiu-se inundada por uma onda de pânico. Ainda não estava pronta para lidar com a imprensa. Não em Nantucket, que até então lhe parecera ser o seu porto de abrigo. Pensou no que devia fazer, e a seguir desceu até ao átrio do hotel e entrou no luxuoso *spa*, que também tinha um salão de cabeleireiro.

Certificou-se de que não sorria quando a rececionista a cumprimentou — o que para ela era difícil, mas necessário. Não queria que mais ninguém a identificasse.

— Em que posso ajudá-la?

— Gostava de cortar e pintar o cabelo, por favor.

— Deixe-me verificar quem está disponível. — A rapariga olhou para a agenda. — A Stephanie pode ajudá-la. Venha comigo, por favor. — Levou Bella para uma cadeira que estava em frente a um espelho na parte de trás do salão, o que era perfeito. Ali era pouco provável que alguém reparasse nela. Um momento depois, uma cabeleireira aproximou-se.

— Olá, chamo-me Stephanie. O que deseja fazer hoje?

— Stephanie não reconheceu Bella e, por isso, descontraíu um pouco. À exceção da rapariga da loja do centro, ninguém a reconhecera, mas agora que a sua fotografia estava espalhada nas redes sociais, Bella sabia que tinha de mudar de visual rapidamente.

— Muito prazer. Chamo-me Bella. Gostava de escadear o cabelo e de o pintar de um tom bonito castanho-avermelhado; quero ter algumas ondas soltas, um ar mais de praia. Assim mais ou menos como tem a Meg Ryan, se é que me faço entender.

— Muito bem. Sou uma grande fã da Meg Ryan. — Bella não ficou surpreendida. Stephanie devia ter à volta de cinquenta anos e o mais provável era ter visto todas as comédias românticas protagonizadas por Meg Ryan. A cor natural do cabelo de Bella era um louro avermelhado, mas tinha sido fortemente encorajada a pintá-lo de louro platinado quando teve a sua primeira oportunidade de estrelato. A ideia era que as ruivas não eram tão populares. Bella não concordava nem gostava daquela cor, mas na altura só queria trabalhar, por isso, para o seu primeiro papel, descolorou o cabelo para um tom louro beijado pelo sol, e a cor tornou-se a sua imagem de marca.

Stephanie conversou com ela enquanto tirava a cor existente e a seguir aplicava um tom mais claro. Bella ficou a saber que a cabeleireira vivia em Nantucket, era casada, tinha dois filhos e acabara de ter o primeiro neto.

— Por isso, sou finalmente avó. Demoraram bastante tempo a ter filhos. Já são casados há quase dez anos.

— Muitos parabéns, deve ser entusiasmante.

Depois de aplicada a cor, Bella descontraiu um pouco mais. Agora ninguém devia conseguir reconhecê-la. Ficava com um ar bastante ridículo com o cabelo espetado em todas as direções e metade dele coberto com pequenas folhas de alumínio. Stephanie explicou-lhe que pretendia obter um tom mais natural, com algumas madeixas, e Bella achou que era boa ideia.

Uma hora depois, com o cabelo lavado, cortado, seco e ondulado, Bella abriu os olhos e ficou deslumbrada com a mudança. O penteado à Meg Ryan era solto, leve e ainda mais bonito do que estava à espera, e o tom profundo e avermelhado condizia muito melhor com a sua pele, além de que salientava os olhos. Continuava a sentir-se um pouco receosa de que as pessoas a reconhecessem, mas

nunca ninguém a vira ruiva e também não esperariam aquele corte de cabelo. No entanto, Bella sabia que tinha de tomar também outras precauções. Não iria para lado nenhum sem os seus óculos de sol aviadores e o chapéu de abas largas, nem mesmo quando saísse com Nick e os amigos.

Também tinha consciência de que chegara a altura de ter uma conversa com Nick, antes de que ele ouvisse a verdade da boca de outra pessoa ou, esperemos que não, através da imprensa.

* * *

— O que se passa no hotel? São repórteres do TMZ? — Quando Nick parou junto à entrada do hotel para ir buscar Bella, reparou em vários veículos que pareciam estar ali à espera de alguém ou de alguma coisa. Olhou pelo espelho retrovisor. — Temos alguém famoso hospedado connosco?

— Que eu saiba, não — respondeu Andrea do banco de trás. Estava sentada com Marco e a geleira de Nick no meio dos dois.

— Também não ouvi dizer nada — acrescentou Marco.

— Ainda não estou a ver a Bella. Pensei que já estivesse aqui à nossa frente. — Nick chegara um pouco atrasado e já passavam cinco minutos do meio-dia. Reparou numa mulher com uns deslumbrantes caracóis ruivos a caminhar na direção do carro. Não lhe conseguia ver o rosto, porque trazia óculos de sol e um chapéu de praia com abas largas que o escondia. Vestia calças de fato de treino escuras e largas. Mas quando alcançou o carro, olhou para cima, e Nick percebeu que era Bella, que vinha com uma expressão de pânico no rosto. Destrancou a porta, e ela entrou imediatamente, fechando a porta atrás de si.

— Está tudo bem? Estás ótima. Adoro o cabelo.

— Obrigada. Se não te importares, explico-te melhor quando chegarmos à praia.

— Claro. Esta é a minha prima, Andrea, e este é o Marco. Trabalham ambos no serviço de *concierge*.

— Muito prazer em conhecer-vos — disse Bella com educação.

Alguma coisa estava diferente em Bella naquele dia. Parecia stressada e um pouco assustada. Nick questionou-se sobre o que seria e desejou poder ajudar — ou pelo menos ajudá-la a descontrair um pouco e tirar da cabeça o que a estava a incomodar.

— Espero que tenhas fome. Temos uma quantidade absurda de comida. O Marco preparou bifes à brasileira para grelharmos e a Andrea fez salada de massa. Também fiz um *paté* de cebola caramelizada, tártaro de atum com especiarias e, claro, temos queijos e tostas.

— Estou cheia de fome e tudo me parece maravilhoso. Trouxe vinho e alguns chocolates da Sweet Inspirations. Eu e a minha irmã fomos lá ontem.

Quando chegaram à praia de Eel Point, descarregaram todos os apetrechos e encontraram um lugar ótimo para abrirem as cadeiras e montarem o grelhador, perto da água.

Quando tudo estava disposto e Andrea e Marco já tinham lançado as suas linhas para a água, Bella virou-se para Nick.

— Podemos dar um passeio rápido?

— Claro que sim. — Ele percebeu que Bella não queria que os outros ouvissem o que tinha para dizer.

Caminharam ao longo da praia até estarem longe do alcance dos ouvidos de Andrea e Marco.

Até que Nick perguntou:

— Está tudo bem? Hoje quando entraste no carro parecias um pouco perturbada. Posso ajudar-te em alguma coisa?

Bella suspirou.

— Isto é extremamente constrangedor. Talvez já te devesse ter contado mais cedo, mas tem sido tão agradável ser só a Bella de férias e completamente anónima.

Nick não fazia a menor ideia do que ela estava a dizer.

— Okay...

— Adoro que não faças ideia de quem eu sou. É uma dádiva tão grande eu poder ser inteiramente genuína e divertir-me sem me preocupar com mais nada.

— O que queres dizer com isso?

— Então, lembras-te quando te disse que não estava a trabalhar?

Ela assentiu.

— Bem, é verdade. Mas não te expliquei o que isso significa, nem o que faço. Vivo em Los Angeles e sou atriz. Acabei há pouco tempo de rodar um filme e estou a fazer uma pausa de que preciso desesperadamente. Os meios de comunicação social reconhecem-me com frequência e atormentam-me, por isso tem sido maravilhoso usufruir deste sossego.

À medida que Bella falava, Nick começou a processar o que ela dizia e a encaixar as peças umas nas outras. Da facto, quando a viu pela primeira vez, achou que o rosto lhe era familiar, mas depois não voltou a pensar no assunto.

— Então, quem és tu? Alguém que eu posso conhecer?

Ela riu-se levemente e a seguir dirigiu-lhe o seu melhor sorriso. Nick voltou a ter a mesma sensação, conhecia aquele sorriso e achava-o muito atraente.

—Talvez. Sabes quem é a Cami Carmichael?

Ele ficou de queixo caído.

— Claro que sei e agora sinto-me um idiota. Como posso não te ter reconhecido? — Estava espantado com a revelação e chocado por nunca ter percebido quem ela era.

— O cabelo mais escuro e curto faz toda a diferença. E quando ia a algum lado, normalmente levava os óculos de sol, por isso ninguém olhava para mim duas vezes. Mas ontem acho que me descontraí um pouco demais, quando andava às compras com a minha irmã. Não tinha óculos, e uma rapariga — que trabalha na caixa da loja — reparou em mim. Depois, alguém atrás de nós na fila tirou uma fotografia e publicou-a nas redes sociais. A notícia espalhou-se e agora já sabem que eu tinha o cabelo castanho curto.

— Ah, daí o novo penteado. Gosto muito, já agora. A cor fica-te muito bem.

Ela voltou a sorrir.

— Obrigada. Na verdade, esta cor é bastante mais próxima da minha cor natural.

Nick abanou a cabeça, incrédulo.

— Não acredito que és a Cami Carmichael. Por esta não esperava.

— Desculpa não te ter contado antes. Mas foi mesmo muito bom quando só pensavas em mim como sendo a Bella, alguém que está aqui de férias.

Nick viu a preocupação nos olhos dela por as coisas poderem mudar. Mas, uma vez ultrapassado o choque inicial, não via por que motivo haviam de mudar.

— Para mim continuas a ser a Bella, que está aqui de férias. Bella é o teu nome verdadeiro?

Ela assentiu.

— Sim. A minha agente achou que devia usar um nome artístico diferente, por questões de privacidade. E ainda

bem que concordei com ela.

— Sim, Cami não se adequa tão bem a ti. Para mim és a Bella.

— Devemos contar aos outros? Preocupo-me sempre que demasiadas pessoas saibam, mas parece que a notícia já se espalhou.

Nick olhou de relance para Andrea e Marco, que estavam profundamente imersos numa conversa.

— Acho que não precisas de te preocupar com aqueles dois. A Andrea é uma Whitley e já foi gerente do hotel. Ela sabe qual é a importância de guardar segredos como este quando se trata de proteger a privacidade. É por isso que temos tantos hóspedes famosos.

* * *

Quando voltaram para junto de Andrea e Marco, estes estavam sentados com as canas de pesca na mão e Marco ia a meio de uma história animada que fizera Andrea rir. Nick e Bella prepararam as canas e lançaram a linha para a água, depois sentaram-se também. Bella respirou profundamente e contou aos dois o que se passava e quem era de facto. Depois do choque inicial, ambos encararam a situação com grande naturalidade.

— Recebemos muitas celebridades no Whitley e muitas vezes é um problema para as pessoas. Não tens de te preocupar connosco, não vamos comentar nada. Compreendemos como deve ser difícil — disse Andrea, solidária. Um segundo depois, fez um sorriso travesso e disse: — Mas tenho de te fazer uma pergunta. É verdade o que dizem do Grayson George, que é um parvalhão?

Bella soltou uma gargalhada. Grayson tinha contracenado com ela no último projeto em que trabalhara.

— Não soubeste por mim, mas ele é um horror. E se puder evitar, não volto a trabalhar com ele.

— Eu sabia! Nunca gostei dele.

— Tiveste umas boas férias até agora? — perguntou Marco.

— Sim. Tem sido incrível e na semana que passou tive cá a minha irmã, foi muito divertido. Ela regressou a casa hoje.

— Bem, estás à vontade para te juntares a nós quando fizermos alguma coisa. Às vezes, depois do trabalho, vamos beber um copo ao bar exterior — disse Andrea. Bella ficou sensibilizada com o convite.

— Obrigada. É bastante provável que aceite. Achem que preciso de me preocupar com a possibilidade de a imprensa entrar na propriedade?

Nick abanou a cabeça.

— Não. Temos uma equipa de segurança e se alguém entrar na propriedade será rapidamente acompanhado para fora dela. Mas, infelizmente, não os podemos impedir de ficarem à espera na rua, junto à entrada principal.

— Talvez fique um pouco mais resguardada e vá só à praia, em vez de ir para a cidade. Tenho montes de livros para ler na praia.

— Parece-me um bom plano — concordou Andrea.

Bella ficou tão aliviada por Nick aparentar não ter ficado incomodado com a notícia. Já lhe tinha acontecido muitas vezes. Assim que as pessoas percebiam quem ela era, começavam a agir de forma diferente. Mas Nick, a prima e Marco eram simplesmente pessoas divertidas e normais com quem Bella conseguiu descontrair durante o resto da tarde.

Apanharam alguns peixes — bem, Marco e Nick apanharam. Andrea e Bella não tiveram sorte, mas também

não se preocuparam muito com isso. Foi divertido beber um copo de vinho e comer as coisas deliciosas que todos trouxeram.

— Como fizeste estes bifes, Marco? — perguntou Bella.
— Estão tão bons.

Ele sorriu amplamente.

— Só têm alho, um pouco de azeite, sal, pimenta e salsa fresca. Pus montes de alhos!

Ficaram na praia quase até um pouco depois das seis, quando a temperatura começou a descer e decidiram regressar a casa, embora relutantemente. Ninguém tinha fome suficiente para cozinhar o peixe que apanharam porque tinham passado a tarde toda a petiscar, mas Nick sugeriu que marcassem um jantar na noite seguinte.

— Amanhã também estou de folga e ainda tenho um peixe que ficou da pescaria que fiz com a Bella, há uma semana. Posso cozinhar o peixe todo para nós. Parece-vos bem?

— Eu alinho. Saio às cinco do trabalho — disse Andrea.

— Eu amanhã também estou de folga, contem comigo — disse Marco.

Nick olhou de relance para Bella e ela assentiu.

— Também alinho.

— Perfeito, então apareçam por volta das seis.

Quando chegaram ao hotel, Bella ficou aliviada por constatar que os carros que antes estavam parados à porta já se tinham ido embora. Mesmo assim, só para prevenir, vestiu a camisola larga, pôs os óculos de sol e o chapéu.

— Obrigado por teres vindo connosco, Bella — disse Nick.

— Obrigada por me incluírem. — Acenou a Andrea e a Marco no banco de trás. — Adorei conhecer-vos. Vemo-nos amanhã.

Quando Bella atravessou o átrio, pensou sentir algumas pessoas a olhar para ela mais intensamente do que era habitual, mas acabou por se convencer de que estaria apenas a imaginar, com a paranoia de ser reconhecida. Ao chegar ao quarto, tomou um duche quente, vestiu um dos roupões de banho macios e preparou uma chávena de chá. Depois abriu o portátil e foi ver as notícias.

Percebeu que os meios de comunicação social tinham andado a investigar e reconheceram a irmã de uma fotografia de família antiga, confirmando assim que a rapariga da caixa da loja estava certa, que Cami Carmichael estava em Nantucket. Alguém as viu entrar no *range rover* branco que as levou para o hotel e foi assim que descobriram onde ela estava hospedada. Bella tentou não se deixar perturbar e recordou a si mesma que a certa altura era quase inevitável que descobrissem onde estava. Pelo menos, o Whitley era mais protegido, a propriedade era privada e recolhida, e a praia era também completamente resguardada. A única maneira de a alcançarem era atravessando a propriedade toda, mas a equipa de segurança era boa.

Assim, acabou por deslizar para o sono, depois de planear passar o dia seguinte na praia, a ler. Estava ansiosa pelo jantar em casa de Nick. Sentia-se feliz por a notícia sobre a sua identidade não o ter perturbado, nem a Andrea ou a Marco. Gostara de os conhecer e achava que faziam um casal bonito — apesar de, agora que pensava nisso, não ter a certeza se eram um casal ou não. Mas, pelo que viu, pareciam dar-se muito bem.

CAPÍTULO 22

Na segunda-feira, Bella teve um dia de praia perfeito. O céu sem nuvens, o sol estava quente e ninguém a incomodou. Passeou pela praia, nadou um pouco e leu bastante. Não viu nenhum *paparazzo* em frente ao hotel e desejou que isso significasse que tinham desistido ou que se tinham dedicado a perseguir outra pessoa.

Tomou um duche, vestiu as suas calças de ganga mais antigas e confortáveis, uma camisola fina de algodão branco e estava a secar o cabelo quando o telefone do quarto tocou. Assustou-se porque era a primeira vez que aquele telefone tocava desde que chegara ao Whitley. Toda a gente que conhecia lhe ligava para o telemóvel.

— Estou?

— Bella? É a Andrea, estou no balcão de *concierge*, mas vou sair daqui a uns minutos. Queres encontrar-te comigo no átrio para irmos juntas para casa do Nick? Podemos ir a pé.

— Oh, claro que sim! Desço daqui a pouco.

Desligou, escovou o cabelo e agarrou numa garrafa de vinho que comprara na semana anterior. Não queria aparecer de mãos a abanar.

Pôs os óculos escuros, pegou num casaco leve e dirigiu-se ao átrio para se encontrar com Andrea.

Demoraram menos de dez minutos a percorrer a curta distância até casa de Nick.

— Já lá vou ter daqui a uns minutos. Vou só dar um saltinho a casa para ir buscar a salada que disse ao Nick que levava.

Andrea dirigiu-se à sua casa, que ficava mesmo ao lado, e Bella bateu à porta de Nick.

Ele veio abrir a porta um instante depois, e Bella tentou não ficar a olhar para ele embasbacada. Nick estava lindo. Vestia umas calças de ganga simples e uma *t-shirt*. Os braços eram esguios e musculados, e Bella já tinha reparado na praia que também tinha uns abdominais impressionantes. O cabelo ainda estava ligeiramente húmido, por isso presumiu que tomara banho há pouco tempo. Quando a viu, Nick abriu um sorriso rasgado.

— Entra.

— A Andrea foi num instante a casa buscar a salada — disse, entregando-lhe a garrafa de vinho.

— Ótimo, obrigado. Está quase tudo pronto, por isso quando eles chegarem, podemos comer. — Nick abriu a garrafa de vinho, serviu-lhe um copo e serviu outro para si. Marco chegou alguns minutos depois e Andrea entrou logo a seguir. Jantaram no pátio das traseiras, e o peixe estava tão bom como se lembrava dele.

Bella deixou-se ficar sobretudo a ouvir as histórias que os outros três contavam e que os faziam rir a todos. Nick e Andrea eram obviamente bons amigos, além de primos, e Marco era engraçado, com muita energia. Eram divertidos, e Bella ficou surpreendida com a rapidez com que as horas se passaram enquanto riam, conversavam e bebiam uns copos. Invejava-os aos três, que esta fosse apenas mais uma noite para eles, que pudessem fazer estes serões sempre que lhes apetecesse.

Até que, um pouco depois das dez, Marco bocejou, e no instante seguinte, Nick seguiu-lhe o exemplo. Andrea viu-os

e riu-se.

— Acho que é um sinal para darmos a noite por encerrada.

— Sim, o meu turno amanhã começa cedo — acrescentou Marco.

— Eu também entro cedo, tenho de fazer as encomendas para a semana — disse Nick.

— Bem, foi uma noite muito divertida. Obrigada por cozinhares, Nick — disse Bella.

Ele dirigiu-lhe aquele sorriso vagaroso e enorme que lhe iluminava o rosto inteiro.

— Sempre às ordens. Quando quiseres ir, acompanho-te ao hotel.

Bella estava prestes a protestar e dizer que podia ir sozinha, mas depois olhou para a rua. Estava escuro e sabia que ele ia insistir em acompanhá-la.

— Obrigada. Podemos ir, então.

Despediram-se uns dos outros, e Nick e Bella encaminharam-se para o hotel. Foram devagar, a conversar durante todo o percurso.

Quando a conversa abrandou um pouco, Bella fez uma pergunta que já pensara fazer mais do que uma vez desde que conhecera Nick.

— Nick, tu és um tipo espetacular. Como é que continuas solteiro?

Ele soltou uma gargalhada.

— Já se passou algum tempo desde que tive uma relação mais séria. Às vezes é difícil, com o meu trabalho, com os horários que faço, as noites todas em que tenho de trabalhar. A Mary, a rapariga com quem tive um relacionamento mais sério, tinha um emprego normal, trabalhava das nove às cinco e acabou por se faltar dos meus horários. Desde então, tenho saído apenas

casualmente.

— Se fosse a pessoa certa, os horários não seriam um problema — disse Bella.

— Achas mesmo que não? — Ele parecia surpreso.

Ela assentiu.

— Acho, sim. É sempre possível arranjar uma forma de fazer com que resulte. Comigo passa-se algo parecido, embora seja um pouco mais complicado porque estou muitas vezes fora durante semanas, ou meses, se estiver a rodar um filme. Implica que a relação por vezes seja à distância, o que pode ser desafiante.

— Sim, se estivéssemos juntos e tivesses de te ausentar durante um par de meses para um trabalho, teria saudades tuas — admitiu Nick.

— Não é o ideal, eu sei. E é uma coisa em que tenho vindo a pensar muito ultimamente, desde que aqui cheguei, na verdade. Tive muito tempo para pensar. Sou capaz de, um dia destes, criar a minha própria produtora. Para construir uma equipa e fazer os filmes que realmente quero ver. Se o fizesse, teria alguma flexibilidade em relação ao local e altura das gravações.

— Isso parece-me fantástico. Mas não tinhas de estar em LA?

— Não o tempo todo. A empresa pode ter sede em Los Angeles, mas atualmente há tanta coisa que se pode fazer virtualmente. É uma questão em que estou a pensar.

— Bem, acho a possibilidade muito entusiasmante. Espero que consigas. E tenho de admitir, vou sentir muito a tua falta quando as tuas férias acabarem.

— Eu também vou sentir a tua falta, e deste lugar. Tens tanta sorte por poderes viver e trabalhar aqui. Quem me dera encontrar uma forma de fazer o mesmo, mas neste momento parece-me impossível.

— Pois, acho que não ia resultar. Vais ter de fazer férias mais vezes e voltar entre a rodagem dos filmes.

Ela soltou uma gargalhada.

— Oh, já estou a pensar nisso. Ouvi dizer que o outono é muito bonito aqui e que no início de dezembro há uma Marcha de Natal.

— O fim de semana da Marcha é agitado e muito divertido. Se conseguires vir, acho que vais gostar muito. É a última festa antes do período mais calmo de inverno.

Chegaram à entrada do hotel e pararam junto à porta. Bella não tinha pressa nenhuma para entrar. Num impulso, aproximou-se e deu um beijo no rosto de Nick.

— Diverti-me mesmo muito, ontem e hoje. Obrigada!

Nick sorriu e segurou-lhe nas mãos. Puxou-a para si e tocou muito levemente com os lábios nos de Bella. Foi um beijo rápido, suave como um murmúrio, mas que provocou arrepios a Bella.

Quando acabou, ele olhou-lhe diretamente nos olhos e disse:

— Estive a noite inteira a pensar neste beijo. Boa noite, Bella.

— Boa noite, Nick.

CAPÍTULO 23

Na terça-feira de manhã, às onze e meia, o avô espreitou pela porta do escritório de Paula, com David mesmo atrás de si.

— Tens um minuto?

— Claro que sim. — Paula questionou-se sobre o que andariam os dois a tramar.

— Eu e o David estávamos a conversar, e ele disse que abriu um restaurante novo perto do Wharf. Chama-se Portside, ou talvez Starboard? — Olhou de relance para David.

— É Portside. Reparei quando fui ao centro no outro dia e perguntei ao teu avô se já lá tinha ido. Ele sugeriu que vamos lá almoçar e que, se gostarmos da comida, os convidemos a fazer parte do evento «Sabor da Cidade».

— Oh, é uma boa ideia. Vem almoçar connosco, avô?
Mas ele abanou a cabeça.

— Não, vão vocês, crianças. Tenho uma reunião importante ao meio-dia — disse, de sorriso rasgado. — Os rapazes vêm ter comigo para almoçarmos e jogarmos uma partida rápida de cartas.

— Ah, sim. É o dia do encontro. — Uma vez por mês, o avô recebia os seus amigos mais antigos para almoçar, jogar às cartas e coscuvilhar — Se quiser, podemos ir noutro dia, assim já podia vir connosco.

— Não, temos de decidir rapidamente. Confio na vossa

opinião. Vão e divirtam-se.

— Podemos sair daqui a quinze minutos, mais ou menos? — perguntou David.

— Perfeito. Estou só a acabar de tratar de uma papelada.

* * *

David foi a conduzir e chegaram ao Portside alguns minutos antes do meio-dia. O restaurante ficava perto da água, mas numa rua lateral mais sossegada, por isso não tinha tanto movimento como os restaurantes mais visíveis. O que até era bom, porque assim não tiveram de esperar por uma mesa e sentaram-se de imediato. A decoração náutica azul e branca e as janelas enormes com vista para a água ofereciam quase a sensação de se estar a bordo de um barco. O *menu* era também quase inteiramente dedicado ao marisco. Paula decidiu que ia dar um mimo a si mesma e pedir algo que só comia uma ou duas vezes por estação — vieiras de Nantucket salteadas. David escolheu eglefim grelhado, e para entrada um prato de amêijoas salteadas para partilhar.

Conversaram descontraidamente de tudo um pouco, desde o trabalho até à mãe de David que, segundo ele, estava bastante melhor desde que tinha companhia durante as tardes. A comida estava toda deliciosa e quando acabaram, Paula pediu a conta ao empregado de mesa e perguntou se o gerente estava disponível para uma pergunta rápida.

— Claro, vou chamar a Missy. Ela vem já.

Dois minutos depois, um rosto familiar aproximou-se de ambos.

— David Connolly! Há quanto tempo. — David

levantou-se e deu um grande abraço à sua namorada dos tempos da escola secundária.

— É verdade. Como estás, Missy? Não sabia que trabalhavas aqui.

Paula observou a interação de ambos com interesse. Pareciam felizes por se verem. Missy continuava a ter o cabelo comprido e muito louro, que usava num rabo de cavalo elegante, junto à nuca. Uma camada espessa de máscara de pestanas e *eyeliner* acentuavam os seus olhos azul-claros e nos lábios usava um batom brilhante rosado. Continuava também alta e magra como sempre. Ao lado dela, Paula sentiu-se atarracada e um tanto desmazelada.

— Comecei há pouco tempo. Os donos são bons amigos e abrimos há apenas uma semana. E tu, estás de visita? Ou voltaste de vez?

— Estou aqui a trabalhar como consultor do Hotel Whitley e vou ficar durante alguns meses.

— Oh, mas que bom! E os teus pais, estão bem?

Ele hesitou por um instante e depois respondeu simplesmente:

— Estão ambos ótimos. E os teus?

— O meu pai reformou-se este ano, por isso em breve vão fazer um cruzeiro.

— É ótimo ver-te. Eu e a Paula viemos aqui em parte para ver como estava o restaurante e para vos convidar a participar num evento que vamos organizar, em julho — o «Sabor da Cidade». Seria uma boa publicidade para o restaurante.

— Oh, é capaz de ser, sim. Podes enviar-me os pormenores por *e-mail*, para depois os partilhar com os donos?

— Claro que sim. Trato disso quando regressarmos ao hotel. Esta é a Paula Whitley, já agora. Ela é a nova gerente

do Hotel Whitley.

— Paula. Tu também andaste na escola connosco, não andaste?

Paula assentiu.

— Sim. É um prazer rever-te, Missy.

Missy voltou a concentrar a sua atenção em David.

— Pois é, divorciei-me há um ano, mais coisa menos coisa. Estás com alguém atualmente?

— Não. Continuo solteiro.

Os olhos dela iluminaram-se.

— Nesse caso, devíamos encontrar-nos em breve para bebermos um copo e pormos a conversa em dia.

— Parece-me ótimo. Diz-me quando te dá mais jeito.

— Fico à espera do teu *e-mail* e depois combinamos.

* * *

Paula não conseguiu deixar de reparar que Missy e David ficavam muito bem juntos, como já acontecia quando namoravam nos tempos de escola. Não sabia porquê, mas esta ideia deixava-a deprimida. O que era um disparate. Decidiu que era apenas porque nunca gostara muito de Missy. Ao longo dos anos, ela tinha ido ao Whitley para vários encontros de mulheres e sempre que via Paula não lhe dizia sequer um olá. E não era por não conhecer Paula, pois, como dissera naquele dia, lembrava-se claramente dela. Não, ela agia simplesmente como se Paula, e muitas outras pessoas, na verdade, fossem inferiores a ela.

Mas isto acontecia quando Missy era casada. Nessa altura não trabalhava e o marido era rico. Pertenciam a um daqueles clubes de campo snobes e estava frequentemente envolvida em várias organizações de solidariedade social.

Paula não fazia ideia do motivo por que se tinham divorciado, mas presumiu que a sua situação financeira não seria tão confortável como antes, já que estava a ajudar a gerir um novo restaurante. Talvez o trabalho a tornasse mais humilde. Mas Paula continuava a achar que Missy não era merecedora de David.

Ele ia em silêncio enquanto regressavam para o hotel. Estavam a meio do caminho quando o seu telemóvel tocou.

— Olá, pai. Tudo bem?

Paula reparou que o músculo do seu maxilar começou a contrair-se enquanto ouvia o pai.

» E não fazes ideia de para onde possa ter ido? Vou já para te ajudar a procurar. Não te preocupes, pai. Vamos encontrá-la. — Desligou o telemóvel e olhou para Paula. — A minha mãe desapareceu, mesmo com a acompanhante lá em casa. O meu pai está a sair do escritório para ajudar a procurá-la. E eu também tenho de ir.

— Leva-me contigo. Vais poupar tempo se não tiveres de me deixar ao hotel. E eu também posso ajudar.

— Tens a certeza?

— Claro que tenho, inverte a marcha.

David obedeceu, e dez minutos depois estavam a parar em frente à casa dos pais. Uma senhora mais velha, que parecia ter cerca de sessenta anos, estava no alpendre a limpar os olhos com um lenço. O pai estava a falar com ela e, à medida que se aproximaram, ouviram-no a dizer...

— A culpa não é sua, Meg. Quem iria adivinhar que ela ia desaparecer enquanto punha a roupa na máquina?

— Olá, pai. Eu e a Paula estávamos a regressar do almoço, por isso viemos os dois ajudar.

— Obrigada por virem. Eu vou para este, procurar na rua e no parque. Queres ir no sentido oposto e ver o caminho até ao lago? Meg, porque não fica em casa, para o

caso de ela voltar?

David indicou o caminho rua abaixo, enquanto chamava pela mãe.

— Ela já alguma vez desapareceu assim? — perguntou Paula.

— Não. Mas os médicos avisaram-nos de que podia acontecer. Só que, na altura nem pareceu real.

Caminharam ao longo da rua e depois foram até ao lado do bairro, passando pela zona arborizada que também dava para as traseiras da casa dos pais de David. Paula conseguia ver que David estava a ficar cada vez mais perturbado à medida que caminhavam e não viam sinais da mãe.

Até que, quando já estavam perto de casa, ouviram um espirro e começaram a caminhar em direção ao som. Viram, então, a mãe, sentada no chão, encostada ao tronco de uma enorme árvore, com os olhos fechados. O sol iluminava-a e, por cima dela, uma brisa suave agitava as folhas.

— Mãe? Estás bem? — perguntou David suavemente quando a alcançaram.

Ela pestanejou e olhou para cima. Inicialmente, o seu olhar foi de confusão, mas depois pareceu focá-los melhor e sorriu.

— David, que bom ver-te. O que estás a fazer aqui?

Ele soltou uma risada.

— Ando à tua procura. Pregaste-nos um pequeno susto.

O lábio inferior da mãe estremeceu enquanto olhava em redor.

— Desculpa. Não era minha intenção assustar ninguém.

Ele estendeu a mão para a ajudar a levantar-se.

— Não há problema, mãe. Estou feliz por te termos encontrado. Vamos voltar para casa.

Enquanto caminhavam em direção a casa, David

perguntou-lhe.

— Porque decidiste ir até ao lago?

— Vim um bocadinho à rua, para sentir o sol no rosto, mas depois ouvi o piar característico de um cardeal e quis vê-lo. Por isso, continuei a seguir o som e acabei por vir ter ao lago. Só não cheguei a encontrar o cardeal.

Levaram a mãe para casa, e assim que Meg a viu apressou-se a ir na sua direção, abraçando-a. Os olhos da mãe encheram-se novamente de lágrimas.

— Não queria assustá-la. Peço desculpa.

— Não seja tonta. Só estou contente por a ver bem. O que lhe parece se bebermos uma chávena de chá?

— Temos daquele de baunilha? — perguntou a mãe, soando entusiasmada.

— Sim, sei que é o seu favorito.

David também deu um abraço à mãe.

— Mãe, agora tenho de ir trabalhar. Vemo-nos em breve, está combinado?

— Está bem, querido. Foi bom ver-te. — Olhou de relance para Paula. — Quem é a tua amiga? É bonita.

— Esta é a Paula Whitley, mãe. Trabalhamos juntos no hotel.

— Está bem. Vemo-nos em breve, querido. — A mãe seguiu Meg até dentro de casa, e quando se viraram para irem embora, David viu o pai a caminhar na sua direção.

— Ela está lá dentro. Encontrámo-la sentada, encostada a uma árvore junto ao lago. Ouviu um cardeal a chilrear e seguiu o som — explicou David.

O rosto do pai suavizou-se.

— Ela sempre adorou cardeais.

— Pai, tens de falar com a Meg. Ela não pode tirar os olhos da mãe enquanto aqui estiver.

O pai assentiu.

— Concorde. A culpa não foi dela. Só estava a tentar ajudar, mas agora já sabemos o que pode acontecer. Vou falar com ela ainda hoje, antes de se ir embora.

Quando estavam no carro e novamente a caminho do hotel, David olhou de relance para Paula.

— Obrigado por teres vindo comigo. Foi a primeira vez que ela se afastou assim. E, se tudo correr bem, espero que seja a última.

— Lamento muito, David. Sei que é assustador para todos vocês. Acho que a Meg não vai deixar que aconteça novamente. Senti-me mal por ela, pobrezinha.

— Eu também. E pelo meu pai também. Tem sido muito stressante para eles.

— E para ti também — acrescentou Paula.

Ele sorriu.

— Obrigado. Esta situação é do mais estranho que pode haver. Ontem à noite estive com eles no nosso jantar semanal de *pizza* e ela estava muito bem. Desde que voltei que não a via tão bem. Mas depois parece que a lucidez vai e vem.

— Tiveste um dia e tanto. Tu e a Missy mantiveram o contacto ao longo dos anos? — perguntou Paula, mudando de assunto.

David abanou a cabeça.

— Não. Das outras vezes em que estive cá nunca a encontrei. Sabia que se tinha casado há uns anos, mas não sabia do divórcio.

— Fiquei surpreendida de a ver a trabalhar num restaurante. Ao longo dos anos, cruzei-me algumas vezes com ela. Ela esteve em alguns eventos no hotel, mas acho que nessa altura não trabalhava.

— Quando andávamos na escola secundária, ela costumava trabalhar como rececionista num dos

restaurantes junto ao mar, mas não sei o que mais fez ou deixou de fazer durante estes anos todos.

Paula sorriu.

— Bem, ela quer pôr a conversa em dia, por isso em breve és capaz de descobrir.

— Certo. Assim que chegarmos, tenho de lhe enviar o *e-mail* com os pormenores do «Sabor da Cidade».

— Aposto que vão aceitar participar. É uma excelente oportunidade para um restaurante novo.

— Concorde. Seriam loucos se não aproveitassem.

* * *

Quando chegaram ao hotel, David desapareceu para o seu escritório, e Paula também se preparava para verificar o seu *e-mail*, quando o avô e a tia Vivian apareceram do corredor.

— Então, como foi? — perguntou o avô.

— Foi bom! O restaurante é agradável, serve sobretudo marisco. Convidámo-los a participar, e o David está agora a enviar um *e-mail* à gerente para ela falar com os donos.

— Excelente!

A tia Vivian olhou para o relógio de forma contundente.

— Foi um belo almoço, tão longo.

Tinha, de facto, estado fora durante muito tempo. Não que isso fosse da conta da tia.

— Na verdade, o almoço não demorou muito tempo. Mas o David teve uma emergência familiar e parámos em casa dos pais dele quando vínhamos para cá. — Não entrou em mais pormenores.

— Oh, mas que pena — disse a tia.

— Lamento muito saber disso — acrescentou o avô.

— Agora já está tudo bem — assegurou Paula. Olhou de

relance para a tia metediça. — Agora, se me dão licença,
preciso de voltar ao trabalho.

CAPÍTULO 24

Paula chegou a casa de Lucy no sábado, por volta das duas da tarde. Dali a trinta minutos iam encontrar-se com Ben e Jason na Cisco Brewery para o tal evento de bandas de *blues*. Bateu à porta da irmã, mas não obteve resposta. Lucy raramente trancava a porta, por isso Paula tentou a maçaneta e entrou em casa.

Presumiu que Lucy estivesse no estúdio, que ficava na parte de trás da casa, e que tivesse perdido a noção do tempo. A música *blues* de que tanto gostava tocava tão alto que talvez não tivesse ouvido Paula a bater. Encaminhou-se para as traseiras e espreitou pela porta do estúdio. Lucy já estava vestida para sair e estava amorosa num *top* desbotado e calças de linho largas, brancas. Apanhara o cabelo num carrapito desalinhado e segurava um pincel na mão enquanto aplicava atentamente pinceladas cor-de-rosa num céu azul-vivo.

— Olá. Bati à porta, mas parece que estás noutro mundo.

Lucy riu-se e largou o pincel.

— Estava a trabalhar nisto. Depois fui mudar de roupa, e enquanto esperava por ti recomecei a pintar. — Levantou-se, soltou o cabelo, pegou numa escova e passou-a algumas vezes pelos cabelos.

— Pronto, quando quiseses podemos ir.

Paula conduziu, e quando chegaram ao parque de

estacionamento já lá estava uma boa multidão. Lucy viu Ben à espera à entrada e acenou-lhe. Quando estacionaram e se aproximaram, Jason também já lá estava, por isso entraram os quatro.

Foi uma tarde divertida. O dia não estava demasiado quente, o Sol brilhava e o ar sentia-se morno; as bandas que tocavam *blues* eram excelentes. Lucy e Paula bebiam vinho branco enquanto os rapazes experimentavam algumas cervejas de pressão. Comeram cachorros-quentes e pão frito e, mais para o fim da tarde, Lucy e Jason decidiram comer gelados de cone.

Ben manteve o ambiente divertido, e Jason era tão simpático quanto Paula se recordava do primeiro encontro. Desejou sentir qualquer vestígio de atração por ele, mas não sentia absolutamente nada. E por muito que achasse Ben interessante e divertido, ficou surpreendida que ele e Lucy se dessem bem. Talvez a irmã estivesse a alargar os seus horizontes, o que podia ser uma coisa boa. Mas Paula também ponderou se a irmã estaria a considerar o facto de Ben não viver em Nantucket durante o ano inteiro. Quando chegasse o outono, ele voltaria para Manhattan. E não imaginava de maneira nenhuma Lucy a ir atrás dele. Ela adorava Nantucket e viver perto da família.

Talvez fosse apenas uma boa diversão de verão para ambos.

— Então, o que estás a achar das bandas até agora? — perguntou Jason depois de ouvirem algumas a tocar.

— Acho que são todas bastante boas — respondeu Paula. A verdade é que nem as conseguia distinguir umas das outras. Gostava de *blues*, mas não ouvia vezes suficientes para conseguir ter preferências.

— Eu acho que a segunda foi espantosa — disse Lucy. Jason pareceu ficar satisfeito por ouvir a sua opinião.

— Eu também achei. Até agora, parece-me ter sido a melhor. E vi que em breve vão estar no The Gaslight.

— Oh, é bom saber. Eles costumam ter lá bandas muito boas. Ainda há uma semanas, vi lá uma, os Blue Soul, e foi excelente.

— A sério? Vi-os no ano passado e achei-os fantásticos. Ben soltou uma gargalhada.

— Também achei que eram todas boas, mas não percebo grande coisa de *blues*. Gosto de tudo.

— Oh, tenho novidades — disse Lucy. — Paula, esqueci-me de te dizer. No próximo fim de semana, vou expor algumas das minhas peças numa galeria de arte.

— Ai, sim? Isso é ótimo. Quais? — Lucy já participara em algumas exposições e as suas peças vendiam-se rapidamente.

— Um par de mesas pequenas, alguns quadros, algumas peças espelhadas para pendurar e também caixas de correio.

Jason ficou com um ar confuso.

— E foste tu quem fez todas as peças?

— Não. Normalmente encontro-as em vendas de garagem; em seguida recupero-as e pinto-as de forma criativa. As caixas de correio são uma novidade.

— Parece-me muito interessante. Não me posso esquecer de ir à exposição — disse ele.

— Eu também quero ir. — Ben sorriu amplamente. — Temos de apoiar os nossos artistas locais.

Quando a tarde se aproximava do fim, Paula percebeu que Lucy parecia estar a dar-se especialmente bem com Jason. Os dois tinham imensos conhecidos em comum e partilhavam interesses semelhantes na música e na arte. Também conversava com Ben, e divertia-se igualmente com ele, mas a ligação com Jason parecia ser diferente.

Quando se despediram, Jason não falou em marcar um novo encontro, o que deixou Paula muito aliviada. Quando ia no carro com a irmã, Paula pensou no que observara e decidiu dizer alguma coisa.

— Acho que devias sair com o Jason.

Lucy olhou para ela com surpresa.

— Estás a falar de quê? Eu saí com o Ben e tu com o Jason.

— Não, na verdade, não. Foste tu quem me convenceu a vir a este encontro, mas não há a menor química entre nós. O que me pareceu, no entanto, é que há qualquer coisa entre vocês os dois. A não ser que prefiras o Ben, claro.

Lucy suspirou.

— O Ben é mesmo muito simpático, mas desta vez não disse nada acerca de um próximo encontro. Vou esperar para ver. Tens a certeza de que não gostas do Jason? Ele parece ser um tipo fantástico.

— E é. Mas não para mim. Acho que está muito mais em sintonia contigo. Talvez ele apareça na tua exposição e depois logo vês o que acontece.

— Talvez. E de qualquer maneira, acho que o Ben tem saído com a Andrea. Por isso, vou pensar um pouco nisto tudo.

* * *

Andrea ficou agradavelmente surpreendida quando Ben lhe ligou no domingo para saber se ela queria ir jogar a primeira partida de golfe com ele.

— Acho que me lembro de dizeres que costumavas ter a segunda-feira de folga...

— Sim, e adoraria ir. Tens a certeza de que não há problema em jogar num campo a sério?

Ele soltou uma gargalhada.

— Tenho, vais estar comigo e eu ajudo-te. É a melhor maneira de aprender a jogar — ir para o campo e jogar. Vai ser divertido.

Combinaram encontrar-se no clube de campo dele, no dia seguinte, às duas da tarde. Andrea questionou-se sobre se ele andava a sair com Paula. Sentia-se um pouco culpada com a situação, mas ao mesmo tempo dava-lhe uma certa satisfação estar a tirar alguma coisa que a prima quisesse. Parecia-lhe, de certa forma, adequado. Ainda a incomodava o facto de ter sido forçada a abandonar um posto que achava que seria sempre seu e ainda por cima ser substituída por Paula, entre todas as pessoas que a podiam substituir.

Não conseguia entender como a prima podia ser uma opção melhor. Nem sequer parecia sentir-se confortável no cargo. Andrea não deixava de reparar como Paula parecia nervosa e acanhada nas suas interações com grupos de funcionários. Era muito melhor em conversas individuais. Andrea adorava falar para grupos de pessoas. Mas, verdade seja dita, o cargo tinha aspetos dos quais não gostava. Todos os pormenores envolvidos e subseqüentes verificações que era preciso fazer, assim como as inúmeras reuniões e a resolução de problemas. Havia sempre tantos problemas, o tempo todo.

Por enquanto, a verdade é que Andrea estava a divertir-se no seu papel de *concierge*. Depois de todo o stresse e exigências do cargo de gerente, sentia um pouco que estava de férias. Era uma boa maneira de passar o tempo até encontrar um cargo de gerente noutra hotel qualquer. Ainda tinha esperanças de que aparecesse alguma coisa em Boston, mas Elaine ainda não lhe dissera nada. Andrea tinha a sensação de que a recrutadora queria concentrar-se

no trabalho em Manhattan, já que era uma das últimas candidatas.

Contudo, ainda faltavam duas semanas para a entrevista. Esperava poder ter mais qualquer coisa à espera, para ter mais do que uma opção quando chegasse a altura de escolher. Mas não surgira mais nenhuma oportunidade entretanto. Assim, se a entrevista com a direção do hotel corresse bem, teria de tomar uma decisão importante. Uma decisão para a qual ainda não estava preparada. Mas quando a altura chegasse, pensava no que faria.

Entretanto, estava a divertir-se, gostava do seu trabalho e criara o hábito de várias vezes por semana ir beber um copo com os colegas, depois do trabalho. Também o fazia quando era gerente, mas não tão frequentemente, já que o horário era bastante mais exigente. Agora tinha mais tempo para sair, e o seu parceiro de crime costumava ser Marco, assim como outros colegas, ou o primo, Nick, sempre que tinha a noite de folga. Ultimamente, Bella também se juntara a eles.

Andrea gostava da companhia de Bella. Era uma pessoa mais terra a terra do que Andrea alguma vez imaginara para uma atriz de cinema, e era engraçado ver Nantucket através dos seus olhos. Bella ficava deslumbrada com tudo, e Andrea percebia que ela adorava Nantucket, o que só fez com que o seu apreço pela ilha onde nascera fosse ainda maior. Nantucket era um lugar lindo e, quando pensava nisso, a ideia de ir viver para outro lado assomava-se demasiado triste para que conseguisse lidar com ela. Mas havia de chegar uma altura em que teria de pensar no assunto. Exatamente como Bella, que teria de acabar a sua estadia prolongada e voltar para Los Angeles. Também se preocupava um pouco com o primo. Percebia que ele

estava cada vez mais próximo de Bella e que provavelmente também temia a hora de ela se ir embora.

Andrea decidiu ir até ao campo de treinos e praticar a sua tacada com um cesto de bolas, para não estar tão enferrujada no dia seguinte quando se encontrasse com Ben. Só tinha de ir para casa dos pais às cinco, para o jantar de domingo. Ainda eram três da tarde e sentia-se demasiado inquieta para ficar parada, apesar de ter imensas coisas que podia fazer, como lavar roupa ou limpar a casa.

Foi praticar as suas tacadas durante quase uma hora. A primeira meia hora foi bastante frustrante, porque parecia que nunca tinha pegado num taco e as bolas saíam disparadas em todas as direções. Mas, algum tempo depois, começou a correr melhor. As bolas saíam mais altas, mais longas e direitas. Quando se foi embora, sentiu que talvez não passasse muita vergonha no dia seguinte, além de que as tacadas também serviam de exercício e ajudaram a queimar alguma da energia nervosa que sentia.

Chegou a casa dos pais poucos minutos antes das cinco. E já ia cheia de fome.

— O que vamos jantar? Alguma coisa cheira muito bem — disse Andrea, enquanto entrava em casa.

A mãe levantou os olhos do fogão, onde estava a mexer qualquer coisa numa grande panela vermelha.

— Oh, são só almôndegas. E a tua irmã fez pão de alho.

— Que bom. Eu trouxe uma garrafa de Merlot. Abro-a já?

— Sim. Eu aceito um copo e a tia Vivian e a Hallie também são capazes de aceitar, mas pergunta-lhes.

Andrea ouvia a tia a rir na sala de estar. Espreitou para a outra divisão e viu a irmã e a tia muito entretidas a conversar.

— Então, o teu tio Freddy disse que agora já estava pronto para voltar para casa. Perguntei-lhe onde planeava ficar alojado e ele zangou-se comigo. Chega amanhã, claro. Disse-lhe que era capaz de haver um quarto vago no Whitley.

— És terrível, tia — disse Hallie. — Não o vais obrigar a ficar no hotel, pois não?

A tia soltou uma risada.

— Não, provavelmente não. Mas é divertido torturá-lo um bocadinho. Ele tem algumas desculpas para pedir quando chegar a casa.

— Querem beber um pouco de Merlot? — interrompeu Andrea. — Vou abrir uma garrafa.

Ambas disseram que sim em simultâneo, e Andrea serviu um copo a cada uma.

— Precisas de ajuda com alguma coisa? — A mãe estava a cortar pepinos para a salada.

— Não, vai para a sala e descontrai um bocadinho. Ainda estamos à espera do pai. De resto, está tudo pronto.

Andrea deu um copo de vinho à irmã e outro à tia e sentou-se numa poltrona confortável em frente ao sofá onde as duas estavam sentadas.

— Então, que novidades tens para contar? — perguntou a tia Vivian.

— Não tenho grande coisa. Venho do clube de golfe, fui praticar a minha tacada.

— Começaste a jogar golfe? — A tia parecia surpreendida.

— Sim, precisava de praticar porque amanhã tenho um encontro para jogar golfe. Conheci um rapaz bastante giro num churrasco, o Ben, e ele deu-me uma aula de golfe; amanhã vamos ao clube de campo dele, jogar um pouco.

Hallie franziu o sobrolho.

— É o mesmo Ben que tem saído com a Lucy?

Era a vez de Andrea se sentir confusa.

— Pensei que ele andava com a Paula?

— Tanto quanto sei, não. A Lucy também o conheceu no churrasco e já saíram algumas vezes juntos. A Paula contou-me que lhe deu o número da irmã porque ele demonstrou interesse nela.

— Oh, não sabia disso. Eles ainda estão juntos? — Andrea não queria interferir se a prima Lucy estivesse interessada em Ben. Nunca tivera qualquer problema com ela.

— Não soube de nada que indicasse que não estão. — Hallie olhou cuidadosamente para a irmã. — Não me parecias muito preocupada quando pensavas que ele andava com a Paula. É diferente para ti, agora que sabes que é a Lucy?

Andrea suspirou.

— É. A Lucy não me roubou o emprego. — Tanto a irmã como a tia olharam para ela com ar reprovador.

— Não foi isso que me chegou aos ouvidos, Andrea — disse finalmente a tia.

— Pois, mas tu ultimamente não tens estado por aqui. Continuo a achar que a Paula manipulou o avô para fazer esta mudança.

— Não podias estar mais errada — disse Hallie. — A Paula ficou ainda mais chocada do que tu. Ela nunca pediu este cargo, nem sequer o queria.

— Mas isso não a impediu de o aceitar, pois não? — Porém, pela primeira vez, Andrea sentiu a dúvida a instalar-se dentro de si e a começar a moê-la. Estaria a ser demasiado dura para com a prima?

— Muito bem, o pai já chegou, venham preparar os pratos — disse a mãe da cozinha.

CAPÍTULO 25

No dia seguinte, Andrea divertiu-se muito a jogar golfe com Ben. Estavam só os dois, por isso não atrasavam o quarteto que jogava atrás deles, e Ben pôde dar-lhe muitas dicas à medida que o jogo ia avançando.

— Consigo perceber a razão por que as pessoas ficam viciadas neste jogo — disse Andrea, depois de uma tacada invulgarmente boa.

Ben abriu um sorriso rasgado.

— É divertido. Por vezes, pode ser um pouco stressante. É um jogo muito mental, e umas vezes podemos estar com a disposição certa, outras não.

Enquanto jogavam, ele fazia-a rir. Andrea gostada do sentido de humor de Ben e da sua atitude descontraída. Quando acabaram, ele sugeriu que fossem comer qualquer coisa ao clube. Como era segunda-feira ao fim da tarde, não estava tão agitado como habitualmente e na esplanada não havia quase ninguém. Sentaram-se no bar e pediram uma ronda de bebidas, assim como alguns petiscos para partilhar. Nenhum dos dois tinha apetite para refeições completas.

Várias pessoas passaram por eles e iam cumprimentando Ben; Andrea ficou impressionada por ele conhecer tanta gente.

— Parece que és o presidente da câmara — disse ela em tom de brincadeira.

Ele sorriu com ar travesso.

— Oh, é mais por causa dos meus pais, na verdade. Eles são membros fundadores do clube, e muitas das pessoas que aqui vêm conheci-as através deles e porque algumas vivem em Manhattan. Há muita gente que vive entre um lugar e o outro. Muitas famílias parecidas com a minha em que o marido está a trabalhar durante a semana na cidade e ao fim de semana voa para Nantucket.

— A tua mãe trabalha?

— Não. O meu pai sempre trabalhou muito na área dos investimentos, e a minha mãe acabou por ficar em casa para cuidar de nós. Mas mantém-se ocupada, tem montes de grupos diferentes e iniciativas de solidariedade.

Andrea recordou o casamento da irmã dele no Whitley, no ano anterior. Tinha sido um dos maiores casamentos que vira desde que ali trabalhava. Era espantoso o que as pessoas estavam dispostas a gastar em casamentos. A família de Ben era muito rica. Normalmente, Andrea não se deixava impressionar pela riqueza dos outros, mas ao mesmo tempo intrigava-a porque Ben era tão normal e terra a terra.

Gostava do facto de ele dividir o seu tempo entre Manhattan e Nantucket. Se ela acabasse por ir trabalhar para o Hotel Alexandria, seria agradável ter alguém conhecido na cidade. E, como ele dissera, o pai voava regularmente para a ilha, nas folgas. Ela podia fazer o mesmo. Sobretudo nos meses de verão. Pela primeira vez, a ideia de aceitar aquele trabalho não lhe parecia completamente deprimente.

— Então, tenho um segredo. Mas não podes contar a ninguém — começou por dizer.

Os olhos dele iluminaram-se.

— Gosto de um bom segredo.

— Sou candidata final a um emprego num hotel de Manhattan, o Alexandria. Conheces?

— Claro que conheço. Eles têm um bar/restaurante ótimo. Às vezes vamos lá beber um copo antes de irmos a algum espetáculo na Broadway. Estás mesmo a pensar em mudar-te para lá?

— Ainda não tomei uma decisão e também preciso de ver se vão mesmo fazer uma oferta, mas é algo que ando a ponderar fazer — explicou Andrea.

— Não gostas de Nantucket?

— Adoro Nantucket. Mas o Whitley é um negócio de família e se quero continuar a avançar na minha carreira, preciso de aumentar a minha experiência. Trabalhar num hotel em Manhattan pode ser muito bom para o meu currículo.

— Presumo que sim. Se decidires mudar-te, quando eu voltar para a cidade, tenho todo o gosto em mostrar-te alguns dos meus lugares favoritos e apresentar-te a algumas pessoas que conheço.

— Adoraria. Não conheço absolutamente ninguém em Manhattan.

Ele sorriu.

— Bem, conheces-me a mim. E, como disse, eu conheço imensa gente. Pode ser divertido.

— Sim, pode ser. Daqui a duas semanas volto lá para a entrevista final. Está entre mim e outra pessoa. Mas aqui ninguém sabe disto, claro.

— Boa sorte. Eu não conto a ninguém. Entretanto, apetece-te ir jantar ao The Gaslight este fim de semana? Eles têm sempre boa música ao vivo.

— Adoro o The Gaslight! — Andrea ficou em silêncio durante um instante, ainda a sentir-se um pouco culpada por causa de Lucy. — Ben, tenho de te fazer uma pergunta.

Tens saído com a minha prima Lucy? Se for o caso, não quero estar a meter-me no caminho de ninguém.

— Compreendo, mas não. A Lucy é fantástica, saímos algumas vezes juntos, mas no último encontro tornou-se evidente para ambos que não existe uma ligação romântica entre nós. Não temos muito em comum. Mas ela é uma miúda espetacular.

Andrea sorriu.

— Sim, concordo. Não és o tipo de homem com quem ela normalmente sai. E, sim, adorava ir ao The Gaslight contigo este fim de semana.

CAPÍTULO 26

No domingo à noite, David foi jantar a casa dos pais. Mandaram vir a *pizza* favorita da mãe, que ultimamente já não cozinhava muito e como nunca permitira que o marido se aventurasse na cozinha, as habilidades culinárias daquele eram mínimas. Mas tinha o número da sua *pizzaria* favorita sempre a postos. Depois de comerem, a mãe de David quis ver um pouco de televisão, e ele e o pai foram sentar-se no alpendre da frente. Levou cada um uma lata de cerveja e sentaram-se nas duas cadeiras de baloiço viradas para a rua. Ao longe, via-se a faixa prateada do mar.

Era agradável estar ali fora a apreciar o ar fresco da noite. A mãe tinha tido um dia bom, mas depois de jantar ficou muito cansada e os olhos já deviam pesar-lhe enquanto via televisão. Não tinha muita energia para conversar, por isso sugeriu que os dois aproveitassem o serão e conversassem um pouco.

O pai bebeu um gole de cerveja e ficaram em silêncio durante algum tempo. Até que disse:

— Tem sido muito bom ter-te por perto, mas sei que em breve tens de te ir embora. Quando é que acaba o teu trabalho aqui?

— Tem sido ótimo estar em casa. Na verdade, o hotel prolongou a consultoria durante mais algumas semanas. O Alvin Whitley perguntou se eu podia ficar até depois do evento «Sabor da Cidade». Por isso, vou ficar até meados de

julho.

O pai assentiu.

— E depois voltas para Nova Iorque?

— Brevemente, sim. A seguir tenho uma nova solicitação em Kansas City.

— Kansas City. Ainda gostas destas viagens todas? Gostava?

— Na maior parte das vezes não me incomoda muito. Não me importava de viajar menos. Por vezes, tenho colocações em que consigo fazer uma boa parte do trabalho a partir de casa e, nesse caso, posso ficar no escritório em Nova Iorque.

O pai sorriu com tristeza.

— É uma pena não terem um escritório em Nantucket.

David soltou uma gargalhada.

— Isso seria fantástico. Mas é capaz de ser difícil vender a ideia ao meu patrão.

— Enfim. É uma pena.

David ficou satisfeito quando o destacamento foi prolongado, porque ainda não se sentia preparado para deixar Nantucket. Há muito tempo que não passava mais do que alguns dias seguidos na ilha e, agora que o fizera, sabia que ia ser difícil partir. Pensou no que o pai disse e desejou poder passar mais tempo em casa.

* * *

Na segunda-feira à noite, pouco depois das seis, David entrou no The Club Car e viu que Missy já estava sentada ao bar a conversar com dois homens mais velhos que se encontravam nos bancos ao seu lado. Eles pareciam escutá-la com toda a atenção. Ela continuava a ser uma mulher linda com o cabelo louro comprido e aqueles olhos azuis

enormes. Missy costumava fazer yoga e, pelo seu aspeto, devia ter mantido o hábito ao longo dos anos. Trazia um vestido cor-de-rosa e azul, sem mangas, que mostrava os seus braços tonificados e bronzeados. Olhou na direção da porta e sorriu quando viu David. Quando trocaram *e-mails* a respeito do «Sabor da Cidade», Missy recordou-lhe que precisavam de ir beber um copo para porem a conversa em dia e sugeriu que se encontrassem no The Club Car, um bar popular para *cocktails*, depois do trabalho.

David encaminhou-se para o bar e sentou-se num banco ao lado dela. Missy inclinou-se para lhe dar um abraço.

— Mas que bonito que estás nesse fato elegante. — Missy sorriu e pestanejou, e David sentiu-se como se estivesse de regresso à escola secundária. Quando se conheceram, ela olhou para ele com aqueles olhos azuis e David ficou completamente perdido. Namoraram durante todo o décimo segundo ano e, uma semana antes de ele ir para a universidade, ela deixou-o para ficar com outro rapaz da ilha. Missy nunca quis ir para a universidade. Casou naquele mesmo ano e teve logo dois filhos seguidos.

Quando ela o deixou, claro que o magoou, mas David sabia que teria sido difícil manter uma relação à distância enquanto estivesse a estudar. Ao longo dos anos, viu Missy algumas vezes, quando ia a casa nas férias de verão. Mas depois de se mudar definitivamente da ilha, não voltou a cruzar-se com ela até recentemente, quando estava a almoçar com Paula.

— Também estás muito bonita — disse ele. — O que bebes?

— Pode ser um *cosmopolitan*.

David pediu a bebida dela e uma cerveja de pressão para si.

Quando o *barman* pousou as respetivas bebidas, Missy

levantou o copo e bateu no de David.

— Um brinde! Aos recomeços! — Sorriu e susteve o olhar dele durante um instante antes de beber um gole.

Ela estava a namoriscar com ele. O que David achou inesperado. Concordeu em ir beber um copo porque achou que podia ser divertido pôr a conversa em dia com uma velha amiga. Mas não tinha a menor intenção de reacender o que quer que fosse com Missy. Questionou-se sobre se ela pensava que regressara à ilha.

— Lamento muito saber do teu divórcio — disse ele.

— Acontece. Como a minha mãe costuma dizer, «tudo acontece por um motivo». — Missy casara com um rapaz de uma das famílias mais ricas e proeminentes da ilha. Trabalhavam no ramo imobiliário, como investidores e proprietários, e o ex-marido, Bill Cooper, herdara o negócio do pai.

Quando andavam na escola secundária, David nunca gostara de Bill. Ele também andava no mesmo ano e achava-se melhor do que toda a gente. Em certa ocasião, cruzou-se com David e fez questão de lhe deitar à cara que estava noivo de Missy. Naquela altura, David já não se importava grande coisa com a situação, mas Bill estava ansioso por esfregar sal na ferida que achava que David ainda tinha. Só porque podia fazê-lo.

— Como estão os teus filhos?

— O Tommy vai para a universidade no ano que vem e a Samantha está um ano atrás dele. São ótimos miúdos. Tenho muita sorte.

— Já vai para a universidade? Como é que isso aconteceu?

Ela soltou uma gargalhada.

— Eu sei, é um absurdo! Os anos passaram tão depressa. Eu tinha apenas dezoito anos quando tive o Tommy. Parece

que foi há uma vida.

Ele assentiu. Tinha dificuldade em imaginar-se com filhos desta idade. Nem sequer pensava em casamento, quanto mais em ter filhos. Apesar de ser algo em que provavelmente devia começar a pensar, agora que já tinha trinta e seis anos.

— Ele traiu-me com a secretária — disse Missy com amargura. — É tão *cliché*, não é?

David não sabia bem o que dizer e limitou-se a assentir novamente.

» E é verdade o que dizem. Se o fazem uma vez, fazem duas. Eles casaram há seis meses e já ouvi alguns rumores de que ele anda outra vez a fazer das suas.

— É uma pena. Mas talvez te tenhas livrado de boa. É bom teres descoberto tão cedo.

— Sim, é verdade. E eu não tenho propriamente falta de homens com quem sair. Há muitas pessoas interessantes e disponíveis na ilha. — Olhou de relance para o homem que estava ao seu lado e que aparentava estar a meio dos cinquenta. Tinha bom aspeto para a idade e se o Rolex que usava servisse de indicador, devia estar bem na vida.

— Estou surpreso por ainda não estares comprometida — disse David.

Ela pareceu satisfeita por ouvir o elogio.

— Podia estar, mas desta vez estou decidida a ser muito mais exigente. Quero certificar-me de que escolho bem.

— É inteligente da tua parte.

— Mas já chega de falar de mim. Conta-me tudo sobre ti. O que tens feito e quanto tempo vais ficar na ilha. Vais voltar para cá?

Ele abanou a cabeça.

— Quem me dera. Mas com o meu trabalho não é possível.

Ela inclinou-se para ele e parecia estar fascinada.

— E qual é o teu trabalho?

Ele falou-lhe sobre o que fazia e explicou o que tinha vindo fazer ao Hotel Whitley.

— Ah, então vieste aqui para acompanhar a Paula na nova função. Não namoras com ela?

— Não, não namoro com a Paula.

— Ai, que alívio. Ela não é suficientemente boa para ti. Sempre foi tipo um ratinho. Fico muito surpreendida que a tenham promovido a gerente do hotel.

Este discurso irritou-o.

— Isso é porque não a conheces. A mim não me surpreende nem um pouco. Ela está a fazer um excelente trabalho, é inteligente e trabalha arduamente. — E jamais teria falado a respeito de alguém da forma que Missy acabara de falar agora dela. Paula era uma pessoa bondosa. Era de convivência fácil e David percebeu que teria saudades do trabalho em conjunto.

— Pois, isso está tudo muito bem, mas só estou a dizer que faz todo o sentido não namorares com ela. A Paula não é de todo o teu tipo de mulher.

— Oh, e qual é o meu tipo de mulher?

Ela sorriu e passou levemente a mão pelo braço de David.

— Bem, a certa altura, era eu.

Ele puxou o braço para longe da mão dela.

— Já não somos miúdos.

— Pois não, agora somos adultos. — Missy sorriu descaradamente. — As coisas podiam ser muito mais divertidas agora!

David pensou durante um instante na forma mais gentil de lhe dizer que não estava interessado.

— Missy, só vou cá estar durante mais algumas

semanas. Em breve regresso a Nova Iorque.

— Bem, mas não trabalhas ao fim de semana, pois não? Há imensa gente que vem cá passar os fins de semana.

Ela tinha razão, havia muita gente que o fazia. Mas ele nunca fora uma dessas pessoas. Tentou uma tática diferente:

— Olha, para ser franco, não estou mesmo interessado em ter um relacionamento agora. É demasiado difícil com as viagens de trabalho que faço constantemente.

Mas ela também desvalorizou este facto.

— Toda a gente quer ter um relacionamento. Só tem de ser com a pessoa certa. — Sorriu e tentou novamente. — Porque não vens comigo a um evento de solidariedade no meu clube de campo? É para angariar fundos para a biblioteca e vai haver um leilão privado com alguns artigos bastante bons em licitação. Philippe Gaston, o autor de *thrillers* mais vendido, vive aqui na ilha e doou alguns bilhetes para uma exibição privada do seu novo filme e para um jantar em sua casa, com o seu *chef* particular. Vai ser espantoso.

— E é quando? — Com um pouco de sorte, seria num dia em que ele não estava disponível.

— No primeiro sábado de agosto.

David suspirou de alívio.

— Nessa altura já cá não estou. O meu trabalho aqui acaba em meados de julho, logo depois do evento «Sabor da Cidade».

Mas Missy não estava preparada para desistir.

— Bem, não há problema. Podes simplesmente voar para assistires ao evento e depois regressas. Afinal, é ao fim de semana.

— Veremos. Ainda falta muito tempo.

— Pensa no assunto.

Missy queria uma segunda bebida, por isso David pediu outra ronda e ficaram a conversar durante mais ou menos quarenta e cinco minutos, até ele dizer que tinha de se ir embora.

— Amanhã começo a trabalhar cedo. Mas foi muito bom ver-te. Ainda bem que pusemos a conversa em dia.

— Eu também gostei muito. E se quiseres fazer alguma coisa, dá-me um toque.

David deu-lhe um abraço de despedida e prometeu que pensava no assunto.

CAPÍTULO 27

— O meu pai ensinou-me a fazer isto quando eu tinha talvez oito anos. É a única coisa que domino na perfeição. Costumávamos fazê-lo muitas vezes.

Bella estava em casa de Nick, que tinha a noite de folga. Tinham jantado *pizza* e ela agora estava a fazer o seu petisco especial. Deitou o óleo na caçarola, acrescentou milho de pipocas e pôs o lume no médio. Alguns minutos depois, o milho parou de abrir, e Bella pôs as pipocas numa taça enorme, derreteu um pouco de manteiga para verter por cima. Acrescentou uma pitada de sal e estava pronto.

Nick pegou numa mão-cheia de pipocas e ergueu os polegares.

— Estão perfeitas.

Voltaram para os seus lugares no sofá, lado a lado, com a grande taça de plástico com as pipocas no colo de Bella. Estavam a fazer uma maratona de filmes na Netflix e Nick não podia estar mais feliz. Os dois eram inseparáveis desde a noite em que jantaram com Andrea e Marco e em que Nick a beijara à porta do hotel. Estavam juntos sempre que ele tinha tempo livre e como ela evitava ir à cidade, passavam-no principalmente na praia, iam pescar ou descontraíam em casa dele.

Nick nunca se sentira tão confortável com nenhuma das suas anteriores namoradas. Com Bella tinha uma sensação de pertença que era novidade para ele e pressentia que o

mesmo se passava com ela. Ainda não tinham conversado a respeito da relação. Era tudo muito novo e ambos tinham plena consciência de que o seu tempo juntos era limitado. Ele não sabia o que aconteceria quando ela tivesse de voltar para casa, para LA. Esperava que pudesse prolongar a estadia em Nantucket, mas não sabia se Bella o faria ou sequer se era possível.

— Estás muito calado. Em que pensas? — perguntou Bella suavemente.

Nick passou a mão pelo cabelo dela, massajando-lhe a cabeça.

— Estava só a pensar em como gosto disto. De estar contigo. E de como gostava que pudesses ficar cá mais tempo — admitiu.

Ela virou-se para lhe dar um beijo rápido.

— Estou a trabalhar nisso. Já disse à minha agente que ainda não estou pronta para voltar para casa e perguntei se consegue adiar o início das filmagens. Pode ser que consiga ganhar mais uma ou duas semanas, quem sabe.

Ele abriu um sorriso rasgado.

— Aceito tudo o que vier como extra.

— Talvez também possas tirar alguns dias de férias para me visitares em LA. Adorava mostrar-te a cidade louca onde vivo.

Nick nunca sentira vontade de ir a Hollywood, até agora.

— Sou capaz de poder fazer isso, sim. Em breve vou ter alguns dias de férias.

— Então vamos pensando na possibilidade. Daqui a algumas semanas vou ter uma ideia melhor do horário das filmagens e, nessa altura, podemos planear as férias para uma semana em que não precisem tanto de mim. Podemos visitar a cidade. Talvez ir de carro até Malibu. A Costa do

Pacífico é linda.

— Mas não tanto quanto Nantucket — brincou Nick.

— Claro que não! Mas pode ser divertido.

— Se estiveres lá, será divertido de certeza. — Nick debruçou-se e beijou-a; Bella derreteu-se nos braços dele.

— Muito bem, o que vemos a seguir? — perguntou, enquanto se afastava para pegar em mais pipocas.

— Surpreende-me. — Nick não se importava minimamente com o que iam ver. Estava feliz só de a ter ali no sofá consigo, a comer pipocas. Desejava que este fosse o seu normal, a vida de todos os dias e não apenas as férias de Bella. Quando estas acabassem, será que continuaria a sentir o mesmo por ele? Nick sabia que os sentimentos não iam mudar. Estavam mais fortes a cada dia que passava e inicialmente até o apanharam completamente desprevenido. No entanto, não sabia se ela sentia o mesmo.

* * *

— Continuas a passar tempo com o Nick? — A irmã de Bella parecia preocupada. Bella guardara segredo até agora, porque não queria agoirar a relação de ambos. E porque tinha medo de que a irmã, que era sempre a voz da razão, lhe dissesse que estava a cometer um erro.

— Não estamos apenas a passar tempo juntos. Gosto mesmo dele e acho que ele sente o mesmo. Se ele vivesse em LA, acho que seríamos um casal de verdade.

— Pois, nas não estás em LA, estás de férias — numa terra de fantasia — não no mundo real. Só te restam algumas semanas até teres de partir. Não queria nada ver-te a sofrer quando esse tempo acabar.

— Eu sei. E quem me dera que não tivesse de acabar.

Convidei-o a ir visitar-me, o Nick tem alguns dias de férias para gozar e gostou da ideia.

— Tudo bem, mas isso serão as férias dele. Continua a não ser a vida real. O que acontece depois das férias? Ouve, não estou a tentar desmoralizar-te, só quero pensar realisticamente. Vocês vivem em dois mundos diferentes. E queres mesmo arrastá-lo para a loucura mediática que existe no teu mundo?

Bella ficou em silêncio durante um instante. Os meios de comunicação social eram a pior parte do seu trabalho e detestaria infligir as suas mentiras e artimanhas a alguém de quem gostava.

Suspirou.

— Ele ia detestar.

— Só não quero que estejas com expectativas demasiado elevadas. Porque não aproveitas o tempo que têm para estarem juntos em Nantucket, sem esperares mais nada, depois?

— Sei que tens razão, mas já estou muito apegada a ele. Odeio a ideia de me ir embora e de ter de me despedir.

— Bem, quanto mais te apegares, mais difícil será. Talvez possas tentar abrandar um pouco as coisas?

Bella soltou uma gargalhada.

— Pois, para isso já é demasiado tarde, e não quero desperdiçar o tempo que nos resta. Estamos sempre juntos. A nossa relação já é bastante intensa. Mas de uma maneira boa. Acho que ias mesmo gostar dele.

Julia ficou em silêncio por instantes.

— Eu gosto do Nick. É um homem encantador e se houver alguma maneira de conseguirem com que isso resulte, têm todo o meu apoio. Só não estou a ver uma forma de a vossa relação ser uma realidade. Tu vês?

— Da maneira como a minha vida tem sido, não. Mas

estou a tentar encontrar uma forma de fazer com que funcione.

— Bem, se encontrares, estou completamente a torcer por ti. A única coisa que quero é que sejas feliz.

— Eu sei e amo-te muito por isso.

Bella terminou a chamada e sentiu-se um pouco triste e ansiosa. O tempo que tinha em Nantucket estava a esgotar-se mais depressa do que desejava. A sua agente tentara adiar o início das filmagens em duas semanas, mas o estúdio não concordou e só lhe deu uma semana extra antes de ter de se apresentar ao trabalho. Mas, uma semana já era alguma coisa. Ainda nem partilhara a boa notícia com Nick. Mais tarde, quando ele saísse do trabalho ao fim da noite, ia estar com ele.

Nas noites em que Nick trabalhava, era frequente encontrar-se com ele no bar exterior para um copo, ou então durante o dia iam à praia e ainda havia dias em que faziam as duas coisas. Nick estava ansioso por passar todo o tempo que pudesse com Bella e não havia nada de que ela gostasse mais do que estar com ele. A verdade é que nunca estivera apaixonada por ninguém e tinha a sensação de que podia ser Nick o homem certo para si. Era algo que a deixava ao mesmo tempo entusiasmada e assustada, porque não sabia o que o futuro lhes reservava.

CAPÍTULO 28

Por volta das três e meia da tarde, Paula parou na receção para estar um pouco com a irmã e ver se era preciso ajuda. O seu trabalho enquanto gerente não era tão glamoroso como algumas pessoas imaginavam. Passava a maior parte do tempo a ajudar sempre que era preciso um par de braços extra. Nas alturas mais atarefadas do dia, Paula ficava na receção a ajudar e a dar as boas-vindas aos hóspedes do hotel.

A hora oficial para o início do *check-in* era às três da tarde, e era frequente terem uma enchente de hóspedes mais ao fim da tarde. Na altura, Lucy tinha várias pessoas em fila, e o mesmo acontecia com os dois outros postos na receção. Paula pôs-se à frente de um computador que estava livre e chamou a pessoa seguinte. Vinte minutos depois, a agitação diminuiu e Paula foi conversar com a irmã.

— Então, como estão as coisas? — perguntou a Lucy.

— Ótimas. Acabei de testemunhar um caso amoroso ultrassecreto.

— A sério? Quem?

— O Senador do Cabo e Ilhas reservou duas noites connosco e olha só quem está com ele. — Apontou para o ecrã do computador e Paula ficou boquiaberta.

— Mas ela é casada. — Era uma senhora da ilha — alguém que conheciam como uma snobe autêntica. Grace

Peterson era casada com um executivo e uma presença ativa em vários grupos de senhoras e organizações de solidariedade.

— Ele também é casado — comentou Lucy.

— Bem, isto é extraordinário. — Era um dos aspetos do trabalho que nunca deixava de a surpreender. Eram bastantes as pessoas que tinham casos amorosos e que reservavam quartos no Whitley, para terem privacidade.

— Mudando de assunto, tenho novidades — começou por dizer Lucy. — Ontem cruzei-me com o Jason na *Stop and Shop*. Recordei-lhe a exposição de arte deste fim de semana, e ele convidou-me a beber um copo com ele no fim. Só queria ter a certeza de que não te importas mesmo se sair com ele.

Paula sorriu.

— A ideia foi minha, lembras-te? Não, não me importo nem um bocadinho. Estou entusiasmada por ti — e pela exposição. Depois também apareço por lá.

— Ah, ótimo.

Ambas levantaram os olhos quando David atravessou o átrio e lhes acenou ao vê-las, desaparecendo depois pelo corredor dos escritórios da administração.

— O David é um homem interessante. Que pena não poder ficar. Podia ser uma boa possibilidade para ti — disse Lucy.

— Para mim? O David? Ele é ótimo, mas como disseste, vai-se embora em breve. E também passa a vida a viajar. Em conversa, já me disse que as viagens dificultam qualquer tipo de relacionamento sério.

Lucy franziu o sobrolho.

— Não sei como aguenta fazer tantas viagens. As pessoas não chegam a uma altura em que abrandam e deixam que sejam os mais novos a assumir essa vida

itinerante?

— Não sei. Quando falámos, não me pareceu que fosse o caso dele. Ele é consultor, e o trabalho exige muitas viagens. Mas concordo contigo, deve ser horrível — disse Paula.

— Por falar em pessoas que fariam um bom casal... — Lucy olhou para o outro lado do átrio, para a secretária do *concierge* onde Marco acabara de chegar para o seu turno da noite; ele e Andrea estavam a rir juntos. Andrea ainda tinha mais uma hora para cumprir e depois o seu turno acabaria.

— A Andrea e o Marco? Não sei se combinam. Ouvi dizer que ela tinha voltado a sair com o Ben.

— Com o meu Ben? Hum, sabes que também consigo imaginá-los aos dois? Ela tem muito mais em comum com ele do que eu — comentou Lucy.

— Há muito tempo que não a vejo tão feliz. Sei que ficou zangada por perder o cargo de gerente, mas parece estar a divertir-se muito nos serviços de *concierge*.

— É um posto muito mais adequado à personalidade dela — concordou Lucy.

— Oh, tenho uma notícia estrondosa para te dar. Hoje de manhã recebemos uma chamada, e daqui a umas semanas, o Presidente vai ficar hospedado no hotel.

— O Presidente? Tipo o dos Estados Unidos?

— Sim, o próprio. Só vai ficar uma noite. Vai ser homenageado e depois discursa num evento qualquer no centro — acho que é qualquer coisa ligada à literatura — explicou Paula.

— Ah, pois, ele tem um livro de memórias prestes a ser publicado, não tem?

— Tem. Mas é uma loucura. Eles reservaram cinquenta quartos, para duas noites, e ele só vai cá ficar uma noite.

— Cinquenta quartos?

Paula assentiu.

— Sim, e alguns membros da equipa dos serviços secretos que o protegem vêm no dia anterior para preparar os quartos. Vão trazer vidro à prova de bala para instalarem nas janelas da *suite* onde o Presidente ficar e tudo.

— Uau!

— É, não é? Mas que honra recebermos o Presidente. Vou trabalhar de perto com os serviços de limpeza para me certificar de que os quartos estão perfeitos para os receber.

— Isso é muito fixe — disse Lucy, mas depois a sua atenção foi desviada para uma nova chegada ao átrio. — Hum, o que anda a tramar a tia Vivian? Tem um brilho nos olhos que normalmente significa sarilhos.

Paula dirigiu o olhar para o sítio onde a tia parara a conversar com Andrea na sua secretária, vendo-a depois encaminhar-se para o escritório.

— Sabe-se lá — disse Paula. — Para mim, continua a ser um mistério o que ela faz realmente no hotel.

Paula conversou durante mais uns minutos com a irmã e estava prestes a ir para o escritório quando reparou num homem de fato preto que lhe era vagamente familiar. O homem atravessou o átrio e dirigiu-se aos serviços de *concierge*. Falou com Andrea e Marco e encaminhou-se de seguida para os escritórios da direção. Paula continuava sem conseguir identificá-lo.

A caminho do seu escritório, passou pela secretária do *concierge*. Andrea e Marco estavam a conversar e levantaram os olhos quando ela os alcançou e perguntou:

— Quem é aquele homem? A cara dele é-me familiar, mas não o consigo identificar.

— É o Bill Cooper, da Imobiliária Cooper. Disse que tem

uma reunião com a tua tia Vivian — respondeu Marco.

— Ela disse que estava à espera dele e que, quando chegasse, o encaminhássemos para o escritório dela. Mas não disse por que motivo ele cá veio — acrescentou Andrea.

— Hum, obrigada. Mas é estranho.

Andrea soltou uma gargalhada.

— A tia Vivian é estranha, por isso condiz bem com ela.

* * *

Andrea observou Paula a encaminhar-se para o seu escritório e apercebeu-se de que esta fora a primeira troca de palavras civilizada entre as duas desde que a prima iniciara funções como gerente.

— O que achas que a tua tia está a tramar? — perguntou Marco.

— Quem sabe? Ela anda a dizer que se vai divorciar do tio Freddy, talvez tenha alguma coisa que ver com isso. Se calhar vai pôr a casa à venda. Sei tanto disto como tu.

Andrea continuou a trabalhar com Marco até quase às cinco horas, hora a que saía. Estava a pensar no que havia de fazer para o jantar quando um homem de negócios que acabara de fazer o *check-in* se aproximou deles. O homem irradiava frustração e pânico. E também estava encharcado. A chuva começara a cair há cerca de uma hora e o vento soprava-a em todas as direções. A chuva já era esperada, mas o vento era bastante mais forte do que se previra.

— A sua colega do *check-in* disse que talvez pudesse ajudar-me — começou por dizer o homem.

Andrea sorriu-lhe para o deixar à vontade.

— Vou dar o meu melhor. De que precisa?

— Acabei de chegar e, aparentemente, a minha

bagagem foi enviada na direção oposta. Toda a minha roupa está a caminho da costa oeste, e amanhã de manhã tenho uma reunião de negócios. Tem alguma sugestão?

— Não tem mais roupa nenhuma consigo? — perguntou Andrea.

— Só a que trago no corpo. E seria perfeitamente aceitável para a reunião, se estivesse limpa.

Andrea pensou durante um instante.

— Porque não me acompanha? — Levou-o até à loja de lembranças, para a secção de roupas onde havia uma seleção de calções, camisolas e *t-shirts*.

Ele abanou a cabeça.

— Não posso vestir nada disto para uma reunião.

Andrea sorriu.

— Pois, não seria muito adequado. Mas pode mudar de roupa, escolher uma camisola e uns calções e entregar-me o seu fato e a camisa. Eu mando limpar e engomar, e amanhã de manhã serão entregues no seu quarto. Às oito da manhã, está bem para si?

Ele olhou para ela como se tivesse vontade de a beijar.

— Você é um anjo. — Escolheu rapidamente uma camisola de manga comprida com o logótipo do Hotel Whitley e uns calções beges compridos. Mudou de roupa nos provadores e a seguir entregou a sua roupa a Andrea. — Não sei como lhe agradecer. Preciso de pagar esta roupa.

Ela voltou a sorrir.

— Não é preciso. Não se preocupe com a roupa. Vá para o seu quarto e descanse. Amanhã de manhã, a roupa será entregue à sua porta, limpa. — Andrea tinha uma conta discricionária para oferecerem ocasionalmente *t-shirts* ou outros artigos, que contavam como despesas de publicidade. A generosidade que recebiam em troca por

parte dos clientes mais do que compensava o custo das peças.

— Mais uma vez, muito obrigado. Estou-lhe mesmo agradecido. — O homem foi para o quarto, e Andrea atravessou o átrio com uma pilha de roupa dobrada nas mãos.

Marco ergueu as sobrancelhas.

— Até tenho medo de perguntar. O que fizeste com o homem?

Ela soltou uma gargalhada.

— Está neste momento vestido com uma camisola e uns calções do Whitley, e foi descansar para o quarto. Disse-lhe que mandava limpar e engomar a roupa, para amanhã lhe ser entregue à porta do quarto a tempo de ele ir à reunião.

— Que lavandaria está aberta em Nantucket a esta hora?

Ela sorriu com ar travesso.

— A da minha casa.

— Impressionante!

— Uma pessoa faz o que pode. E agora é melhor ir andando. Boa noite para ti.

— E para ti também. Estamos combinados para jantar e um copo, amanhã? — Marco mencionou que queria experimentar um restaurante novo, o Portside, que abrisse junto à água.

— Claro, parece-me bem. Até amanhã.

CAPÍTULO 29

Alguns minutos antes das seis, Paula acabou de tratar da papelada do dia e desligou o computador. Estava a ficar com fome e apercebeu-se de que não tinha grande coisa em casa, mas a última coisa que tinha vontade de fazer era cozinhar. Talvez pedisse uma *pizza* depois de alimentar *Chester*. Era uma boa noite para comer *pizza*. Ia vestir um fato de treino, enterrar-se no sofá enquanto via televisão e depois deitar-se cedo.

Saiu para o corredor ao mesmo tempo que David, também ele já preparado para ir para casa. A tia já saíra há muito, e Paula não fazia ideia de como correra a reunião com o agente imobiliário, nem sequer o que a motivara. Mas também não tinha a certeza de querer saber.

— Tens alguma coisa entusiasmante planeada para hoje à noite? — perguntou David enquanto percorriam o corredor.

Ela soltou uma gargalhada.

— Nem por isso, além de tentar decidir que *pizza* devo mandar vir. E tu?

— Estou na mesma. Foi um dia esgotante. O mais certo é deitar-me cedo.

Atravessaram o átrio, e Paula reparou que, lá fora, o céu estava mais escuro do que era habitual, o vento uivava e ainda estava a chover mais do que antes. Sabia que se esperava uma tempestade, mas nunca pensou que fosse tão

severa. Ainda bem que se lembrara de trazer guarda-chuva. Mesmo assim, com a chuva tocada a vento, sabia que o mais provável era chegar a casa encharcada.

Estavam a chegar à porta quando uma rajada de vento fez estremecer as janelas e, com um ruído surdo toda a luz tremelicou e se apagou. Ambos pararam e esperaram que a luz voltasse. Em Nantucket, era raro as falhas de eletricidade prolongarem-se durante muito tempo; habitualmente, as luzes tremeluziam um pouco, mas depressa voltavam ao normal. O átrio estava cheio de hóspedes a tentar fazer o *check-in*, e as raparigas na receção pareciam um pouco assoberbadas.

— A luz deve voltar daqui a instantes, se tudo correr bem — disse Paula.

David olhou para a rua.

— A tempestade parece estar para durar. A luz falta com muita frequência?

— Não, quase nunca. E quando falta é por causa de alguma tempestade de neve, mas no dia seguinte está tudo normal. Às vezes pode ocorrer algum avaria quando um poste cai.

— Não me surpreendia se tivessem caído algumas árvores sobre as linhas. Pode demorar algum tempo a resolver.

— Bem, parece que afinal não vou jantar *pizza*. — Paula foi em direção à receção e ajudou a explicar aos hóspedes que até a luz voltar não podiam fazer o *check-in*. Aqueles que já tinham as chaves dos seus quartos podiam entrar, já que as fechaduras funcionavam a bateria e como o hotel só tinha três pisos, não era demasiado subirem as escadas para aceder aos quartos. Os elevadores estavam programados para descerem automaticamente para o rés do chão em caso de falha de eletricidade, e as portas podiam ser

abertas manualmente. Paula suspirou e olhou em redor. David estava junto aos serviços de *conciierge* a falar com Marco e vários hóspedes.

Quando, meia hora depois, a luz ainda não voltara e começava a escurecer, Paula foi ao armazém da limpeza e trouxe um braçado de velas que colocou um pouco por todo o átrio, em cima de todos os balcões. David viu o que ela estava a fazer e foi ajudá-la a trazer mais velas. Foram até à zona do bar, que ficava mesmo ao lado do átrio e puseram algumas velas também neste balcão.

Frank era o *barman* de serviço e aproximou-se quando Paula pousou as velas.

— Excelente ideia. — O bar não estava muito cheio, mas alguns hóspedes continuavam a apreciar os seus *cocktails*. O restaurante estava vazio, já que a cozinha não podia funcionar sem eletricidade. Paula percebeu que podiam ficar sem energia durante algum tempo e continuavam a ter o átrio cheio de pessoas que ainda não conseguiam aceder aos seus quartos. Estavam a começar a ficar inquietas e frustradas, e ela não as podia culpar.

David também olhou para o átrio.

— Paula, o hotel não tem gerador?

Ela abanou a cabeça.

— Em certa altura, o meu avô ainda pensou mandar instalar um, mas é tão raro ficarmos sem luz que ele achou que não valia a despesa.

— Talvez seja melhor reconsiderarem essa questão, nem que seja só para haver luz na receção, para as pessoas poderem fazer o *check-in* e irem para os quartos — disse David.

— Concorde. E possivelmente também para o restaurante. Devíamos mesmo voltar a ponderar a despesa. Na verdade, tenho uma ideia. Estou a ficar com fome e

aposto que os nossos hóspedes também já comiam qualquer coisa.

— O que sugeres?

— Vou até à cozinha para ver se temos alguma coisa que possamos oferecer.

Nick estava a comandar a cozinha naquela noite e quando Paula lhe explicou o que tinha em mente, ele alinhou.

— Temos alguns queijos e tostas. Frutos secos. Posso fazer *guacamole* rapidamente e servi-lo com tortilhas. Podemos esbanjar um pouco e oferecer *cocktail* de camarão. As pessoas gostam sempre destes petiscos. E também temos *brownies* e bolachas. O que te parece?

— Acho perfeito.

— Dá-me dez minutos para preparar tudo.

Paula voltou ao bar.

— Frank, daqui a alguns minutos vamos oferecer alguns petiscos aos hóspedes. Gostava de oferecer também uma ou duas rodadas de bebidas. É capaz de ser bem-vindo a esta altura.

Ele sorriu amplamente.

— Acho que é uma ideia fabulosa.

Paula respirou fundo e caminhou até ao interior do átrio.

— Posso pedir a vossa atenção, por favor? — A sua voz parecia estremecer e ecoar no espaço de tetos altos. Mas o burburinho acalmou e as pessoas olharam para ela.

— Quero pedir-vos as maiores desculpas por este contratempo. Infelizmente, não podemos controlar a falha de eletricidade e não sabemos durante quanto tempo se prolongará. Vamos esperar que seja rapidamente resolvida. Entretanto, gostava de vos convidar a beber um *cocktail* no nosso bar, oferta da casa. Se quiserem ir ao bar, o nosso

barman pode aceitar o vosso pedido. Daqui a instantes vamos também ter um pequeno lanche à vossa disposição.

— Bom trabalho! — disse David, quando Paula voltou para junto dele.

— Achas mesmo? Sei que parece um pouco extravagante.

Ele sorriu.

— E é exatamente por isso que as pessoas vieram para o hotel mais caro da ilha. Pelo seu serviço, que é lendário. Vão apreciar o gesto e uma bebida ou duas também vai ajudar a passar o tempo e a acalmar os nervos.

Paula ficou aliviada por David aprovar a sua ideia. A opinião dele era importante para ela. Sorriu-lhe amplamente.

— Ótimo. Queres ajudar-me a trazer a comida?

Marco ouviu a conversa de ambos.

— Eu também ajudo.

Nick já tinha tudo preparado para sair e todos trouxeram as travessas de queijo e tostas, os camarões gordos com molho de *cocktail* ao lado, taças de frutos secos salgados, alguns enchidos fatiados, *patés*, baguetes fatiadas e uma enorme travessa com bolachas e *brownies*.

A comida e as bebidas foram um sucesso, e no par de horas que se seguiu parecia ter-se instalado uma festa no átrio. Paula, David e Marco também beberam um copo e petiscaram um pouco.

— Isto já alguma vez aconteceu em alguma das tuas colocações anteriores — perguntou Paula a David.

— Na verdade, já, algumas vezes. Em certa ocasião, em Nova Iorque, numa noite muito abafada de julho, houve uma falha de energia geral e Manhattan ficou às escuras. Foi divertido. Imaginem aqueles prédios todos enormes e ninguém podia usar os elevadores.

— O que fizeram? — perguntou Marco.

— Tentaram fazer tudo o que podiam, mas estavam muito limitados. O átrio ficou às escuras e não havia velas, porque tudo estava guardado num dos pisos mais altos, onde não se conseguia ir sem elevador. Distribuíram um pequeno lanche, mas eram sobretudo coisas das máquinas de vendas automáticas, chocolates, batatas fritas, comida de plástico. Também distribuíram vinho e cerveja no bar do hotel, e isso fez as pessoas felizes. A luz só regressou algumas horas depois.

David olhou de relance para Paula.

— Tu geriste esta situação tão bem quanto possível. A comida e as bebidas foram uma decisão inteligente.

— Obrigada.

Paula voltou ao átrio, falou com as raparigas na receção e certificou-se de que ainda havia comida e bebida, caso as pessoas quisessem mais alguma coisa. A atmosfera da sala mudara de tensa para quase divertida. Uma hora depois, quando a luz voltou, todo o átrio irrompeu num aplauso e gritos de viva. Paula foi para a receção e ajudou a fazer o *check-in* enquanto David e Marco levavam as travessas vazias para a cozinha.

Quando tudo ficou resolvido e os hóspedes já estavam instalados nos seus quartos, Paula e David saíram juntos.

— Bem, isto foi uma aventura e tanto, não foi? — comentou David, quando chegaram à rua. O vento já tinha esmorecido e a chuva parado por completo, o que agradou a Paula.

— Foi mesmo inesperado, isso é verdade. Mas acho que até correu bem. Talvez até tenha sido ligeiramente divertido.

David sorriu.

— Eu diverti-me. Até amanhã, Paula.

— Boa noite, David. — Enquanto caminhava para casa, Paula sorriu para consigo. Tinha sido uma noite louca e caótica, mas também muito boa.

CAPÍTULO 30

— Estás a divertir-te? — a voz profunda e divertida de Marco chamou-lhe a atenção. Estava a olhar para Andrea com um olhar tão caloroso que a deixou com a pele arrepiada.

— Estou, pois. Adoro este lugar. — Tinham ido jantar ao The Gaslight, e Andrea estava a ter uma excelente noite. A comida era ótima, como sempre, e agora estavam a beber um *cocktail* e a ouvir música.

Aquele teria entrado para o *top* cinco dos melhores encontros de sempre, apesar de não ser exatamente um encontro. Ela e Marco eram apenas amigos e colegas de trabalho que tinham ido jantar juntos. Recordou a si mesma que também era a chefe dele. Por isso, quando se sentia atingida por uma ocasional pontada de atração, tentava ignorá-la.

— Adoro esta música. Queres dançar? — Marco levantou-se e estendeu-lhe a mão, e Andrea aceitou.

A melodia era vagarosa, de *jazz*, e os dois envolveram os braços um no outro, enquanto se balançavam ao som da música. Andrea aninhou-se nele e sentiu o aroma do seu perfume. Gostava da sensação de estar nos braços de Marco e ficou desiludida quando a música acabou e a canção seguinte era mais mexida. Ficaram na pista de dança e dançaram mais algumas faixas até fazerem uma pausa.

Naquela manhã, Andrea tinha tido notícias de Elaine,

que confirmara a data final para a última entrevista em Manhattan. Seria dali a pouco tempo, de segunda a oito. Continuava a ter sentimentos contraditórios em relação à oportunidade. O emprego propriamente dito parecia ótimo. O hotel era adorável e elegante, tinha a dimensão perfeita. O único senão era a sua localização. Podia Andrea imaginar-se a viver em Manhattan? A deixar Nantucket?

Logo depois de Elaine lhe ligar, Andrea falou com Ben. Ele ligara para confirmar se ela continuava a querer ir com ele ao evento de que lhe falara — a festa de lançamento de um autor seu amigo. Seria um *cocktail* no White Elephant, e Andrea sabia que ia ser divertido. A festa era na noite seguinte. A vida social de Andrea nunca fora tão preenchida.

Tinha de admitir que preferia o horário de trabalho dos serviços de *concierge*.

Se havia uma coisa da qual não tinha saudades era dos horários que um gerente de hotel tinha. Ainda na noite anterior tinha escapado ao apagão. Marco contara-lhe que Paula e David ficaram a trabalhar para se certificarem de que tudo estava em ordem. Se ainda fosse gerente, Andrea teria feito o mesmo. Mas não tinha a certeza se lhe teria ocorrido oferecer bebidas e petiscos aos hóspedes. Embora contrariada, teve de admitir que a prima tinha sido inteligente.

— Tenho uma boa notícia. A minha mãe vem cá daqui a umas semanas. Mal posso esperar para que te conheça — disse Marco.

— Vem? Isso é ótimo. Também estou desejosa de a conhecer. — Andrea sabia que Marco e os irmãos eram muito chegados à mãe e tinham saudades de estar com ela.

— Quando ela chegar, vamos fazer um churrasco enorme e convidar todos os nossos amigos para a

conhecerem. Ela vai adorar — disse ele.

Andrea já tinha estado algumas vezes com o irmão de Marco, e na semana anterior conhecera a irmã, quando um pequeno grupo de amigos foi ao Mimi's Place para jantar depois do trabalho. Achava a irmã de Marco muito parecida com ele. Partilhavam o mesmo sorriso e a gargalhada contagiosa. Ele disse que as herdaram da mãe.

Quando voltou a passar outra canção lenta, Marco nem lhe perguntou se queria dançar. Limitou-se a levantar-se e a estender-lhe a mão; Andrea seguiu-o. Não conversaram enquanto dançavam ao som da música. Marco era alto, tinha um pouco mais de um metro e oitenta e Andrea media pouco mais de um metro e sessenta; os dois encaixavam na perfeição. A segunda música também era vagarosa, o que a deixou muito feliz. Quando a batida acelerou, deixaram-se ficar até acabar a atuação, e quando regressaram aos seus lugares, iam os dois a rir. A pista de dança estava cheia e ficaram ambos um pouco acalorados.

— Acho que foi a última atuação da banda — disse Marco.

Andrea olhou para as horas e já passava da meia-noite. O tempo tinha voado.

— Foram estupendos. Temos de estar atentos para ver quando regressam.

— Também acho.

A empregada aproximou-se com a conta, e Marco entregou-lhe rapidamente um cartão antes de Andrea ter oportunidade de pegar sequer na carteira.

— O que estás a fazer? Vamos dividir a conta.

Ele abanou a cabeça.

— Hoje não. Pago eu.

— Mas não precisas de fazer isso.

— Eu sei que não. Mas quero. Um dia destes deixo-te

retribuir o favor.

Ela soltou uma gargalhada.

— Sim, tenho a certeza de que sim. Então, obrigada. Foi tudo muito bom.

Ele levou-a a casa e acompanhou-a até à porta.

— Obrigada, mais uma vez, Marco. Foi uma noite muito divertida.

Ele sorriu e por um instante os olhos de ambos cruzaram-se. Marco inclinou-se na direção de Andrea, e ela susteve a respiração, preocupada e ao mesmo tempo ansiosa por que ele lhe desse um beijo. Mas Marco não o fez. Em vez disso, puxou-a para um abraço.

— Até amanhã, Andrea. Dorme bem.

CAPÍTULO 31

— Não é nenhum encontro! — insistiu Paula.

Lucy soltou uma gargalhada.

— Já ouviste aquela expressão que diz, «onde há fumo, há fogo»?

— Não é nada disso, a sério.

— Ai, não? Então o que é?

Já ali se reunira uma multidão simpática para a exposição de Lucy. Era sábado à noite, passava pouco das sete. Paula chegara há dez minutos. E David viera com ela. Naquele momento, estava a conversar com Nick e Bella, junto à mesa dos queijos e tostas.

— Ontem, no fim do trabalho, fomos beber um copo e estávamos a conversar sobre o que íamos fazer durante o fim de semana. Eu mencionei a tua exposição e o Nick disse que também vinha, por isso o David perguntou se podia colar-se a nós. E aqui estamos. Não é um encontro.

— Ahã! Então, vieram os quatro no mesmo carro?

— Não, o David trouxe o carro dele. O Nick e a Bella vieram cá ter connosco.

Lucy sorriu.

— Que interessante. Contudo, o Nick vive na casa ao lado da tua e podiam ter vindo todos juntos.

— E eu disse isso ao Nick, mas ele preferiu trazer o carro dele porque não sabia o que ia fazer com a Bella a seguir à exposição. São capazes de dar um passeio pelo

centro e comer qualquer coisa, ou comprar comida para levarem para casa.

— Está bem, faz sentido, acho eu. Aqueles dois têm andado inseparáveis. E estou um pouco preocupada com a forma como o Nick reagirá quando a Bella se for embora. Já não falta muito.

Paula concordou.

— Eu sei. Ele disse-me qualquer coisa sobre ir visitá-la.

— A Hollywood? Interessante.

— Oh, querido, olha aqui. Isto seria perfeito para o quarto do bebé. — Uma mulher admirava uma das peças de Lucy e chamou o marido para ele ver a cadeira de baloiço turquesa com rosas cor-de-rosa pintadas à mão.

— Já voltamos a falar — disse Paula, e deixou Lucy a falar com os potenciais clientes.

— Champanhe? — Um empregado circulava com uma bandeja de copos com a bebida gaseificada.

— Sim, obrigada. — Paula pegou num copo e juntou-se aos outros.

— A vossa irmã é muito talentosa — disse Bella.

Lucy tinha uma multidão de pessoas à sua volta, a fazerem perguntas.

— É mesmo — concordou Paula.

— É de família? Vocês também pintam? — perguntou Bella.

Nick e Paula desataram a rir com a pergunta.

— Não. Ela é a única. Eu e o Nick não temos a menor inclinação artística.

— Só sabemos apreciar aqueles que são talentosos — disse Nick, dando um beijo rápido a Bella. Ela estava linda e um pouco misteriosa, já que continuava a usar óculos de sol. Ainda tinha receio de estar em locais públicos sem eles. Felizmente, com o cabelo ruivo ondulado e os óculos,

ninguém parecia reconhecê-la.

Outro empregado apareceu com uma travessa de cogumelos recheados e cada um deles tirou um. Paula também se serviu de um pouco de queijo e tostas. Andaram pelo espaço e admiraram as obras de arte que ali estavam expostas. Havia peças fantásticas. Quando regressaram para junto de Lucy, Paula ficou feliz por ver que Jason chegara e os dois estavam entretidos a conversar.

Todos se despediram rapidamente de Lucy e foram para a rua. Nick e Bella decidiram ir buscar comida tailandesa e comer em casa.

— Não me apetece ir já para casa, e a ti? — perguntou David a Paula. — Queres dar uma volta? Desde que voltei que ainda não brinquei aos turistas.

— Claro, vamos. — A noite estava amena e ainda havia muitas lojas abertas. Andaram um pouco pelo centro da cidade, viram montras e entraram em algumas das lojas. Estavam perto da Oath Pizza, junto ao cais quando David perguntou se Paula tinha vontade de ir jantar a qualquer lado.

— Olha, por acaso, não me importava de comer *pizza*. Gostas da Oath? — Assim que viu a *pizzaria*, o seu estômago roncou e começou a ficar com água na boca.

— Até me esqueci da Oath. Claro que gosto, parece-me boa ideia. — Esperaram na fila e levaram as fatias de *pizza* para um banco próximo; ficaram a comer e a observar o último *ferry* a chegar. O mar estava calmo e sereno, e a noite, límpida. O luar brilhava sobre a água.

— Estás ansioso por voltar para casa? — perguntou Paula. Faltavam poucas semanas para David acabar o trabalho ali. O tempo corria, e o evento «Sabor da Cidade» estava aí à porta.

— Na verdade, não estou nada ansioso. Tem sido muito

bom estar em Nantucket. Espero poder vir a casa mais vezes, para ver os meus pais.

— Como está a tua mãe?

— Mais ou menos na mesma. Mas as coisas estão um pouco melhores porque implementámos um plano e já sabemos o que podemos esperar. — Sorriu. — Acabaram-se as escapadinhas até ao lago.

Ficaram ambos em silêncio durante um instante, enquanto apreciavam a *pizza*, até que Paula perguntou:

— Como é viver na cidade? Estás mesmo em Manhattan?

— Estou. Tenho um apartamento próximo do escritório, o que é ótimo. Vivo no vigésimo terceiro piso. — Soltou uma gargalhada. — É muito diferente de Nantucket.

Paula achava que devia ser terrível. Mas sabia que algumas pessoas adoravam viver na cidade.

— E achas que vais continuar lá? A longo prazo, isto é? Ele hesitou.

— Olha, honestamente não sei. Nunca pensei muito no futuro. Mas não tenho planos para me mudar em breve. É onde fica o meu trabalho. Bem, na verdade é o sítio onde durmo quando não estou em viagem.

— E quando não estás a viajar, o que gostas de fazer na cidade para te divertires?

Ele sorriu.

— A cidade tem tudo o que possas querer. É uma das coisas de que mais gosto em Manhattan. Tem ótimas equipas desportivas, imensos restaurantes, espetáculos. Agora já tenho lá alguns amigos, por isso há sempre qualquer coisa para fazer.

— Há uns anos fui a um espetáculo na Broadway. Eu e um grupo de amigas fizemos um fim de semana só de raparigas e foi bastante divertido. Depois do espetáculo

parámos na loja da M&M em Times Square. — Paula recordou a surpresa que sentiu quando viu como Times Square estava apinhada de gente, tanto que a sensação era quase claustrofóbica.

David sorriu.

— Sou um grande fã dessa loja.

— Já passaste a passagem de ano em Times Square? Nem consigo imaginar a multidão.

— Não, mantemo-nos sempre afastados nessa altura. Não gosto de grandes multidões.

— Mas no Natal deve ser muito bonito, com aquelas luzes todas...

— É, sim. Mas nem se compara ao Passeio de Natal de Nantucket. Há anos que não consigo cá vir nessa altura. Talvez venha este ano.

— É sempre um fim de semana agitado no hotel. — referiu Paula. Estavam sempre lotados. Muitas pessoas vinham todos os anos e deixavam as reservas feitas para o ano seguinte.

Quando acabaram de comer a *pizza*, foram novamente a pé para a galeria de arte, onde tinham deixado o carro. Ao passarem pelo The Gaslight, ouviram a música da banda que tocava naquela noite. David abrandou o passo e ficou a ouvir por um instante.

— Apetece-te beber um copo, talvez ver a atuação da banda? — convidou.

— Claro, porque não?

Entraram e ficaram sentados numa pequena mesa não muito longe da banda. Paula pediu um *chardonnay*, e David, um *gin* tónico, afastando-se da sua escolha habitual de cerveja de pressão.

— É o meu *cocktail* de verão — explicou ele.

A banda entrou e tocou uma série de músicas *rock* mais

antigas, assim como algumas favoritas da atualidade. A pista de dança não demorou muito a encher. O som estava demasiado alto para se conversar com facilidade, por isso deixaram-se ficar a beber as respetivas bebidas e a observar as pessoas. Era fácil estar com David. À medida que passavam mais tempo juntos, Paula habituara-se a tê-lo por perto e percebeu que teria saudades dele quando se fosse embora. Ele ouvia-a sempre que tinha alguma ideia e dava sempre a sua opinião, mas ela também gostava de conversar descontraidamente com ele.

Questionou-se sobre como estariam as coisas com Missy, se sempre tinham chegado a sair juntos. David não falava muito da sua vida pessoal. Paula presumia que era solteiro, mas tanto quanto sabia, podia ter alguém à sua espera em Nova Iorque. Sem perceber bem porquê, Paula sentiu-se deprimida com esta possibilidade. Quando ele lhe falou pela primeira vez acerca da situação da mãe, questionou-se se planeava regressar a Nantucket. Mas não parecia ser uma possibilidade real. Paula sabia que as oportunidades de emprego eram praticamente inexistentes na ilha, principalmente para o tipo de trabalho de consultoria que ele desenvolvia.

A banda tocou uma música mais lenta e a pista encheu-se de casais a dançar ao som da melodia. Era uma música mais antiga de que Paula sempre gostara, «Wonderful Tonight».

Olhou de relance para David e ele sorriu.

— É tão boa esta canção — disse ele.

Paula sentiu uma certa ansiedade e questionou-se como seria dançar com David. Sentir os braços dele à volta do seu corpo. Nunca tinha pensado nele nestes termos, mas, de repente, parecia estar muito atenta a tudo o que lhe dizia respeito. Como as pestanas eram tão compridas —

uma enorme injustiça — como os braços eram musculados e como as rugas em redor da sua boca só o faziam parecer ainda mais atraente. Ele inclinou-se ligeiramente para a frente, e ela preparou-se para se levantar e ir dançar. Mas, em vez disso, David suspirou e recostou-se, cruzando os braços sobre o peito. E o momento desvaneceu-se. Paula sentiu-se um pouco ingénua por pensar que ele ia convidá-la para dançar. Aquilo não era num encontro, não tinham saído juntos. Eram apenas colegas de trabalho.

Por isso, quando a atuação acabou e David lhe perguntou se queria ir para casa, Paula assentiu. Vinte minutos depois, ele parou o carro no caminho de acesso da casa dela.

— Obrigado por deixares que me colasse a vocês esta noite, foi muito divertido — disse David.

— Pois foi. Estás à vontade para te colares sempre que quiseres.

— Boa noite, Paula.

David esperou até que ela abrisse a porta da frente antes de se ir embora. Paula entrou em casa e fechou a porta atrás de si. *Chester* veio a correr e Paula pegou no gato para lhe dar um abraço. Abanou a cabeça, frustrada consigo mesma. Não admirava que continuasse solteira. Em vez de se apaixonar por um tipo impecável, disponível e ali da terra, dava por si mais interessada em alguém que não estava disponível e que em breve deixaria Nantucket.

* * *

David foi para casa no meio de um torvelinho de emoções, entre elas arrependimento por não ter convidado Paula para dançar. Houve um momento em que pressentiu que talvez ela dissesse que sim e podia ter sido mágico.

Mas ele hesitou, pensou durante demasiado tempo e convenceu-se a não a convidar. Recordou-se de que, considerando a relação de trabalho entre ambos, era inapropriado, e não queria enviar-lhe a mensagem errada. Sobretudo porque se apercebeu de que estava a combater uma atração que o apanhou de surpresa.

Quando conheceu Paula, achou-a atraente, mas desvalorizou rapidamente a ideia porque ela era sua colega de trabalho. E, inicialmente, nem sequer sabia se ela gostava muito dele enquanto colega, quanto mais. Paula estava desconfortável com a progressão para o novo cargo e por ter alguém sempre a observá-la. Quando lhe deu a sua opinião sobre considerá-la demasiado benevolente com o pessoal, sentiu que ela se retraiu, e David arrependeu-se de lho ter dito. Porém, era a verdade. E, justiça lhe fosse feita, Paula tentou de imediato corrigir esta postura. Mesmo que não tivesse gostado de ouvir a opinião dele.

Mesmo assim, ele gostava de trabalhar perto dela e ultimamente encontravam-se mais vezes fora do trabalho; David percebeu que queria estar mais vezes perto de Paula. Mas por muito que quisesse estar com ela, sabia que era impossível e não queria começar algo que não pudesse terminar. Restavam-lhe poucas semanas em Nantucket, depois voltava para Manhattan e o mais certo era não voltar a encontrar Paula. Por isso, não fazia sentido nenhum estar a dificultar ainda mais as coisas.

CAPÍTULO 32

— Amanhã queres ir pescar com o Nick e a Bella e depois jantar em casa dele? Vai ser divertido. — Marco apoiou-se na secretária dos serviços de *concierge*, à espera da resposta de Andrea. Ele estava a acabar o turno e ela ia assumir o da noite.

Andrea sorriu.

— Amanhã não posso. Já tenho planos — respondeu ela, vagamente.

— Ai, sim? O que vais fazer que possa ser mais excitante do que sair connosco?

Ela soltou uma gargalhada.

— Vou passar a noite a Nova Iorque. Tenho o domingo e a segunda de folga e vou encontrar-me com um velho amigo. Somos capazes de ir ver um espetáculo ou algo do género. — Não era completamente mentira. Tinha mesmo planos para se encontrar com um amigo, só que o amigo era Ben. Ele tivera de ir a casa por causa da escritura de uma propriedade e para ver outra.

Marco ficou com um ar desapontado.

— Pronto, está bem. Bem, diverte-te. Vemo-nos quando voltares.

* * *

No domingo, Andrea apanhou o avião das duas horas

para Nova Iorque e entrou no seu quarto às três e quarenta e cinco. O hotel era tão elegante quanto se recordava e a senhora que a ajudou na receção foi realmente amorosa. Deu as boas-vindas a Andrea e instalou-a rapidamente numa espaçosa *suite*. Andrea combinara encontrar-se com Ben às seis da tarde, por isso pegou num livro e tomou um banho de imersão até ficar com a pele engelhada. Era agradável poder descontraír um pouco e ler.

Estava entusiasmada por sair na cidade. Ben falara em arranjar bilhetes para um espetáculo na Broadway. Andrea usou um vestido que encontrara numa loja de Nantucket na semana anterior — era um vestido de *cocktail* preto, sem mangas, que lhe caía na perfeição.

Quando chegou ao átrio do hotel, Ben enviou-lhe uma mensagem, e Andrea desceu para ir ter com ele. Estava muito bonito com um *blazer* azul-escuro, calças escuras e camisa amarelo-clara. Quando a viu, Ben sorriu.

— Estás linda!

— Obrigada. Tu também estás muito elegante.

Foram a um dos restaurantes favoritos de Ben, um pequeno *bistro* italiano a alguns quarteirões do teatro. Ele tinha conseguido bilhetes para a terceira fila de um dos melhores espetáculos na Broadway. Andrea ficou impressionada.

— Como conseguiste?

Ele sorriu com ar travesso.

— Conheço um tipo. O nosso advogado recebe bilhetes a toda a hora e agora arranjou-me alguns.

O jantar estava ótimo e o espetáculo foi maravilhoso. Quando acabou, juntaram-se à multidão que enchia as ruas em redor de Times Square.

— Queres ir beber um copo rápido? — convidou Ben.

— Há um piano-bar muito fixe perto daqui.

— Claro, vamos lá.

Ben levou-a a um bar acolhedor que tinha um piano enorme e várias mesas pequenas. Cada um pediu apenas uma bebida, mas ficaram várias horas a cantar as músicas que se tocava e a conversar nas pausas. Foi uma noite divertida, que passou num instante. Quando já passava da meia-noite, decidiram sair, embora com relutância, porque a entrevista de Andrea era às nove da manhã seguinte. Foram devagar até ao hotel e quando chegaram à porta da frente, Ben puxou-a para si, abraçou-a e deu-lhe um beijo. Foi um beijo bom, mas Andrea ficou um pouco desiludida por não ter sentido a faísca que imaginara. Tinha tanta certeza de que a sentiria. Talvez estivesse demasiado cansada, mais nada.

Ele olhou-a nos olhos e sorriu.

— Boa noite. E boa sorte para amanhã.

* * *

Na manhã seguinte, Andrea acordou cedo, pediu um pequeno-almoço completo com ovos mexidos, batatas fritas, torradas e café e sentiu-se bastante animada com a entrevista. Não estava tão nervosa como ficava habitualmente antes de uma entrevista e tinha a sensação de que ia correr bem. Percebera que quanto mais se importasse em conseguir o trabalho, mais nervosa ficava. Por outro lado, quando tinha menos expectativas, tinha tendência para ser mais confiante, mais descontraída e fazer entrevistas melhores. E foi exatamente o que aconteceu. Levaram-na para uma sala de reuniões, e Andrea sentou-se numa mesa comprida com três entrevistadores à sua frente. Numa situação normal, seria intimidante, mas Andrea limitou-se a sorrir e a apreciar a

entrevista. Sabia que tinha a experiência necessária e deu-lhes vários exemplos bons para cada pergunta que lhe fizeram. Quando a entrevista acabou, sabia que se tinha saído bem.

Fizeram-lhe várias «perguntas essenciais» e a última foi:

— Menina Whitley, se for a escolhida, quão cedo pode começar a trabalhar connosco?

Ela sorriu.

— Bem, teria de dar algumas semanas de aviso prévio no meu atual emprego, mas depois estou inteiramente disponível.

— Excelente. Entraremos em contacto consigo até ao fim da semana, para lhe darmos conta da nossa decisão.

* * *

Quando Andrea fez o *checkout* e entrou a bordo do avião, o entusiasmo com a entrevista já se tinha desvanecido. Agora, preocupava-se em conseguir, de facto, uma oferta de emprego que a obrigaria a tomar uma decisão da qual ainda não estava segura. O voo foi tranquilo e quando o avião aterrou em Nantucket, Andrea ligou o telemóvel e recebeu uma mensagem de texto que a fez sorrir. Fora Marco que lha enviara há algumas horas.

Espero que estejas a divertir-te na cidade grande. Ontem senti a tua falta. Apanhámos montes de peixes. Até amanhã!

Andrea respondeu-lhe: *Ainda bem que te divertiste e apanhaste muito peixe. Sobrou alguma coisa?*

Um minuto depois, o telemóvel voltou a apitar. *Montes. Jantamos amanhã, na minha casa?*

Combinado!

* * *

Era segunda-feira, e Andrea seguiu para casa dos pais para jantar. O jantar de domingo fora adiado porque Andrea e o pai estavam fora da cidade. Questionou-se sobre o que andaria o pai a tramar, já que ele raramente saía da ilha. A mãe disse-lhe que a tia Vivian viria jantar com eles, assim como o tio Freddy. Como Andrea já esperava, os dois tinham feito as pazes. A tia Vivian era uma pessoa muito dramática. Adorava ser o centro das atenções.

O ambiente à volta da mesa era festivo. Há muito tempo que Andrea não via o pai tão bem-disposto. E a tia e o tio estavam loucamente apaixonados, mais uma vez.

— Então, como correu? Achas que tens uma boa hipótese de conseguir o emprego? — perguntou a mãe.

A tia Vivian inclinou-se para a frente. Era a primeira vez que estava a ouvir falar da entrevista de Andrea.

— De que emprego estão a falar?

Andrea respondeu primeiro à tia.

— É para o cargo de gerente de um *boutique* hotel de Manhattan. — Depois virou-se para a mãe. — Acho que correu bem. Não ficaria surpreendida se me fizessem uma oferta. Devo saber alguma coisa lá para o fim da semana.

— Manhattan, que excitante. Não sabia que querias mudar-te para lá — disse a tia.

Andrea sorriu.

— Nem tenho a certeza se quero. Preferia ir para Boston porque é mais perto, ou arranjar qualquer coisa aqui, isso seria o ideal, mas não me parece que em Nantucket existam oportunidades de trabalho para mim.

— E, sem contar com a localização, tens a certeza de que é isso que queres fazer? Queres regressar a um cargo de gestão? Para ser franca, nunca te vi mais feliz ou relaxada do que agora, desde que trabalhas nos serviços de *concierge* — disse a mãe.

— Concorde. E, sendo egoísta, não quero nada que te vás embora. Mas, se for mesmo isso que queres, claro que tens todo o nosso apoio — disse Hallie.

— Não sei mesmo o que quero fazer. À exceção da localização, o trabalho parece ter sido desenhado para mim. E tens razão, mãe, estou a gostar do meu trabalho atual. Mas nunca o considereei uma ocupação a longo prazo, apenas um papel divertido, temporário, até encontrar uma posição de gerente.

— Não vejo por que razão tem de ser temporário — disse a mãe. — Quando gostas do que fazes, o trabalho nem parece trabalho.

Hallie assentiu.

— Isso já eu disse. Quando nos divertimos no trabalho, ele é muito menos stressante e mais fácil de fazer.

— Tenho de pensar bem em toda a situação. Nunca considereei que a função de *concierge* fosse algo definitivo para mim — disse Andrea.

— Bem, talvez devas começar a considerar. Concorde com a tua mãe e irmã — disse a tia.

Andrea lembrou-se de que queria fazer-lhe uma pergunta.

— Tia Vivian, há pouco tempo tiveste uma reunião com um agente imobiliário, no hotel. Foi para quê?

A tia sorriu-lhe com timidez.

— Liguei-lhe para ele vir fazer uma avaliação de mercado justa do Whitley, para o teu avô.

Esta declaração deixou a mesa inteira num silêncio chocado. Até que Andrea falou:

— O avô pediu-te para o fazeres? Ele está a pensar seriamente em vender o hotel?

— Bem, não, ele não me pediu exatamente para o fazer. Mas achei por bem ter todas as informações e partilhá-las

com ele, caso queira ponderar vender.

A mãe de Andrea franziu o sobrolho.

— Vivian, por que diabo havias de encorajar uma coisa dessas?

— Bem, porque acho que nenhum de vocês se apercebe do valor real do hotel. Podíamos vendê-lo, dividir os lucros e nunca mais precisaríamos de ter preocupações com trabalho. — Olhou de relance para o marido. — Esse dinheiro daria jeito a alguns de nós.

— Estás outra vez com problemas de dinheiro? — perguntou a irmã.

A tia Vivian desviou os olhos. O tio Freddy pousou a mão em cima da dela e apertou-a. Ela cruzou o olhar com ele e suspirou.

— Posso ter-me metido numa pequena alhada enquanto estive na Europa. Os casinos lá são fabulosos.

— Na verdade, foi por causa disso que discutimos — acrescentou o tio Freddy. Ele, normalmente, deixava-se ficar calado, mas Andrea pressentiu que ele queria aligeirar um pouco o ambiente e esclarecer que a culpa do que acontecera não era sua.

— Ele tem razão. O Freddy insistiu que eu deixasse de ir aos casinos, e foi por isso que me zanguei com ele e voltei para casa.

— Bem, agora faz mais sentido. Mas pensei que já tinhas deixado de jogar há anos — disse a mãe de Andrea.

— E deixei. Mas depois comecei mais ou menos a jogar outra vez. Pensei que podia controlar-me, e os casinos na Europa são tão bons. Mas sei que continuo a ter um problema. Já encontrei um grupo de Jogadores Anónimos aqui em Nantucket e tenho ido regularmente às reuniões. Já nem estou a comprar raspadinhas nem nada.

— Mas antes de eu chegar compravas. Encontrei na

garagem uma caixa cheia de raspadinhas riscadas — acrescentou o tio Freddy.

— Para que é que guardas as raspadinhas? — perguntou a mãe de Andrea.

— Sei lá, podem vir a ser úteis. Na parte de trás tem umas letras pequeninas a dizer que se devem guardar — disse a tia.

— Pois, pu-las no lixo — disse o tio Freddy.

— Então e o que disse o avô de tudo isto? — perguntou Andrea.

— Ainda não falei com ele. Temos uma reunião marcada para terça de manhã. — O avô estivera fora da cidade durante toda a semana, que passou num cruzeiro com alguns amigos.

— O que vais fazer se ele disser que não? — perguntou a mãe de Andrea.

A tia Vivian sorriu.

— Logo vejo.

* * *

Andrea foi surpreendida na tarde seguinte por um telefonema de Elaine, a recrutadora.

— Tenho ótimas notícias! Eles ofereceram-te o emprego!

A notícia não era, de todo, inesperada, mas o sentido de oportunidade era surpreendente.

— Já? Só esperava ter novidades mais para o fim da semana.

— Todos te adoraram. Foi renhido entre ti e a outra candidata, mas ontem à tarde reuniram-se com ela e depois fizeram uma votação, que venceste. — Elaine mencionou um valor simpático, mais do que Andrea estava à espera.

Mergulhou num silêncio chocado.

— Então, digo-lhes que aceitaste? Quando queres começar? Essa é outra das razões pelas quais não esperaram pelo fim da semana. Querem-te lá assim que for possível.

— Bem, a notícia é realmente excitante. Mas preciso de pensar. Quando precisam da minha resposta?

— Talvez consiga empatá-los um ou dois dias, no máximo. Se não aceites, eles não querem perder também a outra candidata. Mas vais aceitar, não vais? É uma oportunidade incrível, Andrea, e eles ofereceram mais dinheiro do que estávamos à espera.

— Eu sei. A oferta é muito generosa. Só preciso de dormir sobre o assunto e digerir a notícia.

— Muito bem. Então, assim que puderes, dá-me uma resposta. E muitos parabéns!

— Obrigada, Elaine.

Andrea desligou o telemóvel e suspirou profundamente. Agora que recebera, de facto, a oferta, não sabia o que queria fazer. Precisava mesmo de pensar no assunto. Sobretudo depois da conversa da noite anterior com a família.

* * *

Dali a uma hora, Andrea tinha de estar em casa de Marco. Acabou o trabalho às cinco, foi para casa refrescar-se e a seguir foi para casa dele. Parou na loja de bebidas para lhe levar um *pack* de seis cervejas locais da Cisco Brewers de que ele tanto gostava e o seu vinho favorito, um *chardonnay bread and butter*.

Quando parou no caminho de acesso da casa de Marco, ele estava no pátio a grelhar o peixe. O seu carro era o

único ali. Ela estacionou e levou as bebidas até junto dele.

— Olá, miúda — disse ele quando a viu. — Se quiseres pôr isso na cozinha, a porta está aberta. — Sorriu amplamente. — E se te apetecer trazer já uma bebida para nós, melhor.

— É para já. Onde estão os teus irmãos? A trabalhar?

— A Alana, sim. O Sérgio está com amigos. Acho que só vêm para casa mais tarde, por isso temos o peixe todo para nós!

Ela soltou uma gargalhada.

— Em que posso ajudar?

— Está tudo pronto. Só preciso de pôr o peixe e os vegetais na grelha. O arroz e a salada estão feitos. Podemos sentar-nos aqui fora a relaxar até o peixe ficar pronto.

— Por mim tudo bem. — Andrea foi até à cozinha, guardou a cerveja no frigorífico, depois serviu um copo para Marco. Também abriu o vinho e serviu-se de um copo antes de levar as bebidas para a rua. Marco estava a colocar duas trouxas de alumínio sobre a grelha. Quando fechou a tampa, Andrea deu-lhe o seu copo de cerveja.

Sentaram-se na mesa redonda do pátio e conversaram um pouco. Ela falou-lhe do seu dia. Marco tinha estado de folga, e o dia fora muito cómico nos serviços de *concierge*.

— Acho que deve estar lua cheia. Não me lembro da última vez em que tive tantos pedidos estranhos. O primeiro até foi romântico. Um noivo que vem de lua de mel pediu-nos para espalharmos pétalas de rosa cor-de-rosa sobre a cama. Depois, chegou um casal mais velho que veio celebrar os oitenta anos do senhor, e a senhora pediu-nos para colocarmos no quarto várias caixas daquelas framboesas cobertas de chocolate da Sweet Inspirations, juntamente com uma garrafa de champanhe.

— Até me parece uma boa combinação — disse Marco.

Ela soltou uma gargalhada.

— Também achei. Mas o pedido mais caricato foi o da senhora Davis. Chega amanhã e pediu-nos que arranjássemos uma camisola de cão, azul-clara, que diga Nantucket para o membro mais novo da família.

— Ela arranjou outro cão? Ou aconteceu alguma coisa ao *Pepper*?

A senhora Davis era uma das hóspedes favoritas do hotel. Voltava todos os verões e ficava durante um mês, reservava sempre uma das maiores *suites* e tinha visitas todos os fins de semana. Trazia sempre o seu cão, o *Pepper*, um bonito pomeraniano.

— O *Pepper* está ótimo. Ela disse que achava que ele podia sentir-se sozinho e que precisava de companhia, por isso recentemente arranjou a *Daisy*.

Marco riu-se.

— Ainda bem que o *Pepper* está bem. Parece ter sido um dia bastante agitado.

— Pois foi. Tive de pedir a uma das raparigas da receção para me substituir, enquanto ia à cidade tratar de todos estes pedidos. Mas, para dizer a verdade, foi um dia divertido.

— Pois é, nos serviços de *concierge* nunca nos aborrecemos — disse Marco.

Era a deixa perfeita para Andrea lhe falar da oferta de emprego em Nova Iorque. Queria falar com Marco a respeito deste assunto e não simplesmente comunicar-lhe a sua decisão, caso aceitasse a oferta. Mas também estava a ter dificuldade em contar-lhe. Se decidisse aceitar o emprego, iria ser ainda mais difícil partir e sabia que também teria saudades de Marco.

Esperou que acabassem de comer e até estarem a descontrair com uma segunda bebida. Estavam na rua, a

ver o pôr do sol. Da casa de Marco não se via a água, mas continuava a ser uma boa zona. A casa dele ficava junto a um terreno protegido e havia imensas árvores por todo o lado.

Normalmente, os dois nunca tinham falta de assunto e muitas vezes era preciso cuidado para não falarem por cima um do outro, com a pressa de partilharem os seus pensamentos. Mas, de repente, a noite estava plena de momentos silenciosos. O fluxo normal da conversa entre ambos parecia emperrado com o peso do que Andrea queria dizer e que tanto lhe pesava. Até que Marco reparou e perguntou:

— Está tudo bem? Pareces-me um pouco ausente, não estás tão tagarela.

Ela sorriu.

— Ando aqui a pensar numa coisa. Então, eu não te contei a história completa da minha ida a Nova Iorque.

Ele bebeu um gole de cerveja e susteve o olhar dela, à espera de que continuasse.

— Fui a uma última entrevista para o cargo de gerente de um hotel de luxo em Manhattan. É uma oportunidade ótima. E esta tarde fizeram-me uma oferta. Que é muito boa.

— Compreendo. Mas não me pareces muito entusiasmada com essa oferta tão boa. Queres aceitar o emprego? Se queres, se achas que pode ser o emprego dos teus sonhos, devias aceitar.

Não estava à espera de que ele lhe dissesse aquilo.

— Não sei o que fazer. Há pontos contra e a favor. É uma excelente oportunidade, mas em Manhattan. Nunca foi uma escolha minha mudar-me para lá.

— Acho que precisas de decidir também se é isso que queres fazer. Eras mais feliz quando trabalhavas como

gerente do que agora, que estás nos serviços de *concierge*?

Andrea mordeu o lábio inferior enquanto pensava na pergunta pelo que lhe parecia ser a milésima vez.

— Sinto que devia querer este emprego — admitiu.

— Porquê?

— Bem, porque é o cargo mais elevado e o que sempre achei que ia fazer; o que fiz aqui durante tanto tempo.

— Faz o que amas e o dinheiro virá... era um adágio antigo que o meu pai costumava repetir. Quando uma pessoa faz aquilo de que gosta, não é trabalho, é viver. Acho que, no fundo, depende de como queres viver a tua vida. E só tu podes tomar essa decisão, Andrea.

Ela sabia que Marco tinha razão. Sabia que tinha muito em que pensar. Sorriu.

— Como é que saíste tão espertinho?

Ele aproximou-se dela e afastou-lhe uma madeixa de cabelo do rosto.

— Estás a tornar a decisão demasiado difícil. Deixa a poeira assentar e depois segue o teu instinto. Escolhe o que te fizer sentir mais leve, mais feliz. Talvez seja o trabalho em Manhattan. Talvez não.

— É uma boa sugestão. É isso que vou fazer.

— E há mais uma coisa que quero que consideres — disse Marco suavemente, aproximando-se mais dela.

— O quê? — murmurou Andrea.

Ele atravessou a distância entre ambos e encostou levemente os lábios aos dela. O beijo fez Andrea sentir um formigueiro nos pés. Não se prolongou durante muito tempo, mas foi poderoso. Quando acabou, ele sorriu e olhou-a nos olhos.

— Há muito tempo que queria fazer isto. Só precisava que soubesses o que sinto. Se ficares, podemos ter algo fantástico entre nós. Acho que também o sentes, não

sentes?

Ela assentiu.

— Sinto.

— Não estou a tentar fazer-te mudar de ideias. Se o que queres é ir para Nova Iorque, acho que deves ir. Mas queria apenas que dispusesse de toda a informação relevante.

— Não sei se isto é uma boa ideia. Afinal, sou tua chefe — disse ela suavemente.

Mas Marco já estava a abanar a cabeça.

— Já andei a ver isso tudo. Não há regra absolutamente nenhuma que impeça colegas de trabalho ou funcionários e supervisores de namorarem entre si. Somos adultos, Andrea. Mesmo que não resulte, acho que somos perfeitamente capazes de trabalhar juntos. E se resultar, é como já disse, pode ser espantoso.

— Tenho muito em que pensar. É melhor ir andando.

— Sim, é melhor. — Marco acompanhou-a até ao carro e voltou a beijá-la, desta feita com mais esmero. Andrea ficou sem fôlego.

— Bons sonhos, Andrea.

CAPÍTULO 33

Passava-se alguma coisa. Paula não sabia o quê, mas envolvia a tia Vivian. O avô e a tia tinham estado reunidos durante mais de uma hora, até a tia sair intempestivamente do escritório. Presumiu que a reunião não lhe correria de feição. O avô tivera reuniões coladas umas às outras durante o resto da manhã, e Paula reparou que às duas da tarde David entrou também para uma reunião que durou mais de uma hora.

Paula tinha a estranha sensação de que esta última reunião devia ter sido a seu respeito, já que não fora incluída e o tempo de David no hotel se aproximava do fim. Tecnicamente já acabara, mas o avô pedira-lhe que ficasse até depois do «Sabor da Cidade», que se realizaria na segunda-feira seguinte. Depois disso ia-se embora. O tempo estava a passar demasiado depressa. Paula sentia que já não precisava da sua direção, mas gostava de o ter por perto.

Às três da tarde, desceu para a receção para ajudar com o *check-in*, e quando as coisas abrandaram e ela voltou para o escritório, uma hora e meia depois, o avô fez-lhe sinal para que fosse ter com ele e, alguns instantes depois, David também se juntou a ambos.

— Bem, debes ter reparado que o dia de hoje foi agitado. Tive imensas reuniões. Algumas foram apenas para me pôr ao corrente dos assuntos depois da minha semana

de ausência, mas quero discutir contigo a reunião que tive com a tua tia e também a que tive com o David, em que ele me deu a sua opinião geral sobre quão adequada és para este cargo.

Paula assentiu. Não tinha grande coisa para dizer. Sabia que esta avaliação estava iminente. Na sua opinião, fizera um bom trabalho e esperava que David e o avô concordassem.

— Então, primeiro a questão com a tua tia. Sabias que ela teve a ideia peregrina de que eu podia querer vender o hotel?

Paula ficou chocada.

— Não. Não sabia de nada.

— Pois, a Vivian convidou um agente imobiliário a vir cá para fazer uma avaliação e tentou convencer-me de que seria uma boa altura para ganhar dinheiro com a venda. Na verdade, o que ela queria era algum dinheiro. — Explicou a Paula o vício do jogo da tia. Ela sabia que a tia Vivian tinha tido problemas há alguns anos, mas não fazia ideia de que era uma situação recorrente.

— Lamento saber isso. Não fazia ideia.

— Nenhum de nós sabia. Exceto o Freddy, que estava com ela. Foi por isso que ela voltou para casa chateada com ele. Ele pôs finalmente um ponto final na situação. Mas não antes de a Vivian ter perdido a maior parte das poupanças que tinham. — O avô suspirou.

— Falei com o David a respeito disto e ele teve uma ideia. Não quis envolver-te neste assunto, porque és família, precisava de uma opinião de alguém de fora, mais objetiva. Também lhe perguntei se alguma vez se deparara com uma questão destas enquanto consultor, e a verdade é que já aconteceu.

— Duas vezes, na verdade. O vício do jogo é mais

comum do que pensamos —interveio David.

O avô assentiu e continuou.

— A tua tia já está a resolver o problema. Faz parte de um grupo de apoio local. O que decidimos fazer foi avançar uma parte da sua herança — o suficiente para lhe proporcionar conforto, para regularizar a sua situação financeira e para não perderem a casa.

Paula ficou boquiaberta.

O avô assentiu.

— Sim, ela arranjou um bonito imbróglgio para si e para o Freddy. Mas a culpa não é dele. Ela mentiu-lhe acerca do que andava a fazer. Ele pensava que ela saía com amigos — o que era verdade — só que as saídas eram para os casinos. Uma confusão tremenda.

— Mas o teu avô não vai dar-lhe simplesmente dinheiro — acrescentou David.

— Pois não. Disse-lhe que não sou nenhum banco e que não tenho a menor intenção de vender o hotel — nunca. Disse-lhe também que podemos dar-lhe um trabalho de verdade, com um salário no fim do mês. O David criou a função perfeita para ela.

— Achámos que ela daria uma boa diretora de programas — disse David. — Pode trabalhar com a Hallie e criar pacotes de atividades para os convidados fazerem durante um fim de semana ou uma semana, experiências que tenham uma componente pedagógica, como uma semana sobre a história de Nantucket, com várias palestras sobre a cidade e visitas aos museus locais. Ou a semana da gastronomia de Nantucket, com várias demonstrações culinárias e almoços nos restaurantes da região. Sei lá, um fim de semana para tricotar ou uma semana literária. Ela pode concentrar-se na sua faixa etária, porque normalmente são pessoas que têm dinheiro e tempo para

férias assim.

— Ela é parecida com a tua prima Andrea; é muito sociável e pode ser uma boa anfitriã para os convidados, como o comandante de um cruzeiro — disse o avô. — O que o David sugeriu faz todo o sentido, porque fiz muitas coisas semelhantes no cruzeiro da semana passada. E sempre é outra forma de dinamizarmos o Whitley.

— Bem, parece-me tudo um excelente plano — disse Paula. — Em que posso ajudar?

— Podes supervisionar a Hallie e a Vivian e certificar-te de que têm todo o apoio de que necessitam — disse o avô.

» Agora que esta questão está tratada, vamos ao outro ponto em discussão. Inicialmente, quando contratei o David, pedi-lhe que te ajudasse a instalares-te no teu novo cargo e que no fim da colaboração me fizesse uma avaliação honesta do teu desempenho, que me dissesse se eras uma boa aposta. Disse-lhe que o veredicto dele não mudaria nada, já que estava decidido a teu respeito, por isso o teu emprego está garantido. Mas queria saber qual era a sua opinião, já que trabalhou em inúmeras propriedades. Vou deixá-lo partilhar contigo o que acabou de me transmitir.

David sorriu.

— Disse ao teu avô que, no início, estava um pouco reticente a teu respeito. Quando ele me disse que promovera a sua contabilista para gerente do hotel, questionei a sua decisão, mas ele pediu-me que reservasse o meu julgamento até depois de te conhecer e que, então, entenderia. Foi o que fiz e agora entendo. Acredito que o maior obstáculo com que te deparas és tu mesma e se acreditares que és capaz de fazer este trabalho, se achares que és mais feliz a fazê-lo do que se continuares no teu escritório, mergulhada em números, consegues fazê-lo

muito bem. Sei que gostavas de estar na contabilidade e que resististe um pouco ao cargo de gerente, não foi?

Paula assentiu.

— Foi. Mas também me senti culpada por estar a tirar o emprego à Andrea.

O avô interrompeu.

— Tu não tiraste o emprego a ninguém. Não realmente. Mesmo que não aceitasses a minha proposta, eu continuaria a querer substituir a Andrea.

— Eu sei, e foi por isso que decidi tentar. E porque não o queria desiludir, avô.

Ele sorriu.

— Acho que jamais conseguirias fazê-lo, querida. Se não quiseses continuar a fazer este trabalho, não seria o fim do mundo. Basta-me ligar à Elaine e ela arranja-me alguém em Nova Iorque, demora um minuto. Mas, claro que prefiro não o fazer. Porém, a decisão está nas tuas mãos.

— Também disse ao teu avô que estás a fazer um trabalho extraordinário. Que aceitas bem as críticas, mesmo quando não são o que queres ouvir.

Paula sabia que ele estava a falar do seu comentário sobre ser «demasiado benevolente». Tinha-a incomodado, sim.

» A certa altura, não ficaste nada contente comigo. Eu sabia. Mas interiorizaste a crítica e tentaste melhorar; melhoraste, de facto. Evoluíste no papel e acho que se escolheres continuar, vais fazer um excelente trabalho, durante muito tempo.

O avô sorriu.

— Então, está inteiramente na tua mão, querida. O que te parece? Estás feliz neste cargo? Se não estiveres, podes voltar à tua função anterior.

Paula suspirou profundamente e olhou para ambos.

— Não pensei vir a gostar de fazer isto. Para ser honesta, algumas partes da função assustavam-me um pouco, por estar tão visível e exposta. Mas acho que não conseguiria regressar ao que fazia antes. Sinto que iria sentir falta da dinâmica que esta posição me oferece, e do desafio. Na altura não me apercebi, avô, mas tinha razão. É um bom lugar para mim. Só precisava de o descobrir por mim própria, por isso ficaria muito feliz se pudesse continuar a ser gerente.

O avô abriu um sorriso rasgado.

— Bem, isso são excelentes notícias. E creio que exigem um brinde. É capaz de haver uma garrafinha no frigorífico. Queres ir buscá-la e servir-nos um copo?

Paula foi até ao pequeno frigorífico do escritório e viu a caixa amarela que continha o seu champanhe favorito, Veuve Clicquot. Pegou nela e levou-a até ambos.

— Comprou isto para mim? Tinha assim tanta certeza de que íamos festejar?

O avô soltou uma gargalhada.

— Eu conheço a minha neta. Tu nunca viraste as costas a um bom desafio. Sentia-me muito confiante de que irias continuar. Agora podemos brindar e tornar a tua nomeação oficial.

Paula serviu champanhe aos três e fizeram tilintar os copos.

» A ti, ao Whitley e a muitos anos felizes em conjunto — disse o avô com orgulho.

CAPÍTULO 34

Andrea tinha a terça-feira de folga e devia fazer o turno da noite nos serviços de *concierge*. Naquela noite, dormiu estranhamente bem, acordou a sentir-se relaxada e percebeu que sabia que decisão ia tomar. Depois de decidir, não havia como voltar atrás e no fundo do seu coração sabia que era realmente a decisão acertada, para si.

Estava prestes a ligar a Elaine quando o telemóvel tocou. Era Ben.

— Oi, miúda, estava só a ligar para dizer olá e para te perguntar que planos tens para o fim de semana. Não sei se queres fazer alguma coisa na sexta à noite?

— Olá, Ben. Queria agradecer-te mais uma vez por me teres mostrado Nova Iorque. Foi uma noite muito divertida.

— Claro, sempre que quiseses. Se ficares com o emprego, podemos fazê-lo mais vezes.

Andrea hesitou — sempre detestara este tipo de conversa, e gostava realmente do Ben.

— Na verdade, Ben, decidi não aceitar o emprego. Sou mais feliz aqui e recentemente também me aproximei mais de alguém e, enfim, quero ver onde isto vai dar. Espero que compreendas.

— Oh. Sim, claro que compreendo. Fico um pouco desiludido, mas entendo. Seja lá ele quem for, é um tipo com sorte.

— Obrigada, Ben. Foi ótimo conhecer-te.

— E a ti. De certeza que nos vemos por aí.

— Claro que sim.

Andrea desligou a chamada e sentiu-se triste e aliviada ao mesmo tempo. Ben era mesmo um rapaz extraordinário, um bom partido, para a rapariga certa. Que não era ela. Só havia uma pessoa que tinha vontade de beijar e mal podia esperar por se encontrar com ele.

A seguir, ligou a Elaine e também se sentiu mal depois de desligar a chamada, porque, assim, Elaine não receberia a comissão pela sua contratação. Com um pouco de sorte, ainda conseguiria preencher a vaga, porque partilhara consigo que também estava a representar a outra candidata. Era uma excelente oportunidade, só não era a oportunidade indicada para ela.

Antes de ir trabalhar, Andrea demorou mais tempo do que o habitual a arranjar o cabelo, ondulou as pontas e pôs um batom novo com um tom de rosa profundo que lhe deixava os lábios mais carnudos.

Marco estava nos serviços de *concierge* quando ela chegou e sorriu ao vê-la, mas a sua expressão era cautelosa, como se esperasse más notícias. Andrea aproximou-se dele, sorriu amplamente e disse com simplicidade:

— Vou ficar por aqui.

A luz regressou aos olhos de Marco, e o seu sorriso condizia com o dela.

— Bem, já me fizeste ganhar o dia. No fim do teu turno posso passar por aqui para irmos celebrar, se quiseres?

— Sim, gostava muito.

* * *

O turno de Andrea acabou às onze da noite e, poucos

minutos antes, Marco mandou-lhe uma mensagem a dizer que estava no bar exterior e lhe guardara um lugar. Andrea quase saiu do hotel a dançar e, assim que se sentou, antes de dizer uma única palavra, debruçou-se na direção de Marco e deu-lhe um beijo.

— Andei o dia inteiro com vontade de fazer isto — admitiu ela.

Ele sorriu.

— Espero que seja só o primeiro de muitos.

Andrea pediu um copo de vinho e, quando este chegou, virou-se para Marco, levantando o copo:

— Aos novos começos.

— Gosto disso. — Ele tocou com o seu copo no dela. — A sério que recusaste aquela oferta de emprego?

— A sério. E não me arrependo. Hoje de manhã, quando acordei, a decisão estava tomada. Quando pensava em ir para Nova Iorque e assumir o cargo de gerente, ficava tensa e stressada. Quando pensava em ficar aqui e trabalhar nos serviços de *concierge* contigo — bem, sentia-me feliz e em paz.

Ele debruçou-se e beijou-a; Andrea sentiu-se a transbordar de felicidade.

— Fico tão contente por teres feito esta escolha. Não estava nada ansioso por ter de te visitar em Nova Iorque.

— Ias mesmo visitar-me?

— Claro que sim. Não te livravas de mim com essa facilidade toda — brincou ele.

— Não quero livrar-me de ti.

— Ótimo, porque não vou a lado nenhum. Vamos divertir-nos tanto juntos.

Ela sorriu.

— Eu sei que sim.

CAPÍTULO 35

Tiveram sorte com o tempo no dia do evento «Sabor da Cidade». Inicialmente, a previsão era de céu nublado, com possibilidade de aguaceiros, mas o vento mudou, e a segunda-feira trouxe apenas céu limpo e brisas mornas. Houve alguns pequenos problemas com as fichas elétricas de algumas secções que não estavam a trabalhar convenientemente, mas Paula conseguiu chamar um eletricista que pôs tudo a funcionar por volta do meio-dia.

Os restaurantes estavam todos nas respetivas tendas e prontos a servir às três da tarde. O evento abria oficialmente às quatro, e a afluência superou as expectativas. Enquanto percorria o espaço com Paula e David para observarem os diferentes restaurantes e as suas ofertas, o avô estava maravilhado.

— Não é maravilhoso? — perguntou, enquanto faziam a ronda para se certificarem de que toda a gente tinha o que precisava.

— Foi uma ótima ideia, avô — concordou Paula.

— Tinha o pressentimento de que ia correr bem. Não há nada do género na região e o que mais iam as pessoas fazer numa segunda-feira à noite? É a noite mais calma para os restaurantes e esta é uma excelente oportunidade para mostrarem o que sabem fazer.

Peter Bradford estava a supervisionar todos os expositores de vinhos. Encontraram-no com a sua

namorada, Paige, e duas amigas dela: Lisa, dona da Estalagem Beach Plum Cove, e Sue, dona da empresa de seguros com sede no centro da cidade. Estavam todos a bebericar vinho e a comer pequenos pastéis de caranguejo de um dos restaurantes.

— Qual é a opinião dos expositores do evento? — perguntou Paula a Peter.

— Estão a adorar e alguns já nos perguntaram se vai ser um evento anual. Talvez sejam capazes de assegurar já a presença de muitos deles para o próximo ano, e a dos restaurantes também — respondeu.

Paula olhou para o avô e para David. O avô sorriu.

— O que achas, Paula?

Ela olhou em redor, viu a multidão de gente e as bancas atarefadas.

— Acho que é uma ideia bastante boa. Vamos a isso.

O avô piscou o olho a Peter.

— Parece que para o ano nos encontramos aqui outra vez.

— Vou já espalhar a notícia.

— Também podemos ir dizendo aos restaurantes — sugeriu David. — Assim, se a maior parte deles se comprometer já, para o ano o trabalho está facilitado.

— Acho que quase todos os meus hóspedes da estalagem estão aqui — disse Lisa. — Quando se forem embora, também lhes vou dizer que será um evento anual e talvez queiram reservar os seus quartos já. É um evento maravilhoso. Vocês fizeram um trabalho extraordinário.

— Oh, muito obrigada! — agradeceu Paula.

Continuaram a cirandar e pararam na banca de Nick, onde este estava a distribuir pequenos tacos de atum e porções de puré de batata com rosmaninho e carne e a servir pequenas taças de sopa de marisco. Bella estava ao

seu lado a disponibilizar tostas para acompanhar a sopa. Ficava engraçada com um avental do Whitley e óculos de sol. Nick tinha gotículas de suor por cima do lábio superior e estava em movimento constante, a empratar comida e a conversar com as pessoas que iam à sua banca.

Esperaram que o fluxo de clientes acalmasse antes de se aproximarem para dizer olá.

— Como vão as coisas? — perguntou Paula.

— Isto é fantástico. As pessoas estão a adorar tudo. E só dizem coisas boas a respeito do evento, das provas de vinhos e da degustação dos *menus*. Acho que devíamos repetir para o ano que vem.

O avô soltou uma gargalhada.

— Acho que tens razão. O Peter Bradford já fez a mesma sugestão e nós concordámos. Parece estar a ser um sucesso.

A seguir virou-se para Paula e David.

— Porque é que vocês não vão para a fila e experimentam estes pitéus também? Agora não há mais nada para fazer, só apreciar o evento. Desculpem, estou a ser solicitado...

Deixou-os, e David virou-se para Paula.

— Vamos?

Puseram-se na fila e receberam um pequeno tabuleiro quadrado com um espaço para fixar o copo de vinho. Era uma ideia inteligente, porque assim o copo ficava apoiado e as pessoas podiam segurar na comida mais facilmente. Andaram pelo recinto e foram provando uma série de vinhos diferentes, assim como muitas amostras de comida. As opções eram tantas e tão boas. A maior parte dos restaurantes oferecia uma sopa ou aperitivo como entrada, depois tinham o prato e a sobremesa também.

Encontraram Andrea e Marco numa das várias bancas

de vinhos, e Paula ficou agradavelmente surpreendida por a prima ter sido agradável com ela, para variar.

— Deviam mesmo provar este Charles Krug Cabernet. É estupidamente bom — disse Andrea.

Paula reparou que Marco tinha a mão no fundo das costas da prima e que pareciam muito apaixonados, ou pelo menos loucamente encantados um com o outro. Ficou feliz pelos dois.

Quando se afastaram, David e Paula provaram o vinho que Andrea sugeriu.

— Ela tinha razão, o vinho é ótimo — disse David.

— Pois é. É doce, sedoso e encorpado — concordou Paula.

David soltou uma gargalhada.

— Pareces mesmo uma especialista em vinhos.

Ela sorriu.

— A única coisa que sei é que gosto!

Continuaram a caminhar e provaram de tudo. Alguns dos restaurantes eram sítios onde ela ainda não tinha ido ou onde não ia há muito tempo, e tomou nota mental para regressar.

Quando acabaram de provar um pouco de tudo, voltaram a encher os copos e encontraram um banco para se sentar.

— Não acredito que amanhã é o teu último dia — disse Paula.

— Nem eu. Estas semanas passaram demasiado depressa. Daqui vou para casa dos meus pais, para o nosso último jantar de *pizza* e amanhã de manhã já me vou embora.

— Bem, quando voltares para os visitar, passa no hotel só para dizer olá. Todos adoráramos voltar a ver-te — disse Paula. Na verdade, o que queria dizer era que ela ia

adorar voltar a vê-lo, mas não parecia haver um motivo que justificasse dizê-lo em voz alta. David ia-se embora. Não havia qualquer futuro para os dois — partindo do princípio de que ele alguma vez estivera interessado, já que nunca dera sinais nesse sentido.

— Claro que passo. O mais certo é voltar daqui a um mês, mais coisa, menos coisa, quando o trabalho que se segue acabar.

— Vais para Kansas City, verdade?

Ele riu-se.

— Tens boa memória, sim, vou para Kansas City, mas não devo ficar por lá muito tempo.

— Bem, queria agradecer-te, David. Fico muito grata por tudo o que fizeste por nós e por me ajudares a adaptar-me melhor ao cargo.

— Foi uma missão muito agradável para mim. E fico contente que tenhas decidido continuar. Fui sincero em tudo o que disse. Tu estás a fazer um trabalho muito bom.

— Obrigada. — Queria dizer-lhe mais do que isto. Queria que ele soubesse que ia sentir a falta dele, mas não lhe parecia apropriado. Em vez disso, acabou o que tinha no copo e levantou-se.

— Se calhar, é melhor ires para casa dos teus pais. Eles devem estar ansiosos por te ver.

Ele sorriu.

— Sim, tens razão. Cuida de ti, Paula, vamos mantendo o contacto.

O coração de Paula bateu acelerado em antecipação, mas sabia que ele devia estar apenas a ser educado. David deu-lhe um abraço de despedida, e ela quis continuar a abraçá-lo com mais força; gostou da sensação de estar nos seus braços.

— Adeus, David.

CAPÍTULO 36

Bella divertiu-se muito a ajudar Nick no evento de degustação. Até tiveram oportunidade de provar tudo também, quando o trabalho abrandou e um dos cozinheiros assumiu o serviço para Nick poder descansar um pouco. Andaram pelo recinto, provaram tudo o que conseguiram, incluindo alguns vinhos, antes de voltarem para a banca do Hotel Whitley.

Quando o evento acabou e tudo estava arrumado, foram até ao bar exterior, onde cada um bebeu uma bebida. Bella estava plenamente consciente de que o seu tempo estava a acabar. Restavam-lhe poucos dias para regressar a LA e começar a rodar o novo filme. Estava entusiasmada com o trabalho. A sua agente enviara-lhe o guião e era muito bom — muito parecido com o livro — que era excepcional. A história provocava arrepios em Bella e sabia que ia ser um filme importante, possivelmente um sucesso gigantesco para si.

Mas assustava-a a ideia de deixar Nick. Justiça lhe fosse feita, ele estava a ser ótimo a gerir a situação e não deixava de lhe assegurar que haviam de conseguir fazer com que tudo resultasse. Assim que ela tivesse o horário das gravações, ele começaria a planear as férias para a poder visitar. Bella estava entusiasmada com a perspetiva, queria fazer de turista com ele na sua parte do mundo. Só esperava que ele não se sentisse assoberbado. Nick não

tinha experiência nenhuma com os meios de comunicação social e, por vezes, a convivência não era bonita.

Andrea e Marco estavam a sair quando eles chegaram ao bar. Bella reparou que iam de mãos dadas e ficou feliz por ambos.

— Ah, parece que já é oficial — disse a Nick, quando se sentaram ao bar.

— Sim. Acho que é ótimo. Eles parecem dar-se muito bem.

— Têm um ar feliz, que é o que importa, não é?

Nick debruçou-se e beijou-a.

— Sim, é a única coisa que importa.

* * *

Três dias depois, Nick levou Bella ao aeroporto. Na noite anterior, tinham tido uma noite romântica e especial. Nick cozinhou uma refeição espantosa e depois ficaram aninhados no sofá; Bella não queria sair dali nunca mais. Mas ambos sabiam que, no dia seguinte, ela tinha de se ir embora. A despedida foi muito difícil — beijá-lo, sabendo que não poderia voltar a fazê-lo, ou a vê-lo, durante muito tempo.

— Manda-me uma mensagem quando aterrares — pediu Nick.

— Mando, sim.

— Bella, há uma coisa que quero que saibas antes de te ires embora... — a urgência súbita na voz de Nick assustou-a.

— O que é?

Ele sorriu com ar travesso.

— Só que te amo. Queria que soubesses que te amo.

Ela sentiu os olhos marejados de lágrimas.

— Oh, Nick! Eu também te amo. Tanto. — Beijou-o mais uma vez e não queria largá-lo nunca mais. Mas teve de largar. Estava na hora de entrar no avião.

— Assim que aterrizar, mando-te uma mensagem.

* * *

A primeira coisa que fizeram quando Bella apareceu no estúdio para trabalhar foi arranjar um cabeleireiro que lhe tratasse do cabelo. Livraram-se da cor ruiva e voltaram a pô-la loura. Depois disto, a Bella que tanto desejavam estava de volta. Ela atirou-se ao trabalho, perdeu-se na sua personagem e concentrou-se em fazer o melhor filme possível. Quando chegava a casa, à noite, estava completamente exausta, sem energia. Mas o cansaço ajudava-a, porque senão iria apenas sentir saudades de Nick.

Os dois falavam quase todas as noites, nem que fosse apenas durante alguns minutos. Era estranho estar de regresso a Los Angeles. Parecia-lhe um lugar diferente agora, e Bella percebeu que aquela cidade nunca fora a sua casa. Era apenas o lugar onde trabalhava e dormia. A sua vida, a sua verdadeira casa, era em Nantucket com Nick. Mas, infelizmente, a sua realidade não passava pela ilha. Nantucket era para estar de férias, LA era para trabalhar.

Quando soube como ia ser o horário das gravações e quando teria uma semana mais leve, contou a Nick, que marcou um voo. Saber que ele a iria visitar ajudou-a a ultrapassar as semanas seguintes.

* * *

Nick voou para Los Angeles numa sexta-feira e Bella foi

esperá-lo ao aeroporto. Assim que o viu começou a chorar lágrimas de felicidade. Já se passara muito tempo e estava a morrer de saudades dele. Ele puxou-a para um abraço apertado e Bella queria ficar ali para sempre.

— É tão bom ver-te. Tive tantas saudades tuas... — disse ela.

— Não tantas quanto eu tive tuas. — Nick sorriu amplamente. — Então, vamos lá ver LA!

Bella levou-o a todo o lado, mostrou-lhe todos os locais turísticos. Comeram *pizza* de frango picante na Spago e caminharam ao longo do Passeio da Fama em Hollywood, onde estavam as estrelas das celebridades. Passearam de carro pela autoestrada da Costa do Pacífico até Malibu, e Nick concordou que era lindo, apesar de Nantucket continuar a ser mais bonito.

E foi em Malibu que Nick teve a sua primeira experiência com os meios de comunicação social. Tinham ido comer *sushi* ao Nobu, e o jantar foi maravilhoso. Mas, ao saírem do restaurante, os *paparazzi* estavam à espreita e, mal viram Bella com Nick, saltaram-lhes em cima, a tirar fotografias e a inundar Bella de perguntas.

— Quem é ele, Cami? Quem é o teu novo namorado? É ator? Entrou em quê? Fala connosco, Cami!

Ela ignorou-os e, em vez de lhes responder, apressou Nick a entrar no carro e a sair dali. Sentia os nervos em franja e só começou a descontraír quando estavam a mais de um quilómetro do restaurante. Nick ia muito calado ao seu lado.

Até que ele disse:

— Quando te via a usar óculos de sol e a desejar que ninguém te reconhecesse, não entendia muito bem. Agora entendo. Isto foi muito intenso. É sempre assim?

— Se me virem, sim. Mas a culpa foi parcialmente

minha. O Nobu é um lugar com muita visibilidade e eles estão sempre à espreita. Só que a comida é tão boa que sabia que ias adorar.

— Fico contente por termos lá ido. Foi uma noite perfeita. Também estou grato por ter experienciado a loucura com que tens de lidar o tempo todo. Ajuda-me a entender melhor. E lamento muito que seja uma coisa habitual para ti.

Ela suspirou.

— É algo implícito no meu trabalho. Não gosto nem um pouco, mas não me posso queixar. Há muita gente que adoraria estar no meu lugar e tenho muita sorte por poder fazer o que faço.

— Acho que percebo o que estás a querer dizer. As celebridades sabem que a fama faz parte do acordo. E quanto mais famoso e bem-sucedido fores, pior é. Mas, mesmo assim, deve ser muito irritante.

Bella soltou uma gargalhada.

— Irritante é pouco. Mas agora está melhor, estás aqui comigo.

* * *

Nick manteve-se calmo, mas ficou abalado com o que acabara de acontecer. A intensidade e o direito que os fotógrafos achavam que tinham sobre Bella eram assombrosos. Ficou preocupado com a segurança dela. Lembrava-se de quando a Princesa Diana tinha morrido num acidente de carro ao ser perseguida por *paparazzi* e o motorista ter perdido o controlo do carro.

— Eles costumam perseguir-te? — perguntou ele.

— Sim, o tempo todo. Se for a pé para algum lado. De carro, não. Não deixo que isso aconteça.

— Ótimo. Mas tens de ser cuidadosa. Esta gente é louca.

Nick não sabia quão loucos eram até ver os jornais no dia seguinte e os programas de entretenimento nos canais por cabo. Os meios de comunicação social estavam a explodir com notícias do «Novo Amor de Cami». Num piscar de olhos, toda a vida de Nick foi investigada e exposta *online*. Sabiam onde ele trabalhava, o que fazia, quem tinha sido a sua última namorada. Estava tudo ali. E assustava-o tremendamente. Bella sabia isso.

A preocupação no rosto dela era evidente.

— Estás bem? Eu sei que esta situação é horrível. Já é suficientemente má quando é comigo. Já estou habituada. Mas não escolheste isto. Lamento muito, Nick.

Ele tentou reconfortá-la.

— Claro que escolhi isto. Só não sabia como era. — Sorriu com ar travesso. — Vir aqui visitar-te, amar-te. Tudo isto faz parte de ti e do teu mundo.

Ela ficou um pouco aliviada por o ouvir dizer isto.

— Mas, mesmo assim, é tão injusto para ti.

— Bem, não vou mentir. Era mais agradável quando estávamos os dois em Nantucket e ninguém sabia onde estavas ou quem eras.

Bella ficou com um ar triste.

— Pois, mas aí estava de férias, não era a minha realidade, infelizmente.

— Não faz mal. Vai correr tudo bem. — Nick estava a tentar sossegá-la e a si também.

A sua semana passou num instante. E quando Bella o levou ao aeroporto e se despediram com um beijo, Nick sentiu-se invadido por uma enorme onda de tristeza. Quando foi Bella a sair de Nantucket, ambos sabiam que dentro de algumas semanas ele ia visitá-la. Mas agora não tinham feito mais planos. Ela ainda tinha cerca de dois

meses de rodagem pela frente e Nick não tinha mais dias de férias para tirar. Não sabia quando voltariam a ver-se. Nick só sabia que se passaria demasiado tempo para o seu gosto.

CAPÍTULO 37

Os cães que farejavam bombas foram os primeiros a aparecer com a equipa dos serviços secretos, no dia anterior à chegada do Presidente. Eram animais lindos, mas a Paula parecia-lhe um pouco estranho vê-los a revistar os corredores e a andarem de quarto em quarto com os seus treinadores.

A equipa de limpeza do hotel tinha feito todos os possíveis para que os quartos do Presidente estivessem perfeitos. Paula tomou a iniciativa de acrescentar alguns confortos, como velas aromáticas, uma caixa de chocolates e alguns livros de autores locais recentemente editados. Sabia que o Presidente era um leitor ávido e talvez gostasse de ler um pouco, se tivesse algum tempo de sobra.

Ficou surpreendida e desanimada quando viu que a *suite* imaculadamente limpa foi virada do avesso pela equipa de segurança, enquanto revistavam cada canto e recanto. Ao fazerem as suas buscas minuciosas, desfizeram as camas e tiraram gavetas. Até que, finalmente, Paula recebeu luz verde para arrumar tudo outra vez. Pediu desculpa à equipa de limpeza e também ajudou nas arrumações.

Não ajudou muito o facto de naquele dia se ter deparado com Missy, que estava no hotel para um almoço da Câmara do Comércio. Paula tentara assistir regularmente a estes eventos, porque sabia que era uma boa forma de fomentar as relações-públicas do hotel,

mesmo quando não se realizavam ali. O mais normal era estas reuniões irem mudando de localização.

Pelo menos desta vez, Missy parecia tê-la reconhecido e inicialmente fora até bastante simpática.

— Oh, olá, Paula, que bom voltar a ver-te. A comida estava maravilhosa, como de costume. Aposto que sentes a falta do David, não? Tenho a certeza de que ele era uma grande ajuda para ti. Já tiveste notícias dele, desde que se foi embora?

Paula abanou a cabeça.

— Não, ainda não. Acho que ele só está a planear voltar para o mês que vem — para visitar os pais.

— Oh, claro. Pode vir visitar a família, mas também vem comigo a uma gala literária, no meu clube de campo. Presumo que não vás, não?

— Não estava a planear ir — respondeu Paula. Nunca tinha assistido àquelas galas. Era um daqueles eventos snobes, realizado no clube de campo mais caro da ilha e, a não ser que se fosse membro, ou amigo de um membro, não se entrava para a lista de convidados.

— Oh, devias mesmo ir um ano destes. É um evento maravilhoso. Bem, foi muito bom ver-te. — Deslizou dali para fora, e Paula ficou a sentir-se tremendamente desajeitada e irritada. Não queria saber do evento literário para nada, mas estava desiludida por saber que David ia com Missy. Ele não comentara que os dois continuavam a encontrar-se, mas, por outro lado, por que razão o faria? E fazia sentido, já que os dois tinham uma história e eram ambos descomprometidos. Só pensou que ele tinha melhor gosto, mais nada.

Depois de toda a ansiedade da semana que antecedeu o «Sabor da Cidade», a semana seguinte estava estranhamente calma, com um ambiente anormal. Paula

presumia que também sentia falta de David. Habituar-se a tê-lo mesmo do outro lado do corredor e de trocar ideias com ele. Mas agora estava a voltar aos poucos a fazê-lo com o avô, com Hallie ou com Nick. E, surpreendentemente, com a tia Vivian. Agora que tinha uma função definida e o stresse da sua situação financeira fora resolvido, a tia atirara-se ao trabalho e estava a sair-se muitíssimo bem. Melhor do que qualquer um deles esperou; além disso, parecia prosperar e estar a adorar.

E, por acaso, a tia Vivian ouviu a conversa com Missy.

— Ela é um bocadinho cabra, não é? O meu palpite é que ainda não teve notícias do David, de contrário, porque haveria de te perguntar por ele?

Paula soltou uma gargalhada.

— É um bom argumento, tia. — Embora achasse que Missy era capaz de perguntar por David só para a irritar e se certificar de que ela ficava a saber que os dois tinham feito planos juntos. Mas, como a tia disse, se as coisas entre ambos fossem sérias, ela não teria necessidade de estar a pescar informações. Esperava que fosse o caso. Missy não parecia mesmo ser o tipo de mulher para David. Pelo menos era o que Paula achava. Quem sabia o que ia na cabeça de David?

* * *

David estava infelicíssimo em Kansas City. Para começar, sentia-se como um peixe fora de água. A cidade era tão diferente de Nova Iorque ou de Boston. Mas, mais do que esta diferença, Kansas City não era Nantucket, e David ficou surpreendido quando percebeu como sentia saudades de estar no Hotel Whitley. Bem, se quisesse ser mais preciso, como sentia saudades de estar perto de Paula.

Apesar de nunca ter existido qualquer romance entre os dois, sentia falta da presença dela, de discutir ideias com ela, dos almoços que faziam juntos e de conversar sobre tudo e sobre nada.

Mais do que qualquer outra coisa, percebeu que estava farto de viajar. Já o fazia há tanto tempo que nem pensava muito no assunto. Era apenas mais uma faceta do seu trabalho. Mas a verdade é que pusera uma grande parte da sua vida em espera por causa do emprego. Há anos, demasiados, que não tinha um relacionamento sério.

Passar vários meses em Nantucket e principalmente poder ver os pais com regularidade era uma dádiva. Fê-lo perceber que o tempo era um bem precioso e, no caso da sua mãe, este estava a escapar-se por entre os dedos. Quando ela desaparecesse, David não queria ter arrependimentos por não ter passado mais tempo com ela. Não sabia bem como proceder, mas tinha a certeza de que o seu trabalho atual, e a forma como conduzia a sua vida, não era sustentável.

O trabalho precisava de mudar. Ele precisava de mudar. A questão era, como? Decidiu abordar a necessidade de encontrar uma solução como abordava os problemas dos seus clientes. Avaliar as opções, identificar possibilidades e pôr um plano em marcha. Só tinha de descobrir que plano seria esse.

CAPÍTULO 38

«Cami e o seu colega de cena, Cameron, são inseparáveis, e fontes próximas dizem que o anúncio do noivado pode estar iminente!» A capa da revista *Stars* mostrava uma fotografia de Bella com um ator louro bonito, sentados num carro a comer hambúrgueres junto a um restaurante. A tia Vivian empurrou a revista na direção de Nick, e ele desviou-a com tanta força que deslizou para fora da mesa.

Era domingo à tarde e estavam sentados à volta da mesa. Já tinham jantado e agora bebiam café e comiam bolo de café como sobremesa.

— Só pensei que quisesses saber, querido — disse a tia Vivian.

— Agradeço — disse Nick lentamente. — Mas isso são tudo mentiras. Não podemos acreditar em nada do que as revistas dizem. É o que a Bella me diz sempre.

A mãe bebeu um gole de café e disse:

— Nós só estamos preocupados contigo, querido. Esta tua história com a Bella aconteceu tão depressa. Ela parece ser amorosa, mas não a conheces assim tão bem. Talvez ela tenha avançado com a sua vida e faz sentido que tivesse escolhido alguém da indústria, que compreende aquilo por que ela passa. Se calhar, está na altura de fazeres o mesmo.

— O que estás a dizer, mãe? — Nick tentou não soar tão zangado como se sentia com aquela sugestão. Sabia que a

mãe o amava e que a sua intenção era boa. Mas ela não entendia o que ele e Bella sentiam um pelo outro. Estavam apaixonados, e o amor de ambos era verdadeiro.

— Apenas que isto pode não ser real, querido. Ela esteve aqui de férias, veio à procura de um escape da realidade. Conheceu-te e gostou muito de ti, mas podes fazer parte dessa fantasia, de um caso de férias, mais nada. Eu não teria assim tanta esperança numa relação duradoura. Vocês têm muita coisa que joga contra os dois. E muitos quilómetros entre ambos.

A mãe tinha razão quanto a esta última questão. Estavam em lados opostos do país — quase tão longe quanto possível — e a não ser que ele se mudasse para LA, era pouco provável que a situação sofresse alterações.

— A distância é difícil, sim — concordou ele.

— Estava só a questionar se não será boa ideia avançares também com a tua vida. Sai um pouco, conhece pessoas novas, pessoas que vivam em Nantucket. Há muitas mulheres disponíveis na ilha — disse a mãe.

— A mãe tem razão — concordou Paula. — Não me interpretes mal, eu adoro a Bella. Só detesto ver-te tão triste.

Lucy assentiu.

— Eu gostava que não apostasses todas as tuas fichas na Bella. Mesmo que não namores com ninguém para já, tens de parar de pôr a tua vida em espera e recomeçar a viver. Sai, diverte-te com os teus amigos, sai connosco.

Ele andava a hibernar demasiado. Ia para casa assim que acabava de trabalhar para falar com Bella quando ela lhe ligava. Há algumas semanas que não saía com os amigos nem mesmo com a família, e isso nem parecia coisa sua.

Assentiu.

— Têm toda a razão. As coisas com a Bella não têm de terminar, não sei como a nossa relação vai evoluir, mas concordo que preciso de sair e de me divertir novamente. Por isso, onde vamos depois do jantar?

* * *

Bella estava preocupada com o facto de Nick poder estar a fugir-lhe lentamente. E não o culpava nem um pouco por isso. Ficara furiosa quando as suas fotografias com Cam foram publicadas, acompanhadas por legendas que davam conta de um noivado. Era tudo tão falso. Os dois tinham ido apenas comer um hambúrguer juntos. Saíram do estúdio para almoçar e conversar um pouco sobre a forma como iam abordar as cenas daquela tarde. Cam nunca olhara duas vezes para ela. Não de uma forma romântica. Bella não era o seu tipo — nenhuma mulher era.

E era frustrante porque ela sabia que tinha sido o agente publicitário dele quem dera a dica à imprensa. Cam estava no início de uma excelente carreira como estrela de comédias românticas, mas ainda não estava preparado para assumir a sua sexualidade. Detestava esta situação e queria ser verdadeiro, mas todos os seus conselheiros lhe diziam que seria a morte da sua carreira e uma perda financeira imensa se assumisse demasiado cedo. Ela entendia a situação, mas não gostava de ser usada como parte do seu jogo de xadrez.

A única coisa boa que derivou desta notícia foi que a imprensa deixou de se focar em Nick. Bella ligou-lhe assim que a notícia foi publicada, para lhe garantir que não tinha ponta de verdade. Ele aparentou entender, mas ultimamente andava um pouco mais distante, como se

alguma coisa tivesse mudado. Ela nunca tivera problemas em conseguir falar com ele — mas agora as suas chamadas iam frequentemente para o atendedor e ele devolvia-lhas horas depois. Dizia sempre que tinha saído com os amigos ou com a família para bares ou restaurantes onde havia demasiado barulho para falar ao telemóvel e que não queria ser rude com as pessoas com quem estava. Bella entendia, mas também estava habituada a ser a sua prioridade número um, por isso a sensação de cair na lista não era muito agradável. Ao mesmo tempo, sentia-se feliz por ele sair e se divertir. Só desejava estar lá com ele.

Ainda lhe faltava um mês inteiro de rodagem. Tinham um horário de seis dias por semana para acabarem o mais depressa possível, o que era bom, mas que não lhe deixava tempo para fazer sequer uma viagem rápida para Nantucket. Assim que acabassem de filmar, Bella planeava ir imediatamente para a ilha. Mal podia esperar por ver Nick. E, entretanto, andava a tentar encontrar uma forma de ficar lá durante mais tempo. Tinha algumas coisas em andamento e estava a esforçar-se para que tudo corresse como ela planeava. Depois poderia partilhar a boa notícia com Nick. E, com um pouco de sorte, não seria tarde demais para os dois.

CAPÍTULO 39

Bella andava muito misteriosa, e Nick estava intrigado. O avião devia chegar às três e quarenta e cinco, e Nick chegou ao aeroporto às três e meia. Há semanas que ela andava a insinuar que tinha algo grande a marinar, mas não lhe queria dizer nada até ter a certeza. Tinha medo de se agoiar a si mesma. Nick tentou fazer com que ela lhe contasse o que se passava, mas Bella pediu-lhe que fosse paciente e disse que quando o visse, talvez tivesse uma boa notícia para partilhar. Ainda estava à espera de um último telefonema, que não chegara antes de ela sair de LA.

Nick estacionou, foi para o aeroporto e tomou um café enquanto esperava. Era sexta-feira à tarde, por isso o fluxo de jatos privados a levantar e a aterrar era constante. No horário certo, viu um avião Jet Blue a aterrar e saiu para esperar por Bella.

Quando a viu sair do avião, o seu coração deu um pulo. Ela inspecionou a área, sorriu e acenou quando o viu. Bella correu para ele e Nick abraçou-a com força antes de lhe dar um beijo; só depois falaram.

— Não acredito que estás finalmente aqui — disse ele.

Bella sorriu.

— Disseste que podia ficar contigo o tempo que quisesse, não foi?

Nick soltou uma gargalhada.

— Claro que sim. Se quiseres, podes ficar para sempre.

Bella riu-se, e ele pensou que ela devia achar que estava a brincar. Mas se ela quisesse ficar indefinidamente em Nantucket, ele ficaria feliz. Porém, sabia que era pouco provável. Contentava-se com uma semana ou duas, embora continuasse a desejar que fosse mais tempo.

Caminharam até ao local onde estavam a tirar as malas do avião. Bella procurou pelas suas, e Nick ficou um pouco surpreendido por ver que eram duas malas gigantescas, maiores do que as que trouxera quando ficou hospedada no Whitley durante vários meses. Quando viu a expressão dele, Bella soltou uma gargalhada.

— Eu avisei que era capaz de ficar durante algum tempo. Vamos para casa e já te conto tudo.

Conversaram sobre coisas inconsequentes durante o caminho até casa de Nick. Ele contou-lhe acerca das últimas notícias do Whitley, e ela atualizou-o sobre os mexericos em redor do seu filme, assim como a agitação e interesse, que eram bastante bons.

— Acho que é o melhor trabalho que já fiz, e toda a gente sentiu que deu o seu melhor também. Estamos todos muito entusiasmados para ver como será a aceitação do público. Temos a expectativa de que vai ser um sucesso.

— Fico mesmo feliz por ti. Já agora, li o livro. Acabei-o ontem e, tens razão, é qualquer coisa de especial.

Quando chegaram a casa, Nick levou as malas e Bella seguiu-o com o seu saco de fim de semana. Uma vez no interior, ela tirou uma garrafa de champanhe do saco e foi à cozinha abri-la sobre o lava-louça, para não entornar.

Nick foi buscar dois copos ao armário e ela encheu-os. Foram para a sala e aninharam-se no sofá, nos seus lugares habituais. Bella entregou um dos copos a Nick, tirou os óculos de sol e, como sempre, ele ficou hipnotizado com os seus maravilhosos olhos.

— Então, o que estamos a celebrar?

Ela bebeu um golinho e sorriu.

— Tenho uma notícia estrondosa para te dar. Pode mudar a nossa vida. — Fez uma pausa dramática.

— O que é? — Nick não aguentava o suspense.

— Acabei de fechar o acordo. Recebi a chamada final assim que aterrei. Por isso, agora é oficial. Fundei uma produtora — a Nantucket Rose Films.

— Muitos parabéns! Adoro o nome. Mas, o que significa isso realmente?

— Bem, ainda não significava grande coisa até ter algo em produção... Mas agora tenho! Era esse o telefonema de que estava à espera. Então, a minha primeira proposta foi a adaptação de uma série de livros; reuni uma equipa — um realizador, um argumentista e uma atriz principal — eu — e propus a ideia à Netflix. Será uma série de televisão limitada. E eles disseram que sim.

— Bella, isso é extraordinário! — Nick sabia que era uma ótima oportunidade para ela e estava muito orgulhoso, mas não entendia como resolvia os seus problemas, já que as filmagens deviam ser em Hollywood. — Onde vão ser as filmagens?

Ela sorriu.

— Bem, essa é a melhor parte. A série consiste na adaptação de seis livros de ficção feminina, localizada em Nantucket. Por isso, vamos filmar a maior parte das cenas aqui.

Agora Nick estava verdadeiramente atordado.

— Aqui? Não em Hollywood?

— Aqui. Ainda vou ter de lá ir algumas vezes, mas apenas por um ou dois dias. A maior parte do trabalho pode ser feita aqui mesmo, na ilha.

— E tens a certeza de que queres desistir da tua carreira

no cinema? — Ele adorava a ideia de ter Bella a trabalhar em Nantucket, mas não se isso fosse prejudicial para a sua carreira.

— Não vou desistir. Vou apenas ser mais meticulosa no que escolho fazer. Este projeto vai manter-me aqui durante o próximo ano, mais coisa, menos coisa, e depois disso hei de procurar outros projetos para desenvolver. Também vou tentar produzir os meus próprios filmes, e assim terei mais controlo sobre todas as etapas. Se a série correr bem, será mais fácil para mim ter outros projetos aprovados.

— Bem, esta é a melhor notícia de todos os tempos. Estou tão entusiasmado por ti. Por nós.

— E tens a certeza de que não te importas que fique aqui mais tempo do que estavas à espera? — provocou-o Bella. — Se for inconveniente, posso sempre arrendar uma casa para mim.

Nick debruçou-se para a beijar e acabar com a sua tolice.

— Eu estava a falar a sério, podes ficar aqui o tempo que quiseres. Para sempre continuaria a ser pouco tempo.

— Tinha esperanças de que reagisses assim.

— Espera um pouco. Eu venho já. — Nick levantou-se de um salto e foi a correr ao piso de cima, ao seu quarto, abriu a gaveta de cima da cómoda e procurou até encontrar o que queria. Voltou para baixo e sentou-se novamente no sofá.

Bella ergueu as sobrancelhas.

— O que foi isto?

Ele sorriu com ar travesso e estendeu uma pequena caixa de veludo castanha abrindo a tampa.

— Para ti.

Ao ver um anel de diamantes antigo, Bella ficou boquiaberta.

— Nick — começou por dizer.

— Bella, vi este anel pouco depois de teres voltado para Hollywood. Estava no centro a caminhar e alguma coisa me fez entrar numa ourivesaria onde nunca tinha entrado antes; este anel atraiu-me instantaneamente. Olhei para ele e soube logo que queria oferecer-to. Não sabia bem quando isso aconteceria, mas comprei-o naquele dia e guardei-o na cómoda. Agora parece-me o momento certo.

Nick levantou-se, virou-se para Bella e pousou um joelho no chão. Segurou o anel.

— Bella, queres casar comigo? Estava a ser sincero quando disse que podias ficar para sempre. Quando penso no futuro, imagino-o contigo. Se me quiseres.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas que se escaparam quando lhe respondeu:

— Claro que quero. Amo-te, Nick.

CAPÍTULO 40

Na sexta-feira, Paula estava no seu escritório a pensar no que havia de fazer para o almoço quando o telemóvel tocou. Era o irmão, Nick.

— Olá, Nick, o que contas?

— Era só para te dizer que eu e a Bella vamos fazer um churrasco no domingo, para festejar o noivado. Vem toda a gente — o resto da família, a Andrea, o Marco e os nossos amigos. E tenho esperanças de que também possas vir.

Paula soltou uma gargalhada. Nick contara a boa notícia à família no dia seguinte a ter pedido Bella em casamento. Disse-lhes também que ela ia ficar em Nantucket pelo menos durante o próximo ano. Estavam todos entusiasmados por ambos.

— Claro que vou. Diz-me o que posso levar.

— O que te apetecer, uma garrafa de vinho, um *paté*, qualquer coisa, vale tudo. Vai haver imensa comida.

— Pois, não duvido. Parece-me uma ideia divertida.

Paula desligou o telefone e olhou pela janela, observou as ondas a quebrarem-se sobre a praia. Estavam no início de outubro, mas o tempo em Nantucket continuava maravilhoso. O outono era a sua estação do ano favorita na ilha. Já não havia tantos turistas e ainda estava calor suficiente para se poder ir à praia. Pensou em Nick e Bella e sentiu-se verdadeiramente feliz pelo irmão. Nunca o vira tão dedicado a ninguém. E toda a família gostava muito de

Bella.

Ultimamente, todos pareciam ter assentado e estavam felizes. Lucy namorava com Jason, e Andrea e Marco também tinham uma relação séria. Nunca vira Andrea tão descontraída e até simpática. Era lindo de se ver. Depois havia ela, Paula. Não voltara a ter notícias de David, mas também não esperara verdadeiramente que ele lhe dissesse alguma coisa. Ainda assim, sentia-se bem com a sua vida no geral, porque estava mais habituada ao trabalho novo e gostava mais da sua função do que alguma vez imaginara vir a gostar. Sentia-se feliz por ter saído do escritório das traseiras e da sua zona de conforto e ter experimentado uma coisa nova.

Serviu-se de mais uma chávena de café e verificou alguns *e-mails* enquanto decidia o que havia de fazer para o almoço. Podia ir num instante a casa e preparar uma sandes ou mandar vir qualquer coisa do restaurante. Estava prestes a ver o *menu* quando ouviu uma batida na porta. Virou-se e teve de olhar duas vezes, quando viu David parado sob a ombreira.

— Olá! Desculpa interromper. Pensei que ainda era capaz de te apanhar antes de almoçares. Acabei de deixar uma coisa no escritório do teu avô. Para dizer a verdade, podia tê-la enviado por correio, mas queria uma desculpa para vir dizer olá.

— Olá, David! Como estás?

Ele sorriu.

— Estou bem. Estou muito bem. Consigo convencer-te a vires almoçar comigo?

— Adoraria... na verdade, estava prestes a ligar para o restaurante. Mas se der para ti, podemos descer e comer lá.

— Por mim, tudo bem.

Alguns minutos depois, estavam sentados à janela e

depois de pedirem a comida, David continuou a surpreendê-la.

— Então, tenho novidades. Não estou apenas de visita. Acabei de me mudar novamente para Nantucket.

— De vez? — Paula não podia acreditar.

— Sim. Arrendei um apartamento no centro e vou arrendar também um escritório na firma do meu pai.

— O que vais fazer agora?

— Bem, quando fui para Kansas City estava bastante infeliz, mas tive muito tempo para investigar possíveis oportunidades de negócio. Tratei do meu problema da mesma forma que trato os problemas dos meus clientes e estou bastante entusiasmado com a ideia que tive. Vou continuar a fazer consultoria. Mas vou focar-me nos clientes das regiões de Nantucket, Boston e Nova Iorque; além disso, também vou desenvolver uma série de programas de formação e estágio que os hotéis podem usar para formar os seus funcionários. Há uma verdadeira necessidade nesta área e acho que se alinha com a minha experiência. Ao mesmo tempo, é algo que posso fazer a partir de qualquer lugar.

Paula estava impressionada.

— David, é uma ideia verdadeiramente extraordinária. Os teus pais devem estar tão contentes.

— Estão, sim. Sobretudo o meu pai. Gosta da ideia de me ter ali no escritório, e mais por perto. A minha mãe parece entusiasmada, mas não sei se entende verdadeiramente. Mas não faz mal. Continuo a poder vê-la com mais frequência, e é isso que me interessa.

— Eu acho maravilhoso.

Quando os pratos chegaram, foram comendo e conversando e Paula pô-lo a par de tudo o que se passava com as pessoas que conheciam e também lhe contou do

noivado de Bella e Nick.

— Eles parecem formar um casal fantástico. Fico contente por terem encontrado finalmente uma maneira para estarem juntos.

Quando acabaram, David insistiu em pagar o almoço e depois acompanhou-a até ao escritório.

— Então, há mais uma coisa — disse ele quando Paula estava prestes a entrar no hotel.

— O quê?

— Bem, agora que estou de volta e que já não trabalhamos juntos, o que achas se formos jantar os dois, talvez amanhã?

Ela sorriu.

— Adoraria.

— Ótimo. Oh, e também há outra coisa... — David debruçou-se e beijou-a levemente nos lábios. Foi um beijo tão bom quanto Paula imaginara. Ele sorriu. — Já há algum tempo que tinha vontade de fazer isto.

— Também eu — admitiu ela. — Oh, desculpa, a respeito do jantar... Esqueci-me de que já tenho planos para amanhã.

Ele ficou com uma expressão desanimada.

— Oh, não faz mal. Fica para outra noite, então.

Paula agarrou-lhe na mão.

— Não, tenho planos, mas eles não impedem nada. O Nick e a Bella vão fazer uma festa para celebrar o noivado e vai estar lá toda a gente. Adoraria que viesses comigo, se quiseres. Acho que vai ser uma noite divertida.

— Parece-me perfeito.

EPÍLOGO

Paula fez uma festa no sábado do fim de semana em que se realizaria o Passeio de Natal de Nantucket, em dezembro. Estava entusiasmada por receber toda a gente pela primeira vez e todos vinham com uma disposição festiva. David ajudou a decorar o exterior da sua casa e contornou os arbustos com luzes de Natal. Ela acabara de preparar uma enorme taça de Sangria de Natal, com vinho espumante, fruta esmagada e uma caixa de refresco. Era a sua especialidade e toda a família exigia que a fizesse em todos os Natais.

Paula e David tinham ido ao centro na noite anterior para ele experimentar o seu primeiro Passeio de Natal em muitos anos. Caminharam para cima e para baixo pela Rua Principal e pelas laterais, parando em várias lojas e participando num evento de decoração de casas de gengibre. Depois de tanto caminharem, ganharam apetite e foram jantar ao Mimi's Place. Foi uma noite perfeita.

E agora, Paula olhava em redor da sua cozinha e sala de estar e sorriu com felicidade. Estavam ali todas as pessoas de quem gostava. Nick e Bella continuavam tremendamente felizes, e ela começara a rodar a sua nova série para a Netflix. Andrea e Marco estavam a fazer margaritas junto ao lava-louça e a rir à gargalhada enquanto discutiam qual dos dois o fazia melhor. A verdade era que Paula estava a gostar da companhia da

prima e esta também parecia fazer um esforço para ser menos difícil, algo que apreciava muitíssimo. Marco parecia ter uma boa influência sobre Andrea.

A irmã e Jason também pareciam felizes juntos, e a loja de Lucy no Etsy andava agitadíssima na época festiva. Ela trabalhava noites e fins de semana inteiros para conseguir fazer face às encomendas e parecia estar a adorar.

A tia Vivian e o tio Freddy conversavam alegremente com os pais de Paula e os de Andrea. O pai de Andrea arranjava recentemente um novo emprego como representante de um fornecedor de alimentos em Hyannis e tinha a seu cargo os clientes de Nantucket. Andrea e Hallie disseram que nunca tinham visto o pai a gostar tanto do que fazia como agora. Toda a gente se questionou sobre o que motivara a misteriosa viagem para fora da ilha, e ele explicou que guardara segredo até ter o emprego assegurado, porque não queria criar falsas expectativas.

Mia e Izzy também ali estavam, assim como o vizinho de ambas, Ben. Ele preparava-se para regressar a Manhattan para passar o inverno e continuava com esperanças de arranjar uma forma de passar mais tempo em Nantucket. Paula reparou com interesse que ele e Hallie estavam muito entretidos a conversar alegremente e pareciam dar-se bem.

— É mesmo muito bom estar de regresso — comentou David. Aproximara-se de Paula e estava a abrir mais uma garrafa de vinho. Todos estavam reunidos na sala de jantar. Havia imensa comida, porque toda a gente trouxera um petisco ou uma sobremesa.

— É uma pena a tua mãe não ter podido vir — disse Paula.

— Vamos vê-los amanhã. Acho que ia ser avassalador para a minha mãe estar com tanta gente, e seria stressante

para o meu pai, que ia ficar preocupado com ela. Mas eles estão bem.

A mãe de David estava estável, e o médico mostrava-se satisfeito por a doença parecer estacionária e não ter progredido rapidamente.

— Pensa só que na semana que vem, a esta hora, estamos em Roma — disse Paula.

David sorriu amplamente.

— Vamos comer tudo o que nos aparecer à frente, em Itália, depois em Londres e a seguir em Paris.

No domingo partiam para as férias de sonho de Paula, que eram ainda melhores porque David ia com ela. Estariam fora durante duas semanas. Há anos que não tirava tanto tempo seguido de férias.

— É perfeito, porque estaremos em casa a tempo do Natal — disse ela.

David soltou uma gargalhada e olhou para cima.

— Por falar no Natal... — Estavam mesmo por baixo de um dos vários ramos de azevinho que ela espalhara pela casa.

— Feliz Natal, Paula — disse ele suavemente.

E depois deu-lhe um beijo.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a Suzanne Matthews por responder às minhas inúmeras perguntas e por partilhar comigo a sua experiência na gestão hoteleira.

E muito obrigada por lerem este livro! Espero que tenham gostado da história. Se quiserem contactar-me, visitem, por favor, a minha página *web*, onde tenho atualizações e os novos lançamentos.

Pam